



Autora best seller da Amazon

“Os Filhos do Leão”
Livro 1

Tão Intenso

Quando pensei que tinha tudo, ela me ensinou
que o amor é a maior riqueza

Márcia Lima



Tão Intenso

Série Filhos do Leão – Volume 1

Márcia Lima

Copyright © 2015 Márcia Lima

Capa: Márcia Lima

Revisão e Copidesque: Andreza Santana

Revisão Final: Silvia Ligieri

Diagramação Digital: Márcia Lima

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para uma amiga especial, que deu novo valor ao
significado de força e fé.*

*Que sua vida seja sempre iluminada e seu caminho
livre e bonito.*

Sumário

[Pequena Nota Sobre o Livro](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[John](#)

[Capítulo 1](#)

[John](#)

[Capítulo 2](#)

[John](#)

[Capítulo 3](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 4](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 5](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 6](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 7](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 8](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 9](#)

[John](#)

[Capítulo 10](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 11](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 12](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 13](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 14](#)

[John](#)

[Isabele](#)

Capítulo 15

John

Isabele

Capítulo 16

John

Isabele

Capítulo 17

John

Isabele

Capítulo 18

John

Isabele

Capítulo 19

John

Isabele

Capítulo 20

John

Isabele

Capítulo 21

John

Capítulo 22

John

Isabele

[Capítulo 23](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo 24](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Capítulo Final](#)

[John](#)

[Isabele](#)

[Epílogo](#)

[John](#)

Pequena Nota Sobre o Livro

Pensei muito antes de decidir dar o John uma história só dele. Minha intenção sempre foi de que ele encerrasse o ciclo dos Homens de Roterdã e com isso todo o mundo que havia sido criado, teria um fim.

No decorrer do trabalho, fui percebendo que na verdade, tudo já havia se encerrado com o Jens. John não era o fim, era o começo. O início de um novo mundo. Um novo amanhecer.

Todas as pessoas que acompanham a série desde o Adrian tomaram um certo amor pelos filhos dele e por isso, decidi que seria interessante contar um pouco do que acontece quando a vida vai seguindo seu rumo.

Nos três livros que se iniciam agora, vamos poder ver um pouco sobre todos os outros personagens e continuar acompanhando nosso amado mundo de Roterdã.

Outra coisa que eu não poderia deixar de fora dessa nota, é a história da Isabele. Isabele é uma pessoa real, com outro nome, mas real!

Essa linda história de superação e vontade viver, me foi emprestada por uma grande amiga. Alguém que eu admiro e em quem eu me espelho, muitas vezes em minha

vida. Eu a vi se levantar e lutar contra essa doença muitas vezes. Eu nunca a vi reclamar. Nunca a vi desistir.

Gosto de colocar nos meus livros pessoas reais. Gente que poderia ser eu, ou você, e por isso mesmo usar esse exemplo para escrever Isabele foi um grande presente.

Quando decidimos contar essa história, nossa intenção nunca foi focar a doença, e sim, a possibilidade de que alguém que tenha esclerose múltipla saiba que é possível viver plenamente, apesar da doença.

O tratamento descrito no livro existe e está disponível em algumas cidades do Brasil, entre elas, a cidade de São Paulo.

Como obra de ficção, obviamente, o tratamento foi retratado de maneira simples e com adaptações para o bom andamento da trama.

Abaixo, listei as fontes que me serviram de pesquisa e que podem ajudar alguém que precise a se informar também. A informação pode alvar vidas.

Sites de pesquisa:

www.amigosmultiplos.org.br

ww.esclerosemultipla.com.br

www.emparaleigos.com

www.vitaminadbrasil.org

www.vitaminadporumaoutraterapia.wordpress.com

<http://www.vitaminadmedicinaesaude.com.br>

Agradecimentos

Esse livro foi um projeto feito a muitas mãos.

Recebi ajuda de muitas pessoas que admiro e de profissionais capacitados e que amam o que fazem. Então, esse agradecimento vai para todos eles.

Quero agradecer a Dra. Beatriz Preti, que emprestou seus conhecimentos sobre veterinária à mim e a Isabele. Obrigada Bia! Graças a você, consegui levar um pouco de verdade e esse amor tão grande que você tem pelos animais.

Gostaria de agradecer também a Silvia Ligieri que, como sempre, esteve presente nesse projeto, com sua competência e amor pela literatura. Obrigada Silvia! Não sei o que seria de mim sem você!

Agradeço imensamente a Andreza Santana, minha revisora e amiga de todas as horas, que sempre participa ativamente e cuida dos meus livros como se fossem dela. Dreza, obrigada pela urgência, pelo carinho, pelos recadinhos e por todo o incentivo que você sempre me dá.

Também não poderia deixar de agradecer a as minhas leitoras betas, que embarcaram comigo nessa

viagem. A Caroline, a Marcela e a Juliana. Cada uma de vocês, com seu jeitinho especial, esteve presente comigo. Espero que suas vidas sejam tão felizes e cheias de amor como a dos nossos mocinhos.

Eu certamente não poderia escrever com tanto cuidado, se não tivesse comigo a rede apoio que tenho. Portanto, não poderia deixar de agradecer as pessoas que estão comigo todos os dias... Nos bons e nos ruins... Encorajando e incentivando. Meu marido e filho, que são meu esteio e que fazem com que seja tão fácil escrever sobre famílias felizes; e a Luana, que torna meu tempo de escrever possível, cuidando do Luiz como ela cuida dos filhos dela e ainda rindo comigo e me dando ideias para personagens do mal. Obrigada meus amores! Não fosse por vocês, nada disso seria possível!

Quero agradecer também minhas leitoras, que já se tornaram muito mais que isso! Se tornaram amigas e companheiras nessa aventura que se chama maternidade. Vocês são as melhores! Obrigada pelo apoio na carreira e na vida e que vocês colham sempre o bem que distribuem.

Sinopse

A vida é efêmera e é justamente em sua frágil delicadeza que consiste a felicidade.

Quando somos jovens, o tempo é eterno e nosso aliado, as opções se fazem e refazem como nuvens, em um céu de primavera.

E se a eternidade que você julgava ter, escapasse por entre seus dedos? E se de repente os minutos fossem preciosos?

Quando o jovem e cobiçado primogênito do Leão de Roterdã desembarca no Brasil, ele está em busca de um renascimento.

Depois de um ano cuidando dos negócios do pai, John Van Galagher se vê afogado em uma vida que não lhe pertence.

Na ânsia de descobrir quem realmente é e, o que deseja para o futuro, ele se depara com uma bela e inquietante morena de olhos escuros como a noite.

Dona de uma personalidade forte e determinada, Isabele está acostumada a lutar pelo que deseja. Diferente de John, a vida não sorriu para ela desde o berço.

Um paraíso perdido no interior de São Paulo. Um amor arrebatador. Uma mentira contada para se proteger. Uma doença devastadora.

Se a mulher da sua vida trouxesse de volta à superfície todos os seus maiores medos e angústias, você venceria essa barreira para estar ao lado dela? Deixaria toda a sua vida para trás?

“Quando pensei que tinha tudo, ela me ensinou que o amor é a maior riqueza”.

Prólogo

John

A vida é feita de ciclos...

Hoje completa sete anos que uma moça de olhos castanhos e um coração do tamanho do mundo ajudou meu pai a reconstruir sua vida, e junto com a dele, a nossa. Sete anos que deixamos de ser órfãos de mãe para ganhar a melhor madrasta do mundo.

Caminhei pelo jardim em torno da propriedade do meu pai, devagar, passo após passo, pensando em tudo que havia acontecido em nossas vidas, desde que essa grande história de amor teve início.

Eu não sou mais o garoto brincalhão que tentava resolver tudo de forma leve e com um sorriso no rosto. Tenho me distanciado do que eu era a cada dia. A cada nova reunião. A cada novo negócio fechado ao lado do meu pai.

Eu nunca fui muito parecido com o Sr. Gallagher.

Herdei a leveza da minha mãe, mas eu queria muito menos da vida do que ela quis. Nunca tive seus anseios de riqueza, talvez porque nunca tenha me faltado nada.

Cresci rodeado de luxo e riqueza. Tive amor e carinho. Alguns tropeços, mas as tempestades nunca duraram para sempre. Minha percepção de vida sempre foi ver o copo meio cheio, enxergar a vida pelo lado bom, mas ultimamente tudo parecia muito cinza para mim.

Nunca gostei de bajuladores, mas sempre estive cercado por alguns. A vida me sorriu demais, mas eu nunca soube realmente se era um sorriso verdadeiro.

Hoje, faz um mês que enterramos vó Margarida. Ela nos deixou serena e feliz, em uma bela tarde de primavera, ciente de que havia cumprido sua missão nesta terra.

Vovó foi enterrada ao lado da minha mãe. Ela jamais deixaria mamãe sozinha. Sei que apesar de se esforçar para continuar, não houve um único dia em que vovó não tenha sentido falta da sua filha. Como também não houve um único dia em que eu não pensasse em minha mãe. Ela tomou rumos controversos, mas as memórias que

deixou em mim, jamais serão esquecidas.

Parei em frente ao lago. Sentei no deque e fechei os olhos. O sol da tarde aquecendo meu rosto, tornando tudo mais dourado em minha visão. As palavras de vovó ocupando meus pensamentos.

“Sei que você quer que ele se orgulhe das suas escolhas, meu filho, mas você não pode se esquecer de que deve se orgulhar de você mesmo também”.

Ela estava certa, sempre esteve. Poucas pessoas eram tão boas em ler os outros como a Sra. Tavares. Papai me amava. Ele apoiaria qualquer decisão que eu tomasse, ainda que gritasse comigo e esbravejasse, no final, ele me abraçaria e diria que minha felicidade importava mais do que qualquer plano que ele tenha feito para minha vida. E era por isso que eu precisava ir.

Viver à sombra do Sr. Gallagher, carregando o estigma de ser neto do Juiz Reign, era peso demais para um garoto de vinte e poucos anos.

Eu havia passado dois anos sendo John Albert Van Gallagher, o vice-presidente do império do Leão de Roterdã. Um homem de negócios que passava o dia de

terno, atrás de uma mesa, em um escritório bonito, com a baía de Roterdã aos meus pés, mas nesses dois anos eu fui esquecendo como era ser o John. Acordava todos os dias e via um homem no espelho que não era eu.

Levantei e segui de volta para o estúdio que agora era meu. Um pequeno espaço para mim, dentro do mundo comandado pelo poderoso Sr. Gallagher.

Peguei a mala no armário e abri sobre a cama. Enquanto eu dobrava minhas roupas, ouvi passos se aproximando. Eu sabia quem era, mas não disse nada, deixei que ela se aproximasse.

— Você deveria me levar junto! — deitou-se ao lado da mala, esparramada em minha cama, como se não fosse nada. — Eu poderia te ajudar com várias coisas! Você sabe que vai sentir saudades. Você nem sabe escolher uma gravata direito!

— Eu posso me virar Hanna! Acredite! — brinquei. Seus olhos faiscando de raiva para mim.

Hanna não era mais uma criança, como eu também não era mais um garoto. Havíamos crescido. A vida tinha se encarregado de nos tornar mais adultos do que

deveríamos ser. Do alto dos seus dezesseis anos, ela era meu elo com o passado. Tinha em seu rosto delicado as melhores lembranças da minha vida.

Encarei a garota deitada em minha cama. Meio menina, meio mulher. Cabelos loiros caindo em camadas em torno dela, como rios de sol. Olhos amendoados e astutos como os do meu pai. De nós cinco, Hanna sempre foi a mais parecida com ele. Fisicamente e bem como na personalidade. Um verdadeiro Sr. Gallagher de saia.

— John... — Ela iniciou as negociações. — Vovó tem advogados muito mais experientes que você! Deveria ficar aqui e deixar que alguém cuidasse de tudo!

Sentei na cama ao lado dela, puxando-a para os meus braços. Sua cabeça descansando em meu peito.

— Prometo que volto logo — beijei o topo da sua cabeça. — Não vou te deixar. Eu prometi à mamãe que cuidaria de você, cara de fuinha!

Hanna sorriu, mas havia um brilho em seus olhos que me dizia que não estava tudo bem. Ela não queria me deixar ir. No final éramos apenas nós. Collin tinha uma família nova. Outros irmãos, uma vida além de nós dois.

Papai e Laura tinham Aurora e Lucian, Hanna e eu havíamos ficado como peças soltas de um quebra cabeça antigo, às vezes cabíamos em algum lugar, às vezes não.

— Prometo à você... — comecei. — Que se eu precisar demorar mais do que espero, mando buscar você para me fazer companhia! Combinado? — ofereci.

Dessa vez o sorriso foi sincero, deixando as lágrimas no fundo dos olhos, tornando-os ainda mais claros e brilhantes.

— Combinado! — apertou meu peito contra seu corpo, como se quisesse nos fundir. — Agora vou ajudar você a arrumar essa bagunça toda!

Depois que terminamos de arrumar a mala, levei Hanna de volta para a mansão e aproveitei para me despedir e tomar café com a minha família. Metade do meu coração ficou lá, na sala da mansão quando eu saí.

Tomei uma ducha rápida e vesti um jeans e uma camiseta preta. Calcei meus sapatos e vesti uma jaqueta de couro por cima. O vento característico do nosso país soprava frio, apesar da estação do ano.

Fechei a mala e terminei de colocar alguns

pertences em minha bagagem de mão. O táxi chegou pouco depois, pronto para me levar para a parte mais difícil de todas, me despedir do meu pai.

Entrei no prédio da nossa empresa com a mochila nas costas, puxando a mala pela alça. Uma sensação estranha apertando meu peito. Eu não gostava de deixar o meu pai. Era como se eu precisasse estar por perto, cuidar dele. Nós éramos muito mais que pai e filho, éramos amigos. Companheiros em uma longa jornada.

— Bom dia, Sr. Gallagher! — Uma moça cumprimentou. Demorei alguns segundos para responder porque eu sempre pensava que não era comigo. Eu não era muito bom em ser o Sr. Gallagher.

Bati na porta do escritório dele.

— Pai? — chamei e esperei que ele me autorizasse a entrar.

— Entra, filho.

Ele estava lá, de frente para janela, observando o movimento do porto, como fazia quando queria parecer forte. O grande homem por trás do império.

— Vou tentar ser breve, pai — deixei a mala no

chão e a mochila sobre uma das cabeiras. — Creio que em um mês eu estarei de volta.

Papai virou-se devagar. Não disse nada. Caminhou até o bar e serviu duas doses de uísque. Entregou um dos copos a mim.

— Leve o tempo que precisar, John. Tire um tempo para você. Sabe que eu sinto muito a partida da sua avó, mas tenho certeza, que para você é ainda pior. Faça as coisas no seu tempo.

— Obrigado, pai. — Meus olhos fugindo dos dele.

— Quando você nasceu, filho... — Seus olhos estavam em uma fotografia antiga, ele estava comigo nos braços, ainda bebê. — Eu prometi que faria tudo que fosse possível para que você fosse feliz. Tenho falhado nessa tarefa...

— Pai... — interrompi, mas ele não me deixou continuar.

— Isso aqui — sinalizou o escritório ao seu redor. — Não é para você. Você é muito melhor que esse mundo aqui. Não quero manchar a sua essência. Você é um

espírito livre.

Sorri porque não poderia deixar de fazer, mas era um sorriso triste, fraco. Sorriso de despedida.

— Quando você voltar, vamos pensar no que fazer. Quero que reflita muito sobre sua vida e o que você quer para ela. Eu não tive muito tempo, John. Tudo aconteceu rápido demais. Hoje sei que foi melhor assim. Você chegou e eu finalmente me tornei um homem de verdade, mas vamos com calma dessa vez — esboçou um sorriso. — Fazer tudo no tempo certo com você.

Deixei o copo sobre a bandeja e o abracei. Nós tínhamos a mesma altura. Éramos como iguais. Eu amava meu pai, assim como, sabia que ele me amava. Gostava dos nossos papos e das piadas internas que tínhamos, mas ele tinha razão. Eu estava aprisionado em uma roupa que não era minha. Não cabia nos meus sonhos. Eu precisava mudar.

Quando vovó nos deixou, suas palavras ficaram ali, como grãos de areia em um sapato apertado, machucando um pouco a cada dia, fazendo-me pensar no futuro que eu realmente queria para mim.

Ela havia deixado para mim, um grande presente. A chance de dar um tempo, sair de cena, repensar. A desculpa de cuidar da herança era perfeita. Um mês no Brasil, talvez um pouco mais. Dar vida ao velho garoto de sorriso fácil. Trazê-lo de volta à superfície, deixá-lo respirar, afrouxar sua gravata.

Às vezes, a felicidade está em um lugar improvável, eu esperava que a minha estivesse além-mar, em uma terra bonita, de gente vibrante e cheia de vida, um lugar bonito chamado Brasil.

Capítulo 1

John

O avião pousou em solo brasileiro pouco depois do café da manhã. Peguei minha mala e encaixei a mochila na alça. A guitarra, coloquei nas costas. Eu havia decidido levá-la depois de me despedir do dele.

Aquela velha guitarra me fazia sentir perto dele. Era um elo importante da nossa relação. Meu pai, meu melhor amigo e o cara mais incrível que já conheci. Respirei fundo e deixei um meio sorriso escapar dos meus lábios — *esse era o meu recomeço*.

O aeroporto internacional de Guarulhos era muito maior que o de Roterdã. Pessoas passavam apressadas de um lado para o outro. Alguns encontrando entes queridos, outros se despedindo. Era a vida. Feita de encontros e partidas. Começos e finais.

Francisco Pimentel, o advogado que administrava os bens de Vó Margarida havia feito uma cirurgia e

deixado o controle do escritório de advocacia nas mãos do filho.

Eu o conhecia bem. Estudamos na mesma escola, durante o tempo em que morei no Brasil. Ele era dois anos mais velho que eu, mas como a grade curricular da Holanda era diferente, eu havia conseguido avançar em algumas matérias e Marcos e eu acabamos como colegas de classe. Apesar dos anos afastados, mantivemos contato durante todo esse tempo.

Assim que passei pelas portas do desembarque, eu o encontrei lá, segurando um cartaz que dizia: “Procura-se um holandês metido a galã”. Não pude deixar de rir.

Ele ainda se parecia muito com o garoto que frequentou a escola comigo. Um pouco mais alto e forte, mas ainda mantinha o mesmo sorriso debochado nos lábios.

Marcos era negro como o pai, embora os traços fossem suavizados pela descendência libanesa vinda da mãe.

Cabelos quase raspados, cavanhaque bem desenhado. Ele era atlético e treinava boxe desde os quinze anos e isso era aparente em seu corpo, mesmo

debaixo da roupa. Era um bom amigo. Sincero e leal e mesmo à distância, era uma das pessoas que eu mais confiava.

— Hey companheiro, você continua piadista, apesar do terno! — estendi a mão, mas Marcos me abraçou.

— E você continua mais baixo que eu! — bagunçou meu cabelo com as mãos. — Certas coisas nunca mudam.

Eu estava feliz em encontrá-lo. Era muito bom ter um rosto conhecido por aqui, ainda mais sendo alguém jovem como eu.

— Qual é a boa para hoje? — perguntei enquanto seguíamos pelo corredor que dava acesso ao estacionamento.

— Posso te deixar no hotel para que você tome um banho e tire essa catinga de avião e depois podemos almoçar. A noite tenho convites para o D. Edge. Uma amiga faz aniversário e vai comemorar lá, se estiver interessado. Quanto aos negócios, você decide quando quer resolver John. Estou a sua disposição como advogado, companheiro. E como amigo, é claro.

O D. Edge era uma boate famosa no circuito

eletrônico de São Paulo. Ficava em um bairro alternativo, frequentado por pessoas mais jovens e descoladas. Era como o *Pijp*, em Amsterdã.

— Seria ótimo dar uma volta, companheiro. Podemos tratar dos negócios amanhã, o que me diz? — propus.

— Perfeito para mim, Sr. Gallagher! — guardou minha mala no carro. — Pego você daqui duas horas.

— Cara, toda vez que alguém me chama assim, eu meio que me viro para ver se meu pai está chegando! — ajeitei meus óculos de sol e Marcos riu alto.

— Somos dois! Eu nunca vou me acostumar com isso!

Ele me deixou em frente ao Emiliano e se foi. Eu havia decidido que não ficaria na casa do meu pai. Eu não sabia por quanto tempo ficaria no Brasil, mas não queria passar esse tempo enfurnado dentro da mansão do meu pai. Seria como estar em Roterdã e o que eu precisava era de novos ares.

Fiz meu *check-in* e segui direto para o quarto. O mordomo me acompanhou pelo trajeto, mostrando o lugar. Quando abri a porta, minha bagagem já estava no quarto. — Deseja que a arrumadeira organize sua bagagem nos

armários, Sr. Galagher?

— Não é necessário. Eu mesmo arrumo tudo, não se preocupe.

Eu havia nascido em um belo berço de ouro, mas era capaz de desdobrar algumas peças de roupa e colocá-las em cabides.

Tirei a jaqueta e os sapatos e dei uma conferida no quarto. Era realmente impressionante. Seu formato tornava capaz uma vista da cidade em 180°. Sofá de couro macio. Uma bela poltrona. Uma piscina integrada com a área de estar me fez rir — *eu quase podia ver o lugar cheio de garotas de biquíni.*

Para John! Você não está mais na faculdade. Hora de crescer, garoto! Como seu pai costuma dizer.

A cama king size era confortável e a banheira igualmente. Tudo muito claro e requintado. Fazia-me lembrar da arquitetura escandinava.

Peguei o celular e enviei uma mensagem para o meu pai.

“Estou em SP. Tudo tranquilo com a viagem. Mando notícias.”

Tirei a camiseta e a calça e depois me livreí da cueca. Enchi a banheira, liguei o sistema de som do quarto e me afundei lá dentro, deixando a água morna relaxar meu corpo cansado. Era uma longa viagem de Roterdã a São Paulo e eu era péssimo em dormir em aviões.

Programei o alarme do celular para uma hora e fechei os olhos, deixando a mente livre. Algum tempo depois, meu telefone apitou.

“Você nem me avisou que chegou! Acabou de sair e já se esqueceu de mim!” — A imagem de Hanna piscando no canto superior esquerdo.

“Acabei de chegar, maninha. Estou no banho. Eu jamais esqueceria você, pirralha! E não se preocupe. Eu estou ótimo. E tão logo como possa, estarei de volta”.

Ela me mandou uma carinha sorrindo e um beijo. Acabou me fazendo sorrir de verdade.

Saí da banheira e vesti um dos roupões felpudos que estavam no banheiro. Caminhei até o quarto e escolhi uma calça escura e uma camiseta branca. Calcei meus sapatos e penteei o cabelo. Alguns segundos depois, Marcos avisou que estava na recepção.

Dois andares depois, as portas se abriram, e uma moça de cabelos escuros sinalizou da porta de um dos quartos, para que eu segurasse a porta. Passou por mim apressada, mas não pude deixar de notar o quanto seu decote parecia convidativo na camisa de seda clara.

— Desculpe por isso. — Ela disse sorrindo sem jeito. — Estou atrasada para uma reunião.

Assenti com a cabeça e sorri em silêncio, mas meus olhos fixaram-se nos dela por mais tempo do que o necessário. Ela era bonita, atraente e não parecia disposta a recusar meu flerte. E eu? bem, eu estava descobrindo que ainda existia bastante do velho John ali, escondido debaixo de algumas camadas de homem responsável de negócios.

As portas se abriram e a moça saiu. Não me disse o nome, nem eu disse o meu. Fiquei olhando ela se afastar com um belo rebolado em sua calça de couro preta.

— Eu não te culpo! — Marcos se aproximou. — Era uma bela bunda.

— Você não vale nada! — recriminei e ele riu.

Almoçamos em um restaurante ali mesmo, em uma

travessa da Oscar Freire. Conversamos um pouco e voltei para o hotel a pé. Eu gostava de caminhar um pouco, me fazia bem.

Aproveitei o tempo livre para descansar um pouco, já que tinha um compromisso noturno.

Acordei com o celular tocando na mesinha de cabeceira — Leah, uma promotora de eventos com quem eu saía de vez em quando, lá na Holanda.

Atendi meio sem vontade.

— Oi moça!

— Não acredito que você nem se deu ao trabalho de se despedir de mim! — fingiu-se de sentida. — Achei que fôssemos, pelo menos, amigos.

— E somos — tentei esconder minha falta de paciência porque eu odiava ser mal educado com as pessoas. Era algo que havia aprendido bem cedo, com o melhor cara do mundo, meu tio, Alexander.

— Quanto tempo você fica no Brasil, querido? Achei que estávamos nos entendendo.

Eu não tinha intenção alguma de firmar um relacionamento com ela. Não a amava, nem estava sequer

apaixonado, mas ela era uma bela mulher. Inteligente e interessante e eu estava sozinho. Aliás, devo a frequência de vezes em que me encontrei com ela nos últimos meses, justamente ao fato de que eu não vinha sendo muito honesto comigo mesmo.

Leah era alguns anos mais velha que eu. Uma mulher astuta que sabia exatamente onde queria chegar e achava que alcançaria mais rápido esse lugar se tivesse o nome “Galagher” unido ao seu, mas eu não era tão estúpido quanto ela imaginava. Não pensava em casamento e menos ainda com ela.

Se algum dia eu me casasse, seria por estar tão apaixonado que não pudesse sequer respirar sem tê-la ao meu lado.

Bobo? Talvez! Mas por mais moderno que eu fosse, eu sonhava com um amor avassalador. Queria sentir em cada um dos meus poros esse amor visceral que via nos olhos do meu pai, do tio Alex e até do idiota do Hart. Eu queria o pacote completo, não a amostra grátis. Queria perder a fala, o chão, o ar...

— Só isso? — reclamações me arrancaram dos meus

devaneios. — E somos? — imitou. — Nada mais? Você acha o quê? Que estou a sua disposição para quando quiser fazer um lanche rápido? Eu pensei que você fosse diferente do seu pai, Leãozinho, mas vejo que me enganei.

Leãozinho. — Ela claramente queria me irritar! Não que eu tivesse algum problema em ser comparado ao meu pai. Eu até gostava, mas naquele momento em especial, era debochado e cheio de cólera. Ela estava nervosa porque o filhote de leão tinha dado a volta nela e com classe.

— Pois eu pensei que você era diferente da minha mãe, Leah! Mas vejo que me enganei também!

Eu não queria destratá-la, havia aprendido a tratar as mulheres como queria que tratassem minhas irmãs, mas eu não tinha sangue de barata, minha porção brasileira fervia bem mais rápido do que eu gostaria.

— Grosso! — gritou e desligou.

Fiquei parado com o telefone na mão, ainda tentando entender o rompante. Eu nunca havia sequer dito a ela que estávamos namorando, mas talvez realmente tivesse sido erro meu deixá-la pensar que poderíamos

acabar em algo além de uma cama compartilhada.

Tomei uma ducha para acordar e escovei os dentes. Parei de cueca vermelha em frente ao armário, procurando uma camisa que combinasse com minhas calças cinza chumbo.

Eu tinha um gosto peculiar para cuecas. Tinha listradas, vermelhas, amarelas, azuis, de personagens da Marvel, de Star Wars e até uma dos Minions, que ganhei de sacanagem do meu pai no Natal. Tudo havia começado exatamente por causa dele. Nossa governanta tinha a tendência de sempre misturar nossas cuecas e isso não era algo que eu curtiia compartilhar, então, acabava escolhendo as que ele jamais usaria.

É claro que um cara precisa ter muita personalidade para sair por ai com uma cueca cheia de *stormtroopers* por baixo de um terno assinado, mas eu realmente não me importava e até achava engraçado. Era meu grito de liberdade, silencioso, mas funcionava para minha autoconfiança.

Escolhi uma camisa azul clara de algodão que ajudava meus olhos a aparentarem mais claros do que

realmente eram. Calcei os sapatos pretos devidamente lustrados e ajeitei meus cabelos com as mãos. Abotoei o relógio no pulso e dobrei as mangas até os antebraços.

Meu pai sempre disse que os sapatos e o relógio dizem tudo sobre um homem. Ele jamais economizou nesses itens porque, segundo ele, a classe de um homem vinha dos detalhes. Com o passar dos anos, concordei com ele.

— Pronto para caçar? — Marcos disse ao telefone.

— Nasci pronto, companheiro!

Chegamos à boate pouco depois das dez da noite. O lugar estava lotado. Pedi uma cerveja e sentei em uma das poltronas na área *VIP*.

Eu não era muito bom em dançar. Essa era uma parte completamente holandesa em mim, definitivamente dança e John Gallagher, não combinavam.

Marcos não demorou muito para envolver uma morena de cabelos azuis em sua lábia de advogado, mas eu já estava mais disposto a observar o ambiente e relaxar.

— Sua carteira de motorista está em dia? — questionou

assim que ficamos sozinhos na mesa.

Reprimir o riso porque sabia exatamente onde a noite dele iria terminar.

— Não se preocupe Marcos, eu pego um táxi. Fique tranquilo, nos vemos amanhã. Podemos almoçar no hotel. Tenha uma excelente noite!

Deixei o D. Edge no começo da madrugada e segui direto para o hotel. Eu havia dormido bastante de tarde e ainda não sentia sono. Decidi que um drink no bar era uma boa pedida para encerrar minha primeira noite no Brasil. Sentei em uma das poltronas do Lobby Bar e pedi uma dose de uísque. Alguns goles depois ela se sentou ao meu lado, a moça do elevador.

— Um pouco tarde para beber sozinho.

— Beba comigo — ofereci chamando o barman.

Ela sorriu e ajeitou o cabelo de lado. Era a deixa que eu precisava para ter certeza de que minha noite não terminaria tão tranquila quanto eu havia imaginado.

— Qual é o seu nome? — questionou. — Não posso dividir uma bebida com um homem desconhecido.

Encarei-a por alguns segundos e então deixei um

sorriso ganhar espaço do lado esquerdo da minha boca. Estendi a mão e capturei a dela. Encostei minha boca sobre sua pele suavemente, sentindo sua reação.

— Sou John. John Albert Van Galagher, senhorita...

— Juliana Monteiro.

Alguns goles depois, Juliana estava em sua cama. Nua. Deitada nos lençóis macios do Emiliano. Seus cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro, um sorriso bobo em sua boca.

— Nossa! — Ela disse enquanto eu vestia minha cueca vermelha de volta. Alguém já disse que você é incrível?

— sentou-se na cama e riu, ainda despenteada. — É sério! Eu sei que parece meio bobo e piegas e acredite, eu não sou assim.

O dia começava a amanhecer e eu começava a sentir o efeito do álcool ir e o sono chegar, mas isso não significava que eu não tinha tempo para ser gentil.

Sentei na beirada da cama, ao lado dela, e ajeitei o cabelo atrás da orelha. Meus olhos parados nos dela por um longo tempo. O sorriso bobo ainda estava ali, fazendo-me sorrir também.

— Você é incrivelmente linda, Juliana. Tornou meu retorno a São Paulo muito agradável.

Beijei sua boca suavemente.

— Espero encontrar você por aí, John Galagher. Seria um prazer.

— Se um dia estiver em Roterdã, me procure. Seria um prazer tomar um drinque com você.

Vesti minha calça e minha camisa. Calcei os sapatos e ajeitei o cabelo. Juliana enrolou-se no lençol e me acompanhou até a porta. Puxei-a para mim pela parte baixa da cintura, sentindo seu corpo se moldar ao meu.

Minha boca invadiu a dela com luxúria. Ela era bonita e incrivelmente sexy e eu não era bom em reprimir instintos.

— Se eu não tivesse um almoço de negócios hoje, iria voltar ali para dentro e começar o 3º *hound* — sussurrei mordendo seu pescoço. Seu corpo amolecido de desejo.

— Desmarque o almoço. Eu desmarco todos os meus compromissos de amanhã até sexta, se você disser que fica comigo.

Sorri com mais vontade, meu ego masculino inflado.

Encostei-a contra o batente da porta, minha mão tateando a abertura do lençol.

Corri os dedos pela coxa desnuda até próximo ao joelho, sem deixar de beijá-la. Ergui sua perna o suficiente para que ficasse na altura da minha cintura. Ela soltou o botão e baixou o zíper da minha calça. Peguei um preservativo no bolso de trás e ela o desenrolou com pressa, massageando meu pau que já latejava de desejo.

Apertei sua bunda contra mim com uma das mãos, enquanto a outra segurava sua coxa até que eu estivesse completamente dentro dela.

— Sabe que não deveríamos fazer isso aqui na porta, não sabe? — Ela disse entre gemidos.

Eu não estava preocupado com isso. Uma das vantagens de estar em um país estrangeiro era poder ser qualquer um na multidão. Ali eu era só um milionário estrangeiro buscando diversão, não importava que rosto eu tinha, nem que sobrenome assinava no cheque, desde que ele pagasse pelas despesas.

Juliana, apesar de questionar minha atitude, parecia bastante propensa a aproveitar a aventura, então eu

aumentei meu ritmo para que nossa pequena festinha terminasse rápido o suficiente para não sermos vistos.

— Oh Deus, garoto! — gemeu com vontade, apertando as unhas em minhas costas — Quem diabos é você?

Soltei uma risada sem pudor, contra a curva do seu pescoço.

— Eu sou o filho do leão, baby.

Capítulo 2

John

Acordei com o telefone da cabeceira tocando.

— Boa tarde Sr. Gallagher! Desculpe incomodá-lo, mas o Sr. Pimentel não está conseguindo contato com o senhor e nos pediu que ligasse. — A voz macia da atendente foi me fazendo acordar devagar.

— Peça ao Sr. Pimentel para subir, por gentileza, senhorita. E eu gostaria de algo para o almoço. Para dois. Aceito a sugestão do chefe e uma bela garrafa de vinho.

— Certamente senhor, não se preocupe, logo levaremos seu almoço.

Levantei devagar, tateando na cama em busca do meu celular — *em vão*. Vasculhei minhas roupas da noite anterior e nada. Provavelmente deixei cair enquanto fodia a morena na porta — *pelo menos a transa tinha valido um celular!*

Vesti a calça e esperei pela campainha.

— Pelo que vejo, o fim da sua noite foi melhor que o meu.

— Marcos constatou enquanto eu bocejava e coçava minha barba por fazer. — Onde está seu celular?

— Provavelmente no quarto de uma bela morena que me acompanhou em meu último drinque.

— Sortudo desgraçado!

— Companheiro, minhas noites sempre acabam bem — debochei. — Sabe como é! O que é estranho... É você aí, com essa cara de quem comeu e não gostou depois uma bela trepada.

— Esse é o problema — sentou-se no sofá e jogou a cabeça para trás. — Eu não comi. Nem sei se gostaria ou não de ter comido. A bonitinha do cabelo azul me enrolou e no fim das contas nem uma rapidinha.

— Porra! Que merda, hein? — ri alto enquanto pegava uma cerveja no frigobar — toma. Vai começando o dia enquanto eu tomo um banho e me visto.

Peguei uma cueca, um jeans e uma camiseta do Led Zeppelin e fui para o banheiro. Liguei a ducha e aproveitei o volume generoso de água fria para acordar de vez — *eu precisava tratar de negócios porque vir ao*

Brasil não era uma viagem de férias. Pelo menos não era penas isso.

Nosso almoço chegou assim que saí do banho. Um garçom preparou a mesa da suíte e colocou o serviço.

— O chefe preparou codorna recheada com cogumelos e *foie gras*, servido com risoto de alecrim — retirou a tampa dos pratos. — E para beber, um *Bordeaux* tinto *premier cru*. Esse vinho foi premiado ano passado, senhor.

Abri o vinho e serviu em minha taça. Girei-a levemente para apreciar a intensidade e em seguida aproximei meu nariz, absorvendo todo o aroma frutado e levemente amadeirado.

— Perfeito, pode servir.

O rapaz serviu minha taça novamente e em seguida, a de Marcos.

— Deseja que eu fique para servi-los novamente, Sr. Gallagher? Ou deseja privacidade?

— Pode ir, obrigado — agradei e entreguei uma gorjeta a ele.

— Você é um holandês filho da puta! — Meu amigo sorriu

dando a primeira garfada na codorna. — É por isso que acaba sempre transando.

Ri alto enquanto tomava um gole do meu vinho.

— Não tenho culpa se minha classe e elegância me precedem.

— Um filho de uma puta sortudo! Isso sim.

Terminamos nosso almoço conversando sobre a vida. A mãe dele havia morrido dois anos depois que deixei São Paulo. Eu soube por ele da notícia. Ela sofria com um uma doença cardíaca há muitos anos. O pai estava de namorada nova e Marcos estava de mudança. Nem todos tinham a sorte que eu tinha por ter Laura como madrasta.

— Vamos aos negócios? — perguntou quando finalizamos o almoço.

Eu me sentei no sofá e meu amigo na poltrona, usando a mesa de centro como apoio para os documentos. — Como sabe... — começou. — A Sra. Tavares vendeu boa parte dos imóveis que possuía e transformou o dinheiro em ações e títulos, além de alguns investimentos em *commodities*. Ficaram apenas dois galpões que estão

alugados e cinco apartamentos na região da Avenida Paulista, também alugados. Eu imagino que já tenha lido o testamento que mandei à você. Sua avó nunca pediu segredo.

Peguei a lista dos imóveis com seus respectivos valores de mercado e aluguel. Eu não queria me desfazer de tudo porque eles eram rentáveis como estavam. Garantiriam um belo futuro para mim, Hanna e Collin, separado da fortuna do meu pai. Era o que havia restado da nossa mãe.

— A mansão que sua avó morou está fechada, John. Ela não quis alugar, nem vender. Manteve tudo como estava. Uma equipe de limpeza faz a manutenção da casa e do jardim uma vez ao mês. Eu mesmo cuido disso.

— Vamos deixar assim, por enquanto. Mamãe cresceu naquela casa. Não quero me desfazer dela enquanto meus irmãos forem pequenos. Quero que seja um acordo entre nós três, caso exista o desejo de nos desfazer da propriedade.

Marcos concordou com a cabeça. Ele cuidava de tudo com muito cuidado e competência, assim como havia

sido durante toda a vida de vovó, desde que ficou viúva — a família Pimentel sempre havia sido sua segurança.

— Havia um hotel no testamento. Nunca me lembro de ouvi-la falar sobre um hotel — questionei.

Marcos empurrou alguns documentos para o meu lado da mesa.

— Não era um hotel até três anos atrás. Sua avó deu carta branca para o administrador e ele decidiu abrir as portas do lugar para hóspedes, mas na verdade a propriedade é um haras.

Cerrei as sobrancelhas sem entender.

— Um haras?

Peguei os documentos e comecei a leitura. Pertenciam a uma propriedade que eu não conhecia. Quinta do Paraíso Haras Hotel.

Perdi um tempo encarando as letras no topo da página, pensando em como o destino era realmente engraçado. Eu havia passado os últimos anos tão longe do que realmente queria e agora, como em um passe de mágica, lá estava eu, sendo conduzido pelas mãos do destino, de volta ao que realmente desejava.

— Eu queria ser veterinário, sabia? — confessei sem encarar meu amigo. — Dizia ao meu pai que queria cuidar dos cavalos dele. Eu sempre amei cavalos.

Marcos concordou com um sorriso fraco.

— Ninguém foge do destino, companheiro! Eu conheço o lugar, é muito bonito. Era o sonho do seu avô, segundo papai, mas com a morte dele, sua avó perdeu o interesse pelo lugar e ele não está em seus melhores dias. Somado a isso, temos uma administração um tanto questionável.

Eu não conheci meu avô, mas sabia que ele foi o grande amor da minha avó. Ele era filho de portugueses, imigrantes que vieram ao Brasil para tentar uma nova vida, depois que a grande guerra arrasou a Europa.

Vó Margarida tinha muito orgulho dele. Havia lutado para ter o dinheiro que tinha e casou-se com ela, apesar da negativa do sogro. Meu bisavô era um homem arrogante que dava valor demais ao sobrenome e vovô não tinha um.

Eles eram personagens perfeitos de um conto de fadas. Vovó fugiu com ele da fazenda da sua família, no lombo de um cavalo e então seu pai teve que aceitar a

união. Nove meses depois, minha mãe nasceu.

Lembrando tudo, ela realmente contava histórias de um Haras que tinham no interior de São Paulo. Com tudo que aconteceu depois da morte de mamãe, eu havia me esquecido.

— Quero conhecer o lugar — fechei a pasta com os documentos.

— Levo você lá amanhã. Fica a pouco mais de uma hora daqui. Se sairmos cedo, podemos voltar ao entardecer.

— Perfeito.

Marcos e eu aproveitamos o que restou da tarde de domingo para relaxar um pouco. Era a final da *Champions League* e nosso time era o favorito ao título.

Era o final do primeiro tempo e já havíamos acabado com o estoque de cervejas do frigobar, quando a campainha tocou.

Levantei da poltrona e segui até a porta.

— Espera por alguém? — Marcos perguntou.

— Pelo meu celular, quem sabe? — brinquei.

— Quer que eu saia?

— Relaxa, companheiro.

Abri a porta e sorri. — Juliana estava lá, parada em minha porta com um vestido curto e ajustado verde, deixando todos os seus atributos bastante evidentes. Meu celular em punho.

— Olá, filho do Leão! — sorriu sensual. — Você deixou cair uma coisinha em minha suíte na noite passada e não foi só o meu queixo — debochou e eu sorri mais.

Puxei-a para mim e a beijei com vontade, apertando seu quadril contra minha pelve que já começava a dar sinais de alerta.

— Me convida para entrar? — provocou correndo os dedos pelo meu abdômen, até o cócs da calça.

Antes que eu pudesse responder, os olhos dela se desviaram de mim para o outro homem por uma fração de segundos.

— Esse é meu amigo Marcos Pimentel — sinalizei conduzindo-a para dentro. — Somos como irmãos, apesar da distância, certo companheiro?

— Exatamente assim! — levantou-se e caminhou até a moça. — É um prazer conhecê-la.

— Juliana Monteiro — apertou a mão de Marcos. — O

prazer é meu.

Eu sempre fui observador. Aprendi desde cedo que é no silêncio que as pessoas contam seus segredos. Eu não conhecia Julia Monteiro. Não sabia nem mesmo se esse era o nome dela e honestamente, não importava minimamente. O que ela me dizia em seu sorriso de lado silencioso, era que estar sozinha em uma suíte luxuosa com dois homens desconhecidos não a amedrontava.

Ela sorriu para Marcos discretamente, fugindo um pouco do seu olhar, mas seu corpo falava por si só. Sua boca permanecia entreaberta, mesmo que ela não dissesse nada. Sua língua umedecia constantemente os lábios. O olhar oscilava entre nós dois. Suas mãos nervosamente escorregavam pela lateral do vestido, contornando suas curvas, mesmo que não fosse intencional.

Não era primeira vez que eu dividia uma garota com alguém, homem ou mulher. Sexo a três tinham uma grande dose de prazer, embora fosse tabu para muita gente. Eu não conhecia barreiras quando o assunto era sexo. Desde que tudo fosse consensual, nada era proibido.

— Acho que você deveria ficar e brindar conosco —

propus. — Amanhã viajo para o interior para tratar de negócios com Marcos e poderemos não ter outra oportunidade para um belo brinde.

— E vamos brindar a quê, garoto? — sorriu permissiva.

— Somos jovens, estamos em uma das cidades mais incríveis do mundo, vivos e saudáveis, porque não brindar? — estendi a mão e a conduzi até o sofá, onde Marcos estava sentado.

Caminhei até o telefone e pedi um champanhe e três taças. Aproveitei para deixar que Juliana e Marcos conversassem um pouco mais. Fiz uma hora na pequena cozinha, tomando uma garrafa de água mais devagar do que de costume. Logo a campainha tocou.

Coloquei o balde de gelo na mesa de centro e estourei a garrafa. Servi as taças e entreguei aos meus convidados.

— Aos desejos saciados! — propus.

Marcos sorriu de canto, tão malicioso quanto poderia, e Juliana espelhou seu sorriso.

— Saciados? — provocou.

— Estou me antecipando, baby, porque sei exatamente o

que quero.

Puxei-a para mais um beijo, enfiando minha língua em sua boca, enquanto minha mão descia pela curva do seu quadril, até a barra do vestido. Eu queria me livrar dele o mais rápido possível, mas não poderia ser ansioso demais ou colocaria tudo a perder.

— É uma bela suíte — constatou andando em volta da piscina. — Eu sempre quis conhecer essa suíte, sabia? Sou arquiteta e esse projeto sempre me inspirou.

— É um belo quarto — concordei. — Grande demais para um cara sozinho, mas um belo quarto.

— O que vocês fazem da vida, senhores? Com o que trabalham?

— Sou advogado. — respondeu ajeitando-se mais confortavelmente na poltrona, dando um gole em sua taça.

— Nesse momento, honestamente, estou desempregado — confessei. — Acabei de deixar tudo para trás.

— É um lugar bem caro para um cara desempregado, a moça provocou.

— Dinheiro nunca foi um problema, baby — devolvi porque sabia o efeito que isso tinha na maioria das

pessoas.

Ela sorriu, mostrando que eu estava certo.

— É aquecida? — perguntou tirando o sapato e colocando a ponta do pé na água.

— Podemos descobrir, se você quiser. O que acha? — ofereci tirando a camiseta.

Assim que comecei a beijá-la, suas mãos soltaram o botão da minha calça, deixando-me de cueca. Puxei a barra do vestido dela para cima, exibindo sua *lingerie* preta de renda.

Eu a conduzi até a escada da piscina e entrei em seguida. A água estava morna como eu imaginei. Continuei a beijá-la, primeiro na boca, depois no pescoço, descendo entre os seios e fazendo o caminho de volta até seu ouvido.

Marcos ainda estava no sofá, de lado, apreciando o que fazíamos na piscina.

— O que acha de convidarmos seu amigo para nos acompanhar? — ofereceu fazendo-me sorrir de canto.

— Era exatamente o que eu tinha em mente, baby — mordi seu pescoço com um pouco mais de força, sugando sua

pele, deixando uma pequena marca arroxeadada no local.

— Sabe que me disseram que os holandeses eram realmente livres no sexo — confessou. — Pelo que vejo é verdade.

Mordi o lóbulo da sua orelha.

— Sexo foi feito para nos dar prazer, e para que isso aconteça, a liberdade é essencial.

Ela estendeu a mão para Marcos e o chamou para a piscina. Ele sustentou seu olhar por todo o trajeto. Livrando-se da calça escura e da camisa jeans com a desenvoltura de quem também não era iniciante na arte do *Ménage*.

Desceu pelas escadas da piscina e caminhou até nós. Sua boca encontrou a de Juliana em um beijo cheio de desejo. Eu podia ouvi-la gemer contra a boca dele, enquanto eu soltava seu sutiã e beijava suas costas.

Acaricieei seus seios e descii a mão pela barriga até a calcinha, enfiando meus dedos por dentro da renda, enquanto Marcos tomava um mamilo entre seus dentes e massageava o outro seio com a mão.

— Hum... — Ela gemeu mais forte, sem que um beijo

abafasse seu prazer.

Suas pernas estavam ligeiramente separadas, dando-me a possibilidade de afastar sua calcinha. Enfie um dedo dentro dela, sentindo como estava melada de desejo e não resisti, apertando minha ereção contra sua bunda. Marcos ainda mordiscava seus seios, alternando com beijos em sua boca.

— Quem você quer dentro de você? — sussurrei em seu ouvido, enquanto meu amigo afundava a cabeça na água para livrá-la da calcinha com a boca.

— É uma pergunta difícil de responder — riu jogando a cabeça para trás, descansando-a em meu peito.

— É só dizer.

— Quero os dois — sussurrou. — Oh Deus! — gemeu. — Eu quero me embriagar de todas as opções que tenho.

Beijei suas costas e me afastei um pouco, saindo da piscina em busca de preservativos. Voltei com alguns em minha mão e os deixei na borda, perto de onde os dois estavam.

Entrei na água e continuei nossa festinha particular. — O que deseja que aconteça agora, Ju, é só pedir —

Marcos ofereceu.

— Quero o leãozinho mais uma vez, enquanto você me incita para o “*Gran finale*”, moreno.

Peguei um dos preservativos e vesti. Ela permanecia de costas para mim, enquanto meu amigo a beijava e a masturbava por baixo da água. Suas pernas estavam separadas o suficiente para que eu conseguisse acesso ao que desejava. Não foi difícil penetrá-la, apesar de estarmos submersos. Sua excitação era tamanha que seu corpo não ofereceu resistência.

— Hum... — gemeu contra a boca de Marcos, que agora massageava seus seios, enquanto ia mais fundo dentro dela.

— Como você quer, baby? Quer que eu seja gentil ou quer que eu libere meu desejo sem ressalvas?

— Quero que se satisfaça holandês. Quero que se lembre dessa tarde por um bom tempo.

Marcos aproveitou-se do desnível da piscina para ficar um pouco mais alto, deixando livre o acesso de Juliana a seu corpo. Ela começou a masturbá-lo devagar, até que não resistiu e afundou-se de boca em seu pau, que

já pedia por atenção.

Aproveitei a concessão para brincar um pouco com ela. Mãos uma de cada lado do seu quadril. Tirei meu pau quase completamente e em seguida, arremeti com força contra ela, apoiando seu corpo, enquanto Marcos, já de volta ao nosso nível, chupava seus seios, tomando um mamilo entumecido em sua boca, esfregando a língua com vontade.

Ela gemia mais e mais alto. Comecei a agradecer por estar sozinho no último andar — não que eu me importasse com os outros, mas não queria ser interrompido por uma reclamação da gerência.

Escorreguei a mão pela lateral do corpo dela e comecei a esfregar a carne macia entre seus lábios íntimos, enquanto afundava meu pau em sua boceta cheio de tesão. Não demorou nem um minuto para que nossa garota gozasse com tanta força que a sustentei pela cintura, até que ela começou a rir.

— Meu Deus garoto, você é realmente bom nisso! — brincou virando-se para me beijar.

— Satisfação total, ou seu dinheiro de volta! — brinquei e

ela riu mais.

Marcos aproveitou para beijar suas costas, segurando seu cabelo enrolado em volta do pulso, enquanto eu descartava o preservativo usado na borda da piscina.

— Pronta para o segundo *hound*? — sussurrou em seu ouvido.

— Sei que fico pronta em um segundo, se você continuar me beijando assim.

Segui beijando sua boca e descendo do pescoço até os seios e barriga. Afundei minha cabeça dentro da água enterrei minha língua em sua carne macia, enquanto minha respiração permitiu. Voltei mordiscando sua pele e quando cheguei ao seu ouvido perguntei.

— O que deseja agora, baby?

Seus olhos perdidos de desejo nos meus, quase alcançando o clímax. E eu sabia disso porque suas bochechas estavam levemente rosadas, a íris dos olhos, brilhantes e as pupilas dilatadas. Boca entreaberta e respiração entrecortada. Uma veia azulada pulsava junto a sua fronte, bombeando rápido o sangue em suas veias.

Ela virou-se de costas e o puxou para um beijo profundo, cheio de desejo, enquanto eu mordiscava sua nuca.

— Quero o moreno — sussurrou ainda entre beijos. — Mas quero que você participe.

Ele pegou um preservativo e enquanto ele o vestia eu a masturbava, de costas para mim, meu rosto enterrado em seus cabelos, mordendo e beijando sua pele, enquanto meu amigo saciava seus desejos, e os dela.

Juliana tateou meu abdômen com uma das mãos, encontrando meu pau desperto, pronto para ela. Seus dedos me tocaram com desejo aumentando meu tesão até que puxei sua boca para a minha, sua cabeça de lado, enquanto Marcos lambia sua orelha.

Gozei em sua bunda, mais cansado que saciado, e deixei que os dois continuassem sozinhos.

Beijei seu pescoço e saí da piscina.

Caminhei pela borda da piscina, vesti minha cueca. Posicionei a poltrona para que tivesse uma bela visão do que eles ainda faziam na água. Enchi meu copo

com uma dose de uísque do bar e apreciei a vista.

Ele a virou para a borda e aproveitou o degrau para diminuir a diferença de altura. Penetrou-a de costas, enquanto seus dedos brincavam em seu clitóris, fazendo-a morder o lábio. Os olhos ainda encaram os meus. Sorri e ergui o copo em um brinde silencioso.

Poucas mulheres confessam o desejo de ter dois homens aos seus pés, mas a maioria delas tem essa fantasia. Eu era muito bom em satisfazer desejos.

Os dois ficaram na piscina trocando beijos e carícias, depois do sexo. Eu aproveitei para tomar um banho e vestir minha roupa novamente.

Quando voltei, ela já estava vestida. Caminhou até mim, enquanto Marcos seguia para o banheiro.

— Não sei o que dizer — confessou.

Beijei-a suave, tocando seu queixo com meus dedos.

— Diga que guardará boas lembranças de mim.

— As melhores — sorriu. — John... Não quero que pense que faço isso sempre... Eu... Eu... — Eu a interrompi.

— Baby, se você não faz isso sempre, deveria fazer!

Acredite, ninguém deveria reprimir sua essência para se encaixar em padrões. Eu não vejo nada de mal no que houve aqui. Você gostou? Está feliz?

Assentiu sem me encarar, e eu elevei seu rosto até o meu.

— Então é o que importa. Nós somos adultos. Não tem o que temer e muito menos o que pensar.

Ela me beijou. As mãos acariciando minhas costas.
— Você o homem mais incrível que conheci. Uma pena ter sido apenas um esbarrão.

Sorri.

— Ninguém comanda o destino. Quem sabe o que ele reserva?

— Se um dia eu estiver em Roterdã, quero vê-lo novamente.

— Você tem meu cartão. Será um prazer mostrar minha cidade a uma amiga.

Beijou minha boca mais uma vez antes de sair. Fechei a porta e voltei para o quarto.

— Não precisa me agradecer — brinquei assim que encontrei Marcos saindo do banheiro. — Fica me

devendo uma.

Capítulo 3

John

Depois que fiquei sozinho, eu me sentei no sofá, esticando as pernas. Uma garrafa de cerveja no chão ao meu lado.

Respirei fundo, fechei os olhos, e tudo que vinha a minha mente era o quanto minha vida era vazia.

Passei a vida cercado de luxo, prazeres, mulheres, mas no final, eu sempre acabava sozinho. Nunca tinha certeza do que levava as pessoas até mim, se estavam comigo porque queriam, ou se a fortuna da minha família falava mais alto.

Eu era um “*bon vivant*” e gostava disso. Eu me divertia com a maneira como as portas se abriam para mim, mas era uma faca de dois gumes. Juliana era uma mulher esperta. Bonita. Inteligente. Eu nunca saberia se o que a fez cair tão rápido em minha cama era realmente desejo ou se o fato de eu ocupar a suíte mais cara de um

hotel de luxo era a razão real.

— É leãozinho — falei em voz alta. — Você precisa, pelo menos uma vez na vida, provar que consegue conquistar uma garota só com o seu charme.

Peguei no sono deitado no sofá e acabei indo para cama somente no meio da madrugada. Por sorte, acordei sem sono.

O dia amanheceu quente em São Paulo.

Minhas malas já estavam prontas e a velha guitarra presa às minhas costas, quando Marcos chegou à recepção. Fiz o *check-out* e pedi que entregassem um buquê de calas negras no quarto de Juliana. Eu provavelmente nunca mais a veria e ela sabia disso. De qualquer maneira, eu gostava de marcar positivamente a vida das pessoas que passavam por mim.

Entramos no carro e seguimos direto para o interior.

Eu conhecia pouco do Brasil. Todas as vezes que estive por essas terras, limitei-me a visitar a mansão da família. Conhecia somente alguns bairros de São Paulo e uma única vez, vovó havia nos levado para conhecer o litoral. Tudo parecia tão diferente da Holanda.

— Todas as estradas são assim? — O trânsito a nossa frente nos fazia andar mais devagar do que deveríamos. Uma infinidade de caminhões carregados freava e levantava uma nuvem de fumaça escura. Marcos sorriu.

— Em uma segunda feira-feira de manhã? — debochou.

— Dificilmente você vai encontrar alguma rodovia vazia, companheiro. Infelizmente nossos governantes investem pouco em outras formas de transporte. Tudo o que consumimos anda por essas estradas.

— Pouco inteligente.

— Nada inteligente, na verdade.

A cidade do nosso destino era Sorocaba. Eu nunca tinha ouvido falar dela, mas me parecia amistosa, apesar de populosa.

Seguimos pela cidade até que as casas foram ficando mais e mais distantes, umas das outras.

— Este aqui é o bairro do Horto Florestal — explicou. — Mais alguns quilômetros e estaremos no haras.

Seguimos pela rua, até que as casas foram dando lugar a pequenas propriedades rurais e em um ponto do trajeto, o asfalto ficou para trás, fazendo a lama espirrar

até os vidros do sedan luxuoso.

A propriedade era grande. Ficava em um vale, rodeado por montanhas verdes. Havia um arco de primaveras sobre a porteira. E uma placa de madeira entalhada no muro baixo de pedra, onde se podia ler “Quinta do Paraíso”. Era o nome que meu avô havia escolhido para o lugar.

Marcos chamou pelo interfone, mas ninguém atendeu. Depois de alguns minutos, eu mesmo desci e resolvi abrir a porteira. Quando abria a segunda parte, um labrador amarelo que mais parecia um bezerro veio correndo em direção a mim, seguido por um pequeno cãozinho que eu nem podia reconhecer, devido o tanto de barro em seu pelo.

Não pude me proteger do ataque. Quando dei por mim, já estava no chão, sendo lambido e cheirado por uma cabeça que dava duas da minha, enquanto sentia um puxão leve, quase imperceptível, na barra da minha calça.

Comecei a rir, enquanto tentava me desvencilhar dos meus agressores camaradas. Marcos abriu a porta do carro e desceu, mas continuou encostado contra a porta,

rindo da minha situação.

— Um pouco de ajuda seria bem-vindo, sabia? — reclamei quando consegui levantar.

— Meu terno custou muito caro companheiro, eu não pretendo tê-lo todo sujo de baba e lama — brincou.

— Espero que seu carro tenha custado barato, porque vou me sentar nele exatamente assim, como você está vendo.

— Você tem uma mala cheia de roupas limpas no porta-malas. Não precisa judiar do meu pobre carro.

Balancei a cabeça negativamente, mas concordei. Abri o porta-malas e peguei um jeans velho e uma camiseta branca que ficou manchada de lama assim que caiu sobre minha pele. Aproveitei a estrada vazia e troquei a calça também.

— Eu vou conseguir a chave de um quarto para você se limpar e vestir decentemente — estacionou o carro no gramado, atrás da recepção e desceu.

Fiquei encostado no carro por um tempo, mas quando me cansei de esperar, decidi dar uma volta pelo lugar.

Era simples e bucólico. Fazia lembrar uma antiga quinta

portuguesa. A construção era de tijolos caiados de branco e havia um espelho d'água no jardim da frente. Flores coloridas de todos os tipos adornavam o lugar.

Segui por um caminho de dormentes de madeira, ladeado por pedrinhas redondas, até as baias. Um corredor longo, cheio de pequenas portas, de onde saíam algumas cabeças curiosas.

Caminhei até que ouvi um relincho diferente. Parecia triste e melancólico. O animal estava afastado, seus olhos buscavam uma janela, no fundo da baia, de onde se podia ver as montanhas. Abri a porta e entrei com cuidado.

Era uma égua branca, com pequenas manchas cor de creme. Ela me encarou por um segundo e voltou os olhos para a janela. Eu quase conseguia sentir o que ela sentia. Enjaulada em um lugar que não queria. Afastada de algo que lhe era importante.

Sua barriga estava inchada, provavelmente prenha.

Corri os dedos pelo dorso macio, sentindo os pelos acariciarem minha pele. Eu queria que ela sentisse que podia confiar em mim. Tentei transferir todo o meu

carinho e cuidado no toque da minha mão. Depois de algum tempo, a égua voltou-se para mim. Relinchou suavemente e esfregou o focinho no meu cabelo.

Ela era jovem, ativa, mas algo não estava certo. O pobre animal estava sofrendo. O feno estava intocado.

— Quer um pouco de comida? Hum? O que me diz? — ofereci. — Vem, ajudo você.

Abaixei e peguei um pouco de feno nas mãos, oferecendo a ela. Depois da minha insistência, a égua começou a se alimentar.

— Hey garota, você é mesmo muito bonita! — acariciei sua barriga. — Pelo que vejo você tem um presente especial aqui e espero estar com você quando ele vier ao mundo — tranquilizei-a porque às vezes é só disso que precisamos. Um pouco de compreensão e carinho.

Ouvi passos se aproximando, mas não me virei. Marcos podia esperar, qualquer um podia esperar menos minha nova amiga.

— Olá! — Uma voz feminina cumprimentou, fazendo-me virar.

Quando meus olhos encontraram os dela, não fui

capaz de fugir, nem de começar uma das minhas gracinhas. Não consegui jogar.

Eu estava capturado naquele olhar, hipnotizado, como um garoto bobo encarando o presente desejado. Eu não sabia ainda quem era a garota, mas eu tinha certeza absoluta de que ela seria minha.

Isabele

Desliguei o alarme do celular e virei para o lado, cobrindo minha cabeça com o lençol. Era uma segunda-feira pós-férias e eu não era muito boa em acordar cedo, menos ainda depois de trinta dias em casa.

Para minha sorte, Teodoro, meu cachorro, era ótimo!

Assim que virei de lado, senti um focinho úmido e gelado, fungando perto do meu pescoço. Ele latiu quando percebeu que eu não iria levantar.

— Téó! — reclamei em alto e bom som depois do

terceiro latido. — Você vai acordar a Fernanda!

— Já acordou! — Minha amiga parou junto ao batente da porta, ainda usando pijamas e com a escova de dente pendurada no lábio — Já disse para você dar um fim nesse bicho! — reclamou.

Ela estava séria, mas eu sabia que era mentira. Ela amava tanto Teodoro quanto eu. Ele havia entrado em nossas vidas na mesma semana em que nos mudamos para o nosso apartamento. Deixado dentro de uma caixa de papelão, em frente a banca de jornal do Sr. Ezequiel.

Obviamente, eu o recolhi e o levei para casa. Uma pequena bolinha de pelos que foi crescendo e crescendo e agora pesava cerca de quarenta quilos. A parte boa era que ninguém se atrevia a chegar perto de qualquer uma de nós, se nosso guardião estivesse presente. Nosso cão era um perfeito exemplar de *Pitbull*. Sua pelagem era branca com uma bela mancha marrom escura no olho esquerdo.

O cachorro latiu e ela se abaixou para coçar sua grande cabeça.

— Você é um garoto mau, muito mau! — sentou-se no chão para que ele lhe lambesse a face. Quando enfim

conseguiu levantar-se, atirou uma almofada em formato de coração bem em cima de mim. — Se você se apressar, te dou uma carona para o trabalho, tenho uma cliente perto do haras.

Fernanda era fisioterapeuta. Havíamos nos conhecido no alojamento estudantil da faculdade e nunca mais nos desgradamos. Não era fácil viver longe da família com tão pouca idade e ainda mais sem grana, então a amizade que desenvolvemos foi o fator determinante para o nosso sucesso acadêmico.

Ela era uma manauara de pavio curto e cheia de confiança e costumava deixar a maioria dos homens com os dois pés atrás, mas comigo e Teodoro, era a pessoa mais gentil e cheia de amor do mundo.

— Não precisa se preocupar Nanda! Henrique vai passar aqui. Ele tem um cliente na Fazenda Amoreira e me deixa no haras antes.

Minha amiga torceu o nariz e eu sabia bem o porquê — *ela odiava meu “quase” namoro.*

— Você é dona da sua vida, mas eu não perderia meu tempo com aquele mala sem alça, você sabe! —

resmungou.

— Ele não é tão ruim! — defendi.

— Ele é chato e metido e você *não* está apaixonada.

Ela tinha razão. Eu não estava apaixonada. Para ser sincera, eu nem lembrava porque havíamos ficado juntos, já que eu nunca estive sequer atraída por ele. Por alguma razão, o que era para ser um beijo bobo em uma festa da primavera, havia se tornado o que se podia considerar um “quase” namoro.

— Largue dele enquanto é tempo! Você merece um príncipe encantado igual a esse aqui! — apontou para a capa do John Mayer, sobre minha cômoda.

— Eu adoraria trocar o Henrique pelo John Mayer, acredite! — brinquei levantando da cama e me espreguiçando — Mas ao que me consta, ele nem sabe que eu existo.

Fernanda deu de ombros e saiu. Eu aproveitei para tomar uma ducha rápida e me vestir. Odiava deixar as pessoas esperando, ainda mais quando eu iria ganhar uma carona.

Vesti um jeans claro e a camiseta do haras. Eu não

gostava muito de andar por aí de jaleco branco. Não era nada prático e muito menos necessário, já que eu não estaria em um consultório. Não era dia de atendimento clínico.

Engoli um copo de iogurte com granola tão rápido que senti os pedacinhos arranhando minha garganta. Estava tentando evitar o café. As dores de cabeça estavam cada dia mais frequentes e eu sabia que a cafeína só iria me prejudicar. Não queria ficar me medicando todo santo dia.

— Hoje você vai ter que ficar em casa — expliquei acariciando a parte de baixo do pescoço do meu cachorro, enquanto ele abanava o rabo para mim. — Você sabe que o Henrique não gosta de cachorro no carro novo dele.

Pude jurar que Teodoro revirou os olhos! Ele tinha uma opinião parecida com a de Fernanda sobre meu caso estudantil.

— Não se preocupe peludo. — Ela irrompeu através do corredor. — Ele faz um favor a você! O mau humor e o nariz empinado daquele lá só iria estragar seu dia! Prometo que volto cedo e te levo para fazer um milhão de

xixis pela rua toda!

O cão latiu em concordância e foi se deitar em seu colchonete, perto da janela da sala.

Assim que meu celular deu o apito de nova mensagem, dei um beijo no rosto da minha amiga e peguei minha bolsa e a maleta de atendimento.

Desci pelas escadas porque morávamos no segundo andar e eu me recusava a esperar por um elevador, já que eram apenas quatro lances.

Dei a volta pela frente da *Land Rover* e ocupei meu lugar, no banco do passageiro.

— Você parece uma tratadora de cavalos vestida assim.

— Seus olhos nem se desviaram da rua à nossa frente.

— Bom dia, Henrique! Como você está? Teve uma boa noite de sono? Algum gato de rua fez coco na sua tapioca?

— Eu estava sorrindo, mas não estava em meu melhor estado de humor. Eu odiava ser criticada gratuitamente.

— Eu estou ótimo Isabele e não, nenhum animal defecou em meu café da manhã. Você precisa parar de se comportar como uma estudante sem teto. Você é veterinária e responsável por um haras, que apesar de

decadente, não paga tão mal assim!

Respirei fundo e fiz um esforço descomunal para não bufar. Mantive o que era possível do sorriso, embora ele estivesse murcho como um galho arrancado ao meio dia. A cada minuto que eu passava ao lado de Henrique, sentia mais falta da minha *pick-up* velha e suja de lama que me carregava para todo lugar. Infelizmente, ela estava no conserto por mais tempo do que eu esperava.

Fiquei em silêncio porque se eu dissesse algo, seria para mandá-lo para puta que o pariu e eu não estava a fim de começar meu dia assim.

— Você sabe gatinha — virou a chave e arrancou com o carro pela rua. — Você é linda. Eu sou louco por você — deslizou a mão pela minha perna, acariciando. — Quero apresentar você para minha família, mas vestida desse jeito, Isabele? Eu não posso! O que meus pais iriam dizer? Eles são muito conservadores! — justificou.

Segurei as palavras bem na ponta da minha língua porque eu estava em modo “*potro xucro*” e qualquer coisa que eu dissesse sairia ríspida e mal educada.

— Eu quero dar um passo à diante no nosso

relacionamento, gatinha!

Deixei o assunto morrer, encarando a cidade pela janela fechada do carro. Não estava calor, mas ele jamais andava com os vidros abaixados. Não gostava de chegar despenteado ao trabalho e menos ainda que a poeira da rua sujasse os bancos de couro do carro. Eu não era assim. Henrique e eu éramos como água e óleo, por mais que tentássemos, não conseguíamos nos misturar.

Quando nos aproximamos da entrada do haras eu resolvi me manifestar.

— Henrique, não vejo razão para conhecer seus pais. — Meus olhos voltados para ele, mesmo que ele não me olhasse. — E muito menos para darmos um passo em frente. Para ser sincera... — Pisou no freio tão forte que quase derrubei minha malaeta.

— Para Isabele! Não vem com esse papo de que nós não combinamos! Olha, eu sou louco por você desde aquela maldita festa! — justificou. — Eu sei que sou exigente demais, mas é porque eu vejo seu potencial, Isa! Eu quero você ao meu lado na clínica e quero você ao meu lado na vida! Eu não estou falando que vamos nos casar logo, eu

ainda quero fazer aquela especialização na Alemanha, você sabe!

Revirei os olhos mentalmente porque ele não era louco por mim nem na faculdade, nem agora. Ele me achava bonita e atraente e achava que eu daria um belo acessório para a sua clínica milionária no Campolim. Eu queria mais. Queria fazer a diferença na vida dos animais. Não queria passar os meus dias adulando madames que nem se importavam com seus pobres cães de raça, obesos e entediados.

— Quero você, gatinha! — avançou sobre mim sem que eu tivesse tempo de reação. — Acho que o que precisamos é dar uma esquentada nas coisas! Vou levá-la para jantar hoje! O que acha? — Sua boca buscando pela minha.

— Acho que precisamos terminar essa conversa Henrique. E acho que beijos não resolvem nossos problemas, mas eu topo o jantar. Pode ser uma boa oportunidade para conversarmos.

Ele não discutiu. Deu-me um selinho e voltou-se para a estrada, seguindo pela porteira até estacionar

próximo a administração.

— Pego você às oito!

Concordei com a cabeça e ele me beijou. Um beijo bem mais intenso do que eu gostaria.

Desci do carro e segui para dentro do refeitório de funcionários — *minha expectativa de não tomar café tinha ido por água abaixo.*

— Bom dia, Sr. Geraldo! — cumprimentei o zelador do haras.

— Bom dia, doutora! — Ele respondeu com a mão no chapéu de palha.

Eu ainda achava engraçado que as pessoas me chamassem de doutora, mesmo que fosse a nomenclatura correta. Eu era a Isabele e ponto. Isa, para os mais íntimos. A garota que havia transformado o sonho em realidade. Desde o dia em que salvei uma lagartixa de ser esmagada pela vassoura da minha mãe, nunca mais deixei de querer ser veterinária.

Servi o café em uma das xícaras e me sentei no banco para relaxar.

— Você é mesmo uma garota de sorte — senti a presença

dela, antes que se sentasse ao meu lado.

Renata, a filha do Sr. Geraldo e que não poderia ser mais diferente que o pai. Eles viviam no haras desde que a mãe de Renata foi embora com um vizinho que tinham em Bom Jesus de Pirapora. Por mais que o pai se esforçasse, nada estava bom para a filha que se aproveitava do interesse do administrador por ela para viver lá como se fosse um dos hóspedes, de graça.

Respirei fundo e dei mais um gole em minha xícara.
— Não posso reclamar da vida — simplifiquei a resposta.

— Nem eu reclamaria se tivesse o Dr. Gostoso aos meus pés.

Encarei minhas botas de montaria.

— Como pode ver — debochei. — A única coisa que tenho aos meus pés é lama e cocô de cavalo.

Renata soltou um risinho sem graça que mais parecia um relincho, mas não insistiu. Nós não éramos amigas e eu não esperava que isso mudasse.

Levantei devagar, deixei a xícara sobre o balcão e segui em direção as baias.

O haras era o meu lugar preferido no mundo. Depois que deixei a casa dos meus pais, era onde eu me sentia mais em paz.

Caminhei sentindo a brisa em minha pele. O sol fraco do fim de maio era agradável para caminhar e eu precisava mesmo de um tempo. Segui por trás das baías, longe dos olhares curiosos dos hóspedes até que ouvi uma voz desconhecida.

— Hey garota, você é mesmo muito bonita! — Alguém dizia bem próximo a baía de Celeste, uma égua preta que eu estava indo examinar. — Pelo que vejo você tem um presente especial aqui e espero estar com você quando ele vier ao mundo.

Aproximei-me devagar, curiosa para saber de quem era a voz gentil e cheia de carinho, mas nem de longe estava preparada para o que eu iria ver.

Havia um homem lá. Jovem e alto. Costas largas em um corpo bem feito. Ele acariciava a barriga arredondada da égua, enquanto ela se alimentava da ração no cocho.

A pobrezinha estava recusando a alimentação. Eu temia pelo filhote que ainda não estava pronto para

nascer. Ela era jovem demais para ter sido submetida a inseminação e eu havia sido contra desde o princípio, mas Demétrio, o administrador, queria logo começar a ter lucro com ela.

Pela primeira vez, desde que me trouxeram ela após o procedimento, Celeste estava comendo e por vontade própria. Eu não sabia quem era o estranho, mas queria dar um beijo de agradecimento nele!

— Olá! — cumprimentei, esperando que ele se virasse para mim. Quando aconteceu, meu coração deu salto e tudo mais pareceu estar em câmera lenta.

Eu nunca fui uma garota romântica. Havia aprendido bem cedo que contos de fadas não existem. Estava focada em minha carreira e feliz por tudo que havia conquistado em apenas um ano de formada, mas meus olhos se perderam nos olhos do homem à minha frente.

Cabelo castanho cuidadosamente despenteado, barba por fazer. Jeans claro surrado e uma camiseta mais ajustada do que deveria em seu corpo musculoso. Ele era ativo e elegante, apesar das roupas sujas do trabalho, mas de tudo que havia de bonito nele, a boca ganhava minha

atenção incondicional. Curvada em um sorriso que misturava anjo e demônio em iguais proporções.

Pisquei algumas vezes para diminuir o efeito que aquele sorriso tinha em mim e limpei a garganta com propriedade.

— Você deve ser o novo cavaleiro — tratei logo de me recuperar. — Sou a veterinária. Fico feliz que tenha jeito com os animais. O último que me mandaram mal sabia onde ficava a crina. Se precisar de mim, pode me procurar no ambulatório.

Virei de costas e segui para longe o mais rápido que pude. Eu nunca havia me sentido assim, desconcertada perto de um homem.

Estava acostumada a lidar com peões, já fazia um tempo que comandava o haras. Eu sabia me impor, apesar de ser pequena, tinha jeito para lidar com situações assim, mas o homem na baía não se parecia com nenhum outro que havia passado por lá.

Ele era seguro e firme. Não havia desviado os olhos dos meus nem por um instante. Isso era quase perturbador, além de terrivelmente sexy. Acabei

desistindo de examinar a égua.

Capítulo 4

John

A moça correu de mim como se algo estivesse pegando fogo. Nem se quer me deu tempo de explicar quem eu era e se eu pudesse fazer uma aposta, diria que mexi com ela como ela mexeu comigo.

Estava parado, ainda meio sem entender, quando Marcos voltou.

— Que diabos você fez para veterinária, companheiro? Ela quase me levou no peito, tamanha a pressa com que passou por mim! — brincou.

Comecei a rir da situação porque eu realmente não havia passado por nada parecido. *Eu era John Van Gallagher, as mulheres não corriam de mim, elas corriam para mim.*

— Não faço ideia, companheiro! — confessei ainda rindo. — Eu estava aqui, conversando com a égua numa boa, quando ela começou a falar sem parar e então correu.

Estou até agora tentando entender — cocei a barba por fazer. Era um alívio não ter mais que me barbear todo dia! — A garota é bonita, mas é completamente maluca! Só pode!

— Bonita? Ficou maluco? A veterinária é gostosa para caralho, holandês! Mas não se iluda! — advertiu. — Nunca vi essa garota dar brecha para quem quer que fosse. Nem mesmo o administrador e olha que o cara investiu, hein! — brincou. — Claro que o filho do Leão pode tentar, mas não se empolgue muito, companheiro!

“*O filho Leão*” — Mais uma vez meu sobrenome me precedia.

O riso foi morrendo até que não era mais que uma linha curva em minha boca — linda. Gostosa também, obviamente. A garota era muito sexy, mas não era só isso. Havia uma impetuosidade instigante em seu olhar.

Respirei fundo e soltei o ar com cuidado — *eu não queria uma noite de sexo com a veterinária, eu queria mais*. Ainda não sabia exatamente que “mais” era esse, mas eu estava ansioso para descobrir.

— Conseguiu a chave? — perguntei já traçando todo o

plano em minha mente.

— Não! A administração estava trancada. Não encontrei o Celso em lugar algum.

— Então vamos fazer uma coisa... — comecei empolgado.

— Você vai me apresentar como cavalariaço, já que estão procurando por um, pelo que a moça disse. E eu vou aproveitar e ver como as coisas funcionam por aqui, de dentro. Nada melhor do que ver o andamento de um negócio sem que saibam que sou o dono.

Marcos me encarou com um ar zombeteiro nos olhos.

— Vigiar o negócio? Sei! Sei exatamente que “negócio” você pretende vigiar! — debochou. — Mas sinceramente, ainda acho que se você chegar com esses seus modos de europeuzinho rico você tem mais chances!

— Aí é que está, companheiro — passei o braço por seus ombros, caminhando com ele pelo corredor do estábulo.

— Eu não quero que ela se deite com europeuzinho rico, isso eu sei fazer e muito bem! Eu quero que ela se apaixone pelo John. Esse cara aqui, que ama cavalos e toca guitarra. Entende?

Marcos bagunçou meu cabelo com a mão.

— Entendo perfeitamente, companheiro. E digo mais, esse cara aqui é um cara ótimo! Não tem nada nele para não se gostar! O que precisar que eu faça é só dizer!

— Em primeiro lugar, a partir de agora esqueça o John. Meu avô materno se chamava João. Por isso eu recebi o nome dele, de certa forma. Tenho o nome dos meus dois avôs. João e Albert. Meus pais trocaram para John para que ficasse mais fácil a dicção, já que não tinham intenção alguma de se mudar para o Brasil. Então, a partir de agora, eu serei João. O que não é uma mentira completa. João.

— João de quê? Porque você precisa de um sobrenome Leãozinho.

— Leão. João Leão é perfeito.

Marcos riu.

— Ok, João Leão! Se é o que você deseja. Posso dizer que vou cuidar da sua contratação a pedido do herdeiro, já que sou seu procurador legal. Assim evitamos perguntas sobre documentação e coisas do tipo. Vou dizer que você foi escolhido pelo dono para cuidar dos cavalos.

— Perfeito para mim.

Caminhamos até a administração e Marcos bateu na porta. Era possível perceber que havia alguém lá dentro, já que os barulhos era audíveis do lado de fora.

Quando a porta se abriu, levantei uma sobrancelha para meu amigo assim que a moça passou ajeitando o cabelo. As bochechas rosadas e a costura do jeans torta.

O homem dentro da sala se mostrou sem jeito, assim que seus olhos encontraram um Marcos mais sério do que eu costumava ver.

— Bom dia, Demétrio! — cumprimentou. — Vim lhe apresentar o novo funcionário, espero não ter interrompido nada — provocou. — Estive aqui mais cedo, mas creio que você não estava.

— Bom dia, Dr. Pimentel! Eu... Eu... Desculpe doutor. Eu estava ocupado. Tive que revisar alguns documentos com a recepcionista.

— Documentos? Com a recepcionista? Estou curioso em saber a que tipo de documentos a recepcionista tem acesso. — seguiu firme, encurralando o homem que obviamente, estava fodendo loucamente a moça dentro da

sala e em horário de trabalho.

Eu não podia dizer que nunca havia feito algo do tipo, mas eu era o filho do dono, então, só devia satisfação ao meu pai.

— Estamos com um quadro reduzido de funcionários — enrolou. — Como sabe, doutor, as vezes preciso de ajuda com a contabilidade e outras coisas.

— A moça é contadora? — ele era como uma metralhadora e eu já estava pigarreando para segurar o riso. Quase botando todo o plano a perder. Antes que o homem respondesse, meu amigo continuou. — Quando precisar de ajuda com a contabilidade, pode me encaminhar os documentos e eu mesmo vou destiná-los a um profissional competente. Não são contas de supermercado, Demétrio! Você não pode dar acesso a documentos confidenciais a qualquer funcionário.

— Sim, senhor! — concordou a contragosto.

— Como eu disse, este é João. Ele ficará encarregado do cuidado com os cavalos. Foi contratado pelo Sr. Gallagher e eu mesmo cuidei de toda a documentação, assim como cuidarei do pagamento. Não tem com que se preocupar.

O homem pensou por alguns segundos, encarando-me de cima abaixo e eu me esforcei para me comportar como deveria.

— Certo! — disse depois de um tempo. — Vou mostrar a ele os chalés dos funcionários. Tenho um vazio, creio que o rapaz pode se instalar por lá.

Marcos me encarou como se precisasse de uma confirmação sobre minha permanência em uma instalação de funcionários.

— Obrigado, Senhor! — agradei diretamente ao administrador, embora ele continuasse me encarando com ar de superioridade.

— O doutor volta para São Paulo hoje? — Demétrio questionou.

— Sim! Volto no fim da tarde, mas estou aguardando a visita do Sr. Gallagher, portanto virei ao haras algumas vezes na semana. Quero me inteirar da situação da propriedade de maneira mais efetiva.

O homem pigarreou e tossiu e se eu tinha um pé atrás com ele pela displicência nas relações amorosas, agora eu tinha os dois — além de imoral, o homem

provavelmente era desonesto.

— João tem carta branca para cuidar dos animais e qualquer problema que aconteça, pode ser tratado diretamente comigo. Espero não ter problemas quanto a isso.

— Comigo não terá! — assentiu falsamente. — Mas sabe como Isabele é. Ela não lida muito bem com cavaliços. Correu daqui com os dois últimos que arrumei. Espero que o rapaz saiba lidar com o gênio forte da potranca — riu debochado, mas Marcos e eu não o acompanhamos.

— Não se preocupe, tenho certeza de que João conseguirá se entender com a Dra. Isabele.

Demétrio pegou um chaveiro e fez sinal para que o acompanhássemos.

Seguimos por um caminho diferente, separado da área de visitantes por uma cerca viva cheirosa, repleta de flores rosadas.

Um pouco à frente, depois de um gramado verde e bem aparado, havia cinco chalés pequenos. Dois ficavam bem próximos, um de frente para o outro e dois deles mais afastados.

O último ficava um pouco antes do riacho. Separado de tudo por algumas árvores frutíferas.

O administrador seguiu direto pelo caminho de dormentes entre os chalés, e parou na varanda do último.

O lugar era feito de tijolos de barro pequenos e madeira. Rústico e simples. Um pouco empoeirado e cheio de teias de aranha. Uma cerca baixa delimitava o que provavelmente seria meu quintal.

O jardim estava mal cuidado e necessitava de uma poda, embora as flores e plantas estivessem verdes e viçosas. A terra do lugar parecia muito boa para o cultivo.

A varanda se estendia em um deck de madeira envernizada que permitia ver as montanhas ao longe. Havia algumas madeiras soltas no guarda corpo, mas a beleza da vista compensava qualquer coisa.

— Você pode ficar com este aqui. É simples, mas tenho certeza de que você dá um jeito!

Havia certo ar de deboche em sua fala. Como se qualquer coisa estivesse boa para um cavaleiro. Eu não importava com o fato da moradia ser simples. Até achava que ela tinha certo charme, mas eu me importava com o

fato de ele se sentir superior.

— Os móveis estão um pouco gastos, mas você pode trocar se quiser. Eu mesmo morei aqui até ter dinheiro para comprar meu apartamento. Você precisa aprender a poupar, rapaz — vangloriou-se.

Eu concordei com a cabeça. Sobrancelha levemente arqueada para Marcos que tentava segurar o riso da melhor maneira possível — *se o pobre homem soubesse que eu definitivamente não tinha problemas com dinheiro, iria se envergonhar da pequena aula grátis de finanças que estava me dando.*

Abriu a porta e entramos. Eram dois cômodos e um banheiro. Um dos cômodos era amplo e claro por causa das portas duplas da entrada. Tinha um balcão no meio que servia de apoio para refeições e uma pia. Os armários eram simples e de madeira pintada de amarelo claro. Os azulejos azuis céu deixavam a pequena cozinha com o ar bucólico do campo.

Do outro lado do balcão, duas banquetas com o estofado rasgado e um sofá que precisava ser lavado urgentemente. Havia resquícios de pelos e lama e eu

podia jurar que meus novos amigos de quatro patas costumavam dormir por ali.

— Vou pedir a Josefa que providencie algum enxoval para você, rapaz. Sempre trocamos as roupas de cama e banho do hotel, assim não precisa se preocupar com isso. Creio que seja solteiro e que não possua essas coisas.

— Seria ótimo. Agradeço sua atenção — respondi polido.

A cama era de madeira maciça, bem resistente e suficientemente grande para uma cama de solteiro. Havia também uma mesinha de apoio e um armário de duas portas, além de uma cômoda. Sobre a cama, havia uma pintura em tela de um cavalo castanho manchado de branco.

O banheiro era simples. Duas peças e um chuveiro meio enferrujado. O box tinha uma cortina de plástico transparente e encardida.

— Como eu disse. — O homem continuou. — É suficiente para um cara sozinho. Você pode lavar suas roupas aqui — indicou um tanque velho. — Ou pode deixar separado que a faxineira lava junto com os uniformes do hotel. Vou pedir ao Geraldo que venha ajudá-lo com a arrumação do

lugar e amanhã você começa logo cedo no trabalho.

— Combinado. Agradeço por enquanto.

Demétrio nos deixou e Marcos soltou o riso contido assim que ele passou pelas árvores.

— Se alguém me dissesse que depois de passar dois dias em uma das coberturas mais caras de São Paulo você ia acabar aqui, eu não acreditaria! — debochou. — Olha companheiro, a foda tem que ser muito boa para valer uma noite nesse pulgueiro! Sério!

Ri sarcástico junto com ele, mas a verdade era que eu realmente não me importava. Eu havia passado algumas noites em lugares bem piores em minha vida. O chalé não era ruim, só precisava de uma boa faxina e algum conserto, mas eu podia resolver isso com um pouco de ajuda. Eu não tinha problema com a simplicidade do lugar, muito pelo contrário, abrir a janela do quarto e encarar o sol brilhando acima das montanhas me dava uma paz que há tempos eu não tinha.

— Já que mudamos de planos — Marcos continuou. — Vou deixar você aqui, cuidando da sua nova casa e vou passar no escritório do comedor de recepcionistas para

ver consigo finalmente ter acesso a documentação que ele vive enrolando para me mandar. Cada dia uma desculpa diferente, desde que meu pai se afastou do trabalho. Podemos conversar mais tarde, por vídeo conferência. Se é que a internet funciona nesse lugar!

— Não se preocupe companheiro, tenho internet móvel no celular e ela parece muito boa! — brinquei chacoalhando meu aparelho para ele. — Podemos conversar depois do jantar.

— Se precisar de algo John, basta me ligar, sabe disso. E se quiser alguma coisa da cidade também. Acho que vou ficar por aqui hoje, só para garantir sua pele.

Meu amigo se foi e eu fiquei sozinho, encarando a vista da minha nova janela. Parecia um quadro, ensolarado e bonito, só não era mais bonito que Isabele.

— *Ma belle...* — sussurrei.

As palavras deixaram minha boca tão rápidas que só depois me dei conta. Isabele. Minha bela Isabele.

Isabele

Fiquei no ambulatório por toda a manhã. Eu não queria correr o risco de trombar no cara da baia novamente. Pelo menos por enquanto. Eu já tinha problemas demais com Henrique e a última coisa que precisava era ficar deslumbrada pelo tratador de cavalos.

Perto da hora do almoço, Joca e Salomão apareceram na minha porta. O cãozinho sentou-se primeiro, seguido do amigo grandão. Era sempre assim, desde que eles apareceram no haras. Duas bolinhas peludas quase do mesmo tamanho. Joca era alguns meses mais velho, e conseqüentemente mais esperto, mas não demorou muito para que Salomão quadruplicasse de tamanho. Eles eram uma dupla interessante. A prova de que a amizade não escolhe face.

— Hey garotos, um pouco cedo para o almoço, não é? — brinquei vasculhando em busca de algum biscoito em minha bolsa. — Vocês precisam guardar um espaço na barriga para a comida, mas vou ser legal e dar um petisco — distribui um biscoito para cada.

Eles comeram e se deitaram na pequena varanda,

em frente ao ambulatório. O sol do outono era morno e confortável, mesmo perto do meio dia e os cães adoravam descansar ali.

Abri o frigobar em busca de algo que me permitisse não ir almoçar no refeitório, mas não encontrei nada. O último iogurte da minha bandeja estava vencido há duas semanas e provavelmente não seria uma boa refeição.

Desliguei o notebook, depois de terminar os registros de vacina e conferir quais animais precisariam de doses pela semana e peguei meu celular e as chaves — *pelo menos assim eu poderia fingir que vasculhava alguma rede social, ao invés de interagir com os outros funcionários.*

Voltei pelo caminho de dormentes, cruzando apenas com Suzana e Maria, as duas arrumadeiras. Cumprimentei e segui adiante.

Sentei na ponta da mesa comprida de madeira, o prato de comida em minha frente. Meu garfo insistindo em misturar o arroz e o feijão com o molho da carne assada, mas minha mente estava bem longe. Meu coração palpitava ansioso, pensando se o garoto demoraria a

passar pela porta. Meus olhos tentavam se fixar na tela do celular em vão, indo e vindo da porta como quem acompanha um jogo de tênis.

— Doutora? — Demétrio chamou baixinho fazendo-me pular na cadeira. Eu estava tão distraída que nem tinha reparado em sua aproximação. — Geraldo estava procurando por você. Algo sobre um ninho de marrecos. Não prestei muita atenção. Quando puder, procure por ele. — Claro! Pode deixar.

Três garfadas depois, desisti de almoçar. Levei meu prato até o balcão e tomei um copo de água fresca. Segui para a casa de Geraldo porque ele costumava descansar na varanda após o almoço.

Segui pelo gramado sentindo meu coração acelerado. Aquela sensação de ansiedade ridícula de quando somos adolescentes insistia em não sair de mim.

Será que ele ficaria em um dos chalés?

Não seja boba Isabele! Ele provavelmente tem uma casa para voltar! Talvez até tenha uma namorada ou esposa! Jesus! Será que ele era casado? Eu não consegui reparar nas mãos dele. Estava perdida demais

nos olhos para reparar nas mãos.

*Bem, se ele for realmente casado, tanto melhor!
Assim resolvo minha paixonite idiota de uma vez.*

— Geraldo? — chamei baixinho porque se ele estivesse cochilando, eu não gostaria de acordá-lo.

O sofá da varanda estava vazio.

— Geraldo? — insisti um pouco mais alto, já que a porta estava aberta, talvez ele me ouvisse.

— Ele está no chalé do morro! — Francisco, o jardineiro gritou da sua própria varanda.

Francisco e Josefa moravam no chalé em frente à casa de Geraldo e Renata. Tinham dois filhos que não moravam mais com eles. Estavam na faculdade.

— Obrigada! — agradei e segui rumo ao último chalé.

Assim que atravesssei o rio e me aproximei da casa, a música me invadiu. A melodia suave e cheia de sensualidade fez meu coração se aquecer. Era a letra de John Mayer, mas a voz não era a dele. Era intensa e doce, como quando se dá uma mordida em um chocolate gostoso e ele vai derretendo em sua boca e se misturando em seus sentidos. Era assim, a voz ia se misturando em meus

sentidos, embrenhando-se em minha pele e chegando lá no fundo da minha carne. Fechei os olhos por um segundo, deixando que ela me levasse.

Dei um passo à frente, procurando de onde vinha o som. Era ele. O funcionário novo. Ele estava sem camisa, sentado no deck de madeira, de costas para mim. A guitarra descansando em seu colo, os dedos movendo-se com destreza nas cordas. O sotaque perfeito no inglês, como se ele compreendesse cada palavra da música.

As costas largas e os braços fortes na medida exata faziam a visão absolutamente perfeita. Gotas de suor escorriam pela pele clara e uniforme e se perdiam no elástico da cueca preta. Soltei o ar que nem sabia que estava prendendo, completamente hipnotizada.

— Procurando por mim, doutora? — A mão de Geraldo em meu ombro me fez pular pela segunda vez no dia. — Desculpe, não quis te assustar — sorriu.

— Não se preocupe Geraldo! Eu só me distraí — tentei consertar virando-me para ele. — Demétrio disse que queria falar comigo, aí Francisco informou que você estava aqui no chalé e... — Algo no olhar que o homem

lançou entre mim e o garoto me fez ter certeza de que eu estava vermelha como um pimentão e que qualquer coisa que eu dissesse só me faria mais culpada.

— Vem doutora, vamos ver o marreco — chamou com um risinho pairando em sua boca.

Para minha sorte, tive trabalho pelo resto do dia. Um comprador apareceu com seu veterinário para examinar dois dos nossos potros e eu passei algumas horas mostrando os cavalos e a documentação deles. Depois disso, recebemos alguns materiais e medicamentos que eu havia pedido antes de sair de férias. A proprietária nunca poupou dinheiro com os animais do haras, mas de alguns meses para cá, Demétrio queria que eu fizesse milagre.

Enquanto eu organizava minha maleta, Fernanda apareceu na porta do ambulatório.

— Jesus santíssimo, Isa, me arruma uma vaga aqui porque sério, eu topo até limpar estrume se for para fazer isso com aquela visão ali — apontou para o galpão ao lado do celeiro.

Levantei da minha mesa para poder ver o que ela

mostrava. Era o garoto, que agora eu sabia que se chamava João. Ele estava consertando uma banquetta de madeira. Assim que eu o olhei ele levantou a cabeça e limpou o suor do rosto na camiseta justa, deixando o abdômen a mostra. Juro por Deus que parecia uma cena daqueles filmes com cowboys gostosos e safados.

— JE-SUS! — limpou o canto da boca, como se não quisesse babar. — Você não me disse que estavam gravando um comercial ou coisa assim — brincou.

— Para mulher! Você está dando pinta! — reclamei

— Eu queria dar bem mais que pinta, amiga.

— Fernanda!

Ela riu debochada, mas não deixou de encarar o rapaz, que agora caminhava até nós. Tudo que eu queria era um buraco bem fundo, onde eu pudesse enfiar minha cara vermelha de vergonha.

— Boa tarde, doutora! — Ele cumprimentou polido. A mesma voz que mexia com algo lá no fundo da minha alma. — Acho que não fomos apresentados devidamente. Sou João. Quero que saiba que estou a sua disposição. Espero poder ajudar na lida com os animais.

Engoli em seco a poça de saliva que havia se formado em minha boca.

— É um prazer! — estendi a mão. — Sou Isabelle e fico feliz que esteja empolgado com o trabalho. Seja bem-vindo.

Ele tocou sua mão na minha com firmeza e propriedade. Não era o aperto tímido que os trabalhadores do campo geralmente tem. Não havia marca alguma de anel ali.

Sua mão era lisa e bem cuidada, mas não tinha nada de delicado nela. Não era como as mãos de Henrique, nem de longe. O calor que emanava da sua pele na minha fazia meu sangue ferver.

Tentei ser o mais discreta possível, mas minha amiga me conhecia bem demais. O sorriso que assumiu seus lábios deixava bem claro que ela já havia percebido meu interesse adolescente no rapaz. Para ser sincera, acho que até ele já havia percebido porque eu não era exatamente boa em esconder sentimentos.

— Hoje não consegui ajudar muito porque estive empenhado em deixar o chalé habitável, mas amanhã

prometo estar pronto para o trabalho — sorriu sem tirar os olhos dos meus.

— Nos vemos amanhã então. Tenha uma boa noite e aproveite para descansar. O trabalho é duro por aqui.

— Será um prazer trabalhar ao seu lado, Dra. Isabele.

Pronto! Se havia algum ponto de cor normal em meu rosto, agora estava tingido de vermelho também! Ele tinha o dom de me deixar perdida, sem jeito, desconexa.

Havia algo nele que não se encaixava com a lida no campo. Ele era altivo demais, confiante demais. João era como uma caixa embrulhada em um papel bonito. Eu não fazia ideia do que havia lá dentro, mas não podia negar que estava ansiosa por descobrir.

Capítulo 5

John

Assim que todos se foram, eu finalmente consegui relaxar.

Eu não me importava em viver de maneira simples e menos ainda de trabalhar com os animais. Para ser sincero, era o que eu mais desejava para minha vida, desde sempre, mas era estranho fingir que não era eu.

Nunca fui um homem arrogante. Nunca precisei firmar autoridade através do dinheiro que tinha. Meu pai havia ensinado que respeito se conquista, mas eu não podia fingir que estava mais acostumado a mandar do que a obedecer.

O primeiro dia na pele de João Leão haviam ensinado a mim muito mais coisas do que anos na pele do Sr. Galagher ensinaram.

Demétrio estava com os dias contados em minha propriedade e não era porque eu desconfiava da

honestidade dele, mas porque alguém que trata os funcionários como ele, não merece um centavo da fortuna que meu avô construiu. Ele era grosseiro e arrogante com todos, menos a garota que ele estava comendo quando Marcos e eu chegamos a propriedade.

Ela era outra que me fazia manter dois pés bem atrás. Arrogância, preguiça e olhos ardilosos, escondidos atrás de um sorriso angelical. Renata me fazia lembrar Alissa e qualquer pessoa que me fizesse lembrar aquela vagabunda merecia atenção e cuidado.

Por outro lado, Geraldo havia ganhado minha confiança e amizade. Ele era o tipo que deixa as próprias coisas de lado para ajudar alguém que precise. Ele me ajudou a lavar o sofá e a consertar o que precisava na casa. No fim das contas, descobri que tenho ótimos funcionários no haras. Josefa, Francisco e Geraldo eram cuidadosos, gentis e preocupados e fizeram com que eu me sentisse acolhido.

Tirei a roupa e liguei meu chuveiro recém-instalado. Para minha sorte, havia um aparelho novo para reposição dos quartos de hóspedes e Marcos fez o favor de autorizar

a troca. Pelo menos banho quente, eu teria.

Assim que desliguei a ducha, os sons do mato invadiram meu chalé. Eram sapos, aves noturnas, pequenos roedores e insetos. A lâmpada da varanda acesa havia atraído vários bichinhos que agora voavam em círculos em volta da luz.

Vesti uma calça de elástico e uma camiseta dos Beatles e me sentei em um dos bancos do deck. A noite estava fria, mas o frio do Brasil não chegava nem perto do inverno que enfrentávamos na Holanda. Eu gostava do vento fresco em minha pele.

Saquei o celular do bolso e vi que havia uma mensagem de Hanna.

“Você está fora há menos de uma semana e já se esqueceu de mim” — dizia dramática como sempre era.

Sorri e procurei pelo nome dela nos meus contatos. Minha irmãzinha atendeu no segundo toque.

— Sabia que você é um irmão ingrato?

— Sabia que você ficou linda na nova foto que colocou no seu perfil? — elogiei porque sabia que isso ia quebrar as barreiras dela. Não era mentira, minha irmã estava cada

dia mais bonita e parecida com mamãe.

— Como estão as coisas por aí, John? — perguntou depois de alguns segundos de riso.

— Como deveriam, Hanna. Estou cuidando de tudo.

— Você volta logo?

— Ainda não sei, maninha — confessei. — Preciso acertar umas coisas na minha cabeça, Hanna.

— Se você ficar muito tempo por aí, posso ir te visitar? Sabe, sinto falta do Brasil. Queria voltar aí e sei que agora sem vovó, talvez eu nem volte.

Eu compreendia a tristeza em sua voz. Ela sentia falta, como eu sentia. Junto com vó Margarida, uma parte da nossa família havia morrido. Nós não tínhamos mais nada que ligasse a nossa mãe. Isso era triste, por mais que tivéssemos Laura conosco.

— Quer falar com o papai? Ele acabou de entrar aqui.

— Quero! Me passa o velho.

— Como estão as coisas, filho? — perguntou depois de alguns segundos.

— Interessantes, eu diria — brinquei. — Espero que melhorem, Sr. Galagher. Estou em um experimento novo.

Meu pai riu.

— John Albert, John Albert não me venha com gracinhas!

— advertiu sério, mas eu sabia que era brincadeira.

— Não se preocupe, pai! Está tudo bem comigo e estou aproveitando muito bem meu tempo por aqui.

Fez alguns minutos de silêncio.

— Sabe que sempre haverá um lugar para você aqui, certo filho?

— Certo! — sorri ao responder.

— Busque seu lugar no mundo, ciente de que seu lugar aqui conosco estará sempre pronto para você.

Desliguei o telefone sentindo meu coração em paz. Eu tinha o melhor cara do mundo como pai. Ele havia se perdido um pouco, mas Laura o havia ajudado a se encontrar.

Cruzei as mãos atrás da cabeça e apreciei a lua no céu estrelado. A noite na fazenda era infinitamente mais bonita e iluminada.

Meus pensamentos voaram rápido até a morena que ficava deliciosamente corada quando eu a olhava. Seu jeito desconcertado era incrivelmente sexy porque ela

tentava não demonstrá-lo.

— Dra. Isabele — repeti em voz alta, deixando o nome dela tomar forma. Pensando em como seria se eu a tivesse comigo, nessa noite estrelada.

Isabele

— Finalmente aquele almofadinha imbecil vai se lascar!

— Minha amiga ria alto no caminho para casa.

— Nanda, para! O garoto é funcionário do haras.

— Uhum... Sei disso! Sei também que você e ele vão se ver todos os dias o dia todo. E pelas bochechas pegando fogo, imagino como está o resto de você! — riu debochada. — Mas olha amiga, eu apoio viu? Até eu, ficaria assim! Impossível não querer dar uma mordida naquele pedaço de homem.

Acabei rindo meio sem querer.

— Deus fez ele e jogou a forma fora! Só pode! Porque eu nunca encontrei alguém como ele por aqui! Sério! Ele parece um daqueles atores gringos que a gente vê na TV.

Aliás, tem alguma coisa no sotaque dele que é diferente. Sei lá, não consegui decifrar.

— Fernanda, Fernanda, você anda vendo *Netflix* demais — brinquei. — Não vi nada demais no sotaque do moço.

Minha amiga estacionou o carro em frente ao nosso apartamento e beijou meu rosto.

— Não vou te dizer para se divertir porque seria impossível, tendo em vista quem estará ao seu lado — zombou. — Mas tente não vomitar no sapato de couro importado dele e se precisar de força, feche os olhos e pense no João gostoso.

— Você não presta! — neguei com a cabeça rindo. — Tenha uma boa aula!

Fernanda fazia especialização em fisioterapia neurofuncional. Estava realizando um belo trabalho com pacientes com síndrome de Down. Nosso sonho era que Demétrio nos permitisse um trabalho de equoterapia em conjunto, mas ele sempre achava bobo e desnecessário.

Eu achava desnecessário manter os animais ali, sem função alguma, apenas para divertimento de meia dúzia de ricos, mas quem era eu?

Assim que abri a porta, Teodoro veio para cima de mim, se enroscando e abanando o rabo em busca de carinho. Abaixei para afagar sua cabeça grande.

— Hey garoto bonito! Senti sua falta!

Enchi sua vasilha com comida e troquei a água. Deixei-o se alimentando e fui até o quarto. Tirei a roupa e me sentei na cama de *lingerie*, deixando o corpo cair contra o colchão macio. Fechei os olhos. A sensação da mão dele na minha ainda estava ali e toda vez que eu pensava no seu toque, sentia algo bater asas dentro de mim.

— João Leão — repeti em voz alta, deixando as palavras emoldurarem minha lembrança dele.

Ele não parecia real. Ele era como um príncipe encantado perdido em uma história que não pertencia a ele. Bonito, gentil, educado. Ele tinha o sorriso mais matador que eu já havia visto na vida. Tinha uma altivez nata. Não se encaixava na vida de cavaliário.

Meu telefone tocou fazendo-me pular e voltar a realidade.

— Oi, gatinha! — A voz ecoou pelo quarto assim que

toquei na tecla de viva voz. — Vamos ter que desmarcar nosso jantar de hoje. Consegui uma brecha na agenda do Prof. Volph. Você sabe como isso é importante, não sabe?

Respirei fundo antes de dizer algo — Volph era um dos professores do nosso antigo curso. Ele tinha ideia completamente diferente da minha sobre veterinária. Tratava os animais como se fossem coisas, mas tinha uma excelente lábia e seu nome sempre estava nas revistas especializadas.

— Claro que sei, Henrique. Não se preocupe. Podemos nos ver outro dia.

Eu queria dizer que por mais que eu odiasse o tal professor, ele havia me feito um favor. Eu não queria jantar algum para fazer as pazes porque eu não queria fazer as pazes, eu queria terminar.

— Sexta-feira, gatinha! Sexta-feira teremos nosso jantar especial. Prometo que vai valer a pena esperar. Assim aproveito e acerto tudo que preciso sobre a viagem.

Desliguei o telefone me sentindo aliviada — *ela iria mesmo para Alemanha e eu ficaria livre e em paz.*

Tomei um banho, comi um dos potes de salada de

Fernanda e me sentei no sofá. Pernas apoiadas na mesa de centro, com a cabeça do cachorro sobre meu colo, enquanto zapeava pelos canais de televisão. Quando acordei, já era de manhã. Havia um cobertor sobre mim, mas metade dele tinha sido roubada por Teodoro.

Acordei com a mesma dor nos olhos que vinha me acompanhando nas últimas semanas. Eu sabia que havia mais nela do que apenas uma dor de cabeça. No fundo, sabia que algo não ia bem. A gente sabe, sente, mas finge que não há nada de errado porque quer seguir em frente. Essa vida moderna que almejamos tanto não nos dá tempo para adoecer.

Tomei uma ducha rápida, vesti meu uniforme e escovei os dentes. Aproveitei que tínhamos um pacote de massa de panquecas na geladeira e fiz algumas para o café da manhã.

— Hum... Alguém acordou bem humorada e tenho certeza de que isso se deve ao fato de não ter saído para jantar ontem!

— Bom dia para você também, Nandinha! — beijei seu rosto. — E obrigada por cuidar de mim. Agora sente-se

que vou te lhe servir.

Tomamos nosso café falando sobre João. Ele parecia ser o assunto preferido de dela e eu sabia por que — *Ela odiava Henrique e não queria ficássemos juntos.*

Desde uma vez em que ele a destratou porque um paciente no hospital escola a chamou de doutora. Ele fez questão de deixar claro a ela que o status de doutor não pertencia a ela, uma reles fisioterapeuta. Desse dia em diante, Fernanda nunca mais conseguiu tolerá-lo. Não que ela fizesse questão de algum título porque ela era fisioterapeuta por amor a profissão, mas porque ele havia sido arrogante e prepotente mesmo.

Deixei Fernanda na clínica e fiquei com o carro. Eu tinha uma consulta após o almoço porque não aguentava mais minhas crises de enxaqueca. Eu tinha quase certeza de que precisava de óculos porque ultimamente vinha sentindo a visão cansada e com pequenos pontos brilhantes ou escuros e isso estava me tirando o sono.

Estacionei perto do ambulatório e segui direto para minha sala. Eu não estava a fim de trombar em Renata com algum comentário idiota sobre João porque iria me

irritar e eu não queria começar meu dia com o pé esquerdo.

Deixei minha bolsa no armário e peguei a maleta.

Segui direto para a área das baías. E assim que avistei a arena no centro das baías, não consegui mais avançar. — Ele estava lá, com um dos cavalos xucros que havíamos recebido na última leva. O mais arredio de todos. Nenhum dos funcionários havia ficado em cima dele mais do que dois segundos. Ele costumava pular e relinchar alto para afastar qualquer um que tentasse se aproximar. Havia sido vítima de maus tratos na antiga fazenda em que nasceu.

João estava no centro da arena. Sua camiseta estava amarrada na ponta de uma vara comprida de bambu. Tufão corria em círculos, veloz como gostava, sua crina negra balançando com o vento e João apenas o observava. Ficou assim até que o animal diminuiu a velocidade. Então, ele esticou a vara e a cada vez que o cavalo passava por ela, recebia um pequeno toque do tecido em seu dorso.

Eu me apoiei contra a cerca, ao lado de Gildo, o outro cavaleiro que trabalhava conosco.

— Esse moleque vai acabar assustando o Tufão, doutora!
— advertiu. — Ele tem que montar logo no animal ou esse bicho vai ficar cada dia pior.

Encarei a cena por mais um segundo. Seu corpo bonito desenvolto e seguro. Olhos tranquilos encarando o animal. Ele parecia mais calmo a cada volta, sentindo que não seria desrespeitado.

— Já ouviu falar em doma gentil, Gildo? — perguntei.
— Não conheço não, doutora.

Sorri.

— É exatamente isso que ele está fazendo. Está mostrando ao Tufão que não vai machucá-lo. Está ensinando como é um toque de carinho.

Gildo ficou em silêncio, encarando a cena junto comigo. Depois de algum tempo, o cavalo finalmente parou de correr. Seu trote estava tranquilo, como João também estava. Quando ele finalmente parou, o domador se aproximou. Palma estendida para o animal, mostrando que não lhe faria mal. Que os dias de maus tratos haviam ficado para trás.

Sua palma tocou os pelos macios do dorso de Tufão

e ele relinchou baixo, um pouco ansioso e amedrontado, mas não se afastou. O homem insistiu no toque, até que conseguiu correr os dedos pelo dorso, indo e vindo. Acariciou a crina com carinho e ganhou um espirro no rosto.

Seu riso fez com que eu me pegasse rindo também.
— O garoto é bom, doutora! — Gildo admitiu quando João conseguiu passar o laço no pescoço de Tufão.
— Ele é, Gildo! — concordei. — Muito bom!

Demorou pouco mais de meia hora para que João estivesse em cima de Tufão. Sua mão firme na rédea, deixando o animal sentir como era carregar alguém. O animal não tentou derrubá-lo uma única vez. O tempo todo, ele acariciava a crina do animal e conversava com ele. Eu não podia ouvir o que dizia, mas seu semblante me fazia crer que o estava acalmando.

Seus olhos encontraram os meus e permaneceram assim. Um sorriso convencido brilhando em sua boca bem desenhada que eu não pude ignorar. Balancei a cabeça sorrindo, sem conseguir desviar o olhar.

João desceu do cavalo e o puxou pelo laço até o

estábulo. Eu peguei minha maleta e segui para lá também. — Então, doutora — sorriu se aproximando de mim, depois de deixar o animal na baia. — Você aprova minhas técnicas de doma? Porque o pessoal daqui disse que eu ia estragar o cavalo e eu disse que só obedeceria você — galanteou com aquele riso safado no canto dos lábios.

Eu me aproximei do seu ouvido ainda sorrindo. — O pessoal daqui não entende nada de cavalos! — confessei rindo e ele sorriu mais. — Vou pegar uma camiseta limpa e volto para ajudá-la, doutora.

Passamos a manhã toda na lida com os animais. Os três potros mais jovens precisavam de alguns exames de sangue e João me ajudou a colher as amostras. Ele era de longe o melhor funcionário que o haras havia contratado. Astuto, preocupado, gentil. Eu não poderia estar mais satisfeita.

— Vamos almoçar? — convidei.

— Será um prazer, doutora — sorriu. — Mas antes vou me limpar. Não seria adequado me sentar ao seu lado sujo dessa maneira.

Era uma frase simples, mas deixava sua boca terrivelmente sensual. Quase sexual. Eu podia ver imagens de João sem camisa, lavando-se no tanque do ambulatório.

Jesus Isabele, quem precisa de um banho frio é você! — pensei enquanto tentava não demonstrar o quão afetada ele me deixava.

Eu fui na frente até o refeitório. Fiz meu prato e me sentei em uma das pontas, onde sobraria espaço para João se sentar comigo. Ele chegou logo depois, mas assim que passou pela porta, Renata grudou nele como um carrapato.

De onde estava, eu não podia ouvir o que ela dizia, mas podia ver o quanto ele estava entediado. A mulher ria como uma hiena afogada, e ele apenas acenava com a cabeça para não ser indiscreto.

— Vem João! — segurou em seu braço. — Vem sentar aqui para gente continuar o papo.

Ele desvencilhou-se de seu toque com um gesto delicado, mas firme.

— Se não se importa... — Seus olhos estavam nos meus. — Tenho assuntos a tratar com a doutora. Trabalho, sabe?

— alfinetou. — Nós estamos adiantando algumas coisas.

Abaixei minha cabeça e tossi, tentando sufocar o riso que insistia em sair da minha garganta.

— Tudo bem, doutora? — perguntou divertindo-se com meu ataque velado de riso.

— Tudo! — limpei rosto e alisei os cabelos para trás. — Desculpe!

Depois de almoçarmos, João seguiu para a sua casa e eu para o ambulatório. Ainda restava algum tempo em nosso horário de almoço e eu precisava deixar tudo em ordem, já que sairia mais cedo.

Para meu azar, meu notebook não estava colaborando. Depois de uma atualização do sistema, tudo havia saído do lugar e eu não conseguia encontrar onde havia salvo o calendário de vacinas do último mês.

Eu já havia xingado todas as gerações da *Microsoft*, quando ele apareceu em minha porta. Banho tomado, roupa limpa e um perfume deliciosamente masculino e elegante. Eu não conhecia o cheiro, mas ele combinava perfeitamente com João.

— Olá, doutora! — cumprimentou com o mesmo sorriso

torto que o deixava tão lindo. — Algo errado? — Minha cara provavelmente me denunciou.

— Não consigo encontrar um arquivo! — reclamei. — Essa porcaria atualizou sem autorização, agora ferrei todo o meu trabalho da semana!

— Posso dar uma olhada?

Concordei mesmo que não levasse muita fé. Não que eu duvidasse da capacidade dele ou de qualquer um, mas também não acreditava que um tratador de cavalos conhecesse tanto de computadores.

João veio por trás de mim, impedindo-me de levantar da cadeira. Suas mãos envolveram-me sem me tocar. Eu podia sentir o calor da sua pele emanando dele para mim. Seu perfume inebriando meus sentidos, sua respiração em meu pescoço, fazendo algo dentro de mim se agitar descontroladamente.

— Seu problema não é com a atualização doutora, seu problema é um *malware*. Vê? — apontou para algo na tela. — Ele está escondendo alguns arquivos seus. Vou rodar um programa na sua máquina. — Seus dedos se moviam rápidos no teclado, enquanto aviso em inglês

apareciam na tela. Ele parecia compreender todos eles, mas provavelmente estava apenas seguindo os passos de ativação do programa — Pronto! — afirmou depois de algum tempo. — Não desligue sua máquina até que o programa tenha terminado a varredura e você vai ver como tudo volta ao normal.

— Puxa! Obrigada!

— É um prazer ajudá-la.

— Bom com cavalos e com computadores — brinquei. — O que mais, João? — provoquei sem nem mesmo entender por quê.

Ele ainda estava próximo demais. Encostado em minha mesa, de frente para mim. Sorriu com a mesma malícia sexy que tinha quando me pegava olhando para ele.

— Sou bom em muitas coisas doutora e, nas que não sou tão bom assim... eu me empenho mais.

Suas palavras me atingiram em cheio, revirando o pouco bom senso que eu ainda tinha.

João se aproximou mais um pouco e eu jurei que fosse tentar me beijar, e sinceramente, se ele tentasse

provavelmente conseguiria, mas não tentou. Ele parou a centímetros do meu rosto e sorriu de novo.

— Se precisar de mais alguma coisa, doutora. — Sua voz era macia como veludo. Sedutora e profundamente sexy. — É só dizer. Diga do que precisa e eu dou um jeito.

Limpei a garganta tentando recuperar o pouco de juízo que João não tinha me levado. Respirei fundo e me levantei da cadeira, deixando um pouco de espaço entre nós.

— Obrigada. Você é muito gentil. Agora, se me der licença, preciso ir. Tenho uma consulta.

Eu falava sem parar todas as vezes que me sentia nervosa e isso acontecia com frequência, sempre que João estava por perto.

— Está doente? — preocupou-se.

— Vou ao oftalmologista. Acho que preciso de óculos — confessei.

Ele sorriu e me encarou com aquele olhar incrivelmente safado e delicado ao mesmo tempo.

— Vai ficar ainda mais bonita de óculos, doutora!

Não tive tempo de responder coisa alguma. Ele

terminou a frase e saiu andando pelo gramado, em direção ao estábulo. Eu fiquei ali, com cara de idiota me sentindo a Julieta no balcão.

Juntei minhas coisas e sentei no banco do motorista do carro de Fernanda. Minhas mãos contra o couro do volante.

Isabele, Isabele, você não pode deixar esse garoto desestruturar você desse jeito!

Capítulo 6

John

Isabele foi embora, e todo o meu dia perdeu a cor. Eu estava me envolvendo com ela rápido demais. Estava permitindo que ela chegasse onde ninguém havia chegado antes. Eu não era mais um adolescente, mas ela me fazia sentir como se fosse.

Não beijei Isabele naquele momento porque não queria cometer erro algum. Eu precisava ter certeza de quem ela era antes. Não queria passar pelo que meu pai havia passado com minha mãe. Eu não queria cair no mesmo conto que ele havia caído.

Para a minha sorte, trabalhar com os cavalos me acalmava e deixava em paz. Apesar de tudo, cada dia que passava eu me sentia mais em paz ali.

Quando meu horário de trabalho terminou, tomei um banho rápido e me sentei na varanda. Era meu lugar preferido naquele haras. Eu podia ver o mundo com outro

olhar.

Meus pensamentos não demoraram a se perder em Isabele novamente. Eu gostava de como ela tentava ser profissional e correta o tempo todo, mas sua doçura não demorava em aparecer, ainda que velada. Ela era gentil com os funcionários e com os animais. Era prestativa com os hóspedes, mesmo que não fosse sua obrigação.

A postura dela era extremamente profissional e até dura, às vezes, mas eu compreendia. Isabele tinha medo de que sua pouca idade e beleza a fizessem ser vista apenas como a mulher bonita que era. Ela quase não se maquiava e suas camisetas eram sempre folgadas e confortáveis. A roupa íntima nunca era mostrada. Sempre havia uma camiseta justa por baixo, cobrindo seus atributos femininos.

Eu havia crescido cercado por mulheres que faziam questão de obter vantagens com seus atributos, era instigante vê-la fazer exatamente o contrário. Eu queria conhecer mais da garota que havia atrás de tudo aquilo. Queria descobrir quem era a Isabele, não a doutora.

Aproveitei o sinal bom de internet para fazer uma

busca sobre ela.

Não é difícil saber da vida das pessoas hoje em dia. A maioria delas faz questão de se exibir em redes sociais internet a fora, mas esse não era o caso dela. Minha musa não era muito propensa a dividir segredos em redes sociais. Tudo que eu consegui foram meia dúzia de fotos e postagens genéricas sobre o dia e o humor dela.

Isabele Andrade era solteira. Tinha vinte e seis anos e, pelo que pude perceber, dividia a casa com a tal amiga morena que tinha vindo buscá-la e um cachorro que mais parecia um pônei. Era formada pela Universidade Estadual de Botucatu em Veterinária e fazia uma especialização em equinos.

Havia uma marcação recente dela em uma foto. Ela estava em um jantar, acompanhada de um homem que, mesmo sem conhecer, eu já odiava.

Ele sempre curti as fotos dela e sempre marcava ela nas fotos de coisas que havia comprado. Um típico playboyzinho metido a besta, do tipo que eu já conhecia.

Em uma das fotos, Isabele aparecia entre três mulheres. Ela não se parecia muito com as outras, mas

pela legenda, eu soube que eram mãe e irmãs dela. Pelos comentários pude perceber que ela amava muito a família e nisso nós éramos bem parecidos. Minha garota também estava longe de casa. Dizia sentir saudades em vários momentos.

O cachorro — pônei, se chamava Teodoro e havia sido resgatado da rua. Era um animal bonito e bem cuidado e ela deixava claro o quanto o amava também.

Quando ao homem das marcações, era possível que tivessem um relacionamento, mas eu não diria que era sério. Os diálogos eram frios e impessoais e por mais que ele tentasse incluí-la entre suas conquistas, Isabele não parecia disposta a isso.

Na foto de capa, ela estava com Celeste. Beijando o focinho da égua com carinho. Isabele era uma apaixonada por animais, como eu. Não parecia nem de longe uma caçadora. Aliás, se quisesse mesmo dar o golpe, o tal veterinário seria perfeito. Por mais que eles não demonstrassem amor, estava claro que ele pretendia manter o que quer que tinha com ela.

Abri uma das fotos, a de formatura, e fiquei

encarando o sorriso largo dela. Tão linda e cheia de vida. Tão esperançosa.

Se antes de bisbilhotar a vida dela eu estava curioso, agora eu estava encantado. De tudo que fiz na vida nesses vinte e oito anos que vivi, Isabele era a mulher mais incrivelmente parecida comigo que havia encontrado.

— Fala companheiro! — A voz de Marcos me fez voltar a realidade. — Como anda a vida no campo? — debochou.

Ele vinha carregando algumas sacolas de supermercado e as deixou sobre a mesa no deck. Sentou-se próximo a mim.

— A vida no campo anda ótima, companheiro! Melhor impossível! — entrei na onda.

— E a veterinária, como vão as coisas?

— Ela continua linda e instigante. E eu continuo disposto a ganhá-la.

— Achei que já tivesse levado a garota no bico, John! Você costumava ser muito bom nisso!

— Eu ainda sou bom nisso, companheiro, mas o fato é que não quero levá-la no bico. Quero que se apaixone por

mim.

Meu amigo me encarou como se eu estivesse louco. De fato, eu provavelmente estava mesmo! *Porque diabos eu, John Albert Van Galagher, iria querer conquistar uma pobre moça do interior? O que eu iria fazer com ela quando tivesse que voltar para Holanda? Eu iria simplesmente deixá-la aqui e seguir em frente? Eu ia mesmo deixá-la?*

Isabele nem de longe se encaixava em minha vida, em Roterdã, mas será que eu queria aquela vida de volta?

Respirei fundo e aceitei a garrafa de cerveja que Marcos me ofereceu, brindando com ele.

— Trouxe suprimentos para você! Ou você iria acabar morrendo de inanição. Não sei se servem bem os funcionários aqui.

— A comida é simples, mas é bem temperada e bem feita. É o que basta para mim, companheiro.

— Senhoras e senhores, temos um ermitão! — brincou.

Apesar das brincadeiras, eu estava satisfeito com as compras. Marcos era um bom amigo. Havia pensado em tudo. Frios e pães de excelente qualidade. Massa italiana

e alguns molhos prontos e congelados, além de coisas mais básicas como arroz, cerveja e temperos.

Tudo que eu poderia precisar estava ali no chalé, mas o que eu realmente queria não e eu só conseguia pensar nela.

Depois de preparar o jantar e comer comigo, Marcos voltou para São Paulo e eu fiquei lá, deitado na cama, pensando no que Isabele pensaria quando descobrisse quem eu realmente era. Eu estava brincando com a sorte e por mais que tivesse cuidado, poderia sair machucado disso ou pior, eu poderia machucá-la.

Isabele

— Você não precisa de óculos Isabele. Sua visão está perfeita! — O médico disse depois do exame. — Creio que suas dores de cabeça estejam mais ligadas ao estresse.

— Mas doutor, eu acabei de voltar de férias! Não posso começar assim estressada! Eu nem estou cansada, para ser

sincera! — confessei.

— Vou receitar um colírio e sugiro que você não esforce muito no notebook ou televisão. Suas dores de cabeça devem ter outro tipo de causa, mas eu sugiro que repense seus hábitos e descanse mais.

Agradei e saí sem nenhuma resposta. Por sorte, pelo menos eu não estava com dor.

Passei no mercado para dar uma abastecida em nossa geladeira e armários, já que havia decidido por conta própria excluir da minha alimentação tudo que poderia ser causar enxaqueca.

Comprei nozes, frutas e legumes, salmão e ovos orgânicos, além de verduras fresquinhas. Era tudo que eu podia fazer, já que o único horário vago no neurologista era para mais de um mês.

Quando cheguei em casa, havia um recado de Fernanda, avisando que iria a um *happy hour* e que eu não precisava esperar por ela.

Tomei um banho demorado, vesti meu pijama de unicórnios coloridos e fui para a cozinha, acompanhada de Teodoro.

— Nada de salgadinhos e refrigerante para nós! — brinquei. — Também vou regular seus petiscos! Você está ficando gordo!

Meu cachorro torceu o nariz como se compreendesse. Deu uma fungada no ramo de cenouras sobre a pia e desistiu do jantar. Foi se deitar na poltrona de leitura de Fernanda, debaixo da janela.

Eu separei algumas folhas de alface e rúcula, algumas cabeças de rabanete e tomates cereja para uma salada. Cozinhei arroz integral e um punhado de lentilhas e grelhei um pedaço de salmão.

— Definitivamente, esse jantar deixaria minha mãe orgulhosa!

Eu não era exatamente sedentária, mas estava longe de ser uma esportista. Talvez o oftalmologista tivesse razão e eu devesse mesmo melhorar minha qualidade de vida. Os anos na faculdade foram regados a porcarias e cerveja e isso não fazia bem a ninguém.

Fiz meu prato e sentei na frente da televisão. Aproveitei para colocar uma temporada de séries em dia e depois fui para cama.

Não vi que horas Fernanda chegou, mas pela manhã, ela já estava toda arrumada e pronta para me dar uma carona até o mecânico.

Finalmente minha caminhonete estava pronta e eu poderia parar de depender de um e de outro para ir trabalhar — *trabalhar em uma fazenda tinha suas limitações*.

— Nem acredito que voltarei a ser uma pessoa motorizada, Sr. Francisco! — brinquei com o mecânico que, dada a quantidade de vezes que me carro deu problema, já era meu amigo.

— Agora ficou novinho, doutora! Pode ficar tranquila que esse aí aguenta mais uns dez anos!

Agradei e entrei em feliz atrás do volante.

— Prontinho garota! Agora somos nós duas de novo!

Estacionei perto do consultório. De quarta até sábado, eram os dias em que o haras mais recebia hóspedes e o frio só piorava tudo. Estávamos em lotação máxima.

Demétrio estava às voltas com a construção de mais três chalés privativos para hóspedes, perto da colina. Ele

tinha certeza de que poderíamos subir as avaliações positivas se tivéssemos chalés para casais em lua de mel. Eu só conseguia pensar que precisávamos era refazer o cercado de pastagem dos animais. Qualquer dia um deles ia sair pela cerca mal feita e acabar fugindo.

O dia estava feio e cinzento e o vento frio me dizia que provavelmente teríamos chuva mais tarde.

Deixei minhas coisas no consultório e preendi o cabelo em um rabo de cavalo alto. Segui direto para a baía de Celeste.

— Hey, garota bonita! — chamei com uma cenoura nas mãos. — Vamos ver como vai esse cavalinho aí dentro? Sei que as coisas não aconteceram como deveriam, garota, mas prometo que vou cuidar de você da melhor maneira que puder!

Celeste se aproximou de mim e logo abocanhou o vegetal. Em nada se parecia com a égua de alguns dias atrás. Eu podia jurar que o carinho do novo tratador estava dando resultado, mas Demétrio nunca entenderia.

— Bom dia, doutora! — Sua voz entrou em meus ouvidos como música, e se espalhou em minha pele até que toda

ela estava aquecida.

— Bom dia, João! — respondi virando-me para ele. Eu poderia olhá-lo todos os dias, mas nunca ia deixar de me impressionar com sorriso dele. Tão intenso. Como se ele sorrisse com a alma e o corpo ao mesmo tempo.

Ele passou por mim, esbarrando o braço no meu. Sua pele tocou a minha por uma fração de segundos, mas cada pelo do meu corpo reagiu. Eu podia jurar que os cabelinhos da minha nuca estavam visivelmente arrepiados.

Acariciou Celeste com cuidado e cochichou algo em sua orelha. Depois correndo a mão até o ventre. Ele era o único que conseguia tocá-la na barriga. Nem a mim, ela permitia. A égua não era brava, mas arredia e voluntariosa.

— Queria saber como você consegue, encantador de cavalos! — brinquei e ele sorriu mais uma vez, fazendo-me derreter ainda mais.

— Ela sabe que pode confiar em mim, doutora, só isso. Quando eu a toco, ela sabe o que eu sinto, porque eu não minto para ela. Hoje por exemplo, eu disse a ela que ela

vai ganhar uma injeção, mas ela sabe que precisa disso.

Acabei sorrindo porque ele estava coberto de razão. Cavalos são extremamente inteligentes e perspicazes. É burrice não tratá-los como tal e João sabia disso. Na verdade, ele sabia de coisas de mais. Coisas demais para um simples tratador de cavalos, mas para ser sincera, eu não estava me importando muito com isso.

— Como foi no médico ontem, doutora? — perguntou enquanto acalmava Celeste para que eu pudesse aplicar a medicação.

— Bem. Segundo ele, eu não tenho nada além de estresse — brinquei.

— Então, se é esse o caso... — Seus olhos estavam intensos nos meus. Tão profundos e inquietantes que eu podia sentir minha pele queimar. — Você precisa se cuidar melhor, doutora. Acredite, eu sei bem o que é viver sob pressão.

Pisquei um pouco e concordei com a cabeça, encerrando o assunto, porque a sensação que eu tinha era de que se continuássemos nos encarando, acabaríamos engalfinhados no fundo da baía de Celeste.

Tirei o ar da seringa e introduzi a agulha na pele da égua. Ela relinchou um pouco, incomodada com a picada, mas não tentou fugir. As mãos de João estavam em seu pescoço, acariciando cuidadosamente.

— Obrigada pela ajuda.

— É meu trabalho, doutora — respondeu sorrindo, correndo as mãos pelo cabelo ainda úmido do banho. — E acredite ou não, é um trabalho que me dá muito prazer.

Ele mordeu o lábio, correndo os olhos por mim e eu derrubei o frasco de medicação, assustando Celeste e fazendo-a pisotear o pequeno vidro.

— Jesus, como eu sou desastrada! Demétrio vai ter um treco quando eu disser que quebrei o vidro! — reclamei enquanto João puxava a égua de lado.

Abaixou-se e começou a me ajudar a juntar os cacos. Meus olhos encontraram os dele e permaneceram assim, perdidos um no outro.

— Você é uma excelente profissional, doutora. — Ele disse, ainda sem desviar o olhar. — Se Demétrio ou qualquer outro não percebe isso, então o erro é deles e não seu.

Sorri baixando a cabeça. — Eu precisava quebrar nosso contato visual porque a eletricidade entre nós dois estava alta demais. A qualquer momento, acabaríamos eletrocutados.

— João? — Gildo chamou da porta da baia — Preciso de ajuda aqui, pode vir?

— Claro! — concordou. — Até mais, doutora. Tenha um bom dia.

Juntei minhas coisas e deixei o estábulo. Eu queria aproveitar para regularizar a carteira de vacinação dos cães do haras. Eles não tinham contato com a área de hóspedes, mas vez ou outra acabavam escapando e se divertindo pelo gramado e eu gostava de mantê-los vacinados e vermifugados corretamente.

Comi algumas bananas que o Sr. Geraldo havia deixado para mim no ambulatório e acabei deixando o almoço passar. Quando me sentei no refeitório com um pedaço de bolo e uma xícara de chá nas mãos, Demétrio sentou-se ao meu lado.

— Então Isabele, o que acha do funcionário novo? — perguntou tão levemente que se eu não o conhecesse, iria

pensar que era uma conversa à toa.

— Acho ele ótimo — dei um gole em meu chá quente. — Tem jeito com os animais e com as pessoas também. Acho até ele muito inteligente para a função — constatei, mantendo a conversa o mais profissional possível.

Eu não era burra e sabia que Demétrio também não. Eu não sabia se ele havia percebido alguma coisa fluante entre João e eu e realmente não estava disposta a entrar nessa conversa. Menos ainda com ele.

— Tenho observado o garoto. Não sei... — coçou a barba, pigarreou. — Não confio nele.

— Você não precisa confiar nele. Ele é só o tratador de cavalos — mordi meu bolo.

— Não gosto dele xeretando aqui pela administração e o outro. O escurinho, dá confiança demais para ele.

Respirei fundo antes de continuar porque aquele imbecil sabia me tirar do sério.

— Negro.

— Oi? — perguntou confuso.

— O advogado. Dr. Pimentel. Ele é negro. Não é escurinho, não. Escurinha é como fica a sua sala, quando

você e Renata decidem verificar os arquivos de hóspedes e contas. O resto é preconceito mesmo.

O homem pigarreou e tossiu e quase caiu da cadeira, mas não deu o braço a torcer. Alisou os cabelos com os dedos e coçou a barba rala. Depois se levantou.

— Bom, se tiver algum problema com o garoto, doutora, pode falar comigo. Eu ainda sou o administrador disso aqui!

Concordei com a cabeça e fiquei em silêncio — *infelizmente ele tinha razão e eu gostava demais do meu emprego.*

Eu podia não ser negra, mas não era alienada e preconceito me irritava demais. Demétrio sabia disso e sabia também que eu estava ciente do seu caso ridículo com Renata, já que ele era praticamente casado.

Terminei minha bebida sem pressa. Já que estava de carro, não precisava me preocupar em sair mais tarde. Eu gostava de ver a tarde cair no haras. Um a um, vi os carros e funcionários tomarem seus rumos para casa.

Estava voltando para o ambulatório para pegar minha bolsa, quando o céu escureceu tão rápido que mal

tive tempo de correr para minha sala. A chuva veio como se alguém tivesse aberto as comportas de uma hidrelétrica. Tão forte e torrencial que em segundos, não se via mais nada das montanhas. A nuvem densa e cinza escura havia coberto todo o verde dos campos.

Os raios trovões eram tão intensos que não demorou nada para que atingissem algum poste e levassem nossa energia elétrica com eles.

Eu estava lá, com a luz reduzida do fim da tarde, vendo o céu desabar sobre a terra.

Subi em uma banqueta para alcançar a janela alta na parede de trás do consultório e poder ver como estavam os potros recém chegados. Eu não sabia se João e Gildo haviam tido tempo de protegê-los da chuva.

No instante em que consegui me posicionar, vi João lá, brigando contra a tempestade. Corda em punho, tentando laçar o último dos animais que insistia em correr para o lado mais frágil da cerca. Eu temia pelo que ia acontecer, mas nem tive tempo de gritar.

O animal arrebentou a cerca com sua força e correu pelo terreno alagado. Havia um pequeno córrego nos

fundos que a essa hora já devia estar cheio e perigoso e o cavalo não conhecia bem o lugar. Fazia poucos dias que ele havia chegado. Senti meu sangue gelar de medo de perder o pobre animal para a correnteza.

João jogou a corda nos ombros e correu para as baias e eu esqueci a tempestade e todo o resto e corri atrás dele.

Capítulo 7

John

Quando o cavalo arrebentou a cerca no peito eu já sabia o risco que corria. Eu estava tentando de tudo para que ele se aproximasse, mas os trovões o haviam assustado demais. Eu estava sozinho, mas não ia abandonar nenhum dos animais.

Corri até o estábulo com a corda presa nos ombros. Joguei a cela em cima de Tufão, rezando para que ele compreendesse que era realmente importante.

— Agora somos nós dois, carinha — falei enquanto prendia o arreio. — Nós não vamos deixar ninguém para trás, correto? Nenhum soldado abandona um companheiro! — brinquei, mas era verdade. Era o que um homem de verdade faria.

Tufão relinchou um pouco, mas quando eu me sentei na sela e dei o comando, ele correu como nunca. Assim que atingimos o cercado, avistei Isabele lá, no meio da

chuva. Ensopada e nervosa. Reduzi o trote.

— Eu vou com você! — Ela gritou.

— Ficou maluca, doutora? Olha a chuva que está caindo! Volta para dentro do ambulatório. Eu passo lá assim que pegar o potro.

— De jeito nenhum! Eu conheço melhor o terreno. Vou com você!

Não ganharíamos nada com a discussão, e ela tinha seu ponto. Eu mal tinha tido tempo de caminhar pelo lugar. Não conhecia quase nada ali e isso poderia ser a diferença entre salvar ou não o cavalo.

Estendi a mão e tirei o pé do estribo para que ela pudesse subir.

Isabele se agarrou a mim e eu bati a rédea de Tufão, indicando que ele podia seguir.

— Ali! — indicou com o dedo. Seu cabelo comprido chicoteando meus ombros enquanto corríamos pelo campo no meio da tempestade. — Tem um córrego por ali. Ele sempre enche com a chuva. Temo que o potro acabe se afogando. O terreno é argiloso demais.

Seguimos pela direção indicada. Tufão corria como

o vento, apesar de nos carregar e para a sorte do cavaleiro, chegamos a tempo. Ele estava lá, preso em uma valeta no terreno, se debatendo e relinchando muito. Rezei para que ele não tivesse quebrado nenhuma das patas com a queda, porque na verdade eu sabia que isso seria seu fim.

Desci de Tufão o mais rápido que pude. Corda em punho, pulei na valeta e passei a corda ao redor do corpo do cavaleiro. Obviamente, eu não seria capaz de içá-lo sozinho do meio da lama. Ele era pesado demais para um homem só.

Isabele se aproximou com Tufão e eu entreguei a rédea.

— Você vai ter que me ajudar — expliquei. — Vai ter que fazer o Tufão puxar. Sozinho não vou conseguir.

Bati na traseira do cavaleiro, fazendo-o virar de costas e voltei para a valeta. Enquanto Isabele comandava o cavaleiro para que ele seguisse puxando o outro, eu cavava a lama pegajosa com as mãos, para suas patas se soltassem e ele mesmo pudesse se ajudar.

Não foi um trabalho fácil. Nem sei quanto tempo

demoramos, mas quando o potro saiu da valeta e se deitou no pasto encharcado e cansado, eu não pude deixar de sorrir. Eu havia feito algo. Havia efetivamente salvado a vida de alguém. Havia feito a diferença que eu tanto almejava. Estava orgulhoso de mim.

Isabele desceu de Tufão tão rápido quanto pode, deixando suas rédeas presas em um pequeno arbusto.

— Ele está bem! Ele está bem! Nós conseguimos! — gritou animada. — Nem acredito que conseguimos!

Não foi planejado, nem premeditado, mas a emoção que sentimos se encarregou de tornar perfeito o momento que eu esperava. Eu nunca fui um cara romântico, mas quando o corpo de Isabele moldou-se ao meu, senti como se tudo que diziam do amor fosse realmente verdade.

A chuva caía forte contra nossos corpos cansados. Ela me abraçou apertado. Seus braços enlaçados contra meu pescoço. Sua boca sorria, mas seus olhos sorriam mais.

Eu a levantei mais alto, tirando seus pés do chão. Nossos olhares fixos um no outro. Lentamente, seu corpo foi escorregando pelo meu, até que sua boca chegasse na

altura perfeita para que eu, enfim, a provasse.

— *Ma belle* — sussurrei antes de beijá-la.

Quando nossos lábios se tocaram, tudo em volta de nós desapareceu. Não havia nada além do seu gosto, espalhando-se rápido em minha boca, enquanto minha bela se entregava ao meu toque.

Minhas mãos seguras em seu quadril, enquanto ela corria os dedos pelas minhas costas, sentindo minha pele. Naquele momento, eu não era o filho do leão. Não havia fortuna alguma, nenhum jogo de poder. Pela primeira vez na minha vida, uma mulher se entregava a mim, o John e apenas ele.

Minha língua abriu espaço em sua boca, enquanto meu corpo insistia em tê-la mais perto, mais perto, até que não sobrasse espaço algum entre nós.

— Hum... — Ela gemeu, fazendo meu corpo desperto ainda mais ansioso por tê-la debaixo de mim.

Eu não queria deixar de beijá-la. Poderia ter passado a noite toda na chuva com Isabele e teria sido fantástico, mas eu não queria que ela adoecesse e a tempestade havia trazido um pouco mais do inverno com

ela.

Cortei o contato dos nossos lábios e a encarei por um instante. Seu rosto estava ensopado. Gotas de chuva escorriam pelo cabelo grudado na bochecha e pequenas manchinhas de lama salpicavam sua pele macia, mas eu nunca na vida vi uma mulher tão bonita como ela estava.

Sua respiração estava forte, sôfrega. Seus olhos perdidos nos meus, mais uma vez. Nossos braços e corpos entrelaçados como se esperassem um pelo outro de outras vidas.

Ela sorriu, mas não disse nada. Descansou a cabeça em meu peito e eu a apertei contra mim. Por um tempo, não dissemos nada. Até que um trovão forte quebrou o silêncio.

— Vem Bela, vou tirar você dessa chuva.

Seguimos lado a lado, levando os cavalos pelo cabresto até o haras. Não queríamos esforçá-los mais. Tufão estava bem, mas o potro nem tanto. Eu podia perceber que se esforçava para manter o trote. Provavelmente sentia dor. Eu tinha fé que assim que o colocasse na baia e ele descansasse tudo voltaria ao

normal, mas sabia que era otimismo da minha parte. Dificilmente um animal sairia ileso do acidente que ele sofreu.

O lugar estava vazio. Os funcionários do dia já haviam ido para suas casas e os que trabalhavam com os hóspedes, estava dentro do hotel.

Entre as baias, havia um espaço vazio que usávamos para fazer a lida com os cavalos. Escovar, lavar, medicar, era sempre feito ali.

Puxei o potro até o espaço, enquanto Isabele ia até o ambulatório para pegar medicação e material de curativo. Queríamos minimizar o máximo possível a dor e os danos que o animal sofria.

Ela voltou pouco tempo depois, com a maleta nas mãos.

— Vou fazer uma injeção de analgésico para tentar minimizar o inchaço e a claudicação dele. Espero que dê resultado. Demétrio não costuma ser muito flexível com animais machucados — lamentou.

Apesar de assustado, o potro permitiu que ela o medicasse e limpasse os ferimentos que a cerca e a queda

havam causado em seu peito.

Eu fiquei encostado na parede, observando enquanto ela cantava e acalmava o animal. Ele parecia gostar do som da voz dela tanto quanto eu. A melodia ia deixando sua garganta e o animal ficando mais tranquilo. Até que todo o sangue havia sido devidamente estancado e limpo. O cuidado e o carinho que ela tinha com os animais só me faziam querer beijá-la mais e mais. Ela era um alinda mulher, mas essa não era nem de longe sua maior qualidade.

Deixamos o potro no cercado, onde estavam os outros animais recém chegados e caminhamos lado a lado pelo corredor das baias até deixarmos Tufão em segurança.

— Hey campeão, você foi muito bem hoje. — Eu disse soltando o arreio. — Salvou um companheiro e ainda se comportou como um verdadeiro corcel com a garota. Parabéns! — brinquei dando um tapinha em seu dorso. — Agora posso dizer que formamos uma bela equipe!

Isabele esperava por mim na porta. Um sorriso incrivelmente doce e sexy brilhando em sua boca

vermelha.

— Então, doutora... — provoqueei prensando-a contra a parede com meu corpo. — Me saí bem na lida com os cavalos? Passei no teste?

Seu sorriso se alargou, tornando-se mais quente e convidativo.

— Com louvor, encantador de cavalos.

— E você, eu encanto? — perguntei

Senti o toque dos seus dedos em meu rosto. Delicado e suave. Ela contornou meus lábios e escorregou pela maçã do rosto.

— Muito mais do que eu pensei ser possível, João, mas precisamos ir devagar. Eu já fiz algumas escolhas erradas na vida. Não quero errar com você.

Eu podia ver a confusão de sentimentos nos olhos dela. Podia sentir a emoção em seu toque, mesmo que a razão a pedisse para puxar o freio. Eu a entendia. Suas razões. Eu pensava igual. Queria me lançar de cabeça, mas tinha medo de encontrar a piscina vazia.

Sempre tive as coisas pela metade. Sempre lutei contra a perda minha mãe. Sempre tentei me levantar e

seguir em frente como se não tivesse vivido uma infância difícil, mas as marcas do passado estavam todas lá.

Se Isabele precisava ir devagar, eu concordava com ela. Não era sobre ganhar a corrida, era sobre aproveitar a viagem.

Toquei meus lábios sobre os dela devagar, sem realmente beijá-la.

— Como quiser, doutora.

Seus dedos correram pela minha camiseta molhada, deslizando pelo tecido até o cóis da calça. Eu podia sentir meu desejo aumentando a cada segundo que passava próximo dela.

— Eu preciso ir para casa. — Ela disse, mas não se afastou. Eu também não me afastei. — Você não vai facilitar as coisas, não é?

Aproximei minha boca do seu ouvido e umedei os lábios, deixando que minha língua tocasse seu lóbulo por um instante, sentindo sua respiração acelerar.

— Você deveria tomar um banho quente e tirar essas roupas molhadas. Posso te ajudar com isso, se quiser.

Ela riu alto. Com as mãos espalmadas em meu

peito, me afastou devagar.

— Para João! Eu acabei de dizer que precisamos ir devagar!

— Só estou oferecendo um banho doutora. E uma roupa seca. Se quiser, é claro. A estrada não é das melhores, você sabe. E a chuva não está dando trégua. Além disso, a hotel está lotada e eu sou sua melhor opção — ajeitei meus cabelos com a mão e escorei na parede ao lado dela — O que me diz?

Isabele

Digo que você é maluco! — continuei rindo como uma boba. — Mas eu aceito uma muda de roupas secas e um café bem forte! Depois dessa chuva, acho que mereço!

Era muito irresponsável da minha parte ir para o chalé de um homem que eu mal conhecia, ainda mais sendo funcionário do haras. Eu não era nenhuma menininha e sabia muito bem onde as coisas, provavelmente, iriam terminar, mas o pior de tudo era que

eu queria.

Meu corpo estúpido estava encantado e ansioso por um pouco mais de João. Se sua voz era como música em meus ouvidos, seu toque era como uma injeção de endorfinas diretamente na minha corrente sanguínea. Percorria cada uma das minhas veias e dominava meus instintos. Eu estava perdida. Viciada e completamente abobada.

Eu que sempre fui racional ao extremo, e, agora eu estava lá, de quatro, quase que literalmente, por um homem misterioso que havia acabado de conhecer.

— Vem? — estendeu a mão para mim e eu a segurei.

João Leão era bem mais alto que eu. Quando passou a mão sobre meus ombros, descobri que cabia perfeitamente em seu peito. Que tínhamos o mesmo passo largo. Que sua cintura tinha a largura perfeita do meu abraço. Era surreal como ele parecia perfeitamente moldado para mim.

Paramos na varanda do seu chalé e descobri porque Joca e Salomão andavam sumidos. Eles estavam lá, acampados na varanda do chalé. João havia improvisado

um pote de água e enchido outro com o que parecia ter sido um sanduiche.

— Ah... Então é aqui que esses malandrinhos andam acampados! — brinquei.

Abaixei e acariciei os dois peludos, enquanto João pegava algo dentro do chalé. Voltou sem camisa, com uma toalha felpuda nas mãos — *Deus do céu, o que era aquele homem sem camisa!*

— Para você! — entregou a toalha a mim. — Pode se secar. Vou preparar o banheiro. A casa é simples, mas pelo menos um bom chuveiro, eu tenho! — sorriu.

Apoiei em uma das poltronas e tirei as botas. Sequei meu rosto e braços e tirei a camiseta. Eu sempre trabalhava com um camisete por baixo da roupa. Não gostava que vissem a marca do sutiã, já que, em geral, eu só trabalhava com homens. Preferia me preservar.

Quando terminei, sequei os pés no tapete e entrei. Eu não conhecia o chalé por dentro. Era menor que a casa do Sr. Geraldo, mas era fofa e bem cuidada. João era extremamente organizado — muito mais do que eu — e tinha um excelente gosto para decoração. O chalé

combinava com ele de um jeito simples e despojado.

Ele estava de costas, ajeitando uma chaleira no fogo. Os músculos moviam-se de um jeito incrivelmente sexy. Sua pele molhada era incrivelmente clara e uniforme para alguém que trabalhava no campo. O pano de prato xadrez jogado sobre o ombro completava a pintura que João era.

— Deixei o banheiro preparado para você — *ele me arrancou da contemplação*. — Pode usar o que precisar. Deixei uma camiseta e um calção de elástico para você. Vão ficar grandes, mas acho que você consegue dar um jeito.

Concordei com um sorriso discreto e entrei no banheiro. Era pequeno e simples. Com uma cortina transparente com flores coloridas na barra. Assim que fechei a porta, meus olhos se perderam na prateleira de produtos de higiene. Eram todos importados e caros. Não eram marcas que se compra no supermercado. Para ser sincera, nem eu que, teoricamente ganhava bem mais que ele, comprava produtos daquelas marcas. A escova de dentes era elétrica e até o pente dele era chique e caro.

Isabele, Isabele, você está enlouquecendo. Só pode! Que mal há no garoto querer se cuidar bem? Oras, você mesma repara no quanto ele é cheiroso!

Ok, ele poderia usar o que ele quisesse. Até porque, ninguém é obrigado a andar por aí fedido e ressecado, mas o fato é que o salário dele não pagaria por tudo aquilo, então, de duas uma. Ou ele estava metido em algum esquema errado, ou ele tinha uma amante rica.

Cenas de João com alguma madame velha e rica invadiram minha mente, fazendo meu nível de estresse subir.

Louca! Você só pode estar ficando maluca! Para de fantasiar a vida sexual dos outros Isabele! Tudo bem que a sua anda uma merda, mas pare com isso, né garota? Foco! Mantenha o foco!

Liguei o chuveiro e tirei a roupa. Havia um frasco pequeno de perfume — *Obsession Night* — no meio dos itens de higiene dele. Era sugestivo e incrivelmente sexy. Não resisti. Peguei o vidro e senti o aroma se espalhar em mim como um rastilho de pólvora, levando embora qualquer chance que eu tinha de não me envolver com

João Leão, o misterioso.

Fechei os olhos por um segundo. Revivendo a sensação de beijá-lo. Seu toque em minha pele. Seu corpo se moldando ao meu. Seu coração batendo forte contra minha têmpora. Eu não podia negar o quanto o desejava, mas não era só desejo. Não iria passar com uma bela trepada. Eu estava me perdendo. E o pior de tudo, é que estava gostando de me perder.

Entrei debaixo da água e deixei que ela acalmasse um pouco meus pensamentos, mas era bem difícil já que tudo ali lembrava dele. Até o sabonete novo tinha o cheiro dele, e obviamente isso não me ajudava.

Para minha sorte, as roupas eram novas. Ainda com as etiquetas e ambas as peças de uma grife conhecida de roupas esportivas — *algo tinha que estar errado!*

A camiseta ficou larga, mas o calção mais parecia uma bermuda de jogar basquete em mim. Alisei os cabelos com os dedos e deixei soltos para que secassem mais rápido.

Assim que saí, João já estava seco e vestido. Ele sorriu assim que me viu usando suas roupas.

— Banheiro liberado! — apressei-me a dizer porque seu olhar queimava em mim.

— Tudo bem, eu já me virei com a ducha externa mesmo.

— No frio? Ficou maluco? Você tomou um banho gelado depois daquela chuva?

— Não estava tão frio assim, doutora. Além disso, eu gosto do frio. Estou acostumado com ele.

Balancei a cabeça em desaprovação, mas ele permaneceu sorrindo.

— Você está linda. Você sempre está linda, não importa como se vista.

Corei no instante em que as palavras deixaram sua boca.

— Para João! Eu agradeço muito pelo empréstimo, mas estou parecendo um saco de batatas!

— Discordo veementemente, doutora. Acho que está linda. E acho que o branco te favorece. Ressalta sua pele morena.

— Você discorda veementemente? — brinquei? — Jesus garoto, onde você aprendeu a falar?

João riu.

— Então quer dizer que um garoto pobre não pode falar corretamente? Isso é preconceito, doutora — fingiu-se de indignado, mas no fundo estava se divertindo. — Fiz seu café. Espero que esteja bom.

Ele me entregou a xícara e eu a levei a boca. Forte e encorpado, como eu gostava. Levemente doce, o que deixava as notas de chocolate e mandarina ainda mais pronunciadas. Era um pó de excelente qualidade. Eu entendia de café. Era minha bebida preferida e pelo visto, João entendia também.

— Está ótimo! Obrigada.

— Posso fazer um sanduiche, se estiver com fome — ofereceu.

— Estou bem. Comi bolo pouco antes da chuva. Obrigada.

João estava lá, parado de frente para mim. Calça de elástico baixa na cintura, camiseta preta ajustada ao corpo, deixando a marca dos músculos muito mais visível do que eu gostaria, a cada vez que ele se movia.

Sentei em uma das banquetas e ele permaneceu em pé, encostado no fogão. A bancada estava entre nós, o que me dava um pouco de confiança para saber mais dele,

antes de acabar nua na sua cama.

— Então João, me fale algo de você. Estou curiosa.

— Pergunte o que quer saber, doutora, e eu respondo.

— Quem é você João Leão? — mandei logo a pergunta mais importante. Eu não tinha mesmo muito a perder.

— Ainda estou descobrindo. — Seus olhos voaram para longe de mim.

— Você tem uma família? Irmãos? Filhos?

— Tenho muitos irmãos — sorriu. — Meu pai tem algum problema com métodos anticoncepcionais, não é possível!

— brincou. Somos uma família bastante unida. Eu amo meu pai mais que qualquer um no mundo. Sou muito grato por tê-lo comigo.

— E sua mãe? — insisti porque queria descobrir a história dele.

João baixou os olhos para o chão, fazendo-me arrepender da pergunta.

— Minha mãe faleceu muitos anos atrás. Meu pai nos criou sozinho. Não exatamente sozinho porque sempre tivemos o Tio Alex conosco, mas sem uma mãe, digamos assim.

— Sinto muito, João.

— Obrigado. Mamãe sofreu muito no final da sua vida. Tinha uma doença degenerativa. O destino foi muito cruel com ela. Na verdade ela me fez crer que a gente colhe o que planta — confessou.

Não tive coragem de perguntar a razão. Ele também não disse. Entendi que o assunto “mãe” era tão complicado para ele como o assunto “pai” era para mim.

— E seus irmãos? Você os vê com frequência? Eu tenho duas irmãs e uma sobrinha — confessei para que ele se sentisse mais à vontade para se abrir comigo.

— Tenho uma irmã de pai e mãe e três meio irmãos. Sou loucamente apaixonado pelos meus irmãos, doutora — sorriu o sorriso mais lindo que eu já vi. Um sorriso de amor verdadeiro — Eles são uns pirralhos irritantes, mas eu não viveria sem nenhum deles.

Sorri também porque eu compreendia perfeitamente. Sentia o mesmo com as minhas irmãs. Eu vivia brigando com elas e por muitas vezes me sentia mais mãe do que irmã, mas não imaginava minha vida sem elas.

— Quer ver uma foto? — perguntou e eu assenti.

Ele entrou no quarto e voltou com um porta-retratos. Era elegante e delicado, de um material que me fazia pensar em madrepérolas. Dentro dele havia uma foto de João segurando uma garotinha pequena de cabelos ondulados e claros, em uma fazenda bonita. Junto dele, havia um homem mais velho, mas não muito. Elegante e altivo como João. Ele segurava um bebê nos braços e juntos deles, havia uma adolescente loira, sorridente e bonita como o homem mais velho e um garoto por volta dos dez anos. Eles não se pareciam exatamente, mas dava para ver que eram parentes.

— Meu pai. — Ele apontou o homem na foto. — E este é meu irmão caçula, Lucian. Está garotinha espevitada é minha irmã Hanna. E estes aqui são Collin e Aurora. A única que não está na foto é minha madrastra, mas eu a amo muito. Ela fez pelos meus irmãos o que muitas mães não fazem. Sou muito grato a ela. Ela se chama Laura e estava tirando a fotografia.

— Linda família, João. Realmente linda.

Não era apenas da aparência física que eu falava, era do amor que existia ali. Eu podia sentir o carinho

entre eles.

João estava tão perto, que de repente, não fazia mais diferença quem ele era ou de onde vinha. Eu não queria mais respostas, eu queria ele. Queria sua boca de novo e seu abraço.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele tirou a fotografia das minhas mãos e colocou no balcão.

Encostou seu corpo no meu e ergueu meu queixo com a ponta dos dedos.

— Ainda quer fazer alguma pergunta, *ma belle*?

Eu não queria.

Enlacei seu pescoço com as minhas mãos e o puxei para um beijo que começou suave, mas ganhou intensidade tão rápido que eu mal podia respirar — *e nem queria*.

João escorregou as mãos pelas minhas costas até o quadril e me puxou para o seu colo, colocando-me sobre o balcão.

A chuva e os trovões lá fora, eram como garoa fina diante do estrondo que nossos corpos juntos produziam em mim.

Sua boca invadiu a minha com propriedade e

possessividade. Sua língua procurou pela minha e quando a encontrou era como se ondas de eletricidade saíssem dela. Ele mordiscou meus lábios e pescoço, descendo pela linha do maxilar e voltando até minha orelha.

— Você me enlouquece, doutora — sussurrou com a voz carregada de desejo. — Desde o momento em que botei os olhos em você.

É recíproco. Ele havia mexido comigo desde o primeiro minuto em que meus olhos encontraram os dele.

— Hum... — Seu sussurro arrancou um gemido do fundo da minha garganta.

Como se fosse o sinal que esperava, ele apertou meu quadril contra sua pelve, fazendo-me sentir o quanto ele estava excitado.

Suas mãos viajavam por dentro da camiseta, em minha pele nua. Eu podia sentir o calor do seu toque queimando deliciosamente o caminho que percorria. Quando tocou meu seio, estremei, apertando minhas pernas em torno da sua cintura, puxando-o mais para perto, encaixando sua ereção onde eu precisava dela.

Segurei na barra da sua camiseta e a puxei para

pelos braços, deixando seu peito nu, ao meu alcance.

João cortou nosso beijo, conduzindo minha boca em seu peito, enquanto eu mordiscava sua pele lisa e macia, deliciosamente arrepiada com o meu toque. Seu coração batia tão forte que eu podia sentir através dos músculos do peito.

Em poucos instantes, o calção largo foi puxado para baixo e caiu pelas minhas pernas, perdendo-se no chão. Fiquei de camiseta, sem nada mais por baixo.

Suas mãos habilidosas massagearam meus seios, empregando a pressão exata para que eu esquecesse qualquer fio de razão que ainda existisse entre nós.

Minhas mãos desceram pelo caminho de músculos até seu umbigo, meus dedos brincando no elástico da calça, desejando desesperadamente que ela desaparecesse dali.

João tomou minha boca na sua mais uma vez. Minhas mãos enfiadas em seu cabelo sedoso, enquanto as mãos dele desciam pela lateral do meu corpo até se perderem entre minhas pernas. Ele as separou um pouco mais, para que tivesse acesso irrestrito a mim. Seu

polegar deslizou do monte pubiano pela fenda até atingir o ponto de prazer. Enquanto ele me tocava com destreza com uma das mãos. Levou dois dedos a minha boca e eu os chupei, ansiosa pelo próximo passo.

Seus dedos deixaram minha boca para se perderem dentro de mim em uma fricção perfeitamente ritmada. Eu podia sentir meu corpo se entregando mais e mais. As sensações ampliando-se a cada toque.

Sua boca deixou a minha para morder meu pescoço. Sua barba por fazer arranhando minha pele. Sua língua arrepiando cada centímetro meu, até que não pude mais resistir, explodindo em um orgasmo de proporções astronômicas. Eu nem fazia ideia de podia sentir tanto prazer com apenas o toque das mãos de alguém.

Quando meus espasmos se dissiparam, ele cessou o toque e levou os dedos até a boca, enfiando-os e sorvendo meu sabor. Seus olhos fixos nos meus, mantendo-me hipnotizada.

— Precisamos de um preservativo — Ele disse com um sorriso orgulhoso de quem sabia o que havia me feito sentir.

Concordei espelhando seu sorriso e ele virou-se de costas, caminhando até o quarto. De repente, minha visão ficou turva e tudo se apagou. Tentei impulsionar meu corpo para baixo, para descer da bancada, mas minhas pernas não responderam ao comando e tudo que restou foi a dor do meu corpo batendo contra o chão de cimento queimado.

Capítulo 8

John

Quando ouvi o baque surdo no chão, já era tarde. Ela estava lá, caída na minha cozinha. Havia um corte em sua testa e sangue em minha camiseta branca.

— Isabele! — chamei sem sucesso — Isabele!

Segurei seu rosto entre minhas mãos, dando tapinhas suaves em sua bochecha. Seu corpo apoiado em meu peito.

— Isabele! Não faz isso comigo, Bela.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela abriu os olhos, mas não parecia me ver. Fechou os olhos novamente e piscou incontáveis vezes, até fixar o olhar em mim.

Eu estava nervoso, coração acelerado, sentindo o sangue martelar minhas têmporas e as mãos suarem porque eu já havia vivido algo parecido. Na primeira vez que minha mãe desmaiou, eu estava com ela.

Mamãe nunca havia ficado doente. Nada além de um resfriado ou um pouco de tosse, até que ela desmaiou pela primeira vez e eu a socorri.

“Não se preocupe querido, tudo ficará bem!” — Ela me disse, mas era mentira. Nada nunca mais ficou bem. Eu a vi definhar e morrer um pouco a cada dia, até que não sobrou nada dela além de um corpo sem vida. — Você está bem? — perguntei quando percebi que ela estava consciente.

Isabele balançou a cabeça afirmativamente e esforçou-se para se levantar. Segurei em seu braço, apoiando-a até que estivesse em pé. — Estou bem — sorriu. — Quase bem. — Vem — chamei conduzindo-a até a cama. — Deite-se um pouco até melhorar.

Eu estava me esforçando para não parecer ridiculamente apavorado. Queria demonstrar confiança, embora estivesse preocupado. — Obrigada pela ajuda — agradeceu e sorriu, mas era um sorriso fraco, preocupado também. — Descanse um pouco. Eu acho que você deveria ficar

aqui essa noite — sugeri. — Não é uma boa dirigir com essa chuva. Não se preocupe, eu me arrango no sofá.

Eu não sabia exatamente o que ela tinha e não queria entrar em um espaço pessoal sem ser convidado. Eu mal a conhecia. Queria que ela falasse comigo quando se sentisse segura. Então não toquei no assunto do desmaio. Perguntei apenas se ela estava confortável e lhe trouxe mais uma caneca de chá morno e um pano molhado para limpar o sangue do machucado.

Quando entreguei a caneca em sua mão, ela não soltou meus dedos.

— Ainda sinto um formigamento estranho — disse sem me encarar. Como se confessasse mais para si mesma. — Não entendo. Fiz exames recentemente. Está tudo bem comigo.

E lá estava eu, revivendo tudo em minha mente. Sentimentos que eu havia enterrado há tanto tempo, sendo revirados em minha mente e em meu coração.

Sentei na cama, ao lado dela. Deixei a xícara no criado mudo e segurei suas mãos entre as minhas.

— O que exatamente você sentiu, Bela? Quer me contar? Eu não sou médico, mas posso tentar entender junto com

você.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— Não é a primeira vez que me sinto estranha. Isso tem acontecido com mais frequência nos últimos meses. As dores de cabeça estão mais fortes. Tenho lapsos de visão aqui e ali e formigamento nas mãos — explicou. — Eu pensei que fosse realmente alguma crise de estresse. Tirei férias e realmente me senti melhor, mas pelo visto não melhorei. Eu pensei que fosse alguma lesão ortopédica. Procurei um médico e não tinha nada. O mesmo aconteceu com o oftalmologista. Não estou anêmica, nem grávida, nem tenho alterações significativas em meus exames. Não sei o que pensar. Eu tentei me levantar e tudo ficou escuro. Minhas pernas fraquejaram e eu caí. Simples assim.

Dessa vez quem respirou fundo fui eu.

Soltei sua mão e comecei a limpar o machucado com o pano úmido. Não era profundo, mas renderia um galo razoável.

— Você procurou um neurologista?

— Não. Nunca associei o problema a algo neurológico, mas você tem razão. Acho que é válida a opção. Vou ver

se consigo uma consulta logo. Os médicos do meu convênio andam com filas de espera quilométricas.

— Se quiser, posso pedir ao Dr. Pimentel. Ele certamente pode dar um jeito. Quanto antes você passar, antes podemos ter um diagnóstico.

— Não precisa incomodar o homem com uma bobagem assim, João. Eu dou um jeito, não se preocupe.

Pegou o pano da minha mão e continuou a apertá-lo contra a testa, para diminuir o sangramento.

— Se eu conseguir a consulta, você vai? — insisti. Meus olhos fixos nos dela.

Isabele assentiu, meio sem querer. Eu entendia o que ela estava sentindo. Ao mesmo tempo que queremos respostas, temos medo delas.

Ela sorriu um sorriso fraco, como se quisesse se desculpar de algo. Deixei o tecido sobre a cama e segurei seu rosto em minhas mãos, acariciando sua pele com o polegar.

— Acho que estraguei nossa noite! — tentou soar divertida. Eu sabia que ela não queria ser tratada como doente. Ninguém queria.

— Acho que você só tornou tudo mais especial. Quando acontecer, será incrível.

Seu sorriso se alargou.

— Quem é você, João Leão? — perguntou mais uma vez e eu sorri. — Onde você esteve minha vida toda?

— Por aí, Bela, aprendendo a merecer um sorriso como esse.

— Bonito, inteligente, sabe lidar com cavalos... — Ela ia contando minhas qualidades nos dedos e me fazendo sorrir mais. — Gentil e confiante, bom gosto para roupas e ainda fala francês. Sério, você é algum tipo de pegadinha, só pode! Porque não pense você que eu não percebi que você fala francês!

— Esqueceu-se de dizer que tenho lindos olhos! — brinquei.

— E um belo sorriso, e um belo corpo, além de entender de computadores! — completou rindo alto. — Mas o francês ainda me deixa perplexa.

— Francês não é tão difícil assim, *ma belle* — puxei o sotaque, minha boca bem perto da sua orelha. Eu sabia o efeito que a língua tinha nas mulheres. Era romântica e

sexy. — Existem aulas gratuitas *on line*. Você deveria pesquisar mais! — brinquei. — Eu gosto de aprender línguas estrangeiras. Podem ser úteis.

Isabele balançou a cabeça negativamente e sorriu. — Sei! Ainda vou descobrir seus segredos, João Leão! Pode esperar!

— Espero ansioso, Bela. Não tenho nada a esconder. Menos ainda de você. Eu diria que sou apenas um homem precavido.

— E faz um chá muito bom!

— E farei uma pasta ainda melhor. Espere.

— Pasta? — perguntou rindo alto. — Hum... Entendo. Macarrão, você quer dizer, não é?

Sorri sem dizer nada. Ela havia me pegado no pulo. Eu não queria mentir para ela, mas não queria despejar tudo em cima dela depois do que aconteceu. Eu queria ter certeza de que ela estava bem primeiro.

— Vou levar suas roupas até a lavanderia. Assim, amanhã você poderá vesti-las para trabalhar. Volto em um minuto. Não se preocupe.

Beijei sua testa. Vesti minha camiseta e um casaco e

peguei um guarda-chuva. Levei minha carteira e o celular para o caso dela tentar descobrir algo a meu respeito sozinha. Eu queria fazer tudo do jeito certo. Sem traumas ou coisas do tipo. No fundo, eu sabia que estava a enganando.

Assim que consegui um lugar coberto, afastado do chalé, liguei para Marcos.

— Fala companheiro!

— Preciso de um favor.

— Claro John. Do que precisa? Você parece preocupado. Algo errado?

— Isabele desmaiou no chão da minha cozinha. Sentiu-se mal e tentou se levantar, então caiu e bateu a cabeça.

— Porra! Que situação companheiro! Algo sério?

— Por enquanto não sabemos. Ela acredita que não, mas eu, sinceramente, já tive minha cota de desgraças na vida. Espero sempre o pior.

Marcos ficou em silêncio porque ele conhecia minha história.

— Quer que eu mande buscá-los? Quer trazê-la a um hospital?

— Ela está bem. Concordou em ir a um médico. Preciso que você marque um neurologista. Alguém com experiência em lapsos de visão. Isabele tem apresentado problemas assim.

— Ok. Faço isso imediatamente. Imagino que eu consiga uma consulta logo.

— O melhor, Marcos. Não se preocupe com dinheiro. Você pode usar os meus rendimentos. Quero o melhor neurologista de São Paulo.

— Vou ver o que consigo e retorno sua ligação o mais rápido possível.

— Obrigado companheiro.

Continuei o caminho até o prédio central, onde ficava a lavanderia. Uma das funcionárias estava separando lençóis para lavar.

— Boa noite! — cumprimentei. Eu não a conhecia. Era uma funcionária do turno da noite. — Você poderia lavar e secar essas peças, por favor?

— Claro, senhor! Não precisa se incomodar em trazer as roupas até aqui. Basta que chame um dos funcionários — explicou. — Me diga em que quarto o senhor está

hospedado e eu mando de volta assim que secarem.

Sorri.

— Desculpe, não apresentei corretamente. Sou João. Sou funcionário. As roupas são da Dra. Isabele, a veterinária. Ela teve um problema com o carro e acabou ficando presa na chuva.

— Ah...Claro! Desculpe! Acho que ainda não nos conhecemos. É um prazer, João. Sou Laura.

— Laura? Que nome bonito! Minha madrasta se chama Laura.

— Espero que seja uma boa madrasta! — brincou.

— Ela é a melhor.

— Não se preocupe João, vou deixar as roupas da doutora prontinhas para amanhã. Sinto muito por não termos nenhuma suíte vazia. Estamos com lotação máxima.

— Não se preocupe! A doutora vai ficar no meu chalé.

— Ah... — Seu tom, apesar de discreto, demonstrava certo divertimento.

— Obrigado, Laura! Tenha uma boa noite.

Deixei o prédio de volta para o chalé. A chuva forte começava a dar lugar a uma garoa grossa, mas a enxurrada

molhou minha calça toda.

Assim que me aproximei da casa, o celular tocou.
— Daqui duas semanas, companheiro, na quarta-feira. Às dez horas da manhã. Sua doutora tem uma consulta no Hospital Albert Einstein com um neuro-oftalmologista.

— É o mais rápido que você consegue? — insisti.

— Sim! O homem está em Portugal, em um congresso, mas segundo uma amiga que trabalha no hospital, vai valer a pena a espera. Ela disse que se ela sentir-se mal e precisar de emergência, pode levá-la a qualquer horário, mas que o doutor é especialista na área.

— Entendi.

— Não se preocupe John. — Marcos me tranquilizou. — Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

Respirei fundo.

— Obrigado.

— Se precisar conversar ou quiser companhia, basta me chamar.

— Isabele vai passar a noite comigo. Não vou deixá-la dirigir sozinha no meio da chuva.

— Sim, é melhor mesmo.

— Aproveite o tempo com sua doutora então companheiro. Qualquer coisa, basta chamar.

Desliguei o telefone e tirei os sapatos molhados antes de entrar. Isabele ainda estava no quarto.

Coloquei água em uma panela e deixei no fogo para que fervesse. Caminhei até o quarto.

— O Dr. Pimentel conseguiu uma consulta em São Paulo. Disse para você não se preocupar com nada que os custos estão cobertos pelo haras, afinal, você é uma excelente funcionária.

— Puxa! Obrigada! Vou agradecer o doutor quando o vir. Obrigada pela atenção também, João.

— Eu disse Bela, estou sempre me esforçando para ser o melhor! — beijei sua testa.

Isabele

Ele se afastou de mim e começou a tirar a calça de costas. O tecido molhado desceu pelo seu corpo fazendo o meu aquecer. Meus olhos fixos na cueca azul marinho,

cheia de personagens dos Simpsons desenhados. Era a cueca mais peculiar que já havia visto, mas combinava com ele perfeitamente. João era peculiar. Um homem diferente de qualquer outro que eu havia conhecido.

Continuou conversando comigo como se ficar seminu na minha frente não fosse nada e eu permaneci imóvel, tentando raciocinar algo coerente além do quanto seu corpo era bonito e bem desenhado.

— Não acha? — Ele perguntou quando se virou e eu pisquei algumas vezes até entender que não havia acompanhado o raciocínio dele.

— Oi? — perguntei por impulso, sentindo minhas bochechas corarem.

— O cercado — repetiu rindo maliciosamente. Seu olhar deixava claro que eu havia sido pega. — Dos potros. Precisamos refazer com urgência. Seria bom que tivesse algum tipo de cobertura. Algumas baías talvez. Quando tivéssemos uma emergência, não levaria tanto tempo para guardar todos os animais.

— Sim! — concordei efusiva. — Eu já falei com Demétrio muitas vezes. Queria que fizéssemos outra área

de descanso. Às vezes, preciso separar alguns animais e não consigo. Seria ótimo se ele compreendesse, mas é empacado como uma mula!

— Não diga isso! — repreendeu enquanto vestia uma calça limpa. — É uma maldade com as mulas!

Acabamos rindo os dois.

— Acho que a água já está fervendo. Vou preparar nosso jantar. É uma pena não podermos tomar um vinho. Eu adoraria dividir uma garrafa de vinho com você, doutora.

— Vou comprar um vinho para tomarmos juntos, pode deixar! Eu adoro vinho — confessei. — Você sabia que meu pai é espanhol?

Eu não gostava de falar do passado e menos ainda da minha vida. Com exceção de Fernanda, nenhum amigo sabia do meu passado, mas com João era diferente. Eu tinha vontade contar tudo sobre mim para ele. Queria que ele me conhecesse. Que me compreendesse.

— É mesmo? Que interessante! Temos uma “meio sangue europeia” aqui! — divertiu-se.

— Sim. Meu pai biológico é espanhol. Eu só o vi duas vezes, mas é uma longa história.

— Temos tempo! Eu não estou com sono e adoro longas histórias.

Acomodei-me na banquetta, enquanto ele preparava o jantar.

Cortou alguns tomates maduros e os cozinhou com um fio de azeite e alguns temperos. Cozinhou a massa e jogou em uma frigideira funda — *se ele era lindo trabalhando com os animais, cozinhando então era incrivelmente sexy*. Para ser sincera, eu estava para descobrir em que ele era ruim ou desajeitado.

— Prontinho Bela, seu jantar está servido! — colocou o prato sobre a bancada, em minha frente. — Com que bebida gostaria de acompanhar seu prato? Temos suco de uva, água de coco e cerveja.

— Cerveja, por favor!

— Tem certeza de que se sente bem para beber? — preocupou-se.

— Me sinto ótima. Não se preocupe. Eu realmente estou bem. Só não acho prudente pegar a estrada até em casa. Obrigada pela hospitalidade também.

— Cerveja para dois, então.

Puxou uma das banquetas e sentou-se de frente para mim. Eu gostava de como ele sempre me encarava de frente. Henrique não era o tipo de pessoa que se importa em compreender o olhar do outro. Na verdade, ele mal se importava com os outros.

— Conte-me sobre seu pai, Isabele. Se quiser, é claro.

Dei um gole na cerveja.

— Minha mãe e meu pai eram amigos de juventude. Ele era galante e inteligente, minha mãe se apaixonou por ele e os dois tiveram uma única noite de romance. Foi como uma despedida, já que meu pai se mudou da cidade pouco tempo depois. Quando descobriu a gravidez, ela até tentou procurar por ele. Contou que estava grávida e que teria o bebê, mas ele não quis participar. Não quis nem mesmo saber quem eu era quando nasci. Ele voltou para a Espanha e mamãe me criou sozinha.

Respirei fundo antes de continuar porque era uma história complicada. Eu amava meu pai e amava meu padrasto. Havia aprendido a aceitar o que a vida me dava, mas eu não podia dizer que tudo isso não havia causado algumas marcas importantes em mim. Eu amava meus

país, mas amava ainda mais a minha mãe. Ela havia me ensinado a força que uma mulher pode ter. O poder do amor que se sente por um filho. Com ela, aprendi a não vacilar diante das dificuldades e a sempre lutar pelo que acreditava.

— Meu pai refez sua vida em Madri e minha mãe também refez a dela por aqui mesmo, no interior de São Paulo. Eu tive duas irmãs maternas que são parte de mim e meu pai teve também outros dois filhos. Um menino e uma menina. Depois de algum tempo, eu senti curiosidade de saber quem ele era e saí em busca dele. Pesquisei, procurei, até que descobri. Acabamos por nos encontrar duas vezes. Uma delas na Espanha e outra aqui no Brasil. Nós nos falamos sempre e hoje posso dizer que vivo em paz com o passado, mas sabe como é, a vida às vezes deixa marcas na gente.

— Sei como é... — confessou sem dizer mais nada. Eu também não queria arrancar nada dele que ele não estivesse disposto a dividir.

Terminamos nossa refeição e então saímos para a varanda, para apreciar a noite chuvosa. Uma garoa fina

ainda caía, fria e calma, mas nós estávamos bem aquecidos.

João me abraçou por trás, encaixando seu corpo no meu. Eu descansei a cabeça em seu peito.

— Tem muita coisa sobre mim que quero que você saiba, Isabele. — Sua respiração fazendo cócegas em meu pescoço. — Mas juro a você que este é o homem que eu sou. Não estou representando em momento algum.

Podia ser a maior burrice da minha vida, mas eu confiava nele. Havia algo de verdadeiro em João Leão, embora ele fosse bom demais para ser real. Eu não fazia ideia de como explicar, mas conseguia sentir a verdade dele.

— Preciso ir até o ambulatório. Fernanda deve estar preocupada comigo. Preciso avisá-la de que vou dormir por aqui.

— Pode usar meu telefone. Assim não precisa pegar chuva.

Entrou rapidamente e voltou com um celular na mão. — Me diz o número que ligo para você.

Entregou o aparelho em minha mão e depois de

alguns toques Fernanda atendeu.

— Nanda, sou eu!

— Pelo amor de Deus, Isa! Quer me matar do coração? Eu já estava pronta para ir a polícia! Pensei que algum psicopata tivesse te sequestrado, ou então que essa lata velha que você chama de carro tivesse te deixado na mão no meio da tempestade!

— Menos Nanda! Menos! — brinquei. — Estou bem e viva — preferi não falar sobre o tombo, pelo menos não pelo telefone. — Eu estou na casa do João e... — Fernanda me interrompeu.

— HUUUUUUM... Entendo... Nem precisa dizer mais nada! Está perdoada!

Comecei a rir.

— Nanda sua boba! Não é nada disso! Eu...

— Sério Isa! Você está mesmo precisando de uma trepada! Aproveite! Amanhã você me conta tudo.

— Tá bom Nandinha! Não vou discutir com você pelo telefone. Um beijo e durma bem.

— E você, faça o favor de não dormir!

Desliguei o telefone ainda rindo.

— Você gosta muito dela, não é? — João perguntou. — Ela parece uma boa amiga.

— Ela é a melhor! Somos amigas desde a faculdade. Fernanda esteve comigo todos esses anos. Os mais difíceis, eu diria.

— Que bom! Amigos são sempre bem vindos. Eu tenho um bom amigo também, mas acho que meu melhor amigo é mesmo o meu pai.

— Seu pai é muito bonito, Sr. Leão. E parece um ser um cara muito legal!

— Ah, o velho é metido a galã mesmo! Sempre foi! Deu uma acalmada depois da minha madrasta, mas ainda é o bom e velho leão de sempre — brinquei. — Um dia quero apresentá-lo a você.

Suspirei por um segundo, encarando o rosto bonito de João. Quase cinco anos de caso com Henrique e ele sequer havia me falado do pai ou da mãe. Sempre uma desculpa. Sempre desconversando. João não desconversava. Ele sempre respondia minhas perguntas, ainda fosse uma resposta restrita. Ele nunca fugia de mim. Nem com os olhos, nem com as palavras.

Estava sempre ali, peito aberto para o mundo, cabeça erguida e um sorriso gentil e orgulhoso nos lábios. Eu não conhecia o Sr. Leão, mas podia dizer que havia feito um excelente trabalho.

— Vamos entrar? — convidou. — Está frio aqui fora. Vou arrumar a cama para você, mocinha! Você precisa descansar.

Eu podia pensar em um milhão de coisas que gostaria de fazer com ele, antes de dormir, mas ele tinha razão. Eu precisava descansar. Precisava botar a cabeça em ordem. Não queria começar nada com João sem ter, de fato, terminado tudo com Henrique. Não era certo, ainda que não tivéssemos um compromisso formal. Essa não era eu.

João arrumou os lençóis e me deu uma escova de dentes nova.

Entrei no banheiro para me preparar para dormir e encarei a mancha roxa enfeitada com um corte em minha testa. Para minha sorte, se eu jogasse a franja de lado, conseguiria cobrir a parte pior. Pelo menos para evitar desconfianças e especulações idiotas.

Sentei na cama, enquanto João fechava a janela.

— Mereço um beijo de boa noite? — pediu ao sentar-se ao meu lado.

— Merece todos os beijos do mundo — brinquei. — A começar pelo de boa noite.

Puxei seu rosto para o meu e toquei meus lábios nos seus. Ele abriu a boca o suficiente para capturar meu lábio inferior entre os seus, fazendo meu coração acelerar. Sua mão em minha nuca, firme e segura, não deixava dúvida alguma do quanto ele queria me beijar.

Era bom e viciante a maneira como ele me fazia sentir especial. Como se doava para me satisfazer.

Sua língua tomou a minha em uma sucção deliciosamente erótica, mas ele não tentou nada mais. Ainda que eu estivesse somente de camiseta, suas mãos permaneceram onde estavam. Ele me fazia sentir desejada e segura como eu nunca havia sentido.

— *Bonsoir, ma belle* — sussurrou com a boca colada a minha. Suas palavras acariciando minha pele. Aquele era o sotaque mais deliciosamente quente que eu já tinha ouvido na vida.

Não fazia diferença como ele havia aprendido francês, eu nem me importava se ele somente havia decorado algumas palavras soltas, tudo que importava era o som da voz dele. Eu amava como ouvir qualquer coisa que deixasse sua boca.

João beijou minha testa e foi para a sala. Fiquei virando na cama para um lado e para outro. Pensando em como gostaria de estar com ele. Em como seria fazer amor com ele. Eu nunca havia me sentido tão atraída por alguém. Era surreal, mas era exatamente por isso que eu precisava ir com calma.

Na última vez em que eu olhei para a sala, ele estava cordado. Mãos cruzadas debaixo da cabeça, encarando as tábuas do teto. Ele não voltou ao quarto. Não tentou me seduzir e talvez por isso mesmo eu tenha ficado ainda mais encantada por ele. João era o príncipe encantado perfeito para qualquer garota do mundo.

Não sei quanto tempo demorou até que eu adormecesse. Ainda era cedo quando nos deitamos, mas acordei com o som mais lindo do mundo inteiro.

Levantei da cama e joguei o cobertor nas costas

para espantar o frio. João estava na varanda. De costas para mim, como na primeira vez em que eu o vi cantar. A guitarra apoiada em seu colo, enquanto ele dedilhava a melodia. A bela letra de John Mayer ecoando em sua voz suave.

[...]I'm tired of being alone

So hurry up and get here

So tired of being alone

So hurry up and get here[...]

Um sotaque quase britânico, em seu inglês perfeito demais para alguém que aprendia línguas pela internet, mas eu não queria pensar nisso. Sentei ao lado dele e apreciei.

[...]Estou cansado de ficar sozinho

Então corra e venha aqui

Tão cansado de ficar sozinho

Então corra e venha aqui[...]

Eu também estava cansada de ficar sozinha. Estava cansada de não ter quem amar.

Capítulo 9

John

Quase não consegui dormir. Tê-la tão perto de mim era inquietante. Eu queria mais dela. Queria tocá-la. Senti-la. Queria muito mais do seu gosto, do seu corpo, mas queria também o seu coração. Isabele era uma sobrevivente, como eu era. E eu sabia que precisava conquistá-la para só depois possuí-la.

Levantei no meio da madrugada. Caminhei até o quarto para vê-la dormir. Ela estava de costas. Cabelos espalhados em meus travesseiros. Respirando suave, debaixo dos meus lençóis. Era o retrato perfeito da mulher com a qual eu havia sonhado a vida toda. Segura e inteligente, forte e doce. Tão bonita por dentro e por fora.

Peguei a guitarra do meu pai e saí. Se eu ficasse ali por mais tempo, acabaria não resistindo e tomando minha bela doutora nos braços.

Eu estava ansioso demais para mostrar a ela quem

eu realmente era. Pretendia levá-la para jantar e então revelaria meu verdadeiro nome e condição.

Sentei no deck e comecei a dedilhar uma canção. Quando percebi, minha voz já acompanhava a melodia.

Não sei quanto tempo ela me ouviu cantar. Eu estava absorto pela música, só percebi sua presença, quando ela sentou-se de frente para mim. Sorriu, mas não disse nada e eu segui cantando para ela.

*“Searching all my days just to find you
I'm not sure who I'm looking for
I'll know it
When I see you”.*

Minha canção de amor já não era mais para ninguém.

*“Procurando todos os dias só pra te encontrar
Eu não tenho certeza de quem eu estou procurando
Mas eu saberei
Quando eu vir você”.*

Quando terminou, Isabele sorria para mim,

iluminando o nascer do dia muito mais do que o sol, nascendo detrás das montanhas.

— Sua voz é linda, mas quando você canta ela é completamente maravilhosa.

— Obrigado — sorri sem jeito porque eu ela tinha o dom de fazer a máscara do John engraçado cair.

— Você deveria investir na carreira musical! — brincou pegando a guitarra das minhas mãos e dedilhando uma melodia que eu não conhecia.

— Meu pai teria um infarto!

Isabele continuou tocando enquanto ria.

— Você toca muito bem. Deveria pensar em uma carreira musical — devolvi a brincadeira.

— Acho que vou ficar com a veterinária mesmo, sabe? Não quero que meu pai tenha um infarto também!

Levantei e me espreguicei. — Eu havia dormido poucas horas, mas era de longe a melhor manhã da minha vida.

— O que acha de tomarmos café por aqui mesmo? — ofereci — Não sei você, mas não estou afim de comentários idiotas logo pela manhã.

— Acho difícil algo tirar meu bom humor hoje, afinal, não é sempre que acordo ao som de John Mayer, mas é bom garantir.

Estendi a mão para ela, e quando ela se levantou, eu a puxei para um beijo. Seu corpo moldando-se ao meu, enquanto eu a puxava para mais perto. Minha boca mordiscando seus lábios devagar, enquanto ela ria deliciosamente sexy.

— João, João, você vai acabar me deixando mal acostumada, sabia?

Entramos no chalé e aproveitei um pão que Marcos havia trazido para preparar torradas francesas e um bom café, coado e forte e sem açúcar, como eu gostava.

Estendi a toalha pequena no balcão e servi duas torradas no prato de Isabele e uma caneca de café, enquanto terminava de tostar mais algumas torradas.

— Existe algo que você não faça bem, Sr. Leão? — sorriu.

— Pilotar helicóptero. Eu sou péssimo! Juro! Nem tento mais porque sou um perigo para humanidade quando se trata de voos.

Respondi sinceramente, mas sei que para ela, pareceu uma brincadeira. Isabele riu tão alto que quase engasgou com a torrada.

— Você não existe, João!

Depois do café, ela foi até a administração para se preparar para o dia de trabalho. Era ainda bem cedo e com sorte, ela conseguiria se vestir e começar a trabalhar antes dos funcionários chegarem.

Tomei uma ducha rápida. Vesti um jeans e uma camiseta do haras e calcei minhas botas. Ajeitei os cabelos com as mãos e aparei minha barba com cuidado.

Não eram nem oito da manhã, quando passei pelo consultório de Isabele. Ela já estava trabalhando, mas antes que eu pudesse entrar, Demétrio apareceu.

— Bom dia, João!

— Bom dia! — respondi cordialmente.

— Acabei de ver o estrago no cercado dos cavalos. O que houve ontem? A estrada está cheia de barreiras e a previsão do tempo é de chuva para o resto da semana.

— A cerca estava fraca demais e infelizmente a chuva começou rapidamente. Não tive tempo de proteger todos

os animais e um dos potros se assustou com os trovões. Acabou escapando e caindo em uma vala. Por sorte a Dra. Isabele estava comigo e conseguimos salvar o animal. Eu ia agora mesmo ver como ele está.

— Infelizmente o cavalo torceu a pata — comentou o que eu já sabia — Sei que a doutora fez o que pode, mas sinceramente... — interrompeu a frase no meio. — Eu pedi uma avaliação de fora, já que a doutora é contra sacrificar animais, mas não vejo como vamos salvar esse. O tornozelo dele está inchado e não vejo utilidade para um animal como ele aqui. Não serve nem para entreter os hóspedes. Perdeu todo o valor.

Engoli em seco a vontade mandá-lo a merda porque se o animal estava machucado, a culpa era toda dele. A responsabilidade sobre as instalações eram dele e o bem estar dos animais também. Se alguém tinha que ser sacrificado, não era o cavalo.

— O veterinário já deve estar chegando! — continuou. — Pedi a ele que viesse com urgência. Não quero perder mais tempo com aquele bicho arredo.

O som da voz dele ia me irritando um pouco mais a

cada palavra dita, enquanto caminhávamos para as baías.

Demétrio parou na porta de uma das baías. O potro estava lá dentro. Um pouco arredio, mas era de se esperar. Sua pata dianteira esquerda estava inchada e o peito marcado pelos ferimentos, que a luz do dia eram mais visíveis. Eu não entendia a fundo o que havia acontecido, nem sabia a extensão do ferimento, mas nada no mundo me faria sacrificar o animal, a menos que não pudéssemos curar sua dor.

— Vê, garoto? O bicho mal consegue se manter em pé! — reclamou. — Certamente não poderá ser montado nunca mais. Agora me diga, o que vou fazer com esse bicho aqui? Qual a utilidade dele? Nem para puxar carroça vai servir e ainda vai me levar um bom dinheiro.

Respirei fundo, formulando as frases em minha cabeça. Eu não queria contar ainda quem eu era. A primeira pessoa a saber disso, deveria ser Isabele.

— Eu acho que uma decisão dessas deve ser submetida a avaliação do proprietário. Afinal de contas, o animal não deve ter sido barato. É um belo potro Crioulo. Você deveria esgotar as possibilidades de cura, antes de pensar

em sacrifício.

— Outro idealista! — riu debochado. — Descobri porque a doutora está se derretendo para você, garoto! Esse seu papo mole e cheio de palavras corretas estão chegando lá! Se é que já não chegaram.

Limpei a garganta e entrei na baia porque se continuasse olhando acara feia dele, ia acabar perdendo a compostura e isso era mais uma coisa que havia aprendido com o meu pai — manter a superfície calma, ainda que o interior borbulhasse.

— Hey garoto! — aproximei a mão devagar, esperando que ele me permitisse tocá-lo. — Você foi muito corajoso ontem — segui acariciando sua crina, até o dorso. — Espero que fique bom logo. Sei que ainda vou vê-lo correr por esses planaltos, mas se isso não acontecer, vamos dar um jeito de cuidar de você. Não se preocupe com nada.

— Muito papo para pouco trabalho! — o homem entrou na baia, fazendo o cavalo relinchar e tentar empinar. A dor o impediu. — Lave esse bicho logo e o deixe pronto para receber o veterinário que contratei.

O potro encarregou-se de manter Demétrio longe e eu só podia agradecê-lo por isso.

Peguei um balde com água morna e uma escova para ajudar a tirar a lama que estava grudada em seu pelo bonito. Eu não estava nem um pouco preocupado com a avaliação de quem quer que fosse porque ninguém iria sacrificar meu potro, antes que eu tivesse certeza de que era realmente a melhor opção para ele.

Quando terminei o serviço, fui atrás de Isabele. Eu queria contar logo a ela o que ele pretendia porque sabia que ela iria ficar do meu lado.

Aproximei-me do ambulatório para encontrá-la com um homem. Era o mesmo playboyzinho emproado das fotografias no perfil dela.

— Isso é um absurdo, Isabele! Você não pode sair por aí, dormindo com qualquer imbecil! Um cavalariaço? Pelo amor de Deus, gatinha! Eu esperava um pouco mais de seletividade da sua parte!

— Não seja ridículo, Henrique! — Ela esbravejava. Eu podia ver seu rosto ruborizado de raiva. — Eu não dormi com ninguém, seu idiota! E ainda que tivesse dormido,

não é da sua conta!

— Não? Como assim não é da minha conta? Eu sou seu noivo!

A expressão de espanto dela espelhava a minha — *noivo?*

— Noivo? — Isabele pronunciou o que eu pensava. — Como assim noivo? Ficou maluco? Eu não recebi pedido algum! Aliança alguma! Eu nem conheço sua família, Henrique! Não seja patético! Além disso, nosso relacionamento anda mal das pernas há tempos! E não vejo nenhum empenho da sua parte em reverter isso, Dr. Henrique Cintra! — debochou.

Antes que ele pudesse continuar a discussão, Isabele saiu da sala e acabou dando de topo comigo.

— João! — estremeceu. — Você estava aqui há muito tempo?

— O suficiente Bela — confessei. — Mas não se preocupe. Você não me deve nada. Não tem que me explicar nada.

Não era verdade. Dentro de mim havia um furacão de emoções boas e ruins, brigando para ver quais iam

vencer. Eu queria entrar no ambulatório e enfiar minha mão em punho no meio das fuças do tal doutorzinho! Queria ensinar a ele como ter bons modos ao tratar uma garota e queria deixar bem claro que eu estava no páreo que não era homem de desistir, mas achei melhor me controlar.

— Eu vim falar com você sobre o potro. Demétrio quer sacrificá-lo.

Isabele baixou o olhar para o chão. Respirou fundo em seguida.

— Eu sei. Henrique foi chamado aqui por isso. Ele é um babaca, João. Vai sacrificar o animal sem pestanejar.

— Não, Bela, não vai — respondi convicto. — Se você achar que podemos fazer algo para curá-lo. Se precisar de algum exame específico, uma remoção, não sei, vamos dar um jeito. Não se preocupe.

Seu sorriso acalmou meu coração.

— Então esse é o peão que dormiu com a minha noiva! — O merdinha aproximou-se arrogante.

Coei minha barba recém aparada e respirei fundo, tentando manter a calma. Minhas mãos cerradas em punho.

— Foi por esse cara que você me trocou, Isabele? Um babaca que mal deve saber ler e escrever? É isso que você quer para sua vida, gatinha? Vai andar com ele de mãos dadas por aí? Você só pode estar enlouquecendo! Eu quero te levar para Alemanha, Isabele! Vou fazer uma especialização lá e pretendo seguir carreira com o Professor Volph!

Então era isso! O desgraçado arrogante achava que era superior a mim porque ia fazer uma porra de especialização na Europa! Minha língua coçou de vontade de contar a ele que eu havia estudado nos melhores colégios da Europa desde sempre. Que falava alemão fluente e fosse quem fosse o tal Volph, ele não era nada se comparado ao Leão de Roterdã, meu pai, mas Isabele me impediu de dizer o que quer que fosse. Sua mão espalmada em meu peito e seu olhar de súplica, me fizeram ficar em silêncio.

— Não entre no jogo dele, João — pediu baixinho.

O tal Henrique balançou a cabeça em negativa, quando seus olhos repousaram na mão de Isabele sobre mim. Eu me aproveitei e toquei minha mão na dela, antes

de beijar sua testa e seguir para longe.

Caminhei sem rumo pelo campo até que cansei. Sentei no chão e inspirei com cuidado, soltando o ar pela boca, acalmando minha respiração. Depois de uns minutos, saquei o telefone do bolso e teclei o número um da minha agenda — *ele sempre seria meu número um*.

— Pai... — comecei assim que ele atendeu. — Não quero explicar nada para você agora, mas esse é um daqueles momentos em que eu preciso ser lembrado de quem sou, para encontrar sabedoria para resolver um problema.

Meu pai riu contra o telefone.

— Você é um garoto arrogante que ainda cheira a leite, mas acha que pode salvar o mundo — brincou.

Ficamos em silêncio por tempo. Eu podia sentir sua respiração do outro lado da linha, acalmando meu coração — *eu era o filho do Leão e ninguém iria tirar isso de mim*.

— Não sei o que houve John, mas sei que você é capaz de resolver. Sei que é um homem seguro, honesto e responsável. Sei também que é o melhor amigo que alguém pode ter. Você é meu filho John, e é minha melhor

criação. O melhor projeto que desenvolvi na vida. Tenho muito orgulho de você, filho.

Mais um tempo de silêncio, mas eu já estava melhor. Ouvir a voz dele me deixava em paz. Fazia-me pensar em todas as vezes que ele havia me amparado e em todas as vezes que eu havia feito o mesmo por ele.

— Seja quem for a garota, John... — sua voz sorria. — E ela te deixou assim, provavelmente ela vale a pena! Trate-a com o respeito que eu lhe ensinei e não cometa os mesmos erros que eu cometi! — brincou.

Sorri.

— Obrigado, pai!

— Se quiser conversar depois, quando estiver mais calmo, estou sempre a sua disposição filho. Não importa quando, nem por quê.

Voltei caminhando com o coração tranquilo. Pensando com clareza. Do que eu tinha medo? Eu sabia que Isabele tinha sentimentos por mim, não era difícil de perceber e eu não era nem um pouco burro. Tudo que eu precisava era ter uma conversa séria com ela. Eu não ia perder uma garota para um idiota como o tal Henrique.

Segui direto para a baía em que o potro machucado estava. Eu precisava resolver isso, antes de qualquer coisa.

Assim que me aproximei, vi o tal Henrique, Isabele e Demétrio discutindo.

— Eu não vou gastar uma fortuna com exames para um bicho arisco e fujão como ele! — Demétrio reclamava.

— Eu me responsabilizo pelo tratamento! — Isabele esbravejava. — Se o problema é dinheiro, eu mesma posso pagar! Não vou permitir que você o venda assim ou que sacrifiquem o pobre coitado! Olha o estado dele, Demétrio! Ele ficou assim por irresponsabilidade sua! Eu já havia avisado que a cerca estava fraca! Sua sorte foi João ter salvado os outros animais a tempo!

— O animal não vai ficar cem por cento, Isabele! Nunca mais — Henrique interviu. — Você mesma viu! Pelo amor de Deus Isa, você está se comportando como uma estudante boba e mimada!

— Eu não sou idiota, Henrique! Eu sei que ele vai precisar de cuidados e um tratamento longo, mas ele vai ficar bom. Foi apenas uma torção! É um animal jovem e

saudável! Você deveria querer salvá-lo e não condená-lo! Pelo amor de Deus Henrique, não foi para salvar vidas que você se formou?

Henrique fungou e torceu o nariz para ela, deixando-a ainda mais irritada.

Eu me aproximei em silêncio e Isabele me mostrou a imagem do raio-x na tela do notebook.

— Olha João, foi apenas uma torção! — seus olhos me pediam ajuda. — Em dois ou três meses ele estará novinho em folha! Sei que consigo!

— Você só pode estar maluca, Isabele. — Demétrio seguiu reclamando. — Dois ou três meses de tratamento vão me custar uma fortuna e eu nem tenho certeza de que valerão a pena!

A imagem na tela não era clara par mim. Eu não entendia de exames veterinários, mas ela sim. E se estava me dizendo que tudo bem, era suficiente.

— O que você sugere, doutora? — perguntei.

— Com o tratamento correto, e um pouco de sorte, logo ele estará correndo novamente!

— Concordo com você. Nós vimos o acidente. O cavalo

não sofreu uma grande queda nem nada. Não vejo razão para outra coisa além de um tratamento correto.

— Ah claro! Você vai dispensar meu diagnóstico clínico profissional porque o tratador de cavalos disse que concorda com você! — esbravejou o veterinário.

— Você não tem que concordar ou discordar! — Demétrio me desafiou. — Sua opinião aqui não vale mais que um monte de estrume! Aliás, você só está aqui porque o doutorzinho advogado exigiu! Ponha-se no seu lugar!

— Ninguém vai tocar no cavalo, a menos que a Dra. Isabele permita. Até onde sei, na ausência do proprietário ou seu responsável legal, a veterinária é quem responde pelos animais.

— E quem é você para impedir? — O tal Henrique elevou a voz.

Ignorei sua afronta, por mais que quisesse partir a cara dele ao meio — *eu era John Van Galagher, não um menino de rua qualquer. Não iria descer o nível só porque ele estava se sentindo ameaçado.*

Demétrio veio até mim com o dedo em riste.

— Como ousa falar com o Dr. Henrique assim? Ficou

maluco? Não tem amor ao seu emprego?

— E você Demétrio, tem? — perguntei calmamente. — Porque o que eu disse é a verdade e se você ousar passar por cima da autoridade de Isabele, terei muito prazer em chamar o Dr. Pimentel até aqui. Tenho certeza de que ele não vai ficar feliz com sua decisão. Ela é a profissional responsável pelos animais do haras e as decisões clínicas cabem a ela. Você não é burro — provoquei. — Sabe que tenho razão.

O administrador ficou em silêncio por alguns segundos, provavelmente pensando minhas palavras. Ele sabia que eu tinha razão, mas não queria dar o braço a torcer.

— Eu vou tratar da sua demissão imediatamente! — esbravejou quando viu que havia perdido a batalha.

Peguei o telefone no bolso da calça e o ofereci a Demétrio.

— Os únicos que podem me demitir são o Dr. Pimentel ou o proprietário — expliquei. — E acredito que não seja esse o caso, mas se quiser explicar a um deles como você decidiu tratar do assunto com o cavalo, perdendo cerca de

vinte mil reais, fique à vontade.

O homem gaguejou e tossiu, mas não fez a ligação.

Eu estava cansado da discussão e se permanecesse ali, acabaria falando ou fazendo alguma besteira. Peguei o cavalo pelo cabresto e levei de volta para a baia, de onde ele só iria sair quando Isabele achasse necessário.

Isabele ainda ficou discutindo com os dois, tentando convencê-los dos seus argumentos. Ela tinha mais medo de ser dispensada do trabalho que eu, mas mal sabia ela que isso não iria acontecer.

— Eu desisto! — ouvi ela dizer. — Vocês dois são iguaizinhos!

Poucos minutos depois, apareceu na baia. Seus olhos encontraram os meus e antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela se atirou sobre mim, puxando minha boca para um beijo muito, muito intenso.

— Obrigada por me apoiar! — disse contra minha boca.

— Eu jamais te abandonaria.

Capítulo 10

Isabele

Era concreto! — *eu estava irremediavelmente apaixonada por João Leão.*

Não fazia diferença alguma se ele era tratador de cavalos, se falava francês ou se chamava macarrão de pasta. Eu não conseguia pensar em nada no mundo inteiro que eu quisesse mais do que um beijo dele. A presença de Henrique só havia tornado a certeza maior. Não havia futuro algum para mim longe do meu encantador de cavalos.

Enquanto corria atrás dele, literalmente, minha mente viajava em como eu havia sonhado em encontrá-lo sem nem mesmo saber que ele existia. Honesto, justo, leal e corajoso, esse era o meu Leão. A maneira como ele havia peitado todos para salvar o cavalo tinha aberto meus olhos e meu coração.

— Hey moça, desse jeito eu ter que arrumar uma briga por

dia! — brincou quando eu deixei finalmente falar.

— É uma reclamação, moço? — brinquei.

— De maneira alguma! Só estou constatando.

Sua mão firme em minha cintura, apoiado sobre o monte de feno. Sua boca arrastando-se em minha pele, levando uma onda de sensações consigo, enquanto eu mordiscava seu pescoço. Por um segundo, esqueci de quem éramos e de onde estávamos, mas os gritinhos de uma criança nos fizeram pisar no freio.

João me soltou no momento em que um homem alto e loiro apareceu em frente a baia, levando uma garotinha de olhos azuis pela mão.

— Olha papai! Esse aqui! Quero montar nesse aqui! — Ela gritava e apontava com os olhinhos faiscando de alegria.

— Precisamos pedir permissão aos funcionários querida!

— O homem entreviu sorrindo para mim.

Abaixei na altura da garota.

— Este cavalinho aqui está machucado, querida, sinto muito. Ele precisa descansar para ficar bom logo, mas podemos procurar outro. O que acha? João pode ajudar

você! Ele é ótimo com cavalos.

Meus olhos encontraram os de João que sorria.

— Vamos encontrar um cavalo bem bonito! — concordou

— De que cor você prefere?

— Rosa! — gritou tão rápido que nós três caímos na risada.

— Rosa vou ficar te devendo — disse baixinho. — O último unicórnio que tínhamos escapou ontem, com a tempestade.

— Jura? — A garotinha perguntou maravilhada.

— Claro que sim! Eles sempre passam por aqui. Ficam uns dias comendo amoras e depois seguem o seu caminho.

Vê a árvore? — apontou para a amoreira — Eles comeram tudo!

— Puxa!

Eu não podia deixar de sorrir como uma boba diante do homem que tinha em minha frente. Tão perfeito que quase parecia uma lenda, como os unicórnios.

— O que acha de montarmos em um cavalo branco, hum? Como o dos príncipes e princesas encantadas? — ofereceu.

— Posso papai? — pediu.

— Claro que pode querida. Se o moço ajudar você, pode sim.

Seguimos pelo corredor das baias, João com a garotinha na frente e eu e o pai dela atrás.

— O senhor não precisa se preocupar, João é muito cuidadoso, mas se o senhor preferir, pode montar com ela.

— Ah não. Eu não monto. Não sou muito fã de cavalos, mas Nina os ama. Ela tem uma coleção de pôneis coloridos. Os cavalos são sua paixão.

Sorri porque eu entendia bem — *eles eram minha paixão também.*

João a levou até a baia de uma égua inteirinha branca que era extremamente dócil e obediente.

— Essa é a Raio de Luz — apresentou. — O que acha de darmos uma volta nela?

A garotinha assentiu com a cabeça, fazendo os cachinhos louros dos cabelos balançarem para frente e para trás.

Ele tirou Raio de dentro da baia e a selou com cuidado. Depois subiu na égua e estendeu os braços para

que o pai a colocasse junto dele.

A menina agarrou a crina da égua com os olhinhos faiscando de felicidade.

— Sabia que eu tenho uma irmãzinha que se parece com você? — perguntou assim que a égua começou a caminhar.

— Ela se chama Aurora e também é apaixonada por cavalos.

João deu uma volta inteira com a menina pela arena, devagar e cuidadoso, quando voltou, acriança nem queria descer. Abraçou o pescoço da égua e começou a beijar.

— Ela é tão bonitinha!

— Sim filha, ela é linda! Mas agora precisa descansar! E João tem trabalho a fazer. Amanhã, se ele puder, você pode dar outra volta na Raio de Luz.

Depois que eles se afastaram, não resisti, entrelaçando meus dedos nos dele. Ele me puxou e beijou suavemente.

— Esse é um caminho perigoso, encantador de cavalos. Você vai acabar sendo demitido e eu também! Precisamos nos controlar.

Aquele mesmo riso terrivelmente angelical e sexy

pairando em sua boca gostosa.

— Adoro correr riscos, doutora. A vida não tem graça nenhuma sem eles.

Seguimos juntos até o ambulatório. João me deixou lá e seguiu com Gildo para ajudá-lo com a cerca que havia sido estragada. A previsão era de mais chuva e tínhamos que nos precaver.

Ele havia me pedido para ficar, mas Henrique insistia que precisávamos conversar. Eu não queria deixar nada mal resolvido, então tinha trocado o jantar de sexta por uma passada rápida no apartamento dele e, com sorte, eu poderia ter uma sexta-feira maravilhosa, ao lado do homem que eu realmente queria estar.

Já era final da tarde, quando Renata apareceu na minha sala.

— O doutor foi embora arrancando com o Jipe — começou, ardilosa como uma serpente. — Mas acho que você nem está se importando.

— Não se preocupe com Henrique, Renata, ele é bem crescidinho. Sabe se virar.

— Ah não, eu não me importo. Na verdade acho que você

fez uma ótima troca — continuou, escorando-se na janela, para ver onde João estava. — Então, ele é bom serviço como parece ser?

Eu havia entendido muito bem a pergunta, mas não estava nem um pouco disposta a conversar com ela.

— Sim. Ele é ótimo de serviço. Você pode ver como os cavalos estão mais tranquilos e as coisas mais organizadas. Não entendo seu interesse repentino, mas pergunte ao Gildo. Ele trabalha diretamente com João.

— Para, Isabele! Você sabe do que eu estou falando! Ou você vai me dizer que não aconteceu nada entre vocês dois a noite toda? Se fosse comigo...

— Pois é Renata, se fosse... Mas não foi. Foi comigo e eu não sou você. Ele me ofereceu abrigo porque eu não tinha como dirigir até em casa e foi o que houve.

— Claro! Entendo... — O sarcasmo decorando seu rosto.

Encarei o relógio no meu pulso.

— Bem, se você não se importa, já deu meu horário e tenho um compromisso.

Ela se desencostou da janela e sorriu.

— Então quer dizer que o caminho está livre? —

perguntou e eu me fiz de desentendida. — Você sabe, com o bonitão dos cavalos. Pelo visto vamos ter outra tempestade e quem sabe ele precise de companhia.

Virei as costas e saí pisando duro. Meu rosto esfogueado de ódio, mas eu não queria dar o braço a torcer.

Quem aquelazinha achava que era?

Eu nunca fui uma mulher ciumenta, mas quando se tratava de João, qualquer coisa me fazia perder o controle.

— Entrei no carro e bati a porta com força. Minhas mãos contra o volante, respirando devagar para me controlar. O formigamento subindo dos meus dedos para as mãos e braços.

Meu Deus Isabele, você vai acabar tendo um treco! — esbravejei comigo mesma — Definitivamente, Renata não faz o tipo de João!

Passei em uma padaria no centro que Fernanda e eu gostávamos e comprei uma bandeja de sonhos. Cheguei em casa enquanto ela estava no banho.

— Téó! — abri os braços para o meu pitbull, enquanto ele

abanava o rabo e latia como um louco.

— Não se anima não cachorro, tenho certeza de que essa aí já nos trocou pelo peão bonitão!

Levantei e a abracei.

— Eu jamais trocaria vocês dois por quem que seja, mas eu mereço um pouquinho de felicidade, não mereço?

— Sua safada! Você passou a noite com ele! E o engomadinho idiota veio até aqui encher meu saco — brincou. — Juro que quase tive um ataque de riso, Isa!

— Você é maldosa, Nanda! — ri alto. — Muito maldosa!

— Ele mereceu! Você sabe! A cara que ele fez quando eu disse que você estava na casa do tratador de cavalos. Quase pagou aquela dívida antiga que o babaca tem comigo, mas não quero falar do Henrique, quero saber do João.

Sentei no sofá rindo como uma idiota.

— Ele é um príncipe. Um príncipe pobre, mas um príncipe — brinquei.

— Envolvida ou apaixonada? — insisti.

— Acho que os dois — confessei respirando fundo.

— Ai que lindo!

— Mas o problema é que João comprou uma briga lá no haras por causa de um cavalo. Vamos acabar sendo dispensados os dois!

— Ah amiga, não se preocupa! Você é uma ótima veterinária, posso conseguir algo para você lá na Universidade do Cavalo. Você sabe, o Bruno te adora.

— Não Nanda, ele te adora, ele me atura porque sabe que é um meio de te deixar feliz, mas eu te entendo, você deveria mesmo esperar o cara certo sabe? Faz toda a diferença.

Fernanda sorriu e eu acabei sorrindo junto. Éramos duas mulheres modernas que no fundo, só queriam um amor de verdade.

— O que é isso na sua testa, Isa? — perguntou curiosa.

— Ah, não é nada. Eu caí. Acredita? O mico do século! Estava quase transando e caí como uma jaca madura.

— Caiu? Como caiu? Isa, explica isso direito!

Fernanda me conhecia bem demais. Ela sabia tão bem quanto eu, que algo não estava certo. Eu já havia passado por outros lapsos de visão e por mais que eu fingisse que não era nada, ela sabia que era.

— Eu estava com João, na casa dele, e aí ele foi pegar um preservativo e eu tentei descer de cima do balcão, aí tudo ficou escuro e eu caí.

— Isabele Andrade eu já te disse que você precisa procurar um médico! Pelo amor de Deus, garota! Isso pode ser algo sério e você fica fingindo que não é nada! Por favor, Isa! Você é uma garota inteligente!

— Eu estou tentando Nanda! Você sabe! Eu já fui em vários médicos e nenhum deles encontrou nada! Eu também estou preocupada amiga, juro! João conseguiu uma consulta para mim para daqui a uns dias. É um especialista. Neuro oftalmologista.

— Hum... o João conseguiu uma consulta! — brincou. — Meu Deus eu vou acabar morrendo de diabetes!

— Agora se me dá licença, preciso acabar com o cara errado, para poder começar com o certo! — brinquei. — Tem uma bandeja de sonhos para você e espero não demorar, mas pode dormir porque eu sei que quando resolver isso, estarei ótima!

Beijei sua testa e corri para o meu quarto. Separei um vestido florido curto e uma jaqueta de couro e deixei

sobre a cama.

Tomei uma ducha rápida, ajeitei o cabelo e voltei para me vestir. Arrematei o visual com um par de sandálias que Henrique odiava, mas não importava mais. Eu não tinha mais que me preocupar em ser a Isabele que ele achava que eu deveria ser.

Pouco mais de quinze minutos depois, eu estava subindo para o apartamento de Henrique.

Ele abriu a porta assim que a campainha tocou. Veio direto para me beijar, mas eu me esquivei e beijei seu rosto.

— Ah gatinha, para com isso! Você não vai estragar o que a gente tem por causa de um caso bobo no trabalho, não é? Ele não é do nosso nível, Isabele!

— Eu não vou estragar nada Henrique. João não tem nenhuma responsabilidade sobre nossos problemas.

— Olha Isa, tudo bem, você dormiu com o cara! Ele é atraente, eu posso esquecer isso! Eu sei como é! Já tive meus casinhos nesses anos que estamos juntos.

Ótimo! Ele havia acabado de confirmar que me traia.

— Henrique... — tentei levar o assunto para onde eu queria, mas então parei para observar a mesa posta para quatro pessoas. — Alguém vem jantar? — perguntei curiosa.

— Gatinha, eu sei que ando distante e que estou em falta com você. Sei que preciso melhorar, mas Isa, eu falo sério quando digo que quero você ao meu lado. Eu quero você na Alemanha comigo, gatinha.

A voz melosa dele só aumentava minha vontade de sair correndo dali.

— Vem cá! — Me pegou pelo braço e me fez sentar no sofá. — Tenho uma surpresa para você. Eu ia esperar meus pais chegarem, mas acho que fica mais romântico se formos só nós dois.

Então o que eu mais poderia temer aconteceu. Henrique sacou uma caixinha preta de dentro do bolso da calça e abriu. Havia um par de alianças lá dentro.

— Eu quero me casar com você, Isabele.

Nem ao menos era um pedido. Estava longe de ser. Era mais uma das conquistas de Henrique Cintra, nada mais. Não havia romance algum. Nem um “eu te amo” se

quer.

Eu nunca havia pensado em casamento com ele. Para ser sincera, casamento não era algo que estivesse nos meus planos, mas se algum dia eu me casasse com alguém, teria que ser alguém que me tirasse o folego, o ar, o chão. Alguém que me fizesse voar e voltar a terra com nada mais que um beijo. Alguém como João.

Ele pegou minha mão direita e tentou colocar a aliança, mas eu não permiti.

— Henrique, para! Você não me ama e eu não te amo, qual é o propósito de nos casarmos? Ficou maluco?

— Olha, casamento é uma sociedade. Nós nos gostamos, temos os mesmos sonhos, nos damos bem — levantou do sofá nervoso — Ah e o sexo também é ótimo! Você não pode negar.

Eu podia sim, mas não era hora para discutir sobre sexo em um relacionamento que já havia mesmo acabado.

— Vem, senta aqui — bati no assento do sofá. — Você está querendo se casar pelos motivos errados.

— Isa, para de me afastar de você! Você sempre faz isso,

sempre me afasta quando eu tento me aproximar, hum gatinha? Não faz assim.

Ele segurou meu rosto com força, impedindo que eu me afastasse. Tomou minha boca a força em um beijo que eu não queria corresponder. Era estranho, como se eu estivesse traindo alguém.

— Fica aqui essa noite Isa, agente se acerta! Você sabe que a gente sempre se acerta.

Sua mão estava em minha coxa, forçando a barra do vestido para cima.

— Para Henrique! Isso não vai acontecer! A gente não vai se acertar porque não existe o que acertar! Agora me solta que você está me machucando e sei que essa não é sua intenção.

Ele soltou. Não era nenhum cafajeste, só tinha uma ideia de felicidade diferente da minha.

Eu ajeitei meu vestido e levantei.

— Você está terminando comigo por causa daquele borra botas? Cadê sua sanidade, Isabele! Pelo amor de Deus! Você quer que eu diga que te amo? Eu digo!

— Não Henrique... — Minha mão em seu peito, sentindo

seu coração. — Eu quero que você sinta. Quero que saiba o que é amar alguém, mas esse alguém não sou eu.

Abri a porta e segui pelo corredor debaixo dos protestos dele. Não olhei para trás porque não havia mais nada meu ali. Henrique fazia parte do passado e era lá que eu iria deixá-lo.

Só percebi como estava nervosa, quando sentei atrás do volante. Minhas mãos tremendo junto com todo o meu corpo. Aquela sensação estranha de formigamento tomando meu rosto ao ponto de incomodar.

Calma Isabele. Calma. Respira fundo que agora é só alegria.

Dirigi pela cidade até que me rendi. Eu não queria voltar para casa eu queria ir até ele. Queria desesperadamente que ele me fizesse dele e que fosse meu. Meu corpo ansiava desesperadamente por um pouco mais de João Leão e meu coração não estava quieto se não fosse ao lado dele.

Capítulo 11

John

Quando meu expediente se encerrou, voltei para o chalé sem conversar com ninguém. Depois de tudo que havia acontecido durante a manhã, eu estava feliz por ter passado o dia ao lado de Gildo. Ele era um bom homem. Honesto e bom funcionário, além de apaixonado pela família. Essas eram as melhores qualidades que alguém poderia ter.

Tomei um banho e vesti uma calça xadrez de flanela e uma camiseta cinza com o Darth Vader estampado. A chuva começou a cair fina, mas logo ficou mais forte, quase como a tempestade do dia anterior.

Abri as portas duplas da entrada e sinalizei para que os cachorros entrassem. As noites estavam frias e por mais que eles fossem peludos, me dava pena ver os bichinhos no frio. Na Holanda, nossos cães sempre ficaram dentro de casa, à beira da lareira.

Abri uma garrafa de vinho e servi em uma taça.

Peguei o telefone e liguei para o número de Marcos.

— Fala, companheiro! Como estão as coisas no seu refúgio da montanha? — brincou.

— Digamos que estou esperançoso — devolvi a brincadeira. — Mas preocupado.

— Com a doutora?

— Sempre, mas com minha identidade secreta também. Tive uma discussão com o administrador hoje, por causa de um cavalo. Ele definitivamente não fará parte do meu quadro de funcionários, quando eu finalmente revelar quem sou.

— Se quiser, posso demiti-lo para você. Faço isso amanhã mesmo.

— Não, não é necessário. Por enquanto estou aqui, observando o trabalho dele de perto. Quando chegar a hora, eu mesmo quero chutar a bunda branca dele daqui — confessei.

Eu odiava preconceito e ele havia sido preconceituoso com meu melhor amigo, e desrespeitoso comigo e com Isabele, além de desonesto. Não havia

razão alguma para mantê-lo no emprego.

— E em que eu posso te ajudar, então?

— Quero que fique ciente da briga, porque ele provavelmente irá questioná-lo sobre minha demissão. Não quero que Isabele saiba de tudo da maneira errada. É um terreno perigoso. Não quero que ela pense que eu desconfiei dela ou coisa assim. O infeliz me demitiu e eu fui obrigado a lembrá-lo de que isso só poderia ser feito por você, companheiro, ou por mim mesmo — debochei.

— Não se preocupe, Sr. Leão. Seu emprego e seu segredo estão seguros comigo.

— Obrigado, companheiro! Sabia que podia contar com você.

— Sempre.

Desliguei o telefone e o deixei sobre o móvel. Liguei a TV em um canal de shows e deixei que a música suave do que tocava me acalmasse até a hora do jantar.

Fechei os olhos para relaxar, mas não demorou até que eu ouvisse passos se aproximando. Levantei rápido e saí até a varanda, Isabele vinha até mim, correndo com um par de sandálias nas mãos. Ensopada e enlameada até o

cabelo. Não pude deixar de rir e ela também não.

— Ficou maluca, garota! Olha a chuva que está caindo! O que houve? — Eu estava preocupado, mas estava rindo bobo de felicidade.

— Fiquei atolada ali na porteira. A chuva fez um estrago na entrada. Tive que calçar a roda para poder seguir.

— Deus do céu, Bela! Você é maluca! Poderia ter se machucado!

Ela foi se aproximando e eu fui perdendo a vontade de rir. Ela estava ali, na minha frente, para mim. Por mim. Ninguém nunca havia feito algo parecido só para estar comigo. Sem carro de luxo, nem suíte presidencial. Era apenas eu, o bom e velho John Van Gallagher, ainda que ela não soubesse.

— Desculpe vir sem avisar... — Seus olhos se desviaram dos meus por um segundo, sem jeito — Mas eu não queria esperar até amanhã, sabe?

— Trinta segundos de insanidade? — perguntei aproximando-me dela.

— Exatamente!

Eu a puxei para mim e a beijei com todo o desejo

que eu não queria mais negar, nem esconder. Pensei seu corpo com o meu, contra a pilastra da minha varanda. A chuva forte abafando nossos gemidos de desejo. Minha mão viajando em seu corpo sem que ela me detivesse. Meu corpo ansioso por mais.

Afastei nossas bocas o suficiente para que pudesse encará-la.

— O que você quer de mim, doutora? — perguntei por que eu precisava que ela dissesse.

— Quero você. Quero ser sua.

Era tudo que eu precisava ouvir. Tudo que eu queria dela.

Isabele

Ele precisava que eu dissesse, e eu precisava dizer.

Assim que as palavras deixaram minha boca, foi como se uma fagulha atingisse um rastilho de pólvora.

João escorregou as mãos pelos meus quadris, e depois subiu, levando o vestido com ele. Ergui os braços

para que ele pudesse retirá-lo e em seguida o livreí da camiseta molhada e suada de mim.

Sua pele quente na minha era como brasa do final de uma fogueira. Suas mãos eram possessivas e exigentes, tomando o que queriam de mim. Ele me ergueu pelos quadris e eu enlacei as pernas em volta da sua cintura.

João não esperou mais nada. Já havíamos esperado demais. Ele me colocou no chão e eu me sentei na cama. Minhas mãos tateando o elástico da calça xadrez dele. A chuva apertando lá fora, enquanto tínhamos nosso pequeno pedaço de paraíso lá dentro.

Beijei sua barriga esculpida a perfeição, sentindo seu gosto em minha língua. Baixei devagar a calça, deixando-o de cueca. Seus olhos claros perdidos nos meus. Aquele mesmo sorriso bonito de anjo mau brilhando em seu rosto.

— Gosto das suas cuecas! — confessei encarando a armadura do homem de ferro impressa no tecido.

João riu.

— Que bom! — confessou. — É meio que uma identidade secreta sabe? Ser eu mesmo por baixo das roupas.

— Você deveria ser você mesmo sempre. Você é um homem incrível, não deveria ser outro em momento algum.

Respirei fundo, sentindo um sentimento estranho se espalhar dentro de mim, aquecendo tudo, enquanto ele me encarava com um brilho incrivelmente sexy e perfeito no olhar.

Ele me deitou na cama e desabotoou meu sutiã, tirando a peça pelos meus braços sem nunca deixar de me olhar.

— Isabele, *ma belle* — sussurrou baixinho fazendo meu coração acelerar.

Sua boca viajou pelo meu pescoço, bagunçando meu cabelo e fazendo-me arfar. Seus dentes arranhando minha pele, seu corpo encaixado no meu, sua ereção pressionando minha pelve, até que o primeiro gemido deixou minha boca sem que eu pudesse impedir.

João não tinha pressa alguma. A destreza de quem sabia exatamente onde queria chegar me fascinava. O controle incrível sobre o próprio desejo, como se ele se satisfizesse em me ver satisfeita.

Eu não era uma exímia amante. Não tinha uma

longa lista de homens em minha cama. Para ser sincera, Henrique havia sido o segundo, mas o primeiro era um amor de adolescência que havia se transformado em realidade em uma tarde de estudos e nada mais, mas João era de longe o primeiro homem de verdade a quem eu me entregava e eu desejava muito que fosse o último.

Ele beijou minha clavícula, descendo a boca até meus seios e lambendo meu mamilo, enquanto a mão viajava até entre minhas pernas, enlouquecendo meus sentidos.

— Hum... — gemi mais alto.

— Isso Bela, geme para mim. Geme mais alto que seus gemidos serão meu guia de como te dar prazer.

Mordiscou meu peito e desceu até meu estômago. Minha cabeça girava de desejo, enquanto ele viajava pela minha barriga em direção a minha pelve.

Segurou dos dois lados da minha calcinha e a retirou cuidadosamente, sentindo meu corpo ondular. Sua barba aparada fazendo cócegas em minha pele.

João aproximou a boca do meu sexo e inalou meu aroma com cuidado.

— Deliciosamente doce, como eu tinha certeza que você seria.

Sua boca se aproximou e ele iniciou o toque da língua com a mesma destreza que tinha para tudo. Seus movimentos tinham a sincronia perfeita que meu corpo exigia, enquanto sua barba rala seguia provocando minha pele mais e mais.

João espalmou as mãos em cada uma das minhas coxas e as afastou o suficiente para que pudesse ter uma visão perfeita de mim. Eu não era a mulher mais desenvolta e cheia de mim, mas a maneira como ele conduzia tudo me fazia sentir confiante e excitada com o que viria a seguir.

Seus olhos seguiam perdidos nos meus, enquanto ele me lambia e chupava fazendo meu corpo arquear de prazer. Eu nunca havia gozado com sexo oral. Minhas experiências anteriores nunca foram memoráveis, mas aqueles minutos com João fizeram com que eu fosse ao céu e voltasse.

Quando ele terminou a brincadeira, sorria maliciosamente para mim, enquanto tentava formular um

pensamento coerente.

Levantou-se e pegou um preservativo na gaveta do criado-mudo. Tirou a cueca e caminhou de volta para a cama. Ele era de longe o homem mais incrivelmente lindo que havia visto na vida. Deixava todos os meus ídolos juvenis no chinelo fácil, fácil. Seu corpo era absolutamente proporcional e bem feito. A pele clara e lisa, salpicada por algumas pintas o deixava ainda mais sexy.

— *Vient ma belle* — estendeu a mão para mim.

João estava de joelho sobre a cama e guiou-me para o seu colo. Eu o montei devagar, sentindo seu membro abrir espaço dentro de mim, centímetro a centímetro, aumentando lentamente nosso prazer. Ele jogou a cabeça para trás, apoiando o corpo nos braços, mordendo o lábio, enquanto eu seguia minha dança lenta e continua. Um gemido profundo escapando da sua garganta.

— Hum... *ma belle*.

Antes que eu tivesse tudo dele dentro de mim, João agarrou meu rosto louco de desejo. Sua boca tomou a minha com tanta paixão que foi quase doloroso. Sua mão

firme em minha cintura, guiou meu corpo para o dele com possessividade, enquanto ele sugava minha língua levando-me a borda mais uma vez.

— Deus do céu, João — sussurrei contra sua boca, enquanto ele me movia para cima e para baixo, de encontro ao seu quadril, fazendo com que estivéssemos completamente unidos. Uma conexão que ia muito além de dois corpos fazendo amor.

— Eu te quis tanto, doutora — sussurrou enquanto aumentava os movimentos dos nossos corpos. — Desde o primeiro dia. Desde que você apareceu na baia da Celeste. Eu acho que te queria antes mesmo disso acontecer — confessou.

— Eu acho que quis você desde sempre... Quando minha mãe lia contos de fadas para eu dormir, eu já queria você João, meu príncipe encantado.

Ele me deitou na cama e continuou a me penetrar com o mesmo desejo. Suas mãos em meus quadris, comandando o movimento e aumentando a fricção do seu corpo no meu.

Sua boca viajou até os meus seios, sem diminuir o

ritmo. Ele tateou minha aureola com a língua, fazendo-me ofegar. Tomou o mamilo entre os dentes, mordendo suavemente e sugando em seguida.

Quando voltou a beijar minha boca, eu não resisti, explodindo no orgasmo mais intenso que já havia sentido. Alguns segundos depois, João aumentou a intensidade dos gemidos e eu soube que ele também estava prestes a atingir o clímax.

Deitou o rosto sobre meu peito, sentindo meu coração bater apressado e satisfeito. Meus dedos brincando em seu cabelo suado, sentindo a maciez dos fios.

Ficamos em silêncio por um grande espaço de tempo. Tudo que eu precisava era estar ali, com ele sobre mim. Seu corpo aquecendo o meu. Todo o resto podia esperar.

Capítulo 12

John

O dia amanheceu claro e cheio de vida, como eu me sentia, depois de tudo que havia acontecido. Isabele ainda dormia em minha cama.

Preparei o café, servi em duas xícaras. Aqueci algumas fatias de pão caseiro e geleia e arrumei tudo em uma bandeja que encontrei entre as louças da cabana.

Deixei sobre a mesinha de cabeceira e corri os dedos pelos cabelos de Isabele. Tão linda e delicada, dormindo sob meus lençóis.

Demorou alguns segundos para que ela abrisse os olhos. Sorriu no instante seguinte.

— Bom dia, Bela!

Segurou minha mão e a levou até a boca, beijando em seguida.

— Eu gostaria de passar o dia todo com você na cama, mas se não nos aprontarmos vamos nos atrasar para o

serviço — brinquei e ela sorriu, espreguiçando-se.

— Tem toda razão, João! Assim evitamos comentários maldosos — pegou a xícara e levou a boca. — Adoro café forte assim sabia? Perfeito para dar um gás para começar o dia.

— Promete que volta essa noite? — pedi antes de dar uma mordida na fatia de pão.

Isabele ajeitou os cabelos com os dedos, um sorriso bobo pairando em seus lábios.

— Não consigo pensar em melhor maneira de passar o fim de semana!

Eu não conseguia pensar em nada melhor também.

— Então, o que temos para hoje, doutora? — brinquei. — Para que precisa dos meus serviços?

— Hum... Posso pensar em várias coisas — provocou. — Mas todas vão ter que ficar para depois do expediente.

Terminamos o café e separei uma roupa para o trabalho.

— O que acha de uma ducha?

— Rápida? — perguntou rindo maliciosamente.

— Tanto quanto é possível com você debaixo do

chuveiro.

Puxei-a para mim, deixando-a nua e beijando sua boca, enquanto a conduzia para o banheiro.

Liguei o chuveiro e deixei que a água amornasse. Quando ela ficou debaixo do jato de água, peguei o sabonete e comecei a ensaboar sua pele macia, deslizando com desejo até que sua respiração aumentasse de ritmo. Aproveitei para beijar seu pescoço e deslizar a boca pelos seios, mordiscando devagar.

— Hum... — Ela gemeu quando minha mão alcançou a pequena marca de pelos aparados em seu púbis.

Aproveitei o fato de que não tinha box e elevei uma de suas pernas, apoiando contra a tampa do vaso sanitário. Com acesso liberado a sua intimidade, comecei a beijá-la devagar, com movimentos suaves dos meus lábios, esperando pelas reações dela, enquanto meus dedos trabalhavam em seu sexo.

Quando começou a apertar as coxas e se contorcer, aumentei a velocidade dos movimentos, meus dedos movendo-se dentro dela, até que ela arqueou o corpo e encontrei o ponto exato do seu prazer.

— João... — Foi tudo que ela disse, antes de explodir em uma espiral de gemidos e respiração entrecortada.

O aroma doce da sua excitação deixando-me desesperadamente ansioso.

Fui até o quarto e peguei um preservativo. Virei-a de costas, segurando seu cabelo com uma das mãos, enquanto vestia o preservativo com a outra. Segurei-a pelo quadril, puxando-a para mim, separando suas pernas o suficiente para que eu pudesse me encaixar entre elas.

Deslizei para dentro dela com vontade, sem resistência porque sabia que ela estava preparada para me receber. Isabele gemeu mais alto assim que foi preenchida por mim. Juntei seus cabelos em torno do meu pulso e segurei com força, levando sua boca para a minha, para que pudesse beijá-la.

— Hum... João... isso é muito, muito bom...

— Você ainda não viu nada, Bela — sussurrei em seu ouvido.

Deixei Isabele se penteando e segui para o quarto, para me vestir. Enquanto escolhia um jeans, ela apareceu.
— Hoje vamos de azul marinho? Simples assim? —

brincou porque minha cueca não tinha um personagem.

— Às vezes é preciso mudar, doutora — devolvi a brincadeira.

Vesti a calça e uma camiseta branca com camisa de flanela xadrez por cima. Calcei minhas botas e ajeitei os cabelos.

— Como estou? — perguntei virando-me para ela.

— O peão mais lindo do mundo e o único que eu desejo — desarmou-me de qualquer piada.

Sorri e a puxei para o meu abraço.

— Gentil, talentosa e linda... Eu não poderia desejar nada mais que isso.

Beijei-a com carinho e ela calçou as sandálias e se foi.

Queríamos aproveitar o fato de que havíamos acordado cedo para evitar comentários sobre termos passado a noite juntos. Ninguém era cego e não devíamos satisfação alguma, mas ir devagar e com cautela era sempre a melhor opção. Eu queria preservá-la, afinal, ela havia acabado um relacionamento a menos de vinte e quatro horas e ainda tinha a questão da minha mentira —

eu precisava encontrar um jeito de contar a ela.

Isabele

Pela primeira vez na vida, tudo parecia conspirar ao meu favor. Eu havia acabado de encerrar com chave de ouro a melhor noite da minha vida, não tinha sido pega em flagrante por ninguém e ainda tinha encontrado uma muda de roupa limpa no armário do ambulatório, o que significava que ninguém saberia que passei a noite com João, a menos que eu quisesse contar.

Entrei no banheiro e me vesti. Calcei minhas botas e liguei o computador. Enquanto ele iniciava, digitei uma mensagem rápida para Fernanda, avisando que estava bem e que só voltaria para casa depois do expediente.

Meus minutos de paz não tardaram em acabar. Demétrio apareceu, carranca maior que o de costume, entrou como se fosse o dono do lugar.

— Espero que esteja mesmo certa sobre o tratamento do potro, porque se perdermos mais dinheiro, tenho certeza de que nem seu casinho será capaz de livrar a sua cara! — resmungou largando-se sobre uma das cadeiras.

Respirei fundo, contei até um milhão e fiz de conta que não era comigo.

— Não vai dizer nada? — provocou, esperando que eu entrasse na dele.

— Bom dia, Demétrio! — disse cortês.

— Para você talvez seja, para mim, nem tanto. Esse lugar já deu o que tinha que dar! Não vejo a hora de estar livre disso tudo aqui!

— Pois eu acho que você deveria mesmo procurar um novo emprego, se pensa assim. — Não aguentei ficar calada. — Ninguém merece estar em um lugar que não ama pelo dia todo, todos os dias da semana.

— Você anda especialmente arrogante, depois que aquele moleque veio trabalhar aqui! — reclamou.

— E você anda especialmente mal agradecido e resmungão.

Virei de costas e comecei a organizar meu armário de medicações — *eu não iria permitir que ele estragasse minha bela manhã.*

— Hunf! — bufou. — Quero só ver o que o advogado vai dizer quando eu passar a conta do tratamento do animal

para ele.

— Ótimo! Vamos esperar e ver qual será a reação dele. Vamos deixar que a pessoa certa decida se vale a pena ou não salvar o animal, afinal, ele não pertence a nenhum de nós dois.

Demétrio saiu batendo a porta e eu aproveitei para ligar uma música no celular e aproveitar meu dia. Tudo que conseguia pensar era que teria o fim de semana mais incrível da minha vida.

Era perto da hora do almoço, quando Fernanda entrou no ambulatório.

— Vim te roubar para o almoço — explicou, encarando João pela vidraça.

— Não posso demorar. Preciso deixar todas as fichas organizadas. Vamos ter um evento dentro de algumas semanas e os animais estarão disponíveis para compra.

— Sei! — levantou a sobrancelha para mim.

— Que foi? — comecei a rir antes que ela dissesse qualquer coisa. — Eu ainda trabalho aqui, sabia?

— Sabia. E sei também que o cowboy gostoso trabalha também e no seu lugar, obviamente eu também estaria

preocupada com as fichas dos cavalos — zombou.

— Nanda! — reclamei rindo mais.

— Agora junta logo suas coisas e vamos comer no restaurante japonês! Eu preciso perder dois quilos até o baile de inverno da associação. Comprei um vestido tamanho P.

Ri alto.

— Fernanda com esse tamanho de bunda nem que você emagrecesse cinco, serviria em um modelo P! Acredite.

Ela fez um bico estranho e se fingiu de ofendida, mas no fundo, sabia que eu tinha razão. Minha amiga era a típica mulher brasileira e sabia muito bem usar seus atributos a seu favor.

Joguei o celular na bolsa e fechei o ambulatório com chave — *eu estava em um péssimo momento de confiança com Demétrio e tinha medo de que ele pudesse tentar me sabotar de alguma maneira.*

Fernanda havia estacionado atrás da baias, então, foi inevitável passar perto de onde João estava.

— Estou levando a donzela para almoçar, cowboy — brincou assim que passamos por ele. — Não vou te

convidar para vir junto porque quero saber como foi a aventura de vocês, então é meio óbvio!

— Nanda! — reclamei enquanto João ria alto.

— Gosto da sua sinceridade, moça! — Ele disse com aquele jeitinho malandro que acabava comigo.

— Isso é ótimo, porque sou péssima em dissimular! — sorrii. — Prometo que trago ela de volta rapidinho.

— Isso é ótimo, porque eu vou morrer de saudades. — Ele disse encarando meus olhos e deixando-me sem graça.

— Meu Deus, como vocês dois são tão clichê! Credo! Acho que eu morri e fui parar em uma série de cowboys americanos da década de cinquenta.

João e eu caímos na gargalhada — *aquela manauara, definitivamente, alegrava meus dias!*

Tivemos um excelente almoço. Era bom estar ao lado dela e poder fofocar coisas de mulher. O que eu mais sentia falta no trabalho, era de alguém do sexo feminino com quem eu pudesse confabular quando necessário. Renata nunca foi uma opção nesse sentido.

Passei o que restou do dia atualizando as fichas de vacina e medicação dos cavalos que estariam a venda e

assim que o relógio bateu cinco horas, desliguei tudo e juntei minhas coisas. Estava terminando de guardar os papéis, quando João apareceu na porta.

— O que acha de dar uma passada em meu apartamento agora para eu tomar um banho e trocar de roupas? — propus. — Podemos passar no mercado e comprar ingredientes para um *fondue*. Topa?

Ele continuou me olhando por alguns segundos, sem dizer nada. Seus olhos tinham um brilho de luxúria e encantamento. João me olhava como desejei que alguém que me olhasse a vida toda. Ele me fazia sentir especial, única.

— Acho perfeito! — disse depois de um tempo, aproximando-se de mim e ajeitando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Um bom vinho, *fondue* e você na minha cama é tudo que eu preciso pelo fim de semana todo.

Corei. Minhas bochechas se aquecendo com a intensidade do seu olhar.

— Ótimo, Sr. Leão! Vá se aprontar então e eu o espero no carro.

Ele assentiu e me roubou um beijo tão rápido, que fiquei esperando por mais. Caminhei até onde havia ficado minha caminhonete e ocupei meu lugar no banco do motorista. Eu não queria conversar com nenhum funcionário. Não queria dar chance para piadinhas ou especulações. Talvez depois do fim de semana, João e eu estivéssemos mais seguros para tornar público o que quer que fosse que havia entre nós.

Liguei o som do carro e fiquei cantando junto ao John Mayer, pensando na vida e em como tudo era tão perfeito, até que o vi apontar ao longe, pelo espelho retrovisor.

Ele estava absolutamente incrível. Calça Jeans clara, camisa azul marinho e jaqueta de couro preta. Tinha uma elegância nata. Uma classe no modo de andar e se comportar que me fazia crer que ele definitivamente não havia nascido para a lida do campo. Era engraçado como algo nele não encaixava em todo o contexto.

Ele abriu a porta do carona e se sentou ao meu lado. — O que foi? — perguntou sorrindo porque eu não conseguia deixar de olhá-lo.

Pensei por alguns instantes. Eu não era muito boa em demonstrar sentimentos. A vida não havia sido das fáceis, embora eu tivesse crescido com o amor da minha mãe.

Ele pegou minha mão e levou aos lábios, depositando um beijo suave em minha palma. Sua boca macia acariciando minha pele. Algo em seu gesto me fazia crer que João era como eu. Talvez o fato de ter crescido sem o amor da mãe também o tivesse marcado, como a mim.

— Você é incrível, Sr. Leão! — brinquei para diminuir a intensidade do momento que vivíamos, mas era verdade. Ele era o homem mais incrível que eu havia conhecido.

— Vamos, doutora?

— Vamos!

Liguei o motor do carro e seguimos em direção a cidade. John Mayer ainda fazia nosso fundo musical. Sua mão repousando junto a minha no câmbio.

— Então, é aqui que você se esconde de mim! — Ele disse assim que chegamos a porta do apartamento — “lar doce lar” — repetiu a frase escrita em um quadrinho de

madeira que decorava nossa porta.

— Coisas de Fernanda! — confessei. — Ela acha que isso atrai boas energias, trouxe de uma viagem ao Norte.

— Ela é uma garota interessante! — brincou. — Curiosamente interessante.

— Ela é a pessoa mais sincera e amiga que conheço no mundo. Não existe ninguém em quem eu confie mais.

— Isso é ótimo! Todos nós precisamos de alguém assim.

Assim que abri a porta, Teodoro correu para cima de mim como um foguete e, por pouco, não me jogou no chão.

Ele não costumava ser dos mais amigáveis com estranhos, especialmente do sexo masculino, mas por alguma razão mágica, João parecia confiável para ele.

— É um belo cão — constatou estendendo a mão para meu cachorro cheirasse. — Eu gosto muito de cães.

Sorri porque eu já havia percebido. Joaquim e Salomão adoravam João e eu sempre acreditei na máxima de que os cães conhecem o coração das pessoas.

“Confie inteiramente em alguém que o seu cachorro goste e desconfie completamente de alguém de

quem ele mantenha distância” — era um ditado sábio.

— Já que vocês dois se deram tão bem, vou aproveitar e tomar um banho — fingi desdém diante da amizade repentina entre os dois homens da minha vida.

João sorriu com aquele sorriso doce e malicioso que só ele tinha, aquecendo minhas bochechas e deixando-me desconcertada.

Ele não se ofereceu para vir junto, mas acabou fazendo com que eu não tirasse nosso último banho da cabeça.

Deus do céu! Esse garoto tinha um poder sobre mim que beirava o ridículo!

Fernanda havia deixado um bilhete preso na geladeira, dizendo que estaria em um barzinho com alguns colegas de trabalho e que não tinha hora para voltar.

Fui até o quarto, tirei a roupa e liguei o chuveiro. Tomei uma ducha demorada e lavei os cabelos, cantarolando *Paradise City*.

*“...Take me down to the paradise city
Where the grass is green and the girls are pretty
Take me home*

Take me down to the paradise city

Where the grass is green and the girls are pretty

Take me home... ”

Quando saí do quarto, levei um susto com João encostado no batente da porta. Olhar curioso para minha performance do Guns'n Roses. Teodoro parecia igualmente curioso encarando a cena do tapete.

— Jesus, João! — reclamei. — Quer me matar susto.

Ele riu mais alto e caminhou até mim. Mordeu o lábio inferior e me puxou junto dele.

— Sabia que eu acho incrivelmente sexy ver uma mulher se vestir? — confessou.

Eu sorri sem jeito, mas não podia negar o desejo que ele já havia acendido em mim.

— Engraçado, achei que os homens preferissem quando nos despimos — provoqueei.

— Isso é previsível, *ma belle*, se encantar com o corpo nu de alguém — explicou. — Eu prefiro vê-las se vestir. Observar como, lentamente, ganham confiança e pudor. Além disso, quando uma mulher se veste na minha frente, é porque certamente eu já a despi.

Sedutor safado! — pensei — ele sempre sabe o que dizer!

Deixei que a toalha caísse de propósito, para provocá-lo. Empurrei-o até minha cama e o fiz sentar-se. Virei de costas e segui para o guarda-roupas.

Se era um showzinho que ele queria, eu poderia caprichar um pouquinho.

Separei um conjunto de *lingerie* azul marinho e o vesti da maneira mais sensual que poderia, tocando meu corpo com cuidado e nos lugares certos. Seus olhos fixos em mim, escurecidos de desejo.

Peguei uma meia calça de inverno e apoiei o pé na poltrona para vesti-la. Bem devagar, sem deixar de encará-lo.

Escolhi um vestido ajustado cinza chumbo e um casaco comprido em um tom parecido. Calcei meus sapatos de saltos altos e me aproximei dele.

— Então, gostou do que viu? — insisti na provocação e ele sorriu com a expressão cheia de desejo.

— Aaaaah Bela... — sussurrou puxando pelo braço para que ficasse de joelho entre suas pernas. — Você nem faz

ideia de tudo que eu queria fazer com você.

— Então me mostra.

— Eu vou. Na hora certa e com a devida calma, eu vou.

Um arrepio intenso percorreu meu corpo, assim que as palavras deixaram sua boca. João tinha um jeito tão natural de ser indecente que me fazia perder o fôlego.

Eu não era exatamente uma puritana, mas tinha certeza de que havia muita coisa para ele mostrar.

Juntei algumas coisas em uma mala, peguei nossa panela *fondue* e deixamos o apartamento direto para o mercado. Assim que descemos, ele estendeu a mão para que eu a segurasse. Era bobo e quase infantil, mas eu não andava de mãos dadas com Henrique. Nem me lembro de fazê-lo com quem quer que fosse, mas João era diferente. Ele me fazia sentir orgulhosa de andar de mãos dadas com ele. Era como se eu quisesse que o mundo todo soubesse que ele era meu, ainda que nem eu mesma tivesse essa certeza.

Enquanto eu escolhia uma embalagem pronta de *fondue* na sessão “especial de inverno”, João encarava a prateleira oposta, cheia de vinhos dos mais variados

rótulos.

— Pelo amor de Deus, Isabele! Chega a ser sacrilégio você pegar uma embalagem dessa meleca pronta chamada, erroneamente, de *fondue*.

Comecei rir.

— Ah é, Sr. Sabichão! Então me diga, o que eu devo comprar?

— Queijos, oras! *Fondue* é feito de queijo Bela, não de “preparado para *fondue*” — leu o rótulo para me provocar.

— Metido! — reclamei rindo. — Eu nem sei fazer *fondue*!

— Então é seu dia de sorte, porque eu sou especialista em *fondue*! — brincou.

Levantei uma sobrancelha para ele porque era realmente algo curioso, mas eu estava pronta para experimentar algo novo.

João separou alguns pedaços de queijo — *alguns dos quais eu nunca havia ouvido falar* — e alguns temperos como alho e nós moscada. Colocou tudo no carrinho e depois escolheu um vinho francês que custava

quase metade do meu ordenado, mas tudo bem! Não era sempre que eu tinha um cozinheiro particular, e eu estava pagando para ver com prazer.

Separamos mais algumas coisas para o fim de semana e passamos as compras pelo caixa e quando a atendente deu o valor final, enfiei a mão na bolsa atrás do meu cartão de crédito, mas João me impediu.

— Eu pago, Bela.

— De jeito nenhum! Isso é muito caro! Não precisa se preocupar. Eu convidei você para jantar, lembra-se? Quem convida paga a conta! — sorri.

Ele me encarou com o olhar intenso. Sua mão sobre a minha na beirada da bolsa.

— Tudo bem Isabele. Eu posso pagar o jantar. Não se preocupe.

Eu sabia que era muito dinheiro, mas não queria que ele se sentisse menosprezado de qualquer maneira. Não seria algumas centenas de reais que iriam nos fazer brigar.

Ele pegou um cartão na carteira e colocou na máquina. Era um cartão de crédito diferente. Não consegui ler o nome do banco, porque ele fez questão de não

permitir. Mas o importante é que saímos com as nossas compras.

Capítulo 13

John

Eu me divertia muito com a preocupação de Isabele sobre meu dinheiro. Era engraçado que alguém se preocupasse com quanto eu gastava já que o único que sempre me questionou sobre isso foi o meu pai, vulgo Leão de Roterdã.

Desde que mamãe faleceu, eu tinha certo controle sobre minha herança. Papai sempre me deixou a par de tudo que tínhamos e de como era importante uma boa administração para que continuássemos com nossa fortuna.

Eu nunca fui um esbanjador, mas mulher alguma em minha vida teve que se preocupar em pagar uma conta, enquanto estava comigo.

Voltamos para o carro e seguimos nosso caminho de volta para o chalé. Eu queria que ela tivesse uma boa experiência em minha companhia. Sem pressa e sem

horário algum, já que amanhã era sábado. Eu queria tornar o fim de semana dela o melhor possível.

Isabele estacionou perto da entrada do chalé. A chuva finalmente tinha dado uma trégua e o chão começava a ficar mais firme, depois de algumas horas de sol durante o dia.

Peguei as sacolas na carroceria e esperei que ela descesse. Salomão e Joaquim esperavam na varanda.

— Hey carinhas, eu trouxe um petisco para vocês — vasculhei a sacola em busca de dois ossinhos de couro que eu havia comprado para presentear meus amigos peludos.

Isabele seguiu comigo para dentro de casa.

— Infelizmente, vou ficar te devendo a lareira, Bela — brinquei e ela sorriu.

— Ótimo porque assim a obrigação de me aquecer fica por sua conta.

Deixei as compras sobre a bancada e a puxei para mim. Minha mão em sua nuca, enfiada entre seus cabelos macios. A outra segurando a parte baixa das suas costas.

Encarei seus olhos castanhos por um tempo,

pensando em como a vida era engraçada. Eu precisei atravessar o oceano para encontrar a paz e tranquilidade que busquei a vida toda.

Respirei fundo, pensando em quanto eu era grato a vida e em quanto Isabele mexia comigo. Eu não era um homem fácil de me envolver. Das muitas mulheres que haviam passado pela minha vida e pela minha cama, podia contar nos dedos as que me faziam querer repetir a dose, mas com ela era diferente. Eu não só queria repetir a dose, como queria me embriagar. Não parecia certo pensar em mais ninguém junto de mim.

Isabele não disse nada e eu também não. Nós dois éramos duros na queda. Por mais que nossos olhos falassem, nossas bocas ficaram em silêncio, até que eu a beijei. Não havia melhor maneira de selar o que sentíamos.

Mordi seu lábio inferior devagar, sentindo sua carne macia, pensando em como seu gosto me atraía. Quando ela separou os lábios e me permitiu, invadi sua boca com a minha língua, buscando pela sua, tateando e sentindo, até que ela arfou.

— Hum... amo beijar você — confessou.

— Que ótimo, *ma belle*, porque eu não pretendo deixar de beijá-la nunca mais.

Era uma promessa velada de eternidade. Minha e dela. Era o máximo que arrancaríamos um do outro.

Puxei uma banqueta e fiz sinal para que ela se sentasse. Tirei a jaqueta e dobrei as mangas da camisa até os antebraços. Eu não era um exímio cozinheiro, longe disso, mas sabia me virar com o que era necessário. Tio Alex havia me ensinado um truque aqui e outro ali para não morrer de fome e impressionar algumas garotas. Sempre dava certo com ele e comigo também.

Piquei os queijos bem pequenos e aqueci a panela de *fondue*. Descasquei um dente de alho e o esfreguei na panela quente. Descartei, coloquei uma colher de manteiga e derreti os queijos devagar, com o fogo bem baixo, até que se transformassem em um belo creme.

Cortei o pão em pedaços e ajeitei em um recipiente. Temperei o *fondue* e ralei um pouco de nós moscada sobre a mistura. Despejei um cálice de vinho branco seco e esperei que o álcool evaporasse.

Isabele acompanhava tudo atentamente. Um olhar curioso e encantado brilhando em seus olhos. Eu podia jurar que ela estava mais impressionada em me ver cozinhar do que ficaria com qualquer restaurante cinco estrelas que eu a levasse.

Peguei uma toalha e coloquei sobre a mesa de centro. Arrumei as taças e pratos de apoio. Acendi o fogareiro do *réchaud* e abri a garrafa de vinho. Servi as taças e estendi a mão para ela.

— Espero que aprecie seu jantar, senhorita.

Ela se sentou e eu levantei a taça em um brinde.

— Ao começo de um tempo de felicidade.

Ela tocou sua taça na minha e levou a boca.

— Hum... Que vinho delicioso!

— Escolhi especialmente para você, Bela. Sabia que ia te agradar.

Sem falsa modéstia, eu era um cara treinado para satisfazer o gosto feminino e não apenas no sexo. Dinheiro e fama são acessórios necessários para qualquer tipo de experimento nesse universo e nenhum deles nunca me faltou.

Quando terminamos o jantar Isabele me convidou para ver as estrelas. Peguei uma manta de lã e sentei no deck. Ela se ajeitou entre minhas pernas e eu nos cobri com a manta. Permanecemos por algum tempo assim, apreciando os sons da noite e o brilho das estrelas no céu.

Depois de um tempo, aproveitei que seu casaco havia ficado na sala e puxei seu cabelo de lado, deixando seu pescoço livre para mim. Mordisquei, beijei, tracei sua pele com a ponta da minha língua, acendendo seu desejo e o meu.

Puxei-a mais para perto, para que ela sentisse minha ereção e ela arqueou o corpo, deixando escapar um gemido profundo, levando-me a borda.

Subi sua saia o suficiente para que pudesse encontrar o elástico da meia calça e tirá-la, com a sua ajuda. Isabele ajoelhou entre minhas pernas, sua boca encontrando a minha cheia de desejo, suas mãos tateando o botão da minha calça até que ela liberou minha ereção, tocando com dolorosa lentidão.

— Quero fazer amor com você aqui, vendo as estrelas. — Ela disse enquanto minha boca brincava em seu pescoço.

Trouxe seu corpo para o meu. Uma perna de cada lado da minha cintura, até que ela estivesse na posição exata para que eu a penetrasse.

— Hum... — gemeu junto a minha boca, assim que eu a preenchi ajeitando-se para que a penetração fosse mais funda.

— Gosta assim, Bela? — perguntei segurando seu quadril com força de encontro ao meu.

— Gosto... Exatamente assim — confessou tomada pela luxúria.

Enquanto ela se movia, na velocidade que precisava, eu deixava meu corpo se deleitar, aproveitando-me do seu controle.

Arqueou o corpo para trás, arfando de desejo. Eu sabia que ela estava perto, muito perto de se derramar em mim. Podia sentir seus músculos apertando-se contra meu pau. Era quase impossível segurar meu próprio êxtase.

— Bela assim você acaba comigo — confessei sentindo sua umidade aumentar.

Isabele sorriu e eu a puxei para mim, enfiando minha língua em sua boca e acelerando seus movimentos

até que a senti gozar e me deixei ir.

Ficamos abraçados por um longo tempo. Eu ainda estava dentro dela, sentindo seu corpo pulsar, o meu pulsando também.

Seu rosto na curva do meu pescoço, sua respiração fazendo cócegas em minha pele.

— Eu tomo anticoncepcional — disse depois de um tempo. — Não precisa se preocupar.

Acabei rindo, embora ela tivesse razão. Havia sido um descuido, mas era engraçado vê-la preocupada com isso.

— Não se preocupe Bela. Sei que você é cuidadosa e responsável.

Eu realmente acreditava nisso, não era um imbecil. Eu sempre fugi do tipo “caça dotes”, mas pela primeira vez, minha fortuna não estava a prêmio.

Ela sorriu. Os olhos castanhos perdidos nos meus. Um brilho de felicidade neles. Acariciei seu cabelo, ajeitando atrás da orelha.

Havia tantas coisas que eu queria dizer. Tantos sentimentos borbulhando em mim, mas nenhuma palavra

deixou minha boca. Eu não estava preparado ainda para dizer tudo que sentia.

Beijou minha boca devagar. Olhos abertos encarando os meus, como se quisesse deixar claro que me compreendia, ainda que eu não dissesse nada.

Finalmente eu consegui entender como era amar alguém. Finalmente senti esse tal sentimento que arrebatava as pessoas e as faz não pensar em nada mais. Meu coração estava leve, minha cabeça também. Meu corpo aquecido e tranquilo. Tudo estava exatamente onde deveria estar.

Isabele

Dormi tão bem que nem fazia ideia de que horas eram quando acordei. Meu corpo estava saciado e relaxado. Nunca havia me sentido tão bem em dividir a cama com alguém. Para ser sincera, nunca gostei de dividir cama antes que João Leão aparecesse em minha vida. Eu sempre preferi dormir sozinha, até encontrá-lo.

— *Bonjour, ma belle.* — Ele sussurrou assim que abriu os olhos.

Seus olhos estavam especialmente esverdeados e

límpidos. Sua pele clara e macia. A boca arqueada naquele sorriso que me tirava o ar.

Fiquei alguns segundos encarando o homem que finalmente eu havia encontrado. O homem certo. Aquele por quem a gente busca desde sempre, mesmo antes de entender que sentia falta.

— Bom dia, João — sorri. — Alguém já te disse que você fica irritantemente bonito quando acorda? — brinquei e ele sorriu.

— Não, mas é bom saber.

— Hoje eu é que vou preparar o café da manhã! — beijei sua bochecha e me levantei rápido.

— Hum... Então quer dizer que hoje vou ter uma mulher linda e talentosa me alimentando? — fechou os olhos, mãos atrás da cabeça. — Acho que posso gostar disso, doutora!

Abaixei para beijá-lo e ele me puxou de volta para a cama, girando o corpo para ficar sobre mim, encaixando-se de um jeito que, de repente, o café poderia esperar.

— Desse jeito vamos morrer de inanição — brinquei, mas

não era realmente uma reclamação.

— É um jeito agradável de morrer — debochou.

João se livrou da minha calcinha e da sua cueca e eu separei as coxas para que ele pudesse se encaixar em mim. Parecia tão certo estar com ele. Tão perfeito fazer amor em uma manhã de sábado. Era como se fosse a vida que eu sempre deveria ter levado. Como se estivéssemos destinados a estar juntos.

Fizemos amor devagar, sem pressa ou excesso de desejo. Não havia sofreguidão em nossos beijos, somente carinho e paixão. Eu me deleitei com seu corpo, como quem prova uma sobremesa cara, bem devagar, sentindo cada sabor, cada aroma.

Minhas mãos viajando na pele das suas costas, enquanto sentia seu corpo se afundar no meu. Minha boca sorvendo a sua, cada toque, cada beijo, intensificado pelo prazer de sentir.

Eu estava longe de ser uma garota irresponsável. Sempre medi cada passo e sempre pensei no futuro, mas com ele, tudo que eu queria era aproveitar o que tínhamos. Eu não fazia ideia de quanto tempo tudo ia durar. *Um*

mês? Um ano? Dez? Uma vida? Não importava muito. Tudo sempre parecia a primeira vez, quando se tratava de João Leão.

Preparei panquecas para o café da manhã que mais parecia o almoço, já que pressa não estava em nosso dicionário para o fim de semana.

Fiz um café bem forte e algumas fatias de bacon tostadas na frigideira. Eu queria que ele tivesse um excelente começo de dia e nós dois, obviamente, precisávamos repor algumas energias.

— Hum... Café americano? — perguntou assim que o cheiro invadiu o chalé. — Isso é ótimo, Bela! Eu adoro tomar café da manhã. Minha refeição preferida.

Eu gostava de cozinhar. Gostava de ver as pessoas comendo algo que eu havia preparado. E ver João comendo minha comida era ainda melhor. Eu me sentia como uma dona de casa do século passado, alimentando seu homem. Era ridículo, mas era como eu me sentia.

Isabele, Isabele, esse garoto, definitivamente, tira você do prumo!

— O que acha de cavalgar um pouco, doutora? Eu

gostaria de conhecer a propriedade e já sei que você é uma ótima guia.

Concordei feliz. Eu amava cavalgar e era especialmente bom, quando Demétrio não estava no haras. Ele sempre reclamava quando alguém — *que não era hóspede* — montava algum dos cavalos.

João selou Tufão e eu preparei Alba, uma égua branca que era suficientemente rápida para aguentar o tranco do cavalo xucro.

Montamos e saímos pelo campo, contornando o pequeno riacho até o alto de um morro, de onde dava para ter uma bela visão. Descemos e nos sentamos no chão. João deitou a cabeça em meu colo e eu fiquei acariciando seu cabelo macio. Apreciando a beleza natural da paisagem.

Havia um sol fraco de inverno aquecendo nossa pele. O céu límpido e azul, indicava que não teríamos chuva por alguns dias.

— Aqui perto existe uma gruta linda — expliquei. — Uma pequena queda d'água cavou a rocha e a formou. O antigo dono da propriedade havia construído um altar lá, para

Nossa Senhora de Fátima. Soube que ele era devoto e construiu a gruta para a esposa. A filha do casal foi batizada naquele lugar. É tão bonito e cheio de magia. Quero que você conheça, mesmo que não seja mais tão bonito como antes. Demétrio nunca se preocupou em cuidar, depois que a dona se mudou, o lugar acabou tomado pelo mato.

— Quero ir até lá. — Ele disse levantando-se rápido.

Eu nem sei porque queria que ele conhecesse o lugar. Agora não era nada além de uma caverna cheia de mato, mas pensar que o lugar todo havia sido construído como uma prova de amor me fazia querer dividir com ele. Era tão cheio de significado.

Cavalgamos mais um tempo, até chegar ao lugar da antiga igrejinha. O mato estava mais alto do que eu me lembrava, mas tudo ainda estava lá, eternizado pelo tempo. Alguns arbustos teimavam em permanecer floridos, apesar da falta de manutenção. A imagem da santa ainda estava lá, em seu espaço no meio da pedra, ao lado do feixe de água que desembocava em um riacho pequeno que sumia no meio das pedras. Era tão bucólico e

especial.

João desceu do cavalo e foi direto até a gruta. Parou um tempo de frente para a imagem, seus olhos estavam perdidos em algum lugar bem longe de onde estávamos. Suas mãos correram pelas pedras devagar. Passos lentos o levaram até a água, os dedos brincando com as gotas.

Fiquei em silêncio porque nada que eu pensasse parecia ser digno de interromper o silêncio dele. Eu não conhecia muito sobre João Leão. Não fazia ideia de quais lembranças ocupavam a mente dele, mas seus olhos estavam cheios de sentimentos, como se ele sentisse falta de algo que não viveu.

Depois de um longo tempo, ele virou-se para mim. Havia um sorriso em seus lábios diferente dos sorrisos que eu conhecia. Era um pouco triste e incrivelmente profundo.

— Obrigado por isso. — Ele disse sem que eu conseguisse entender. — Você não faz ideia de como é importante para mim.

Eu realmente não fazia, mas se ele estava feliz, então eu estava também. Pensei que talvez ele fosse

devoto da santa ou algo do tipo, embora não me parecesse fazer o tipo religioso, mas decidi que, por ora, não era importante.

João abriu os braços e me puxou para o seu peito. Beijou o topo da minha cabeça e eu fiquei ali, sentindo seu coração bater forte, compassado, até que ele me soltou e estendeu a mão para mim.

— Vem Bela, vamos continuar nosso passeio.

Seguimos com os cavalos pelo que restava da propriedade. Era um terreno bonito e eu amava aquele lugar como se realmente fosse meu. Queria que tanta coisa fosse diferente. Que Demétrio tivesse por aquela terra o mesmo carinho que eu tinha.

Quando a noite chegou, João e eu pedimos uma pizza e comemos no deck, vendo as estrelas. A noite estava fria, mas não havia vento de lugar algum.

— Eu poderia passar o resto da vida assim. — Ele me disse depois que beber o último gole da cerveja.

— É um jeito interessante de viver a vida. Sem pressa, sem ambição — concordei. — Eu gosto dessa vida calma. — A ambição destrói as pessoas, Isabelle — afirmou com

amargura. Uma nota de tristeza em sua voz. — Eu vi isso acontecer mais de uma vez.

Respirei fundo, pensando em tudo que ele já havia vivido. Em quantas vezes havia sofrido sozinho. Em tudo que talvez tivesse sido privado de viver. João despertava o melhor de mim, me fazia querer ser uma pessoa melhor.

Abri os braços, segurando a manta de lã em minhas costas e sinalizei para que ele viesse mais para perto. João deitou a cabeça em meu colo e eu nos cobri com a manta.

— Houve um tempo em minha vida em que pensei precisar de muito para ser feliz — confessei. — Mas eu fui descobrindo aos poucos que a paz não tem preço. Quando nosso coração está em paz, João, todo o resto parece suficiente. Uma alma em paz não anseia nada além do que tem.

Ele sorriu e levou minha mão a boca. Beijou com carinho, acariciando minha pele com os lábios, fazendo-me sorrir também.

Tudo que eu havia dito a ele era a mais pura verdade. Naquele pedaço de chão, perdido entre as

planícies, não havia nada que me fizesse falta. Nada que acalentasse mais o meu coração do que ter João ao meu lado.

Capítulo 14

John

A semana passou em um sopro. Tínhamos muito trabalho para preparar o haras para a exposição. Eu estava feliz por passar mais tempo com Isabele, já que ela vinha ficando até mais tarde todos os dias.

Depois que conheci a gruta, passei a ir até lá pelo menos uma vez no dia, após o almoço ou quando a tarde caía. Eu sentia como se meus avós estivessem perto de mim ali, naquele lugar. Eu sempre pensava em como havia sido a vida deles ali, juntos, criando minha mãe e pensava também em que ponto tudo havia mudado.

O que havia acontecido para que mamãe tivesse mudado tanto? Onde a garota bonita dos olhos verdes havia se perdido?

Eu não queria a mesma coisa para mim. Não queria sucumbir ao poder do dinheiro. Não queria me corromper. Tinha muito orgulho do homem que eu era e do

sobrenome que eu carregava, mas era porque tinha orgulho do meu pai e não do dinheiro dele.

Quanto mais eu me afastava da alta roda da sociedade europeia, mais eu tinha certeza de que aquele não era o meu lugar.

Na quinta à noite, ela decidiu ficar, já que nem a pobre caminhonete era capaz de vencer o barro e a chuva torrencial. O céu parecia desabar em cima das nossas cabeças.

Acordamos com o som dos pássaros cantando na varanda. Era uma bela manhã de sexta-feira.

Tudo parecia incrivelmente ensolarado, depois da chuva torrencial da noite passada.

— João! João! Acorda homem! — A voz de Gildo se tornava cada vez mais próxima.

Levantei rápido da cama, porque não queria que ele visse Isabele comigo. Eu não sabia como ela preferia levar o nosso romance e era uma decisão que eu não tomaria sozinho.

Abri a porta para encontrar o cavaleiro em minha varanda. A lama cobria suas botas e calça até perto dos

joelhos respingos manchavam a camisa de flanela.

— Está um alvoroço só no hotel. Os hóspedes não conseguem ir embora. Caiu uma barreira aqui perto da porteira e a estrada está interditada. Estamos sem energia e o haras todo virou um lamaçal. Você precisa se aprontar logo! Temos muito trabalho para hoje.

Concordei com a cabeça. Perto do chalé tudo parecia em ordem, mas ficávamos na parte alta e talvez por isso a enxurrada de ontem não tenha feito estragos por perto.

— Encontro você nas baias em uns dez minutos. Vou tomar um banho e me vestir.

Encarei o horário no relógio. — Era pouco mais de seis da manhã.

— Eu vou ajeitando o que der. Nem vou tirar os cavalos das baias hoje.

Gildo se foi e eu voltei para dentro. Isabele ainda dormia. Seus cabelos escuros espalhados em meus travesseiros. Seu rosto tranquilo e satisfeito.

— Bom dia, minha bela doutora! — sussurrei em seu ouvido e ela sorriu devagar.

— Hum... Posso me acostumar com isso. Definitivamente.

Ela estendeu os braços e me puxou para cama. Eu me ajeitei debaixo das cobertas e a beijei. Minhas mãos frias, percorrendo sua pele e deixando-a arrepiada.

— Preciso ir, Bela. O dever me chama — beijei sua boca mais uma vez.

— Sério?

— Muito, muito sério, infelizmente. Parece tudo está um caos lá no hotel — expliquei.

— Imagino. Ontem a estrada estava cheia de água. Provavelmente virou um lamaçal. Na verdade, o administrador já deveria ter mandado cascalhar essa estrada novamente. É um pequeno trecho, mas é impossível ir a pé até o asfalto. Ainda mais na chuva.

Demétrio! Fazendo merda mais uma vez.

— Vamos dar um jeito, não se preocupe.

Isabele sorriu.

— Você sempre diz isso como se realmente acreditasse. Engraçado para um funcionário — questionou.

— Sou um otimista nato — brinquei para disfarçar.

— Sei! — concordou para evitar discussão.

Eu sabia que ela estava desconfiada. Estranho seria se não estivesse. Eu não era muito bom em agir como funcionário. Para ser sincero, eu nem sabia como agir assim, já que o único trabalho que tive na vida foi em minha própria empresa.

— O que acha de uma ducha, doutora? — Meus olhos estreitos nos dela. — Acho que tudo bem se eu me atrasar um pouquinho.

Isabele sorriu e se levantou. Quando se espreguiçou, lembrei que não usava nada por baixo da minha camiseta.

Caminhei até ela e a puxei para mim, tirando a camiseta por seus braços e deixando-a nua. Ela não ofereceu resistência alguma. Tirei a cueca e segui beijando-a até o chuveiro. Liguei a água e deixei que amornasse. Coloquei debaixo do feixe de água, sem deixar de beijá-la. Eu queria muito fazer amor com ela. Estava pronto. Meu corpo ansiando pelo dela.

Peguei o sabonete e ensaboei minha mão, percorrendo pelo seu corpo, até entre suas pernas. Ela fechou os olhos, enquanto beijava meu pescoço e acariciava minha nuca.

Levantei sua perna e apoiei sobre o vaso sanitário. Beijei seu pescoço e desci em direção aos seios, apertando e acariciando com a minha mão, enquanto minha boca mordiscava o mamilo entumecido de desejo.

— Hum... — Ela gemeu, apoiando o corpo na parede de azulejos.

Tracei o contorno da aureola com a língua, antes de sugar e morder mais. Quando sua respiração acelerou, desci pela barriga até a linha de pelos finos em seu sexo, para encontrar o ponto exato em que eu queria enfiar a minha língua.

— João... — gemeu mais forte, agarrando meus cabelos.

Minha boca se movia com destreza sobre seu sexo, como se a beijasse realmente. Minha língua buscando contato, meus lábios apertando-se contra sua carne macia. Ora penetrando devagar e sentindo seu sabor, ora traçando círculos em torno do ponto certo.

— João... — Era mais um sussurro do que um pedido do que quer que fosse. Eu sabia que era bom nisso.

— O que foi, *ma belle*? — perguntei com um sorriso provocador. — Quer que eu pare?

— Por nada desse mundo! — Seu rosto rindo de prazer.

Voltei a atenção novamente ao seu corpo. Aproveitando o acesso livre que a posição me permitia. Explorando cada curva e reentrância que ela tinha. Sentindo meu prazer aumentar com o dela.

Quando senti que ia gozar, afundei minha língua em sua carne, sorvendo tudo que podia do seu sabor.

Meus olhos estavam nos olhos dela, intensos e profundos de desejo. Segurei sua coxa junto a minha cintura em quanto a penetrava lentamente, sentindo meu pau deslizar devagar para dentro dela.

Isabele arranhou minhas costas e tomou minha boca em um beijo sem pudor algum. Mordendo meu lábio inferior e apertando minha cintura com a coxa, para que eu pudesse ir mais fundo, acendendo ainda mais os meus desejos.

Mordi seu lábio e o segurei entre meus dentes, enquanto aumentava o ritmo das estocadas. Eu podia sentir que estava perto de gozar, mas precisava segurar um pouco mais. Eu queria levá-la a loucura.

Saí de dentro dela apenas o suficiente para virá-la

de costas. Puxei-a pelo quadril, fazendo com que ficasse com as costas arqueadas para mim. Enlacei seus cabelos em meu punho e a penetrei com vontade. O desejo dominando nós dois.

— Hum... — Ela gemeu alto, abafada pelo barulho do chuveiro.

Puxei seu ouvido mais perto para sussurrar, trazendo-a pelo cabelo e em seguida abaixando novamente para que sua bunda fique empinada para mim.

— Você é a mulher mais incrivelmente deliciosa que já conheci —

Seu rebolado me tirando a razão, enquanto eu sentia meu pau entrando e saindo dela e deixando claro o quanto nós nos desejávamos.

Eu podia sentir que já estava perto de gozar e isso é tudo que quero.

— Você me enlouquece — disse puxando sua cabeça para mim mais uma vez e quando a levei de volta, dei um tapa na sua bunda com a mão livre. Sua pele delicada avermelhou no mesmo instante.

— Hum... — gemeu mais forte.

Senti Isabele fraquejar. Suas mãos apoiadas contra a parede. Segurei seu corpo junto do meu, sentindo seu corpo latejar, levando-me junto dele, até que não aguentei mais e acabei gozando com tanta intensidade que precisei apoiar a mão na parede.

Depois de alguns segundos em silêncio, o riso fraco de dela se faz ouvir.

— Deus do céu, João! Eu nem sei o que dizer! — Seu rosto ainda estava corado.

— Que eu sou incrivelmente bom de cama, seria um bom começo! — brinquei. — Mas aceito um “João você é demais!” caso sinta-se envergonhada.

Ela riu mais alto e bateu nas minhas costas, tentando se soltar do meu abraço, mas eu não permiti.

Acariciei seu rosto com a mão, deslizando pela linha da mandíbula e voltando até perto da orelha, enrolando uma mecha de cabelo em meus dedos.

— Você é linda e é uma garota incrível, doutora, e eu estou apaixonado por você — confessei.

Ela repetiu meu gesto, acariciando meu rosto também, seus dedos tocando minha barba por fazer.

— Você é que é! O homem mais incrível que conheci... — fez uma pausa e sorriu novamente. — E muito bom de cama, inclusive! — brincou, mas o riso morreu logo. Seus olhos intensos nos meus. — Também estou apaixonada por você, João. Irremediavelmente apaixonada.

Minha boca encontrou a sua e não era mais o desejo que comandava nossas ações. Era um beijo delicado e profundo, cheio de sentimentos. Um beijo que não estava acostumado a dar.

— Preciso trabalhar — confessei depois um tempo longo. Por mais que eu quisesse passar o dia todo com ela, precisava ir. Precisava manter a farsa por tempo suficiente para encontrar a maneira certa de revelar quem realmente era.

— Somos dois! — Ela disse fechando o chuveiro e pegando uma toalha.

Ela se enrolou na toalha e saiu do banheiro, deixando-me lá.

Aproveitei para escovar os dentes e pentear o cabelo, enquanto ela se vestia. Quando voltei para o quarto, não a vi. Provavelmente estava na sala,

terminando de se preparar.

Vesti um jeans e uma camiseta, com uma camisa de flanela por cima. Separei minhas botas, mas antes que conseguisse calçá-las, ouvi Isabela chamar.

— João! — Sua voz estranha.

Corri até o cômodo e a encontrei no sofá. Olhos vidrados e expressão confusa.

— Não consigo ver! — Ela dizia encarando a parede. — É como se eu estivesse usando algum tipo de cabresto. Tudo está escuro em minha visão periférica.

Abaixei entre suas pernas, virando seu rosto para mim.

— Como assim? O que houve?

— Não sei! Não sei o que houve! Eu me sentei para calçar os sapatos e quando levantei os olhos tudo foi sumindo devagar até que fiquei assim.

Isabele estava confusa e eu estava desesperado. Tantos anos convivendo com a doença da minha mãe me fizeram saber que esse sintoma poderia ser sério. Uma lesão cerebral. Algum tipo de compressão. Um milhão de coisas passavam pela minha cabeça.

Senti meu coração acelerado. Minha boca seca. O desespero tomando conta de mim — *eu não tinha ideia do que fazer*. Não sabia como agir.

— Calma Bela! Vamos conseguir socorro. Você vai ficar bem.

Eu queria parecer tranquilo. Queria que ela sentisse confiança no que eu dizia, mas a verdade é que eu não estava. Tudo que queria era correr com ela para um hospital e poder tratá-la logo.

— Como João? — questionou. Um riso fraco em sua boca. — Como vamos conseguir socorro se a estrada está interditada? Como vou chegar até o asfalto a pé?

Pensei por alguns segundos porque ela tinha razão — *como eu iria levá-la até o hospital?*

Ela baixou a cabeça. Cobriu os olhos com as mãos. Parecia querer acordar de um pesadelo ruim. Eu sabia que estava preocupada, embora quisesse ser forte. Isabele não era boba. Ela sabia que não era um sintoma comum.

Pensei por alguns segundos. Minha cabeça girando entre o passado e o agora. Ponderei e analisei, mas nada era mais importante do que salvá-la.

A alternativa veio a mim em um estalo. Havia uma maneira, embora eu soubesse dos riscos que corria. Talvez ela nunca mais quisesse me ver, mas pelo menos eu teria certeza de que ela estaria bem.

Levantei e peguei o celular.

— Marcos? Preciso de um helicóptero. Rápido! Acredito que um táxi aéreo simples seja suficiente. Preciso levar Isabele ao hospital. Prepare tudo, por favor.

Ele não questionou. Apenas concordou.

— Ok.

Desliguei o telefone e encarei-a com os olhos fixos nos meus. Eu sabia que era uma péssima hora para revelações, mas a saúde dela valia mais que qualquer coisa.

Isabele

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo e não era da minha visão que eu falava.

Como ele dava ordens expressas a um homem

como o Dr. Pimentel?

Eu sempre tive dúvidas de que João era mais do que dizia, mas agora estava completamente perdida. Ele definitivamente não era o homem que eu pensava ser.

Tentei levantar, mas sair do chalé meio zonha e sem enxergar direito era burrice e eu acabaria me machucando mais.

Esperei em silêncio.

João tentou se aproximar e me tocar, mas eu o impedi. Minha mão espalmada em seu peito.

— Isabele... — tentou, mas eu não permiti que falasse.

— Quem é você? Porque eu sei João você não é! — concluí incisiva.

Ele respirou fundo. Eu podia ver pelas sombras que enxergava que ele andava pela sala.

— Meu nome é John. John Albert Van Galagher. Eu sou o dono do haras.

Ri. Um riso de desespero e raiva.

— É claro que o playboyzinho estrangeiro decidiu curtir uma com a cara da veterinária e se fingir de pobre!

— Não foi bem isso, Bela! — tentou explicar.

— Não me chame assim! Meu nome é Isabele!

Respirou fundo mais uma vez. Seus passos rápidos pela sala. De um lado para o outro sem conseguir me encarar. Ele estava nervoso.

— Isabele... — começou com a voz suave. — Eu não queria enganar você. Eu não menti... Eu só... Eu só...

— Você só achou que se me contasse eu grudaria em você como as garotas que você deve estar acostumado a ter! Não foi isso? Medo de que eu quisesse a sua fortuna? Hein?

Ele ficou em silêncio e eu soube que tinha razão.

— Você nunca vai entender. Nunca vai saber como é não ter certeza se alguém realmente ama você! Ou se está interessada no seu sobrenome!

— Eu nem conheço seu sobrenome, *Sr. Sei-lá-o-quê!* Mas você está certo, eu nunca vou saber o que é isso porque eu sempre fui eu mesma! E nunca me importei com isso! Eu vou dizer uma coisa para você John, João ou seja lá quem você for... eu vou aceitar a sua ajuda porque com o meu salário de veterinária, eu nunca poderia pagar por um táxi aéreo até um hospital decente e preciso da minha visão

para continuar me sustentando, mas é isso! Obrigada pelo sexo, você é mesmo incrivelmente bom de cama, mas eu quero mais do que uma foda bem dada na minha vida.

— Isabele... — tentou segurar minhas mãos, mas eu não permiti.

No momento seguinte, o Dr. Pimentel apareceu.

— O helicóptero está a nossa espera.

Baixei meus olhos porque não queria que o advogado me visse chorar. Eu mal conhecia o homem e era um péssimo momento para explicações.

— Vem! — João estendeu a mão para mim. Eu não queria segurá-la, mas também não era estúpida. Eu precisava de ajuda.

Ele me conduziu pelo terreno, dando apoio para que eu pudesse caminhar. Minha mente girava sem conseguir se fixar em nada. Eu não tinha ideia do que tinha, mas sabia que era sério. Não era a primeira vez que me sentia mal e as crises estavam cada dia piores.

De um dia para o outro, meu conto de fadas se transformou em pesadelo. Bem diante dos meus olhos. Eu estava doente e havia entregado meu coração para um

babaca pedante pior que Henrique. Dele, eu pelo menos sabia o que esperar.

Chegamos perto das baías. Um alvoroço de pessoas esperava para ver o que havia acontecido comigo. Respirei fundo e não detive meu olhar em ponto algum. Eu não me importava com o que as pessoas pensavam, e, depois de tudo, nem sabia mais se queria continuar trabalhando lá.

— Senhorita, eu sou Júlio. Sou enfermeiro e vou acompanhá-la até o Hospital Albert Einstein. — Um rapaz mais ou menos da minha idade disse, estendendo a mão para que eu pudesse me ajeitar no banco da aeronave.

João sentou-se ao meu lado, e Marcos acomodou-se também. Alguns segundos depois, o helicóptero começou a subir.

Nunca havia sequer sentado no banco de um helicóptero. Nem mesmo havia visto um de tão perto, mas eu tinha medos muito maiores do que um voo até São Paulo.

— Vou fazer uma verificação rápida dos seus sinais vitais, caso seja necessário alguma intervenção de urgência —

Júlio explicou e eu concordei com a cabeça.

Ele verificou minha pressão e temperatura e fez algumas perguntas, todas as informações anotadas em um prontuário médico.

Quando ele terminou de me examinar, lembrei que precisava avisar Fernanda de onde estava. Eu havia saído na noite anterior e ela provavelmente estava preocupada comigo.

— Nanda... — comecei tentando não alarmá-la. — Eu me senti mal novamente e estou indo para o Albert Einstein.

Preferi omitir a parte sobre João e o helicóptero.

— Mas você está bem? Precisa de algo? Se quiser eu posso ir encontrar você!

— Quero sim — pedi. — Não quero ficar sozinha.

— Claro! Vou trocar de roupa e encontro você lá rapidinho.

Passamos o voo todo em silêncio. Apesar de poucos minutos, parecia que eu estava lá há horas. Quando chegamos ao hospital, havia uma equipe inteira à minha espera. O enfermeiro me ajudou a deitar em uma maca. João estava ao meu lado.

— Obrigada pela ajuda, fico te devendo essa, mas você já pode ir — disse taxativa.

— Eu não vou a lugar algum — senti a certeza em sua voz.

— Sim, você vai. Eu tenho o direito de escolher meu acompanhante e prefiro ficar com Fernanda. Sei que posso confiar nela porque sei exatamente quem ela é — provoqueei.

— Vem companheiro, vamos tomar um café. — Marcos o chamou. — Vocês podem resolver o que quer que esteja errado depois da consulta. Estão nervosos e é perfeitamente compreensível. Vem... — chamou novamente e ele concordou.

João foi ficando para trás, enquanto dois enfermeiros me empurravam pelos corredores do hospital. Fileiras e fileiras de luzes brancas passando por mim. Era tudo que eu conseguia ver.

Ele havia me enganado. Havia mentido para mim porque pensava que eu era algum tipo de caça dotes ou coisa do tipo. E eu que pensava que Henrique era arrogante. De repente, eu já não sabia mais se tinha tomado a atitude correta.

Respirei fundo, deixando meu desespero escapar pelos olhos, pelo menos um pouco. Eu estava sozinha, quase cega e provavelmente sem emprego. O que eu ia fazer da vida? Voltar para o interior? Enterrar meus sonhos debaixo do tapete da entrada de alguma clínica? Eu era mesmo burra demais.

— Bom dia, Isabele? — Um homem alto e calvo com jaleco cumprimentou entrando na sala em que eu estava. — Eu sou o Dr. Lourenzo Navas. Sou neurologista e eu vou cuidar de você. Vamos começar com alguns exames simples, ok? Depois vou encaminhá-la para que realize tudo que for necessário para que tenhamos um parecer. Não se preocupe com nada.

Ele estendeu a mão e eu me levantei. Caminhei até um banco e o médico ajustou meu rosto de frente para uma máquina grande. Não era como as máquinas normais de exames oftalmológicos.

— Vamos fazer uma Campimetria computadorizada para entender melhor os danos que sua visão sofreu — explicou e eu concordei com a cabeça.

Ele diminuiu a luminosidade da sala com um

controle remoto e iniciou o exame.

— Sempre que você enxergar as luzes, toque essa campainha — indicou um pequeno sensor próximo a minha mão. — As luzes serão lançadas em toda a sua córnea e isso nos dará a dimensão exata dos danos.

Enxerguei todas as luzes que vinham de frente, mas pelo tempo em que tudo ficava escuro, imaginei que realmente havia perdido a visão periférica.

Alguns minutos depois ele acendeu as luzes novamente.

— Não está bom, não é doutor? — questionei já sabendo a resposta.

— Eu vou pedir uma tomografia e uma ressonância. No momento ainda não tenho uma causa, mas penso em neurite óptica. Você sente incomodo ou dor nos olhos também?

— Sim. E muita dor de cabeça. Para ser sincera, as dores são bem pontuais na área dos olhos.

— Vamos esperar o resultado dos exames complementares, Isabele, mas se o diagnóstico se confirmar, não se preocupe, neurite tem cura e logo você

estará bem novamente.

Júlio entrou na sala e me ajudou a deitar na maca novamente. Seguimos pelo corredor até a sala de tomografia.

Apesar de tudo, eu estava mais tranquila. Eu sabia que se fosse realmente neurite eu iria ficar bem. Estava esperançosa e rezando para que o médico tivesse razão.

Deitei sobre a maca de exame e me posicionei da maneira correta. Era a primeira vez que eu fazia aquele exame, mas a vontade de ter logo um diagnóstico não me deixou ficar nervosa.

Voltei para o ambulatório e esperei pelo Dr. Navas. Eu estava sozinha lá. A televisão ligada em um programa de culinária. O dia lá fora parecia ensolarado, apesar das persianas cobrindo parte da luz. Nada prendia minha atenção. Tudo que eu conseguia pensar era que ele havia mentido para mim.

De repente começou a fazer sentido. As mãos macias, o trato diferente com os animais. A desenvoltura e gentileza. Falar francês — João não era um homem como nós, ele não era um mero mortal. Era um milionário

estrangeiro tirando férias exóticas no Brasil.

Por isso ele entendia tanto de computador e por isso havia peitado Demétrio com tanta segurança. Ele nunca foi cavaliço. Devia estar acostumado a mandar. Sua postura nunca negou, eu é que era burra de mais para enxergar.

É isso Isabele! Você viveu seu conto de fadas, mas na vida real não existe felizes para sempre. Ele enganou você. Todo aquele papo sobre estar apaixonado, não foi mais do que teatro para conseguir uma boa foda. *Burra! Burra! Burra!*

Respirei fundo e tentei pensar como Fernanda pensava. — Ele não tinha me usado! Era uma decisão de comum acordo, afinal, eu fui atrás dele mais de uma vez. Tive uma bela aventura e ainda consegui me livrar de um péssimo relacionamento. Agora era hora de seguir em frente.

É a vida! Não é?

A primeira lágrima veio devagar e eu consegui limpar, mas logo desisti. Elas caíam mais e mais rápidas até que passaram a nublar minha visão — *Não era isso! nunca havia sido isso para mim! Nunca seria.*

— Isa! — Fernanda entrou nervosa, sentando-se em uma cadeira ao meu lado — Meu Deus garota! O que houve? Como você está? Eu falei com o João.

— John — corrigi. — O nome dele é John *sei-lá-o-quê!*
— Oi?

— Ele mentiu para mim Nanda. Não é, nem nunca foi cavalição. Ele é o milionário estrangeiro. O dono do haras.

— Mentira? — perguntou com a mão tapando a boca. — Eu sempre achei que ele não levava jeito para ser pobre! — brincou. — A gente se reconhece, sabe? Os pobres!

Acabei rindo, mesmo que não estivesse feliz.

— Nanda!

— Sério! Eu fui pobre a vida toda Isa, sei reconhecer um igual!

— Só você para animar meu dia! — abri os braços, pedindo que ela me abraçasse.

— Oh amiga... Tudo vai ficar bem, viu? Não se preocupe! Eu imagino como você está, mas o tempo é um santo remédio. E os olhos, como estão?

— Na mesma.

— Alguma notícia sobre os exames?

— Estou esperando pelo médico.

Dr. Navas entrou alguns segundos depois.

— Bem Isabele... — Ele começou, o prontuário em sua mão. — Sua tomografia está ótima. Não há lesão em seu cérebro e sua ressonância também está limpa — respirei aliviada. — Vou interná-la para que realize uma sessão de pulsoterapia endovenosa. Você sabe o que significa?

Eu sabia por alto, mas preferi ouvir dele a explicação.

— O termo significa a administração de altas doses de medicamentos por curtos períodos de tempo — explicou — Em geral, após a administração venosa, segue-se com corticóide via oral por cinco dias ou mais, reduzindo-se a dose gradualmente até a suspensão. Sei que ajudará a frear a neurite e provavelmente você irá recuperar a visão aos poucos. Não tenha pressa em ficar boa. O estresse só vai piorar o quadro.

Concordei com a cabeça.

— Não se preocupe doutor! — Nanda disse sorrindo. — Vou cuidar bem dessa mocinha e fazê-la descansar

bastante.

— Perfeito! É disso que ela precisa! — o médico concordou. — Vou pedir ao enfermeiro que cuide da sua internação e nos vemos amanhã, pela manhã.

Júlio chegou empurrando uma cadeira de rodas. Havia uma moça com uniforme social ao lado dele.

— Você foi promovida! — brincou. — Não precisa mais andar de maca. Ganhou um automóvel mais legal.

— Hum... Isso é ótimo, porque eu já estava ficando enjoada com todas aquelas curvas!

— Isabele eu vou fazer sua internação. — A moça disse pegando meu prontuário. — Preciso dos seus documentos.

— Creio eu vá precisar de uma remoção — expliquei. — Meu convênio médico não cobre esse hospital e eu não tenho como arcar com os custos — expliquei. Agradeço o excelente atendimento, mas prefiro pagar pelo que já foi realizado e procurar um hospital que atenda o plano.

— Ah não se preocupe. Todos os custos já foram pagos. Fique tranquila.

— Como assim, pagos? — questionei.

— Eu paguei, Isabele — João apareceu na porta.

— Não quero que você pague nada para mim! Você não é nada meu! Eu nem sei quem você é direito!

— Eu já disse... Sou John Albert Van Gallagher. Você pode estar magoada e não tiro suas razões, mas não vou permitir que comprometa seu tratamento por isso.

— Você é maluco! — xinguei.

— Isa, o bonitinho tem razão. — Fernanda segurou minhas mãos. — Fica até fazer a pulsoterapia e depois eu te levo para casa. Se é só neurite você deve ter alta logo.

— Sua amiga tem razão, Isabele. Seja razoável. Quando estiver pronta, podemos conversar melhor. Por enquanto, só quero que receba um atendimento de qualidade.

Seus olhos estavam tristes. Nada de sorriso bonito. Havia uma nuvem escura sobre a cabeça dele. Eu estava chateada, mas eles tinham razão — *eu precisava de tratamento*.

A funcionária do hospital passou minha ficha para ele assinar e Júlio me conduziu até meu quarto. Fernanda caminhando ao meu lado. João não veio conosco.

John... Levaria um tempo até que eu conseguisse enxergar ele com outro nome.

Acomodei-me na cama e a enfermeira iniciou a sessão de corticoides intravenosos. Era demorado e eu estava cansada.

Depois de tomar uma caneca de chá e comer duas bolachas, apaguei. Fernanda ainda estava segurando minha mão.

Capítulo 15

John

— Vem, companheiro. — Marcos chamou. — Vamos comer alguma coisa.

Concordei com a cabeça porque pelo menos ela

estava bem. Depois de falar com o neurologista eu estava mais tranquilo. Não havia lesão em seu cérebro e nenhum tipo de tumor. A história não iria se repetir. Eu não iria perdê-la para doença alguma, como perdi minha mãe.

Sentamos na lanchonete do hospital e pedimos dois cafés e um sanduiche. Eu não queria comer. Meu estômago ainda estava embrulhado, mas sabia que precisar manter algo no estômago. Eu não havia comido muito na noite anterior.

Como se pudesse farejar meus problemas, meu celular tocou. A foto do meu pai piscando na tela.

— Não vai atender? — Marcos perguntou depois que eu deixei o aparelho vibrando sobre a mesa.

— Agora não.

Eu não queria atender porque sabia que ele perceberia pela minha voz que algo não estava bem e eu não estava preparado para contar tudo a ele.

— Acho que você deveria ir para um hotel e descansar um pouco. Tomar um banho. Vestir algo melhor e voltar mais tarde. A moça precisa descansar e se vocês dois ficarem trocando farpas isso não vai acontecer. — disse enquanto

terminava o café. — Algumas coisas precisam de tempo para serem resolvidas, John.

Respirei fundo, soltando o ar dos pulmões — *ele tinha razão. Ele geralmente tinha razão.*

Ela precisava descansar e eu teria todo o tempo do mundo para convencê-la da minha sinceridade mais tarde.

— Quero dar uma passada no quarto. Só para dizer que vou ficar aqui em São Paulo — expliquei. — Caso ela precise de algo. Quero deixar meu telefone com a amiga dela também.

— Ok.

Terminamos nosso café e subimos para o andar dos apartamentos. Bati na porta e a voz de Fernanda me pediu para entrar.

Isabele estava dormindo. Seu braço recebia a medicação por um tubo intravenoso. Parecia tranquila e eu esperava que realmente estivesse.

Caminhei até perto da cama e levei a mão até o seu rosto, mas antes de tocá-la, desisti. Eu não queria ser invasivo e tinha medo de acabar piorando as coisas.

— Dá um tempo a ela. — A garota morena me disse da

poltrona no canto do quarto.

Respirei fundo, soltando o ar com cuidado.

— Ela é cabeça dura, mas vai pensar melhor. Obrigada por tudo que você fez. Quer dizer, o helicóptero e tudo mais. Obrigada mesmo.

Sorri, mas era mais de educação do que de felicidade.

— Sou John — estendi a mão para ela. — Não fomos apresentados corretamente.

— Fernanda — segurou minha mão com firmeza.

— Eu vou para um hotel aqui perto. Se precisar de mim, vou deixar o telefone anotado — marquei meu número em um bloco de anotações na mesa. — Pode me ligar a qualquer horário. E se puder tirar um tempo, eu gostaria de explicar a você tudo isso, já que ela não quer me ouvir. Eu não sou um cafajeste, Fernanda — justifiquei.

— Sei que não é! Acredite, eu conheço o tipo de longe. Tenho um ótimo faro — brincou. — Você foi meio babaca, mas não foi maldoso. Provavelmente se enrolou em alguma mentira boba. Eu conheço a Isa. Ela fala demais quando fica nervosa ou ansiosa. Provavelmente ela te

preendeu em alguma bobagem.

Sorri com mais vontade dessa vez.

— Obrigado.

Deixei o hospital junto com Marcos e fomos direto para o hotel. Era um hotel pequeno. Um casarão antigo transformado em hospedaria.

— Vou ficar devendo um hotel de luxo, companheiro. Aqui por perto as pessoas priorizam o preço por causa do tempo de permanência. Geralmente acompanham pacientes em tratamentos longos.

— Não se preocupe. Está perfeito para mim e consigo ir andando ao hospital, se quiser. Obrigado.

— Tome um banho e descanse. Logo a doutora se recupera! — Sua mão estava em meu ombro. — Se precisar de algo, sabe que é só chamar!

Eu precisava mesmo de um banho e de alguns analgésicos. Eu estava com uma dor de cabeça absurda. Precisava disso e precisava pensar um pouco.

— Obrigado por tudo que tem feito por mim, Marcos. Você tem sido um grande amigo. Não sei o que faria sem você por perto.

— Ah não se preocupe, vou incluir tudo isso nos meus honorários! — brincou, mas não era sério. A verdade é que ele realmente era um grande amigo. Fazia por mim muito mais do que qualquer advogado faria. Eu sabia disso, sabia que estava tomando seu tempo e o afastando do escritório, mas não tinha ninguém mais com quem eu pudesse contar.

— Isso! E inclua um extra por tomar uma bebida comigo mais tarde e me ouvir.

— Estamos aqui para isso, companheiro!

O táxi levou Marcos e eu entrei no hotel. Uma recepcionista simpática prontamente fez meu *check-in* e eu subi as escadas até o primeiro andar. Meu quarto tinha vista para uma piscina pequena.

Tirei os sapatos sujos e a camisa de flanela. A temperatura estava agradável e eu estava com calor. Debrucei na varanda de metal, observando dois passarinhos pequenos brigarem no meio do gramado.

“Será que ela iria me perdoar?”

“Era tão terrível assim o que eu havia feito?”

Eu nunca tive que lidar com algo assim. Nunca

precisei esperar que uma garota me perdoasse. Elas costumavam esquecer tudo quando eu dizia quem eu era. Isabele não era como as garotas que eu conhecia. Eu a tratei como uma qualquer. Magoei seus sentimentos.

Voltei para dentro, peguei uma garrafa de água dentro do frigobar e liguei para o meu pai. Ele atendeu depois de alguns toques.

— Você está ocupado, pai? — perguntei.

— Nem tanto, se o assunto for realmente importante — brincou.

— Acho que fiz merda, pai — confessei, mas não esperei que ele dissesse nada. — Eu magoei uma garota e acho que ela pode ser a garota certa.

— Ora, ora, como é a vida! Outro dia você estava me dando conselhos — provocou, mas eu podia sentir que estava feliz.

— Pois é, Sr. Gallagher, parece que sua hora chegou! Agora banque um bom pai e ajude seu filho.

Ele riu e eu fui ficando mais tranquilo. Sentia falta dele.

— O que você fez, John?

— Eu menti para ela. Na verdade eu nem menti, exatamente. Eu omiti algumas informações...

— Informações importantes, creio eu.

— Ela supôs que eu era o novo funcionário do haras. Um tratador de cavalos.

— Conhecendo você como conheço, nem posso imaginar o porquê — debochou.

— Eu embarquei na brincadeira. Disse que me nome era João e...

— Tentou conquistá-la sendo um pobre tratador de cavalos. — Ele concluiu antes de mim. — E pelo que vejo, ela descobriu sua farsa e não entendeu tão bem como você pretendia.

— Ela está doente pai. Eu fiquei desesperado. Meti os pés pelas mãos. Não sou muito bom em lidar com coisas assim, pai.

Fiquei em silêncio, sentindo as primeiras lágrimas rolarem. Tantas lembranças voltando a minha mente. A mais forte delas era meu pai estendendo a mão para que eu me levantasse do túmulo da minha mãe.

Eu fiquei tão bravo com ela. Tão irado. Na última

semana eu nem quis vê-la. Era tudo culpa dela. Se não tivesse engravidado de Collin. Se tivesse se cuidado melhor, nada disso teria acontecido. Ela poderia ter vivido mais.

No dia em que ela nos deixou, pediu para me ver. Ela não costumava pedir nada. Desde que papai havia aceitado que ela voltasse para nossa casa, mamãe era outra pessoa. Sua postura altiva não existia mais. Seu riso fácil, seu olhar profundo... Nada mais existia da garota bonita que eu chamava de mãe. Ela era um rascunho da mulher que um dia tinha sido.

Entrei em seu quarto depois de relutar muito. Ela não queria mais ficar no hospital. Havia pedido isso a papai. E ele havia contratado uma equipe inteira para cuidar dela. O quarto havia sido transformado em uma unidade de tratamento intensivo.

Cheguei perto da cama e ela estendeu a mão. Eu não queria tocá-la. Senti tanta raiva dela. Não conseguia aceitar que ela estava indo embora.

“Preciso que você me perdoe, John. — Ela pediu.”

As lágrimas corriam dos meus olhos tão forte como agora. Molhando meu peito e nublando minha visão. Não consegui responder.

Sua mão ficou estendida, até que ela desistiu. Seus olhos verdes e límpidos estavam tristes e distantes. Ela sabia que ia morrer e eu sabia também. Não queria vê-la. Não queria guardar aquela cena na memória.

“Eu amo você mais que tudo, meu filho. Quero que saiba disso. E que se lembre sempre. Eu amo você, John.”

Minha respiração foi ficando difícil, como se eu revivesse a mesma cena.

— John? — A voz do meu pai me arrancou do passado.

— Oi.

— Ouviu o que eu disse? — Ele sabia que eu não tinha ouvido, me conhecia bem demais — As pessoas adoecem John. Todos nós adoecemos, isso é normal. Você precisa aprender a lidar com isso, filho. Precisa de ajuda. Quando voltar, vamos procurar ajuda médica.

— Não estou ficando maluco, pai.

— Sei que não. Conheço você. Agora quanto a garota... O

que exatamente ela tem?

— Neurite óptica, segundo o médico. Ele a internou para realizar um procedimento, mas deve dar alta a ela pela manhã.

— Então não tem com que se preocupar. Compre flores, vista um belo terno e dê uma polida nessa sua cara de pau. Sempre funciona.

Eu quase podia vê-lo rir de mim.

— Há-há — brinquei.

— Sério filho, não se preocupe. Seja sincero com ela. Exponha seus sentimentos. Peça perdão. Se ela é mesmo a garota certa, vai entender. Sou prova viva disso.

— E não é que a brasileira domou mesmo o Leão? — provoquei.

— E pelo visto outra brasileira está domando o filho dele!

Acabei rindo e ele também. Era bom desabafar com ele sobre algo além de negócios. Meu pai era jovem, inteligente e provavelmente havia cometido todos os erros amorosos possíveis — *ele tinha uma boa bagagem para me passar.*

— Pai? — chamei quando o riso perdeu força. —

Obrigado.

Meu pai respirou fundo.

— Por nada, filho. É um prazer estar aqui para você.

Isabele

Acordei com as costas doendo por causa da posição. Ajeitei meu travesseiro com a mão livre e verifiquei que a bolsa de medicação estava praticamente terminada.

— O gatinho esteve aqui para te ver. — Fernanda lixava a unha despreocupadamente. Pernas cruzadas sobre a poltrona. — Ele é tão educado e gentil. Meu Deus, que homem!

— Nanda! — reclamei.

— É bom de cama? — provocou. — Porque se ele for e, você dispensar, acho que vou entrar na fila.

— Joguei um dos travesseiros nela.

— O que? Você disse que não quer nem vê-lo! E olha que por bem menos eu já fiquei de quatro.

— Ele mentiu. Não é como se fosse uma mentira boba. Ele mentiu quem era. Não foi sincero comigo, porque não confiou em mim.

— E deveria? — questionou.

— Claro!

— Porque Isa? Ele nem conhece você! Eu nem sei se ele conhece o Brasil! Se ficou com medo. Se quis se preservar. Você imagina quantas vezes ele já deve ter passado pela tentativa do golpe da barriga? Seja racional, bonitinha! Olha...

Levantou e pegou o celular. Entregou na minha mão. Havia uma página de pesquisa aberta. O nome dele digitado no topo da página. Várias e várias fotos de João em diferentes situações. Sempre bem vestido e com um sorriso estampado nos lábios.

“O Herdeiro do Leão de Roterdã” — dizia uma das manchetes.

Fernanda pegou o aparelho e começou a ler a matéria para mim.

— Jovem, rico e bonito, o primogênito de Adrian Van Gallagher tem mais charme e carisma do que o pai e se

prepara para assumir os negócios da família.

— Então foi daí que ele tirou o Leão — constatei.

— Provavelmente. O pai dele é conhecido como o tal Leão de Roterdã. Pelo que entendi, é uma das maiores fortunas do país. O avô é um juiz importante. Não encontrei notas sobre a mãe. Parece que o pai está no segundo casamento.

— A mãe dele morreu — expliquei. — Pelo menos foi o que ele me disse.

— Coitado.

— Coitada de mim que estou aqui nessa cama! — reclamei.

— Olha bem para ele, Isa... O que você vê?

— Um cara lindo e rico que teve mais sorte na vida do que eu vou ter em um milhão de reencarnações.

— Não sua boba! Olha de verdade. O que você vê? Eu vejo um garoto entediado e chateado, fingindo que está feliz o tempo todo. Ele parece algum tipo de troféu, sei lá! Não vejo felicidade aqui não.

— Ah, para Fernanda! Pois eu vejo um playboyzinho entediado porque nunca teve realmente que acordar cedo e

pegar no batente!

Não era verdade. Meus olhos encararam os de João em cada uma das pequenas fotografias. Ele não parecia feliz, nem realizado, nem nada do tipo. Parecia usar uma roupa que não era dele. Aquele sorriso bonito que eu via nele lá no haras. A felicidade que demonstrou quando salvamos o potro, não estavam naquelas fotos.

Podia ser a coisa mais idiota do mundo — *e provavelmente era* — mas o João que eu conhecia era bem mais feliz do que aquele jovem executivo emproado. — Você deveria ouvi-lo. Sabe Dra. Isabele, ouvir as pessoas não faz mal algum! Você não tem que ter todas as respostas o tempo todo! O mundo não precisa estar nas suas costas, Isa!

Baixei os olhos para o piso — *ela tinha razão*.

Eu tinha mania de querer controlar tudo. Estava tão acostumada a ser o esteio que tinha dificuldades em ouvir. Eu era boa em tomar decisões, mas era péssima em parar e ouvir os outros.

Respirei fundo.

Uma leve batida na porta interrompeu nossa

conversa.

— Acho que sua medicação já acabou. Estou certa? —
Uma enfermeira perguntou gentil.

— Creio que sim. Parou de gotejar agora há poucos instantes.

— Então vou liberá-la dessa amarra, mas vamos manter o acesso venoso, caso seja necessário mais alguma medicação, ok?

Concordei.

— Com licença — Marcos pediu — Posso entrar?

— Entre, por favor — sorri.

Marcos entrou e a enfermeira se despediu e saiu. Fernanda praticamente pulou na cadeira. Ajeitando o cabelo e guardando a lixa. Eu quase ri.

— Boa tarde, senhoritas! — cumprimentou. — Isabele, estou aqui na qualidade de responsável pelo haras. Quero saber como minha funcionária está. Não se preocupe, se não quiser tocar no nome de John, vou respeitá-la.

— Obrigada. Estou melhor, embora ainda tenha dificuldade de enxergar, pelo menos não piorei.

— O médico avisou que seria gradativo — aproximou-se

um pouco mais.

— Sim. Ele me disse também.

— Eu trouxe algo para você. Com os cumprimentos do haras. Desejo que se recupere logo.

Ele passou uma cesta bonita para o meu colo. Havia alguns biscoitos finos e frutas brilhantes e bonitas. Alguns chocolates e um cavalinho de pelúcia.

Sorri.

— Obrigada Dr. Pimentel.

— Marcos, por favor.

— Ok. Obrigada Marcos.

Vez ou outra, eu pegava um olhar de Marcos na direção de Fernanda, mais interessado do que deveria, mas era ela que me fazia querer rir. Eu nunca havia visto minha amiga sem jeito perto de um homem. Ela era a garota divertida e autoconfiante. A que sempre ataca antes de ser surpreendida e agora parecia não saber se quer o que fazer com as mãos.

— É muita gentileza da sua parte, não acha Nanda?

— Sim! — concordou mais alto do que deveria.

Ele lançou um sorriso para ela e suas bochechas

coraram no mesmo instante. Era divertido, pela primeira vez, não ser a boba da história.

— Agora que já sei que está bem, vou deixá-la descansar. Preciso encontrar John e dizer que vim vê-la. Ele está preocupado, mas não queria incomodá-la.

O advogado levantou-se e ela o acompanhou até a porta.

— Marcos? — chamei antes que ele saísse. — Diga a ele que agradeço muito... por tudo...

— Eu direi sim.

Fiquei olhando para a porta fechada, mesmo depois de Marcos sair. João ainda estava nos meus pensamentos. Por mais que eu não quisesse pensar, Fernanda tinha razão.

— Está pensando no bonitinho, não é? — perguntou jogando o travesseiro de volta em mim.

— Você está falando de mim ou de você? — provoquei e ela franziu o cenho e fez uma careta.

Eu sabia que precisava mesmo falar com ele. Não era justo simplesmente manter distância, mas eu precisava pensar um pouco mais.

Levantei com cuidado, aproveitando que já estava me sentindo melhor e separei uma roupa para tomar banho.

— Deixa a porta aberta, ok? — pediu. — Assim se você precisar, eu consigo te ajudar.

— Sim, senhorita! — brinquei imitando o jeito polido de Marcos.

Tirei a roupa com cuidado por causa do acesso venoso e entrei debaixo do feixe de água morna. Aproveitando o tempo sozinha para pensar.

Quando voltei, ela estava vendo um programa de culinária na televisão.

— Hum... Estou com fome! — confessei

Pegou uma maçã na cesta que eu havia ganhado e me entregou.

— Precisa de ajuda?

Neguei com a cabeça. Eu estava bem melhor. Já conseguia enxergar quase tudo em minha visão periférica.

Sentei em uma das poltronas e comi a fruta vendo televisão. Não demorou muito para o Dr. Navas entrar no quarto.

— Como está Isabele? Sente-se melhor? — perguntou deixando a maleta sobre a mesa.

— Estou bem melhor doutor, obrigada! Já quase boa, mas com muita fome — brinquei.

— É um bom sinal! — sorriu. — O que acha de jantar na sua casa?

Sorri no mesmo instante.

— Seria ótimo!

— Então vou deixar sua alta médica na recepção do andar, mas quero que volte para uma consulta mais detalhada. Vamos repetir alguns exames e ver a possibilidade de manter algumas sessões de pulsoterapia.

— Combinado.

— Vou deixá-la afastada do trabalho por três dias. Você precisa descansar um pouco e sei que não irá fazer isso sem um pedido médico.

Fernanda riu e eu também.

— Ok! Pode deixar, doutor. Vou me cuidar direitinho porque quero ficar boa logo.

O médico deixou as recomendações por escrito e Fernanda me ajudou a arrumar tudo em minha bolsa de

viagem. Juntamos as coisas e paramos no posto de enfermagem para assinar minha saída.

Chegamos em casa com a noite alta. Teodoro quase teve um ataque do coração quando nos viu — *ele odiava ficar sozinho!*

— Hey, garotão! — abaixei para que ele pudesse me lambar. — Senti sua falta!

Fernanda colocou minha bolsa no quarto e pediu uma sopa de um cardápio de delivery saudável que havíamos guardado na gaveta dos folders de comida.

— Acho que uma canja seria ótimo! — escolheu por mim.

— Minha mãe sempre diz que canja cura as pessoas! — sorriu.

— Minha mãe diz isso também!

— Então serão duas canjas e um pão italiano e dois sucos de acerola com laranja.

— Perfeito para mim!

Vesti meu pijama, deitei no sofá com uma manta quentinha e esperei pelo jantar que não demorou a chegar.

Aproveitei o sono da medicação para dormir cedo. O médico tinha razão, eu precisava mesmo de um tempo.

Queria que o sono tivesse sido tranquilo, mas João não deixou meus pensamentos nem depois de adormecer. Cenas de tudo que havíamos vivido passavam em minha mente, ora sonhando, ora pensando — *não seria fácil esquecê-lo.*

Capítulo 16

John

Quando a tarde caiu, Marcos apareceu no hotel.

Eu estava aliviado em saber que ela estava em casa. Sabia que ela precisava de um tempo para descansar. Eu não podia meter os pés pelas mãos, tinha que agir certo dessa vez.

— Quer sair para comer algo? Tomar um drinque? — Meu amigo ofereceu.

— Quero sim! Quero roupas limpas também, mas prefiro voltar a Sorocaba, se não for muito incomodo para você, companheiro. Prefiro estar perto dela.

— Tinha certeza de que você diria isso.

Chegamos a cidade na hora do jantar. Eu não pretendia voltar ao haras tarde da noite. Queria pensar em como seria minha volta. Eu precisava me planejar, já que meu disfarce havia caído por terra.

Paramos em um shopping no caminho para que eu

pudesse comprar algo para vestir e comer. Depois seguimos direto para um hotel. Marcos havia decidido ficar comigo para que pudéssemos cuidar de imediato de todas as questões legais e administrativas envolvendo o haras e, além disso, eu precisava de um amigo por perto.

Tomei um banho e me troquei e encontrei o na recepção.

— Vem companheiro, você precisa, e muito, de uma bela dose de bebida alcoólica! — brincou batendo em minhas costas.

Concordei porque era mesmo verdade. Eu me sentia destruído. Músculos doloridos de nervoso e frustração. Minha vida havia mudado da água para o vinho, mais uma vez.

Entramos no carro e dirigimos pelas ruas do que parecia um bairro elegante da cidade. Estacionou perto de um barzinho que ainda não estava cheio. Queríamos um pouco de privacidade.

Pedi uma garrafa de uísque e deixei na mesa. Não era um dia para cerveja. Eu precisava realmente afogar algumas mágoas e nada era melhor que uísque para isso,

palavras do Leão.

— Dê tempo ao tempo, John. — disse em algum ponto da conversa em que me perdi em pensamentos

Fiquei em silêncio. Olhos perdidos na avenida movimentada a minha frente. Ninguém além do meu pai compreendia realmente por que estava tão afetado com a doença de Isabele. Ninguém além do meu pai, havia vivido comigo tudo o que vivi, visto tudo que vi.

Marcos também não insistiu muito na conversa, já que me conhecia bem o suficiente para saber que eu não estava muito disposto a falar.

Depois de algum tempo, voltou a encher nossos copos.

— Ela é uma garota legal.

Levei o copo a boca antes de continuar.

— Ela é sim.

Respirei fundo lembrando a tarde em que salvamos o potro — *Eu jamais esqueceria o que havíamos vivido juntos. Jamais.*

Nunca havia sido tão genuinamente feliz como fui, nos dias em que estivemos juntos. Nunca me realizei tanto

quanto trabalhando no haras. Eu não havia nascido para ser o sucessor do meu pai. Sempre soube disso, embora tivesse tentado.

— Uma vez eu me apaixonei assim. — Marcos continuou. Os olhos perdidos no movimento da cidade também. — Mas eu a deixei ir. Ela ganhou uma bolsa de pesquisa na Noruega e eu não quis acompanhá-la. Achei que perderia tempo em minha carreira, se a acompanhasse por um ano. Mesmo com o apoio do meu pai.

— E você nunca mais a procurou? — enchei mais uma vez nossos copos.

— Quando terminei a faculdade, comprei uma passagem para Oslo e a encontrei morando com um colega de curso. Ela estava feliz. Meu tempo havia passado.

— Sinto muito.

— Também sinto companheiro, mas nem sempre podemos desfazer ou consertar as coisas. Isso é ilusão.

Concordei com a cabeça porque ele tinha razão. Temos a ilusão de que o tempo sempre vai nos dar mais uma chance, mas nem sempre isso acontece. Nosso tempo é agora, sempre.

Pensei no meu pai, e em como ele quase havia perdido a chance de ser feliz, quando desconfiou de Laura. Depois o acidente e por fim, o sequestro. Ele havia tido muita sorte. Eu não sabia se teria também. Se realmente deveria dar tempo ao tempo.

Levantei rápido da cadeira. O endereço dela já estava salvo em meu celular. Eu havia anotado para fazer uma surpresa, mas não tive tempo.

— Preciso resolver isso hoje!

Havia tanta certeza em mim que Marcos se quer cogitou me impedir. Chamei um táxi e segui direto para o único lugar no mundo em que eu deveria estar.

Eu conhecia o prédio. Já havia estado lá com ela, mas não sabia o caminho. Para minha sorte, era perto de onde estávamos.

Havia um interfone para chamar os moradores, mas eu me aproveitei do momento em que uma senhora estava saindo e entrei. Eu tinha medo de chamá-la e ela não querer me atender. Subi direto para o segundo andar e parei em frente à porta. Meu coração batendo forte contra o peito.

Respirei fundo, controlando minha emoção e depois de alguns segundos, apertei a campainha.

Isabele abriu a porta alguns segundos depois. Cabelo bagunçado de dormir, pijama de flanela xadrez e uma meia cor de rosa nos pés.

Seus olhos pararam nos meus por um instante e eu me enchi de coragem. Talvez movido pela bebida, talvez fosse só o que eu sentia mesmo. Eram aqueles cinco segundos de coragem insana que todos nós precisamos em algum momento da vida.

— Bela... sinto sua falta! — disse de uma vez porque nunca fui muito bom em rodeios. — Eu sei que fiz besteira, mas essa é a maior verdade que existe em mim. Eu realmente sinto sua falta — repeti.

Esperei que ela fechasse a porta na minha cara. Que gritasse ou me empurrasse para fora, mas não foi o que fez. Meu corpo tão próximo ao dela que eu podia sentir seu calor contra o tecido fino da camiseta. Não resisti.

Meus braços a puxaram para perto. Minha mão percorreu o caminho até sua nuca e eu a trouxe para mim. Sua boca a centímetros da minha.

— Quero você, *ma belle*... Não quero dar um tempo. Não consigo. Eu preciso de você.

Minha boca encontrou a dela em um beijo sôfrego, cheio de saudade e de sentimento. Eu a apertei contra mim como se dependesse daquele contato para sobreviver.

Isabele não disse nada, mas não recuou um centímetro se quer. Uma das minhas mãos enfiada em seus cabelos, enquanto a outra a mantinha junto a mim, pela parte baixa das costas.

— Me perdoa, Bela? — pedi. — Eu fui um estúpido e você tem toda razão do mundo para me odiar, mas eu prometo que vou tentar ser menos imbecil — fiz uma pausa longa, meus dedos tocando seu rosto. — Você foi a melhor coisa que aconteceu para mim em muitos anos.

Ela sorriu. Um sorriso tímido e delicado, mas era um sorriso sincero. Estendeu a mão para mim.

— Eu sou Isabele Andrade — começou. — Tenho vinte e seis anos e sou veterinária. Não tenho nada além de uma caminhonete velha e um cachorro rabugento.

Peguei sua mão em um cumprimento.

— Eu sou John Albert Van Galagher. Sou o primogênito

do Leão de Roterdã e nunca na vida trabalhei tanto como nas últimas semanas, mas também nunca fui tão feliz.

— É um prazer finalmente conhecer você, John. Eu tenho muitas perguntas e sei que você tem todas as respostas. Vamos devagar, ok?

— Na velocidade que você preferir, *ma belle*.

Ela fechou a porta e caminhou de mãos dadas comigo até o sofá. Fez sinal para que eu sentasse, mas o cachorro sentou-se na frente, ocupando todo o lugar.

— Esse é o verdadeiro Teodoro — explicou. — Não aquele cachorro feliz que fez amizade com você de primeira. Não se engane — brincou. — Ele é meio ciumento e adora marcar território, mas vocês vão ter que dar um jeito de se entender — brincou, empurrando o cachorro para o tapete.

— Não se preocupe, não é Téo? Nós vamos dar um jeito.

O pitbull me encarou, cinismo evidente em seus olhos caninos, mas eu sabia que no fundo ele só queria o bem dela e nisso pensávamos igual.

— Como você está Bela? Sente-se melhor? A visão voltou? — perguntei preocupado.

— Estou quase boa. Já consigo enxergar quase tudo na visão periférica. Creio que mais uns dias e estarei ótima.

— Essa é a melhor notícia que você poderia me dar.

— Isabele eu quero que saiba que estou aqui pronto para responder o que você quiser, mas tudo que eu disse antes, fora o fato de ser cavaliço, é verdade. Eu não menti em momento algum, exceto sobre isso.

— Acredito em você. Aquele coroa bonitão não parecia mesmo pai de um tratador de cavalos! — brincou. — Mas mesmo assim, John... Preciso de um tempo... Eu preciso entender o que você espera de mim e o que eu espero de você também. Eu estou muito envolvida com você. Completamente envolvida, na verdade, e é por isso que tenho tanto medo.

Envolvido era uma boa maneira de expressar o que eu sentia, embora apaixonado parecesse mais sincero, mesmo que eu não confessasse.

— Eu compreendo.

— Vamos começar as coisas do jeito certo, ok? Você me chama para sair, a gente vai ao cinema. Jantar juntos... Essas coisas...

— Perfeito para mim — sorri.

— Não faz isso! — reclamou sorrindo.

— O que eu fiz?

— Esse sorriso... Esse sorriso acaba comigo, John.

Corri os dedos pelo rosto dela bem devagar, sentindo a maciez da pele. Isabele fechou os olhos, sentindo meu toque também. Contornei seu rosto e lábios. Sua respiração quente, aquecendo a ponta do meu polegar. Eu queria desesperadamente estar dentro dela mais uma vez. Queria ouvi-la gemer contra meu pescoço, mas ela estava certa — precisávamos ir com calma.

“As tempestades são fortes e arrasadoras, mas elas duram pouco tempo” — vovó me disse uma vez, enquanto apreciávamos a garoa fina do mês de janeiro cair no jardim — “A chuva fina pode parecer inofensiva, mas ela é a responsável por toda a água que temos durante o ano. É ela que enche os reservatórios e mantém a vida, querido”.

Ela tinha razão, mais uma vez. Eu queria que minha história com Isabele fosse duradoura. Que tivéssemos amor e paixão por todo o ano e não apenas quando a

atração nos comandasse. Se eu queria a eternidade, precisava esperar o momento perfeito.

— Você é tão linda... — Eu disse depois de um tempo.

Isabele abriu os olhos para me encarar. Havia suavidade e tranquilidade em seu olhar.

— Quando eu disse que você era um príncipe perfeito, eu estava certa, John. Você realmente é.

Puxei-a para mim, sua cabeça descansando em meu peito. Meu coração batendo forte de tantos sentimentos que eu nem conseguia expressar.

Naquele momento, sentado junto dela, eu tinha tudo que queria no mundo. Minha vida parecia estranhamente completa. Meu coração estava aquecido e minha alma estava em paz.

Isabele

Quando a campainha tocou, meu coração deu salto no peito, como se eu soubesse exatamente quem estava do outro lado da porta.

Eu nunca havia sido uma garota romântica. Essas ideias de contos de fadas não se encaixavam em minha realidade. Não funcionavam para mim, mas ele conseguia me fazer crer.

Pensei em um milhão de coisas para dizer a ele, na fração de segundos em que nossos olhos se encontraram, mas nada parecia importante o suficiente para quebrar aquele momento.

Quando sua boca encontrou a minha, tudo que eu queria era ele. A mentira perdeu força. Minha raiva se foi como areia ao vento.

Ficamos abraçados no sofá por um longo tempo. Até que o sono me dominou.

— Vem Bela. — Ele chamou. — Vou colocar você na cama e depois fecho a porta e jogo a chave por baixo.

Sorri. Fazia tanto tempo que alguém não me colocava para dormir. Acho que desde que deixei minha casa para ir para faculdade.

Caminhamos de mãos dadas pelo corredor. A porta do quarto de Fernanda estava entreaberta, o que me fazia crer que ela havia levantado para ver quem era, quando a

campanha soou.

Teodoro se aninhou em seu colchonete debaixo da janela e John puxou os cobertores. E eu me deitei. Ele sentou-se na beirada da cama e debruçou o corpo sobre o meu para me beijar.

Seu perfume inebriando meus sentidos, seu hálito cheirava a uísque e bala de menta, mas era absurdamente tentador.

Corri a mão em seu abdômen sentindo as ondulações dos músculos, arrancando um suspiro dele. Meu coração batendo forte, ansiando por um pouco mais. Minha mente buscando desesperadamente por um pouco de lucidez.

— *Bonsoir, ma belle* — sussurrou em meu ouvido, arrepiando minha pele.

Não resisti.

— Fica comigo? Só essa noite? — pedi e ele sorriu.

— Todas as noites que você quiser.

John se levantou e fechou a porta. Tirou o jeans e a camiseta e se ajeitou comigo na cama. Abraçando-me por trás.

— Não consigo dormir de roupa, Bela, desculpe! — riu contra minha orelha.

Puxei seu braço mais para perto, fazendo-o me abraçar mais forte, moldando meu corpo no dele.

— Perfeito para mim, leãozinho — brinquei.

Fechei os olhos e nenhum pensamento ruim veio, como se ele tivesse o poder de afastar toda a preocupação.

Acordei com o despertador do celular e só então percebi que havia esquecido de desligar.

— Desculpe — beijei o peito dele, ainda aconchegada por ele. — Ainda é cedo, pode dormir mais.

— Eu adoraria Bela, mas preciso trabalhar.

Beijou minha testa e se levantou.

— Achei que milionários não trabalhassem, Sr. Leão — brinquei.

— Fortunas não caem do céu, baby, a gente trabalha para mantê-las — sorriu daquele jeito malandro que arrasava meu coração.

Vestiu o jeans e pegou a camiseta em minha poltrona. Ele era incrivelmente sexy mesmo vestindo a

roupa. Aliás, agora que ele era só ele mesmo, estava mais seguro e solto.

Mordi o lábio inferior, segurando-o entre os dentes, enquanto ele cobria o peito com a camiseta.

Deus do céu! Eu ganhei um bilhete de loteria premiado que faz a mega sena acumulada parecer trocado de balas! — e nem me referia ao dinheiro.

— Como serão as coisas agora? — perguntei curiosa. — Digo no haras.

— Vou finalmente assumir meu lugar. Colocar as coisas em ordem e espero minha veterinária de volta. Assim que ela estiver recuperada.

— Posso ir com você, se quiser. Sinto-me ótima, John!

— De maneira alguma. Você vai descansar exatamente como o médico sugeriu. Além disso, é sábado Bela e você não trabalha aos sábados. Descanse e me espere que passo aqui à noite, para termos o nosso primeiro encontro.

O sorriso em seus lábios me dizia que seria bem difícil resistir a ele e ir devagar.

— Ok! Como preferir, Já que não quer minha companhia...

— Me fiz de chateada, mas não estava realmente.

John veio sobre mim, ainda deitada, seu corpo forte pressionando o meu nos lugares certos. Sua ereção pulsando contra minhas coxas.

Ele mordeu meu lábio e gemeu contra minha boca, arrancando um gemido meu. Minhas mãos deslizando em suas costas até o fim da coluna.

— Por mim, Bela, eu passaria o resto do dia deitado aqui na cama com você — sussurrou acelerando meu coração. Sua boca viajando em meu pescoço e colo. — Poderia pensar em uma dezena de maneiras diferentes de fazer você gozar — mordiscou meu seio, arrepiando meu mamilo. — Na minha boca... No meu pau... Na minha mão...

— Hum — gemi involuntariamente porque se ele continuasse, certamente atingiria o objetivo.

— Mas... — frisou levantando-se de cima de mim. — Eu preciso trabalhar e você precisa descansar. Além disso, combinamos que iríamos devagar, lembra? — provocou e eu estreitei os olhos.

Sorriu, enquanto ajeitava os cabelos com as mãos, em frente ao meu espelho. E eu não pude deixar de sorrir.

— Seu metido! — brinquei jogando a almofada nele.

Ele estendeu a mão para que eu me levantasse da cama.

— Vem, *ma belle*, vem tomar café da manhã comigo.

— Agora confessa — pedi enquanto caminhávamos para a cozinha. — Você não aprendeu a falar francês assim tão bem na internet, não é?

John riu.

— Não exatamente — confessou. — Eu tive uma professora particular, mas minha mãe era fluente em francês e sempre falou comigo na língua. Em meu país, é comum o ensino de outras línguas no colégio, Bela, entre elas o inglês e o francês. A união europeia é pequena. Precisamos nos expressar de maneira adequada.

— Quantas línguas você fala?

— Neerlandês, português, inglês, francês e alemão.

— Puxa! E eu me achando esperta porque fiz um cursinho de inglês e falo espanhol! — brinquei.

— O espanhol é uma língua linda, Bela. Quero ouvi-la falar espanhol um dia.

A casa estava vazia e eu supus que Fernanda ainda

dormia.

Preparei café na cafeteira de cápsulas que eu amava e esquentei dois pães com manteiga na frigideira.

— Desculpe não poder oferecer um café continental, Sr. Leão — brinquei.

Ele me puxou para os seus braços. Beijando-me com gosto de café.

— Tive a melhor noite da minha vida Bela e o melhor café da manhã também.

Sorri como uma imbecil afetada.

— Mas agora preciso ir. Não quero chegar tarde ao haras e ainda preciso de algo decente para vestir.

Levei John até a porta e assim que a fechei, comecei a sentir saudades dele. Olhos encarando a sala vazia, como se faltasse algo ali.

— Ah meu Deus! Alguém leve essa boba apaixonada e traga minha amiga durona de volta! — resmungou. — Vê só, pulguento? Basta um pelo par de calças e ela nos deixa!

Teodoro latiu e eu me virei para encontrar minha amiga preparando mais uma xícara de café.

— Ainda deu meu pãozinho para ele! — resmungou. —
Justo o meu pãozinho de cenoura! Eu mereço!
— Nanda, larga de ser mesquinha! — reclamei rindo. —
Eu compro uma dúzia de pães de cenoura para você!
— Quero só ver! — deu uma mordida na bolacha de água
e sal com a sobancelha levantada, mas logo voltou a ser a
boa e velha melhor amiga de sempre. — Você tem certeza
de que ficará bem sozinha? Eu posso me afastar do
trabalho por uns dias, se você precisar.

Beijei sua testa e passei meu pãozinho de cenoura
que estava pela metade para ela.

— Vou ficar bem Nandinha, não se preocupe. Já estou
ótima. Vou ao mercado e depois vou colocar minhas séries
em dia. Prometo!

Fernanda terminou o café e saiu. Ficamos apenas
Teodoro e eu. Lavei a louça do café, tomei um banho,
escovei os dentes. Vesti um jeans e uma blusa de moletom.
Calcei meus tênis e prendi o cabelo em um rabo de cavalo
alto.

— O que acha de darmos um passeio, hein grandão? Estou
precisando de ar puro e podemos passar na mercearia.

Quem sabe eu poupo o trabalho de ir ao mercado.

Téo latiu em concordância e eu peguei sua guia e focinheira. Ele era um cão treinado e obediente, mas eu era ciente da sua força. Não colocaria ninguém risco por confiar demais em meu cachorro. Preferia me garantir e ele já havia se acostumado.

— Sabe que você fica ainda mais bonito de focinheira? — brinquei coçando suas orelhas. — Sei lá, te dá um ar de mistério, sabe? De poderoso?

O cachorro ajeitou a postura, como se pudesse me compreender e eu acabei sorrindo — *homens, todos iguais, não importa a raça!*

Peguei minha carteira e saí feliz, descendo as escadas com a guia de Téo junto a mim.

Era uma bela manhã de sábado e apesar do frio, o sol fraco do inverno brilhava, iluminando o dia. Eu estava feliz, recuperada, o dia estava bonito. Tudo parecia perfeito.

Passei pela banca de jornal, cumprimentei o jornaleiro e segui até o gradil de um velho abacateiro, onde meu cachorro adorava se aliviar.

No final da nossa rua, havia uma pequena mercearia, construída na garagem de uma casa antiga. A dona se chamava Lourdes e adorava Teodoro, então, tínhamos passe livre no estabelecimento. Já fazia um tempo que eu não aparecia, mas ela geralmente me poupava uma ida ao mercado.

Assim que entrei, estranhei a jovem no caixa. Eu não a conhecia, mas tinha traços parecidos com os de Dona Lourdes.

Peguei uma cesta e comecei a encher com os produtos de que precisava. Geleia, pão de cenoura caseiro, biscoito de polvilho, açúcar, queijo fatiado, brócolis, uma cabeça de alface americana e uma garrafa de suco de uva.

Coloquei tudo sobre a esteira do caixa e sorri.

— Bom dia! — A jovem cumprimentou — Seu cachorro é muito comportado!

— Bom dia! Obrigada. Teodoro é um *gentleman* — brinquei. — Mas só quando quer, certo Téo? — Ele fungou, já que a focinheira o atrapalhava latir. — Onde está a Dona Lourdes? — perguntei. — Não tenho vindo

muito aqui, mas sinto falta das nossas conversas.

— Ah, vovó está descansando. — A moça confirmou o parentesco. — Desde que a doença a pegou de jeito, não consegue mais fazer quase nada sozinha. Mal sai da cama — lamentou.

Engoli em seco. Dona Lourdes tinha esclerose múltipla e eu sabia bem da sua luta contra a doença. Quando comecei a sentir mal, lembrei bastante dela, porque os sintomas eram incrivelmente parecidos, embora eu não soubesse de nenhum caso de esclerose em minha família.

— Sinto muito.

— Obrigada. Ela estaria melhor, se fizesse o tratamento direitinho, mas está cansada sabe? A doença tem judiado dela desde que minha mãe nasceu.

Respirei fundo sem conseguir dizer nada. Um medo absurdo revirando meu estômago.

— Venha visitá-la quando puder! Ela vai gostar de ver uma velha amiga.

Concordei com a cabeça e digitei a senha do cartão. Saí de lá deixando um pedaço do meu coração com Dona

Lourdes. O que havia restado dele em meu peito estava triste e ansioso.

Cheguei em casa, guardei as compras e me sentei no sofá. Peguei o celular e comecei a pesquisar sobre a doença. A cada página lida, meu medo e desespero aumentavam — tudo que eu sentia, estava descrito nas páginas de pesquisa. Jovens, velhos, todos sofrendo com os danos causados pela esclerose.

Deixei o celular sobre a almofada do assento e joguei a cabeça para trás, fechando os olhos e sentindo uma pequena lágrima começar a rolar. *Será que eu estava mesmo doente? Será que minha vida estava condenada?* Justo agora que eu havia encontrado John.

Se fosse mesmo verdade, o que eu teria a oferecer a ele? Tão jovem e cheio de vida... Eu não podia condená-lo a ficar ao lado de uma pessoa imprestável. Não podia condenar os sonhos dele, podar as asas dele...

Respirei fundo, afastando a tristeza e o medo. Conferi na agenda minha próxima consulta com o Dr. Navas e decidi que não morreria de véspera.

Eu tinha uma semana para ser feliz, fosse qual

fosse o veredito final.

Capítulo 17

John

Assim que cheguei a rua, o carro já estava me esperando, graças ao aplicativo de celular.

Dei o endereço do hotel e aproveitei para conferir se alguém havia falado comigo na noite anterior. Havia uma mensagem de Marcos, dizendo que mandaria entregar minha mala na recepção, para que eu pudesse me preparar e que assim que o fizesse, fosse procurá-lo em sua suíte.

— Imagino que o Dr. Pimentel tenha deixado uma mala para mim — expliquei na recepção.

— Sim senhor, deixou sim, Sr. Gallagher.

Peguei minha mala e segui direto para meu quarto. Coloquei sobre a cama e abri. Não estava completa, mas todos os itens de uso imediato estavam lá. Separei uma calça social preta e uma camisa cinza. Minha cueca roxa do Gato de Minas e minha jaqueta de couro.

Tomei um banho e aparei minha barba, já que eu

havia decidido não me barbear mais. Lavei o cabelo e escovei os dentes. Era bom me sentir o John novamente. Não ter que me preocupar com o que vestir ou falar para não dar bandeira de que era rico.

Vesti a roupa e borrifei um pouco de perfume. Peguei o celular e mandei uma mensagem para Marcos.

“Estou pronto!”

Ele respondeu em seguida.

“Te espero na sala de café da manhã”.

Guardei tudo na mala e segui em direção ao saguão. Fechei minha conta e deixei a mala guardada — eu queria voltar para o haras. Queria tomar as rédeas do meu negócio e para isso, precisava estar por perto.

Sentei na cadeira de frente para Marcos, que digitava algo no celular.

— Bom dia, companheiro! Obrigado por se preocupar comigo e trazer minha mala. Eu já estava sentindo falta de ser eu mesmo.

Marcos assentiu com a cabeça.

— Pela hora que recebi uma mensagem sua, devo supor que tudo se acertou com a bela veterinária.

— Digamos que estou no caminho, mas sou um cara persistente.

Meu amigo riu e eu acabei rindo também.

— Convoquei uma reunião com os funcionários do haras, já que o pessoal do administrativo não trabalha no fim de semana. Imaginei que você gostaria de resolver tudo logo de uma vez.

— Perfeito! Não vejo a hora resolver tudo e colocar aqueles dois calhordas no lugar deles.

Assim que terminamos o café, seguimos até o estacionamento. Marcos apertou o alarme de uma *Range Rover* prateada e me entregou.

— Imaginei que agora que você não está mais fingindo que é pobre, precisaria de um carro. Estou certo?

Sorri.

— Como sempre!

— O carro está alugado por um mês. Imagino que até lá, tudo estará em ordem para sua volta a Holanda.

Respirei fundo, pensando na decisão que um dia eu teria que deixar de postergar.

— Obrigado novamente.

— Sempre as ordens, John. Já disse que somos amigos, além dos negócios. Agora vamos. Eu vou na frente com meu carro e você pode me seguir, assim aprende um pouco do caminho.

Concordei com a cabeça.

Guardei a mala no porta malas e me sentei atrás do volante — *eu estava com saudades de dirigir!*

Estacionei junto ao prédio principal do haras e não demorou um segundo, até que Renata aparecesse.

— Bom dia Sr. Gallagher. — Ela disse com um sorriso meio irônico e ridiculamente falso no rosto.

Assenti com a cabeça cumprimentando e segui em frente.

Os funcionários estavam no refeitório de serviço, esperando por mim. Caminhei ao lado de Marcos, em silêncio.

— Bom dia a todos. — Ele iniciou. — Como todos agora sabem, este o Sr. John Van Gallagher. Ele é um dos herdeiros da Sra. Tavares e detém uma procuração para cuidar de tudo pelos irmãos menores, portanto, ele é o único que realmente manda aqui e de agora em diante, as

regras serão ditadas por ele.

Eu estava lá. Braços cruzados na frente do corpo, olhos percorrendo o perímetro, de funcionário em funcionário. Nesses dias em que fui apenas o João Leão, pude observar com clareza como tudo funcionava.

— Vou deixá-los com o Sr. Gallagher e vou até o escritório preparar alguns documentos.

Marcos me deixou sozinho. Todos os olhares estavam em mim.

— Bom dia a todos. Em primeiro lugar, gostaria de me desculpar por tê-los feito vir até aqui em caráter de urgência, mas não gosto de deixar assuntos pendentes. Eu já vi coisas demais e esperei tempo demais — o nervoso de Demétrio e Renata era palpável. — Quero que saibam que estou aberto a opiniões e críticas, mas não estou começando em um negócio hoje. Eu tenho experiência em administração e sou perfeitamente competente e capaz. Espero poder elevar o nível do nosso haras e do nosso hotel sem comprometer a qualidade de vida e trabalho dos que prestam serviço a mim. Não tenho intenção de vender a propriedade e quero que saibam que estou satisfeito com

o trabalho de vocês. Os que estiverem de folga estão liberados e poderão escolher como preferem receber pelas horas de hoje. Os outros podem voltar ao trabalho.

Renata foi a primeira a se levantar. Queria fugir logo dali porque era o reflexo exato da pessoa que ela era — *covarde e fujona*. Demétrio era um homem esperto e sabia que o emprego corria perigo, então ficou.

Marcos chegou no momento exato, impedindo a fugitiva de escapar.

— Sr. Galagher. — Meu administrador começou. — Sinto muito por nossos desentendimentos, mas o senhor há de convir que eu estava fazendo o meu trabalho.

— Mal e porcamente, diga-se de passagem — objetivei. — Eu tenho um rombo de cento e cinquenta mil reais em minhas contas e sua incapacidade administrativa quase custou a vida de alguns animais. Animais esses que o senhor mesmo comprou, por um preço absurdo, por julgar importantes para o nosso plantel. Portanto, seus serviços não são mais necessários. O Dr. Pimentel vai cuidar dos parâmetros legais.

Virei as costas e me dirigi a moça.

— Você também está dispensada Renata. Não vejo sentido para manter uma funcionária cuja conduta não condiz com os valores do estabelecimento. Quanto à sua permanência aqui, em respeito ao seu pai, pode continuar morando no haras até que consiga se manter fora daqui, mas não quero circulando pela propriedade, fora dos limites dos funcionários.

Nenhum dos dois questionou minhas ordens. Eles não eram estúpidos. Eu sabia do rombo e sabia que o dinheiro havia sido roubado dos cofres de vovó. O melhor que tinham a fazer era realmente desaparecer, o mais rápido possível.

Caminhei até meu chalé. Joca e Salomão estavam deitados em meu tapete de entrada, enrolados um no outro como de costume.

Abri a porta e sinalizei para que pudessem entrar.

Tudo estava exatamente como eu havia deixado. A névoa fina cobria parte da minha vista. Eu gostava daquele lugar. Ele me fazia sentir bem.

Não tinha intenção alguma de ocupar uma das suítes do hotel. Queria ficar ali, junto dos cães e na paz do meu

pedaço de chão. Marcos apareceu em seguida.

— Você precisa dar um jeito nisso aqui! Você sabe, melhorar algumas coisas.

— Gosto daqui.

— Esse sofá fede a cachorro molhado, John — criticou.

— Se eu comprar um novo, não vai demorar uma semana para que também fiquei cheirando a cachorro molhado — expliquei. — Ou você acha mesmo que vou manter meus pequenos hóspedes lá fora no frio.

Marcos riu e balançou a cabeça em negativa.

— Pelo menos uma televisão decente e um receptor melhor de internet. Tenho certeza que um dos funcionários consegue isso para você.

— Isso seria ótimo. E eu preciso de um colchão novo. O que tenho tem uma mola solta e machuca minhas costas. Amanhã mesmo vou tratar de resolver esses assuntos.

Marcos se foi perto da hora do almoço e eu aproveitei para ocupar meu lugar no escritório.

Trabalhei até que Vera, uma garota baixinha funcionária da copa bateu em minha porta.

— Sr. Gallagher? — perguntou tímida e eu sinalizei para

que entrasse. — Vim ver se o senhor gostaria de almoçar no refeitório, ou se prefere que eu faça um prato para o senhor.

Eu não estava com vontade socializar. Queria que o dia passasse logo para ver minha Bela.

— Traga um prato para mim, por favor, Vera. Agradeço a gentileza.

Estava no meio do meu almoço, quando Gildo apareceu na porta.

— Senhor... Hum... — enrolou. — É que eu preciso saber o que vamos fazer com o potro. Demétrio havia pedido que eu suspendesse o tratamento da Dra. Isabele. Desculpe incomodar, mas o serviço está um pouco pesado agora que estou sozinho.

— Você tem razão. Precisamos contratar alguém logo. Também quero que você faça alguns cursos fora daqui. Quero treiná-lo da maneira correta.

O homem sorriu sem jeito.

— Eu ainda sou o mesmo de antes Gildo. Pode falar comigo como sempre falou. Você sempre me respeitou e é só o que eu espero. Você é um excelente funcionário e

vamos treiná-lo para ser cada vez melhor.

— Obrigado, doutor.

— Não sou doutor. Para você sou apenas o John. Pode me chamar assim. Não se preocupe. E quanto aos cavalos, qualquer coisa que Isabele decida, está decidido. Basta me comunicar.

— E você teve notícias da doutora? — perguntou preocupado.

— Estive com ela antes de vir para cá. Ela está se recuperando muito bem. Não foi nada de sério, não se preocupe.

Gildo se foi com um sorriso estampado no rosto e eu fiquei pensando em como ele deveria ter sido valorizado antes. Meu pai havia me ensinado a respeitar os funcionários e sempre dar a eles condições excelentes para que exercessem seus cargos. Isso era o mínimo que um bom administrador poderia fazer.

Era pouco mais de cinco da tarde, quando fechei o escritório e segui para o meu chalé.

Assim que passei pelo caminho de dormentes do meu jardim, Geraldo apareceu com uma cesta de frutas e

alguns pedaços de bolo. Havia também uma pequena cesta de ovos.

— Trouxe para o senhor — entregou-me envergonhado.
— Quero agradecer por permitir que minha filha continue aqui. Sei que ela nunca foi uma boa funcionária — tirou o chapéu de palha e coçou a cabeça. — Sabe doutor, eu tentei fazer o melhor que pude — justificou-se. — Mas aquela lá é igualzinha a mãe dela.

Fiz sinal para que entrasse no chalé comigo.
— Quer um café, Geraldo? Eu sempre fico melhor depois de tomar um belo café recém-coado.

O pobre homem sorriu e eu segui preparando a bebida.

— Cada um de nós é responsável pela vida que escolhe meu caro, não precisa se justificar para mim, eu sei bem disso. Minha mãe também não foi a pessoa mais correta do mundo.

Aquiesceu com o chapéu ainda nas mãos.
— Talvez Renata precise de um pouco mais de tempo para perceber que está indo pelo caminho errado. Quem sabe a busca por um novo emprego não a impulsione?

Geraldo era um homem honesto. Amoroso com a terra e com os animais. Correto e honesto com as pessoas. Eu sentia pena dele por não ter alcançado seus objetivos em relação a criação da filha, mas tinha esperança de tudo ainda pudesse se ajustar.

Depois do nosso café, ele seguiu seu caminho e eu aproveitei para tomar uma ducha e me preparar para o meu encontro.

Separei um terno cinza escuro e uma camisa social azul marinho. Uma gravata discreta de seda e as abotoaduras que meu avô havia mandado fazer para mim, quando me formei na faculdade.

“Todo homem elegante precisa de um belo par de abotoaduras, John. É imprescindível, porque a elegância está nos detalhes”. — Ele disse.

Penteei os cabelos cuidadosamente. Borrifei um pouco de perfume e segui direto para o carro. Eu estava ansioso por estar ao lado dela. Era tão bom não ter que pensar antes de falar. Não medir palavra ou sentimento algum.

Antes de chegar ao seu apartamento, parei em uma

floricultura e comprei um buquê de rosas colombianas vermelhas. Elas me faziam lembrar Isabele. Tão lindas e exuberantes quanto minha garota era.

Estacionei junto ao meio fio e digitei o número do apartamento no porteiro eletrônico. Isabele atendeu depois de alguns toques.

— Eu estou aqui, Bela, pode descer.

Isabele

Saí do banheiro me sentindo uma adolescente boba e apaixonada. Experimentei absolutamente todas as roupas do meu armário e não consegui decidir por nada, até que Fernanda, minha salvadora, apareceu.

— Pelo amor de Jesus Cristo, Isabele Andrade, você não pretende ir ao encontro de um herdeiro milionário e incrivelmente fofo vestida como uma sem teto, não é?

Fiz uma careta para ela, mas não tinha como discordar. O fato é que eu precisava investir um pouco no meu guarda roupas.

— Vem cá que eu vou dar um jeito em você, anda! — propôs.

Entramos no quarto dela e eu me sentei na cama, esperando pelo que ela tinha em mente.

Ela abriu o armário e começou a falar e falar consigo mesma até que tirou de lá um vestido vinho de mangas até os antebraços com uma bela fenda nas costas que deixaria qualquer um de queixo caído.

— Para Nanda! Não vou usar um vestido que você nem usou ainda! — constatei olhando a etiqueta. — Não é justo.

— Ah claro, porque se você usar eu vou ter que atear fogo depois! — debochou. — Para Isa! Usa a porra do vestido que ele merece mais do que uma cerveja gelada no Bar do Zé e ultimamente eu não tenho feito muito mais do que isso!

— Hum... Mas ao que me consta, temos um certo advogado gato que se tomasse coragem... — ela interrompeu.

— Para Isa! Não tem nada a ver! Ele é todo cheio de pompa e você sabe que eu fico sem vontade rápido. Minha tolerância é pequena.

Reprimi um sorriso porque as bochechas vermelhas

dela me diziam que eu estava certa, mas eu conhecia minha colega de quarto bem demais para insistir. Fernanda tinha seu tempo e apressá-la era como cutucar uma onça com vara curta.

Ela jogou o vestido em cima de mim e eu aproveitei que o espelho no quarto era imenso e experimentei.

— Per-fei-to! Se você não usar isso eu mato você!

Encarei a figura no espelho por alguns segundos, girando o corpo para ver o detalhe que deixava minhas costas à mostra.

— Está frio Nanda! Eu vou congelar! — reclamei.

Ela levantou uma sobrancelha para mim.

— Ok! Talvez eu não congele, mas esse vestido está chique demais! É só um jantar.

Manteve o cenho franzido e torceu a boca em bico engraçado.

— Unf! — bufei. — Ok de novo! Você tem razão! Mas vai ter que me emprestar um sapato porque eu não tenho nada que combine com ele!

— Claro! E vou te ajudar com a maquiagem também bonitinha! Hoje é o seu dia de princesa, sua grande noite!

Você não pode nada menos do que arrasar.

Sequei meu cabelo com o secador, deixando algumas ondas bonitas ao longo do comprimento e Fernanda me ajudou com a maquiagem. Calcei as sandálias e enquanto abotoava uma pulseira de pérolas delicada, aproveitei para conferir o visual. Eu nem me lembrava da última vez em que havia me sentido tão bonita. Henrique sempre fez questão de deixar claro que eu sempre poderia “ter caprichado mais” e eu acabei me acostumando em pensar como ele.

— Amiga, você está arrasando! Simples assim! O holandês bonitão vai ficar de queixo caído. Sério! Ele vai ter que recolher o queixo do chão! — brincou sorrindo para mim no espelho.

Acabei sorrindo também porque eu realmente me sentia bonita o suficiente para estar ao lado dele em uma daquelas capas de jornais e revistas.

Quando saí do quarto, o interfone tocou e meu coração deu um salto. Era ele. Não importava que ele tivesse outro nome, outra vida... Ele era e sempre seria meu João. O homem que me fez acreditar no amor.

Desci as escadas com o coração acelerado. Minhas mãos suavam mais do que eu podia controlar e ar nenhum parecia suficiente para encher meus pulmões.

John estava lá, encostado na porta de uma SUV prateada. Terno sob medida, caindo perfeitamente por seu corpo. Camisa azul escura que deixava seus olhos ainda mais claros e bonitos. Cada detalhe nele combinava perfeitamente. Elegante e ativo como ele sempre havia sido, só que agora isso emanava dele sem barreira alguma. Cabelos penteados e barba aparada. Absolutamente lindo.

Caminhei até onde ele estava e ele pegou um buquê de rosas vermelhas pela janela aberta.

— *Fleurs pour, ma belle!* — Ele disse naquele sotaque deliciosamente sexy e romântico que ele tinha.

— São lindas! — respondi pegando as flores das mãos dele.

John segurou minha mão entre as dele e beijou. Delicadamente.

— Não chegam nem aos pés da sua beleza, Bela. Aliás, preciso confessar que você está especialmente bonita essa

noite.

Sorri como uma boba apaixonada porque não conseguia disfarçar o quanto ele me afetava. John abriu a porta para mim e eu me acomodei. Ele ocupou seu lugar atrás da direção logo em seguida e saímos pela noite da cidade.

— Tenho uma surpresa para você, Bela... Prometi uma noite inesquecível e eu sou um homem de palavra.

Seus olhos estavam perdidos nos meus. Aquele castanho esverdeado tão profundo que me fazia esquecer o mundo a minha volta.

Eu não sabia qual era a surpresa, mas tinha certeza absoluta de que seria realmente inesquecível.

Seguimos até o aeroclube de Sorocaba e John estacionou próximo a pista. Assim que descemos, um homem de terno abriu a porta a para mim, enquanto John descia e entregava a chave a outro.

— Vem Bela, nossa carona está a nossa espera.

Caminhamos pelo espaço até um helicóptero pequeno. Tudo estava pronto, apenas esperando por nós.

John me ajudou a subir e me sentar e sentou-se ao

meu lado. A porta foi fechada em seguida e o comandante apresentou-se para nós.

Era a segunda vez em que eu voava em um helicóptero na vida. E a primeira não havia sido das melhores, então eu fingi que nem contecido.

John segurou minha mão assim que as hélices começaram a girar. Eu estava nervosa, mas estava ainda mais ansiosa. Ele beijou meu rosto e aproximou a boca da minha orelha.

— Quero que seja a melhor noite da sua vida, *ma belle*, a melhor de todas.

Sorri e aconcheguei meu rosto em seu peito. Logo que levantamos voo, fiquei mais calma e comecei a apreciar as luzes da noite lá embaixo.

Chegamos à São Paulo com pouco menos de meia hora. Lá de cima, a bela capital era ainda mais empolgante. O trânsito pulsava em suas ruas iluminadas como sangue nas artérias de alguém. Era como se São Paulo respirasse como nós. Bela e majestosa, como sempre foi.

Sobrevoamos a Catedral da Sé e o Teatro

Municipal. Os belos lagos do Ibirapuera e as fontes iluminadas do Museu do Ipiranga. Eu amava meu país, meu povo. Sempre tive orgulho de ter nascido aqui.

— Linda, não é? — John me perguntou enquanto eu olhava embaçada para a cidade lá embaixo.

— Absolutamente linda — concordei.

— Tenho muito orgulho de ser metade brasileiro — confessou.

Acaricie sua mão com meus dedos, pensando em como ele era um homem especial. Eu havia passado tantos anos ouvindo Henrique reclamar do Brasil e enaltecer os países estrangeiros que era incrivelmente compensador ouvir um europeu falar do meu país com tanto carinho.

Descemos no heliponto do Edifício Itália. Eu só o conhecia de nome. Era incrivelmente bonito e elegante. Um marco do passado glorioso da cidade e um lembrete de sua beleza.

Havia uma mesa preparada em um local reservado. Eu ainda estava meio embaçada com a vista do lugar, mas nada me encantava mais do que o homem ao meu lado. John era gentil e cordial com qualquer um a sua

volta. Sua conduta não havia mudado nem um pouco, de quando fingia que era pobre. O dinheiro não o havia corrompido.

Caminhei até a mesa com sua mão protetora sobre meu ombro. O maître puxou a cadeira para que eu me acomodasse e John ocupou seu lugar de frente para mim.

— Se me permite, Sr. Gallagher, minha sugestão é o menu degustação. Temos um chef francês cuidando do nosso menu neste inverno e ele preparou uma bela seleção de peixes e frutos do mar.

Eu fiquei em silêncio, tentando parecer que não era nada demais — *se eu queria estar ao lado dele, não podia ficar dando uma de deslumbrada a cada minuto.*

— O que você acha Isabele? Gosta de peixe?

— Acho perfeito, John.

— Então este será o nosso pedido e por favor, harmonize com um vinho delicado.

— Sim senhor.

Depois dos pedidos feitos, ficamos sozinhos, apreciando a cidade de São Paulo lá fora.

— Meu pai pediu minha madrastra em casamento aqui. —

Ele começou, estendendo as mãos para tocar as minhas.

— No Brasil?

— Sim! Em uma viagem de negócios, se é posso chamar assim.

— Seu pai deve ser um homem romântico — brinquei e John riu.

— Ele é um cara esperto. Gosta de impressionar.

Por mais que não dissesse com palavras, a admiração que ele sentia pelo pai era quase palpável. Eu achava absolutamente lindo e doce. A cada vez que fazia menção a família, os olhos dele brilhavam como duas pequenas estrelas esverdeadas.

— E o filho dele, também gosta? — provoquei.

Seus olhos se focaram nos meus. Aquele sorriso intenso desenhando sua boca bonita

— Eu prefiro conquistar, *ma belle*. Não sou tão imediatista.

Engoli em seco, sentindo meu corpo todo aquecer. Sorriu de canto, como se pudesse perceber o efeito que causava em mim.

Nosso vinho chegou em seguida. Depois de ser

aprovado por John, nossas taças foram servidas e ele propôs um brinde.

— Ao recomeço!

Toquei minha taça na dele concordando e levei o líquido a boca. Suave e delicado, mas ainda assim marcante e envolvente. Era como ele me fazia sentir.

— Hum... Delicioso...

Ele sorriu com a taça ainda nos lábios.

A entrada era uma salada com camarões e pupunha grelhado e um molho adocicado com um toque de gengibre.

Eu até queria ser elegante e não me entupir de comida, mas sinceramente, era impossível não limpar o prato.

— O que você faz na Holanda? — perguntei entre uma garfada e outra para tentar não parecer invasiva demais.

— Depois que me formei, trabalhei com meu pai. Administrando uma parte dos seus negócios. Depois que meus irmãos mais novos nasceram, papai tem passado mais tempo em Roterdã, então as viagens ficavam por mim conta.

Fiquei pensando em tudo que John já havia visto na vida. Em tudo que havia experimentado e vivido. Era engraçado vê-lo tão feliz enfiado naquela cabana no meio do nada.

— Mas tudo aquilo nunca fui eu, Isabele... — Ele começou, respondendo aos meus pensamentos. — Essa vida cosmopolita é vazia demais para mim. Eu sempre me senti mais livre no campo. Sempre preferi estar entre meus animais do que entre executivos.

Sorri.

— Eu nunca estive tão feliz como estou agora, Bela. E não digo isso apenas por ter você ao meu lado... Eu estou feliz em ser, finalmente, apenas o que sou. Sem máscaras.

Respirei fundo, enquanto seus dedos acariciavam os meus. Eu não conseguia pensar em nada para dizer. Tudo parecia tão perfeito que eu tinha medo de acabar estragando com alguma pergunta idiota.

Comemos *spaghetti ai frutti di mare* e em seguida um filé de badejo com crosta de batatas e molho de açafrão, com risoto de amêndoas e alho poró.

A comida estava absolutamente perfeita e a

companhia ainda mais. Eu não podia negar que estava completamente envolvida por ele. Que queria desesperadamente terminar nossa noite como quando estávamos na cabana do haras, mas eu também não podia ignorar os medos latentes que existiam em mim.

Decidi que era hora de pôr as cartas na mesa.

— Você deixou alguém na Holanda, John? — perguntei de uma vez porque senão não teria coragem.

Ele sorriu, depois levou a taça a boca com total tranquilidade.

— Minha família, Bela, e ninguém mais.

Tentei não sorrir, mas não consegui. Era como se um peso gigantesco tivesse sido tirado das minhas costas, mas acabei me sentindo meio idiota.

— Eu sei que pedi para que fossemos devagar... — comecei meu calvário de explicações sem sentido. — Eu não estou cobrando algo de você... quer dizer... nós não temos nada para cobrar um do outro... eu só não quero me meter em alguma história antiga...

Ele se levantou e caminhou até mim. Abaixou para ficar da minha altura. Seus dedos acariciando meu rosto

até que todas as palavras desconexas deixaram de sair da minha boca.

— Não há ninguém em minha vida além de você, Isabele. Eu não teria se quer te tocado, se houvesse alguém. Sou um homem honesto e ofereço aquilo que desejo receber. Eu estou inteiramente com você. Inteiramente.

Não resisti, puxando-o para mim e tomando sua boca em um beijo que eu necessitava há muito tempo. Eu estava encantada, envolvida, apaixonada, abobada. Nem sabia como classificar o que sentia, mas sabia que não era algo fácil de suprimir.

John me beijou com o desejo que eu sentia. Não havia como fingir que conseguiríamos, de fato, ficar afastados um do outro. O que sentíamos era forte demais, quase surreal.

— Vem comigo, Bela? — convidou. — Eu quero ficar sozinho com você. Aproveitar sua companhia. Quero um lugar só nosso. Vem?

Concordei com a cabeça porque nada me faria mais feliz.

Capítulo 18

John

Estendi a mão e segui com Isabele pelo corredor, até a recepção. Nossa chave foi entregue no mesmo instante, já que eu havia pedido que reservassem uma suíte, quando fiz a reserva do hotel.

Era um belo quarto. Luxuoso e elegante, como eu esperava que fosse. Paredes claras e carpete acinzentado. A cama era imensa e estava enfeitada com pétalas de rosa e um balde de gelo com champanhe e taças. Tudo estava a meia luz. Na mesa de centro, entre as duas poltronas de couro brancas, havia várias velas de tamanhos diferentes acesas. Um cheiro delicadamente adocicado tomava o lugar. Era romântico, como ela merecia. Queria que soubesse o quanto era especial.

— Nossa! — Ela disse assim que fechei a porta, caminhando pelo quarto.

— Gosta, Bela?

— É muito bonito.

— Quero que saiba o quanto é importante para mim. Isso tudo, o helicóptero, o jantar, a suíte... São apenas para mostrar a você o quanto você é especial.

Tirei o paletó e me sentei na cama e a estendi a mão para que ela se aproximasse. Isabelle ficou em frente a mim. Minhas mãos em seus quadris, meus olhos nos seus. Não era sexo que eu queria, embora eu a desejasse mais que qualquer coisa no mundo. Eu a queria. Toda ela.

Seus dedos acariciaram meus cabelos e escorregaram pelo meu rosto, devagar, como se ela quisesse gravar cada detalhe de mim. Permaneci em silêncio e ela também.

Ela tirou os sapatos de salto alto. Seus dedos afrouxaram minha gravata até soltava de vez. Um a um, os botões da minha camisa foram abertos. Eu não queria apressá-la. Queria deixar que fizesse como quisesse. Eu estava ali para ela. Para satisfazer qualquer desejo que ela sentisse.

Quando chegou ao cóis da calça, tocando minha pele e acendendo meu desejo latente, eu me levantei.

Segurei seu rosto entre minhas mãos. Seu cabelo macio fazendo cócegas em meus dedos. Aproximei sua boca da minha e a toquei com meus lábios devagar. Olhos fechados. Respiração quente contra sua pele delicada. Lentamente, minha boca foi buscando acolhimento em sua boca. Minha língua tateou seu lábio inferior antes de sentir que ela estava pronta, ansiosa por me beijar, como eu estava também.

— Eu sei que eu disse que precisávamos ir devagar... — tentou justificar, mas eu a interrompi.

— Shhhhhhh... Estamos indo no ritmo certo, Bela, nem rápido demais, nem lento demais. Esse é o nosso ritmo.

Enquanto a beijava, descii o tecido do vestido por seus ombros, fazendo com que caísse até sua cintura, deixando-a quase nua. Sua pele tocando a minha pela abertura da camisa. Arrepiada de desejo.

Descii as mãos pelo seu quadril, enquanto minha boca beijava seus ombros e descia em direção aos seios. Segurei nas laterais do tecido e o forcei para baixo, levando sua calcinha junto.

Isabele tirou minha camisa pelos ombros, suas mãos

acariciando meu peito e barriga até que meu cinto e calça foram abertos.

Livre-me das roupas e fiquei de cueca. Isabele sorriu assim que encarou o escudo do Capitão América na frente da peça.

— Sabe que combina com você? Você tem cara de Capitão América! Todo fofo e gentil.

Acabei rindo.

— Eu sou europeu, Bela. Não tem como parecer com o Capitão América — brinquei.

— Então você será o Capitão Europa — respondeu puxando-me para beijá-la. — Meu super herói.

Peguei-a nos braços e caminhei até a cama. Puxei as cobertas e a coloquei sobre o lençol macio. Livre-me da cueca e deitei ao lado dela.

Isabele girou o corpo, ficando sobre mim.

— Não consigo ir devagar com você — confessou e eu sorri. — É sério! Eu não costumo ser assim tão boba e envolvida, mas realmente Sr. *Seja-lá-quem-você-for*, existe algo em você que me impede de manter a razão.

Sorri mais porque as palavras me faziam bem, mas

principalmente porque eu sabia que Isabele falava de mim, John. Não do herdeiro da fortuna Van Galagher. Ela agia comigo da mesma maneira de quando pensava que eu era apenas o João Leão.

Ela ajeitou-se em cima de mim, dando acesso para que eu a penetrasse. Eu estava tão ansioso por senti-la novamente que precisei fechar os olhos e acalmar meu corpo para que pudesse aproveitar cada segundo de estar dentro dela.

— Hum... — Ela gemeu quando eu a preenchi.

Puxei a para que pudesse beijá-la enquanto seguíamos nosso ritmo deliciosamente lento.

— Você me enlouquece Dra. Isabele. Me faz perder o rumo. O centro. Tudo.

Ela sorriu contra minha boca e eu aumentei o ritmo porque já não conseguia controlar o desejo. Isabele jogou o corpo para trás, apoiando as costas em meus joelhos. Olhos fechados. Boca vermelha dos meus beijos. Mordeu o lábio inferior e o segurou entre os dentes. Eu podia sentir que ela estava pronta. Que ia gozar e isso me deixava ainda mais excitado.

Apertei seus quadris com vontade e fazendo com que a penetração fosse mais funda e então, e então ela gemeu forte, levando-me com ela até que eu também estava gemendo.

Seu corpo descansou sobre o meu. Seu coração batendo forte contra meu peito. Seu cabelo espalhado em volta de mim, trazendo seu perfume suave até minhas narinas, fazendo-me viajar.

Eu nunca havia pensado muito sobre fazer amor. Nunca precisei reprimir nenhum desejo meu. Sexo nunca foi um problema. Eu assistia a filmes bobos sobre o amor e pensava que tudo não passava de balela. Que sexo era puro e cru. O desejo de satisfazer-se, mas ela havia me mostrado que era muito mais do que isso. Que fazer amor era muito mais do que desejo. Era alma e plenitude.

Meu corpo estava satisfeito, mas meu coração estava ainda mais. Minha alma estava em paz.

Adormecemos como estávamos. Isabele aconchegada em meu corpo. Acordamos com o sol da manhã entrando pelas frestas da cortina.

— Bom dia minha Bela — sussurrei em seu ouvido e ela

sorriu.

— Bom dia, príncipe.

Acabei rindo.

— É sério! Ninguém nunca te disse que você parece um príncipe encantado, daqueles de contos de fadas?

— Minha irmãzinha dizia isso quando era criança — brinquei. — Mas nunca confiei muito na avaliação dela.

— Pois, a sua irmãzinha está correta!

Beijou minha boca e se levantou, caminhando nua até o banheiro. Antes que eu pudesse levantar, meu celular tocou na mesinha de cabeceira.

— Você é um irmão ingrato, sabia? — Hanna disse assim que atendi.

— Amo você também, Hanna — brinquei.

— Não vem com esse papinho de “amo você” não, porque já faz mais de uma semana que você nem se quer me manda um “Oi”.

Comecei a rir mais alto do que gostaria.

— Deixa de drama, garota! Eu estou ocupado! E você deveria procurar algo para fazer com todo esse tempo livre aí!

— Isso tem cheiro de mulher! — reclamou. — Tenho certeza!

Sentou na cama ao meu lado. De calcinha e usando minha camisa.

— Vamos John, me fala logo o nome dela! Quero saber! — perguntou curiosa.

— O nome dela é Isabele — confessei rindo e puxando-a para mim.

— Hum... É um nome bonito!

— Te garanto que ela é ainda mais bonita que o nome — ela sorria. — Agora preciso ir, irmãzinha! Mas prometo que te ligo mais tarde e a gente conversa com calma!

Desliguei o telefone e a beijei.

— Vou pedir nosso café e marcar nosso voo de volta, Bela.

Vesti minha cueca e liguei para o serviço de quarto, pedindo nosso café da manhã.

— Sua irmã parece amar muito você! — comentou.

— Nós somos muito ligados. A falta da nossa mãe acabou nos aproximando muito.

— Também amo muito minhas irmãs — confessou.

Era bom saber que ela tinha os mesmos valores que eu. Gostava de como ela demonstrava amor pela família. Isso era algo que importava muito para mim.

Passamos o que restou do domingo passeando por São Paulo. Eu queria estar com ela o máximo de tempo que pudesse, principalmente porque ela estava bem e recuperada.

— John, quero voltar ao trabalho amanhã. — Ela me pediu assim que a deixei em casa, no final dia.

— Bela, você deveria descansar mais.

— Não quero. Acabo ficando mais nervosa. Quero voltar ao trabalho. Ficar com os meus cavalos. Eu não aguento ficar em casa, John. Por favor? Prometo que não me esforço demais.

Sorri e concordei com ela porque eu também a queria de volta. E estando por perto, eu poderia cuidar pessoalmente para que ela não se esforçasse demais.

— Ok, doutora. Você pode voltar ao trabalho, mas eu vou fiscalizá-la o dia todo. Para ter certeza que não irá abusar!

— brinquei, beijando sua boca mais um vez.

— Combinado, leãozinho! — respondeu antes de abrir a

porta e sair.

Dirigi de volta para o haras sentindo meu coração leve. Minha vida estava em paz, mas eu sabia que chegaria a hora de decidir se ficaria no Brasil com Isabele, ou se voltaria para minha família. Não era uma decisão fácil e eu não tinha certeza do que ela pensava sobre isso.

Peguei o telefone e teclei um número conhecido. Eu também sentia falta dela.

— Pronto, pirralha! — brinquei assim que ouvi sua voz.

— Agora sou todo seu!

Isabele

Entrei em casa cantarolando a última música que ouvimos no carro. Fechei a porta e tirei os sapatos. Acariciei a cabeça grande Teodoro e segui para o meu quarto.

— Meu Deus, o que uma boa trepada não faz com o humor de uma mulher! — Fernanda resmungou vindo pelo

corredor.

— Credo Nanda! Não resuma tudo a uma “trepada”. Isso tira o encanto da coisa toda.

— Uhum... Sei...

Passou por mim fingindo desinteresse. Deixei a bolsa em cima da cama e os sapatos no chão e corri para o quarto dela.

— Não vai nem fingir que quer saber como foi meu fim de semana?

Fernanda deitou na cama e ligou a TV.

—Eu não! Você nem se dignou a me mandar uma mensagem dizendo que estava viva. Eu já estava esperando pela polícia batendo aqui e dizendo que encontraram um corpo com as suas características.

Comecei e rir e me deitei ao lado dela.

— Ele me levou para São Paulo de helicóptero — comecei mesmo que ela fingisse que não prestava atenção.

— E jantamos no terraço Itália.

Eu sabia que ela amava aquele lugar. Vivia dizendo que só se casaria se fosse lá.

— Mentira! — virou o rosto para mim.

— Verdade! Com direito a suíte no hotel e tudo. Tive um fim de semana digno da realeza! — brinquei.

Começou a rir descontroladamente.

— Eu hein, Nanda! Eu aqui te contando toda feliz sobre meu conto de fadas e você debochando! — reclamei.

— Não é isso Isa! Desculpa! — tentou segurar em vão o riso. — É que, enquanto você falava, tudo que eu conseguia pensar era na cara do idiota do Henrique se te visse pagando de superstar em São Paulo! Ele ia morrer! Sério!

Acabei rindo com ela porque era mesmo verdade.

— Nandinha, Nandinha, só você mesmo para me fazer pensar naquele traste sem sentir vontade de vomitar — confessei rindo.

Depois de tomar um banho e vestir o meu pijama, voltei para o quarto e me joguei na cama de casal dela com um balde pipocas.

Colocamos o filme *Casa Comigo* e começamos a assistir. Eu amava a companhia dela e queria que ela soubesse disso.

Acabei nem voltando para o meu quarto. Dormimos

os três. Fernanda, Teodoro e eu, na mesma cama.

O despertador do celular tocou logo cedo, mas eu não me importei. Eu estava cheia de vontade de trabalhar. Tinha saudades dos meus animais e de tudo naquele lugar.

Tomei um banho e vesti um vestido florido na altura do joelho. Penteei os cabelos e preendi em um rabo de cavalo. Calcei minhas botas e coloquei uma jaqueta de couro por cima.

Encontrei-a preparando o café.

— Finalmente, a vida voltou ao eixo! — puxei uma das banquetas e me sentei.

— O que importa mesmo é que você está bem, amiga. Eu fiquei preocupada com você.

Baixei os olhos para minha xícara cheia de café, sem conseguir realmente beber.

— Eu ainda estou preocupada, Nanda — confessei sem encará-la. — Não consegui falar disso com ninguém, mas com você eu preciso, sabe? Sinto que vou sufocar. Eu não quero ser pessimista e estou me forçando o tempo todo a pensar coisas positivas, mas não tenho tanta esperança no futuro.

Colocou um prato com dois pães na chapa na bancada e sentou-se de frente para mim.

— Como assim, Isa? Achei que você estivesse bem.

— Eu estou bem. Quero dizer, não tenho nenhum sintoma agora, mas os formigamentos e lapsos de visão continuam. Isso não é bom, Nanda. Eu sei disso e você sabe também.

Respirou fundo. Um tempo atrás, quando soubemos do problema da pobre Dona Lourdes, nós duas havíamos conversado e eu já havia dito a ela que meus sintomas eram compatíveis com esclerose múltipla.

— Ah, para Isa! Você fica aí, tentando se sabotar o tempo todo! Agora que finalmente encontrou alguém legal, fica enchendo a cabeça de minhocas.

Ela interrompeu o assunto sorrindo, fazendo piada, mas esse era o jeito dela de fingir que tudo estava bem. No fundo dos seus olhos escuros, eu sabia que não estava. Conhecia Fernanda tão bem que sabia que ela estava tão preocupada quanto eu. Talvez até tivesse cogitado a mesma possibilidade, mas nunca me diria.

— Eu vou é trabalhar porque o tempo urge e eu não tenho um milionário no meu pé! — brincou e eu sorri.

Não queria deixá-la preocupada. Eu odiava deixar as pessoas que amava preocupadas e era exatamente por isso que ainda não havia contado coisa alguma aos meus pais.

Dei uma mordida no pão e deixei que Teodoro se encarregasse do restante. Tomei um gole do café e peguei minhas coisas. Cheguei ao haras um pouco antes do meu horário.

Estacionei o carro onde costumava e desci. Deixei minhas coisas no ambulatório e segui direto para o chalé. Eu queria ver John antes do expediente, porque ainda queria manter o mesmo clima de profissionalismo que tínhamos antes.

As portas duplas da entrada estavam abertas e Salomão e Joaquim estava esparramados no chão, aproveitando o sol da manhã.

— Você dá muita folga para esses dois malandrinhos aqui! — resmunguei enquanto acariciava os peludos. — Daqui a pouco eles vão estar na sua cama.

John estava de costas. Virou-se para mim com a camisa ainda aberta, fazendo-me suspirar como uma boba.

— Eu sei de um jeito simples de resolver esse problema — aproximou-se de mim devagar, enquanto ia abotoando a camisa. — Basta que a doutora venha e ocupe minha cama antes deles.

— Ah quer dizer então que preciso disputar o espaço com dois pulgentos? — brinquei fingindo-me de ofendida.

John riu alto. Sua risada enchendo meus ouvidos de alegria.

— Ah se você soubesse o espaço que já ocupa em minha vida, Bela... — divagou, puxando-me para um abraço.

Sua boca encontrou a minha com um delicioso aroma de menta. Eu era louca pelo cheiro dele. Tudo nele me excitava e empolgava e a cada dia que passava com ele, eu queria menos ir embora.

— Bom dia, João Leão! — sorri um pouco mais.

— Sabe que essa não é uma mentira completa, não é? — explicou — Já que John e João são o mesmo nome e eu sou realmente um “leão” — brincou fazendo aspas no ar.

— Ok! Vamos fingir que tudo faz sentido! — dei um tapinha em seu ombro e ele me puxou pelos ombros, beijando-me mais um vez. Um beijo profundo e cheio de

sentimento.

— Só passei para te dar bom dia John — dei um selinho de leve em seus lábios. — Você precisa trabalhar e eu também.

Ele concordou e combinamos que nos veríamos no final da tarde, já que ele tinha um almoço de negócios com Marcos e um candidato a vaga de administrador do haras. Eu sabia que agora que ele não era mais o cavalariaço, eu voltaria a ficar sozinha, mas estava feliz em saber que ao menos o lugar voltaria a ser administrado da maneira correta.

Tudo estava com novos ares na propriedade. Era engraçado como sangue novo realmente movimentava um negócio. Os funcionários trabalhavam a todo vapor e John havia decidido que ficaríamos fechados até o evento. O que nos dava alguns dias de folga dos hóspedes. Eu gostava de como ele conduzia as coisas com firmeza delicada e gentil.

Havia uma equipe de jardinagem cuidando dos jardins e alguns homens trabalhando no conserto das baias e telhados dos recintos dos cavalos. A areia da arena

estava sendo limpa e um caminhão despejava brita na parte que da estrada que sempre alagava com as chuvas.

Acomodei-me no ambulatório e segui com o serviço que precisava para terminar de organizar a documentação dos animais. Fiz uma lista dos medicamentos que precisávamos repor e que Demétrio sempre recusava e listei também alguns equipamentos que achava necessário que comprássemos para evitar ter que esperar um veterinário de fora trazer.

Era quase hora do almoço, quando uma loira escultural em um vestido preto ajustado apareceu em minha porta.

— Olá! — cumprimentou sorridente. — Eu estou um pouco perdida, você poderia me ajudar?

— Claro! — levantei do meu lugar.

— Eu sou Tamara de Castro. Tenho uma entrevista com o Sr. Gallagher para o cargo de administradora, mas não consigo encontrá-lo em lugar algum.

Corri os olhos pela mulher, meio sem querer. Alta, magra, elegante, provavelmente rica — *algo tinha que ter de errado!*

Que coisa feia Isabele! A moça não tem culpa de ser bonita! Não seja ciumenta! — forcei minha cabeça a comandar meus instintos.

— Vou ligar para ele — expliquei. — Ele provavelmente está andando por aí para resolver as coisas.

— Estou com sua candidata — disse mais seca do que gostaria, assim que ele atendeu ao celular.

— Ok, Bela! Estou indo aí.

Não demorou nada e John apareceu na porta. Assim que os olhos da mulher pousaram nele, um sorriso idiota apareceu em seus lábios.

— Sr. Gallagher? — questionou ainda sorrindo como uma hiena.

— Muito prazer, sou John Van Gallagher. — Ele disse polido. Um olho nela e outro em mim.

Permaneci exatamente onde estava, mas podia jurar que minha cara de poucos amigos me denunciava.

— Sou Tamara. — Ela disse segurando a mão dele por tempo demais. — Marcos me indicou para a vaga. Nós dois estudamos juntos.

Tamara! Não Tamara de Castro, como ela havia se

apresentado para mim. Agora era só Tamara — Unf!

— Sim! Ele fez grandes recomendações suas. — John continuou ainda sério, mas menos profissional do que eu gostaria. — Inclusive ele está nos esperando no *La Doc*. Importa-se de vir comigo no carro? Eu não sei muito bem como dirigir por aqui — confessou.

Obviamente, a aprendiz de *Barbie* concordou, alargando tanto o sorriso que mais parecia a careta do *Grinch*.

— Volto logo, Bela! — beijou meu rosto e se foi.

Eu fiquei ali, reprimindo minha vontade de gritar e sentindo minhas bochechas queimarem. Meu estômago revirava tanto que pensei que fosse vomitar o único pedaço de pão que havia dentro de mim — *definitivamente, eu não era boa em lidar com ciúmes!*

Capítulo 19

John

Isabele estava com ciúmes.

Eu não era nenhum estúpido e sabia exatamente disso, mas não havia muito que eu pudesse fazer. Não podia simplesmente confessar a ela que a bela Tamara era casada com outra mulher e que eu era a última coisa que interessava a ela.

Marcos havia me contado um pouco sobre ela. Filha de uma família rica e importante de Goiás, acabou ficando sozinha no mundo quando decidiu assumir a homossexualidade e começou realmente do zero. Ninguém podia dizer que a loira ao meu lado não era linda e elegante, mas nosso interesse mútuo, nem de longe, era pessoal.

— Acho que deixei sua namorada com ciúmes — constatou envergonhada assim que liguei o carro — desculpe.

Sorri.

— Não se preocupe! — acalmei-a. — Acho até bem interessante saber que ela sente ciúmes de mim! — brinquei.

Tamara sorriu ainda sem jeito, tentando parecer o mais profissional possível. Ela estava desempregada e a esposa estava em uma gravidez de risco. Queria o emprego e isso era óbvio. Eu também esperava que tudo desse certo. Queria alguém de confiança. Alguém que pudesse cuidar de tudo como eu mesmo cuidaria, quando fosse a hora de voltar a Holanda.

Eu não pretendia me desfazer do lugar. Queria sentar com meu pai e explicar a ele o quanto tudo aquilo era importante para mim e meus irmãos. Era nosso último elo com o passado e eu não queria perder isso.

— Marcos me disse que você mora em São Paulo — iniciei a conversa, aproveitando o trajeto até o restaurante — Preciso saber se tem disponibilidade para se mudar. Eu preciso de alguém que esteja por perto. Estou pensando em construir uma casa para o administrador na propriedade.

— Seria ótimo! Tenho certeza de que Marília adoraria morar no campo — confessou. — Nós temos tentado desacelerar um pouco para quando o bebê chegar.

Seus olhos brilhavam quando falava da esposa e do filho que estava por vir. Era bom ver alguém jovem assim preocupado em formar uma família. Alguns valores estavam perdidos demais no mundo.

— Quando nasce o seu bebê? — perguntei curioso.

— Na primavera. Vamos ter um garotinho.

— Meus parabéns! Espero que tudo corra bem e vocês duas possam aproveitar bastante o nascimento.

— Tenho fé que sim! Obrigada.

Assim que chegamos ao restaurante, a recepcionista nos acompanhou até uma mesa reservada, onde Marcos já nos esperava.

O almoço transcorreu como o esperado, embora tenhamos demorado mais do que eu gostaria, mas no fim de tudo, eu tinha uma nova administradora suficientemente comprometida e competente. Agora precisava voltar para o haras e encarar uma certa veterinária emburrada.

Estacionei o carro pouco antes das cinco da tarde e

fui direto para o ambulatório. Isabele não estava lá.

Segui em direção as baías e a encontrei com Celeste.

— Minhas duas garotas preferidas nesse lugar! — brinquei.

Ela se virou para mim com a sobrancelha levantada. Irritação evidente em seu rosto.

— Como foi o almoço? — perguntou com desdém.

— Muito bom, Bela! Aliás, melhor do que eu imaginava — provoqueei.

Isabele conferiu o horário no relógio antes de fazer uma careta que só conseguia me deixar ainda mais feliz.

— O que foi? — criticou. — Vai ficar aí rindo? Que bom que seu almoço foi agradável. Estou feliz por você.

Não resisti, abri a porta da baía e a presei contra a parede com meu corpo.

— Para John! — reclamou. — Alguém pode chegar e isso não é nada apropriado!

Ela estava arredia, como uma égua xucra, ainda que eu pudesse perceber pequenas reações involuntárias de seu corpo.

— É sério John! Eu estou ocupada, não vê? Estou examinando Celeste!

— Quero você, *ma belle* — sussurrei em seu ouvido, sentindo sua pele arrepiar.

— Agora? — esbravejou. — Achei que seu almoço de tarde inteira tinha sido suficiente! — praguejou.

Comecei a rir.

— Doutora, doutora, você não está com ciúmes da Tamara, não é?

— Então, contratou a aprendiz de *Barbie* para o cargo? — desconversou. — Porque ela me pareceu bastante “competente”! — debochou.

— Não seja cruel, Isabele! Só porque a moça é bonita, não significa que ela não possa ser competente também.

— Claro! Pacote completo! Linda e inteligente! Não me admira que tenha vindo daquele seu amigo! — reclamou me fazendo rir mais.

— Isabele... — segurei seu rosto entre minhas mãos, encarando-a com sinceridade. — Não existe ninguém que me interesse além de você. Eu estou apaixonado por você, doutora — confessei.

Seu rosto foi se suavizando devagar. Seu corpo oferecendo menos resistência ao meu.

— Além disso, a bela Srta. Castro não tem interesse algum em mim, Bela, não se preocupe.

— Unf! Isso é o que você pensa! Eu vi bem o jeito que ela te olhou.

— Ela precisava do emprego, Bela, só isso. A ES-PO-SA

— dei ênfase a palavra. — Dela está grávida. Vão ter um bebe na primavera.

Isabele parecia estar em choque.

— Sério?

— Isso mesmo doutora, Tamara é lésbica e muito bem casada. Marcos já havia me confidencializado isso. Foi uma das razões para que ele a indicasse. Elas precisam de um pouco de tranquilidade e como a esposa é jornalista *free lancer*, não seria um problema se elas se mudassem para cá.

— Ai meu Deus! — tapou o rosto com a mão, envergonhada.

— Acho que eu mereço uma retratação — brinquei levantando-a pelas coxas e caminhando até o fundo da

baia.

Celeste estava entre nós e a porta, obstruindo a visão de qualquer um que pudesse passar. Coloquei-a sentada sobre um apoio de madeira. Encaixei-me entre suas pernas. Meus dedos brincando nas laterais da calcinha.

— John! Ainda tem funcionários por aí.

— Gildo já foi. Encontrei com ele no caminho pra cá. E os outros funcionários não vêm até aqui. Além disso, Celeste está cuidando da porta para nós.

— Você é maluco! — reclamou, mas não ofereceu resistência alguma, enquanto eu tirava sua calcinha.

Minha boca se fundiu na dela e ela afundou os dedos em meus cabelos. *Pronto! Todo o ciúme consumido em desejo.*

Abri minha calça e a puxei para perto, penetrando-a com vontade. Seus gemidos abafados enquanto mordida meu ombro e pescoço.

— Hum... — gemeu contra minha boca, quando eu aumentei os movimentos, segurando seu quadril e apertando contra o meu.

Quando terminamos, estávamos suados, cansados e satisfeitos — *sexo de reconciliação, o melhor do mundo!*
— Você poderia ter dito! — deu um tapa em meu ombro, enquanto seguíamos para o chalé.
— Mas aí eu não teria o prazer de ver esse rosto lindo todo cheio de ciúmes e isso seria um pecado.
— Safado! — reclamou rindo.

Isabele ficou comigo até depois do jantar, mas decidiu dormir na própria casa, já que havíamos combinado que ela dormiria comigo no chalé de terça para quarta, para que pudéssemos ir logo cedo a São Paulo e não perder o horário da consulta.

Na terça, passei boa parte do dia no escritório. Queria me inteirar de tudo para quando Tamara começasse. Eu não iria cometer o mesmo erro de vovó e deixar meus negócios na mão de outra pessoa cegamente. Esse era o maior conselho do Leão.

Depois do almoço, o arquiteto que eu havia contratado, trouxe os desenhos iniciais do meu novo projeto para o haras. Eu queria construir uma bela casa para quando decidisse vir ao Brasil. Queria ter um lugar

adequado para trazer meus irmãos e queria também construir uma casa para o administrador. Eu queria que essa pessoa desenvolvesse uma relação de amor pela terra, que sentisse que ali era sua casa. Nada o faria cuidar melhor da propriedade do que ter sua família ali.

Achei melhor não mostrar os desenhos para Isabele. Não queria atropelar as coisas. Por mais que estivéssemos bem, não era como se fôssemos nos casar no verão. Discutir uma nova casa ainda era um projeto solo para mim.

Passei pelo ambulatório para buscá-la pouco depois das cinco da tarde, mas ela já não estava lá. A tarde estava quente e agradável, o que indicava que a primavera ia chegar mais cedo naquele ano.

Decidi esperar por ela no chalé, como havíamos combinado, mas acabei sendo surpreendido assim que peguei o caminho do jardim.

O som inconfundível da guitarra de John Mayer tocava na minha casa. Isabele cantarolava junto.

Assim que passei pela porta, eu a vi. Ela estava de costas para mim. Usando um vestido curto de malha. Os

cabelos presos em um rabo de cavalo alto que a deixavam parecendo uma colegial.

Ela cozinhava algo em meu velho fogão, enquanto os cães acompanhavam atentos a sua movimentação.

— Hum... quer dizer então que eu ganhei um jantar? — perguntei aproximando-me dela. — O cheiro está ótimo, Bela.

Isabele veio ao meu encontro e pendurou-se em meu pescoço, beijando minha boca e soltando os botões da minha camisa.

— Teremos lasanha para o jantar, minha especialidade! E acho que você deveria tomar um banho e vestir algo mais confortável.

— Hum... se for um convite, eu aceito! — beijei seu pescoço até a linha da mandíbula.

Isabele riu.

— Eu diria que é mais uma preparação... por enquanto pelo menos — suas mãos acariciando minha barriga.

Deixei-a na cozinha e tomei uma ducha rápida. Vesti uma calça de elástico e uma camiseta branca e voltei para vê-la finalizar o prato e colocá-lo no forno.

— Bela esse cheiro está me deixando faminto! — confessei. — Eu amo comida italiana!

A lasanha de Isabele estava maravilhosa. Fazia tempo que eu não comia algo tão bom! Comida nenhuma de restaurante supera a delícia de ter sua refeição preparada por alguém que realmente te ame.

Depois de comer, servi vinho tinto em duas taças e nós nos sentamos na beirada do deck, admirando as estrelas como gostávamos de fazer.

Já passava de meia noite, quando enfim nos deitamos, depois de fazer amor com sem pressa alguma. Era uma vida tranquila e cheia de amor. Não havia preço no que eu estava vivendo. Nada no mundo podia pagar minha paz.

Quando Isabele adormeceu, deitada em meu peito, fiquei pensando em minha mãe. Estar naquele lugar me fazia pensar muito mais nela do que eu costumava fazer. Patrícia Van Gallagher era um grande esqueleto em meu armário. Havia coisas demais sobre mamãe que eu queria esquecer e não podia.

Porque diabos ela não estava satisfeita nunca? O

que ela buscava que nunca encontrou?

Eu não conseguia me conformar com o fim que ela havia traçado para ela. Mamãe era tão linda e cheia de vida. Pensar nela doía tão fundo que chegava a me faltar o ar.

Os sonhos foram tranquilos. Eu corria com Aurora nos braços pela praia, espirrando água em seus cabelinhos claros, mas quando parei e encarei seu rosto, não era mais Aurora que eu via. Era outra garotinha. Olhos castanhos como os de Isabele, rostinho redondo e bochechas rosadas. Ela acariciou meu rosto com as mãozinhas pequenas.

Acordei com Isabele me chamando. Meio atordoado, demorei um tempo para entender que ela estava realmente nervosa. O dia mal havia clareado. O sol ainda era uma mancha amarelada no céu.

— Tem alguma coisa errada comigo! — choramingou assim que eu me sentei na cama.

— O que foi Bela? — perguntei assustado.

— Meu rosto! — Sua voz saía estranha, meio mole, mas eu não conseguia ver direito porque o quarto ainda estava

escuro.

Levantei rápido para acender a luz e quando eu a encarei, senti meu corpo todo congelar.

Isabele estava estranha. Seus olhos não piscavam em sincronia. Parecia que algo havia afetado metade do seu rosto.

— Não consigo mexer meu lado direito. — Lágrimas desciam dos seus olhos. — Eu preciso de um médico, John. Isso é sério! É muito sério!

Tirei a calça do pijama e vesti um jeans e uma camisa de flanela o mais rápido que consegui.

Ajudei Isabele a se vestir e peguei a chave do carro. Corri até onde havia estacionado e trouxe o carro o mais perto que pude.

— Vem Bela, ajudo você! — Eu tentei ajudá-la a caminhar, mas ela não conseguia. Dizia que o formigamento estava piorando e agora atingia até os joelhos.

Peguei-a nos braços e coloquei no banco do carro.

Segui direto para o primeiro endereço que o GPS do carro havia mostrado. Entrei com ela no colo.

— O que está acontecendo? — A enfermeira perguntou.

— Não sabemos! — expliquei. — Ela acordou sentindo o corpo formigar e foi perdendo os movimentos do lado direito.

— Ok senhor! Vamos fazer o melhor que pudermos, mas agora é necessário que o senhor espere aqui.

Concordei a contragosto. Meu corpo inteiro pinicando de desespero. Eu não queria deixá-la. Não podia. Tinha a sensação de que se a deixasse ali, tudo que eu havia sonhado para nós dois acabaria escorrendo por entre meus dedos.

Isabele

Eu estava em choque. Todas as minhas desconfianças estavam se tornando realidade e não havia nada que eu pudesse fazer.

Depois de me examinar, um médico moreno de óculos, me encaminhou para realizar alguns exames. Empurraram a maca direto para uma sala vazia.

“Tomografia Computadorizada” dizia a placa da entrada.

Aquela era minha sentença final. Fosse o que fosse que eu tinha, seria descoberto depois do exame.

Fechei os olhos e esperei. Esperei e esperei. Rezei, pedi, pensei. O tempo parecia andar para trás.

Quando finalmente voltei para o quarto, John estava lá. Rosto sério e cansado. Parecia uns bons anos mais velho do que o garoto com quem eu me deitei.

Eu não queria trazer à tona nenhuma das suas dores, já havia percebido o quanto a morte da mãe ainda mexia com ele, mas também não era justo simplesmente deixá-lo de fora de algo tão sério.

— Tudo vai ficar bem, Bela. — Ele disse beijando minha testa, depois que me ajeitei na cama.

Concordei com a cabeça, mesmo que não fosse verdade. Ele ia saber mesmo de tudo, mais cedo ou mais tarde.

— O doutor pediu sua internação — a enfermeira explicou. — Vamos fazer pulsoterapia. Você conhece o procedimento?

Assenti sem vontade. Eu conhecia o procedimento e

conhecia também os efeitos dele no meu corpo. Dores, insônia, falta ou excesso de apetite, varrições de humor. Era horrível, mas era necessário.

— Ele está terminando de preencher sua planilha e já vem falar com você — explicou.

John e eu ficamos em silêncio. Não havia muito para falar. Peguei o telefone e avisei Fernanda que estava internada novamente, mas que John estava comigo e ela podia trabalhar sossegada.

Eu estava atrapalhando demais a vida de todos a minha volta.

— Bom dia, Isabele! — Um homem alto de jaleco branco entrou no quarto. — Eu sou o Dr. Miele. Sou neurologista e vou cuidar de você. Vamos conversar?

Assenti e ele puxou uma das poltronas e sentou-se ao meu lado.

— Esse é seu primeiro surto? — perguntou.

— Acredito que não — confessei. — Algumas semanas atrás eu tive uma crise de neurite ótica.

— Hum... — O médico concordou sem dizer nada.

— Então você já sabia da doença — constatou.

— Não tive confirmação, mas andei estudando os sintomas.

— Infelizmente Isabele, hoje tivemos a confirmação. Você sofre de esclerose múltipla.

Eu já imaginava, mas ouvir as palavras saindo da boca do médico foi como um golpe bem no meio do meu coração — *eu estava condenada*.

— Mas o senhor tem certeza? — preocupação no rosto de John. — Mal a examinaram! Não é possível que algo tão sério seja diagnosticado de maneira tão leviana! — reclamou.

O médico se levantou e tocou seu ombro com respeito. Como se quisesse consolá-lo.

— Venha até aqui — chamou até a pequena mesa. — Vê esses pontos no exame? — John concordou — são pontos de inflamação. É uma característica muito pessoal da esclerose. Acredite rapaz, dar um diagnóstico como esse a uma moça tão jovem não é algo que eu faria sem ter certeza. A medicina evolui a cada dia e a cada dia um novo tratamento aparece. Sei que não estamos longe de uma cura definitiva.

Fiquei em silêncio mais uma vez. Não queria dizer nada porque eu não era uma pessoa crédula. Não tinha essa fé toda na medicina. Eu já havia perdido várias noites estudando a doença e tudo que ela podia causar.

No melhor dos casos, eu acabaria em uma cadeira de rodas, com os movimentos limitados e precisando de ajuda para tudo que fosse fazer e no pior dos casos, acabaria como a pobre Dona Lourdes, impedida sequer de levantar da cama.

“O diagnóstico não é uma sentença de morte”.
— O médico disse antes de sair. Podia não ser uma sentença fatal, mas era uma sentença de não viver tudo que eu havia sonhado um dia.

Os olhos de John estavam perdidos. Eu podia sentir o desespero dele, ainda que nenhuma palavra saísse da sua boca e isso só contribuía ainda mais para que eu me sentisse mal — *a última coisa que eu queria era estragar a vida de alguém.*

Ele mal conseguia me encarar, o que só deixava tudo ainda mais difícil.

— John... — chamei sem ter muita certeza do que diria a

seguir. Ele se aproximou da cama e sentou-se na beirada.

— Isabele... — Ele disse. Não Bela, como costumava dizer. Não era um bom sinal, então eu o interrompi.

— Tudo bem se você precisar de um tempo. Eu também sairia correndo, se pudesse! — apontei para minha mão presa no soro com o medicamento. Era uma piadinha boba para tentar diminuir a nuvem densa de desconforto entre nós.

— Não Bela... — Ele disse beijando minha testa. — Não quero fugir, nem correr. Para ser sincero, estou sem reação. Perdoe minha fraqueza.

Baixou os olhos para o chão e tudo que tive vontade, foi de consolá-lo. John já havia sofrido muito na vida. Eu sabia o quanto a morte da mãe ainda o machucava. Sabia, pelo pouco que *ele* havia contado, o quanto a doença havia devastado a vida dele com a mãe, a avó e o irmão.

— Isso não é nem de longe fraqueza, garoto dos olhos bonitos. Isso se chama sentimento e me faz bem demais saber que você sente algo por mim.

Corri os dedos pelo seu rosto até que ele segurou

minha mão e a beijou.

— Tudo bem sentir medo, John. Eu estou com medo também — confessei, sentindo as primeiras lágrimas rolarem.

Ele me abraçou apertado, minha cabeça descansando em seu peito por um longo tempo. Sua respiração era pesada e triste e eu podia sentir que ele chorava. Eu chorava também.

— Acho que você deveria ir para casa — falei quando ele se afastou para encarar meu rosto. — Acho que você precisa de um tempo e eu também. As coisas foram muito intensas hoje. Precisamos colocar a cabeça no lugar.

— Eu não vou deixar você! — Ele afirmou enquanto eu tentava desvencilhar nossos corpos.

— Não se preocupe com isso, John. Eu não vou encarar isso como um abandono ou coisa do tipo. Só estou pedindo um tempo... Curto, espero... Aí vamos conseguir encarar tudo isso de um jeito melhor. Tome uma boa ducha, descanse um pouco e cuide tudo lá no haras. Mais tarde você volta.

Ele precisava disso, mas eu precisava ainda mais.

Eu queria poder desmoronar sem que ele visse. Queria chorar pela vida que sabia que ia perder, mas não queria carregá-lo comigo nesse buraco fundo. Não era justo.

— Por favor? — pedi.

Respirou fundo, enchendo bem os pulmões. O peso do mundo sobre seus ombros. E depois de algum tempo respondeu.

— Eu volto mais tarde, Bela. Prometo.

Assenti e ele me deu um beijo na testa antes de ir.

Quando a porta se fechou e os passos se afastaram eu desmoronei. As lágrimas vinham mais e mais rápidas, nublando minha visão e fazendo meu corpo arquear de dor. Era o fim. O fim de uma vida bonita que não havia começado.

Pensei em pegar o telefone e ligar para minha mãe, mas no fundo tudo que eu conseguiria era fazê-la sair desesperada para me ver. Mamãe tinha seus afazeres e eu queria contar a ela de uma maneira menos terrível.

Teclei o número de Fernanda na tela do celular um milhão de vezes, mas não completei nenhuma. Não era justo com ela também.

Baixei a cabeça contra os joelhos de soluçar. Sozinha, como deveria ser, mas não demorou muito e a porta se abriu.

John irrompeu por ela tão rápido que eu dei um pulo na cama de susto. Ele correu até mim e me puxou para ele beijando minha boca e secando minhas lágrimas com as costas das mãos.

— Não, Bela! Eu não vou me afastar! Eu fiz isso uma vez, com alguém que eu amava demais... — pausa longa, enquanto suas lágrimas caíam também. — Eu não tive a chance de me desculpar com ela. Eu não vou fazer isso novamente. Eu não vou me afastar.

Abracei-o como se dependesse disso para viver. Eu nem sabia o quanto queria que ele ficasse, até que ele apareceu. Eu queria colo. Queria amor e proteção. Eu queria John comigo.

Capítulo 20

John

Por um segundo, pensei que o melhor era mesmo me afastar. Eu era péssimo em lidar com situações assim.

“Você acabou de conhecer a garota, John! Não precisa passar por isso de novo!” — forcei minha cabeça e meu coração a se conformarem. Afinal, eu não ia mesmo me casar com ela! Ia?

Cheguei até o meio do corredor e então eu encarei uma porta entreaberta. Lá dentro estava uma mulher deitada na cama e uma criança de uns dez anos debruçada em seu colo. A paciente acariciando os cabelos da garotinha.

Por um segundo pensei em como as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse sido capaz de esquecer minhas próprias mágoas e aproveitar o pouco tempo que tive com minha mãe. Se eu tivesse enfiado meu orgulho no bolso e tivesse abraçado e beijado seu rosto bonito

quando ela tentou me pedir perdão.

Quem era eu para não perdoá-la, quando meu pai o fez? Que garoto arrogante e prepotente eu havia sido com ela.

Eu não iria cometer o mesmo erro com Isabele! Não iria deixá-la! Não quando ela mais precisava de mim.

Voltei correndo para ela. Correndo para mim mesmo também. O verdadeiro John, aquele que eu queria ser. Aquele que eu lutava todos os dias para que vencesse meus fantasmas internos. Voltei e a segurei nos braços. Prometi que estaria ali. Que não iria a lugar algum. Não importava se teríamos um mês, um ano ou sessenta — eu estaria ali, até que ela não me quisesse mais.

Passei o que restou do dia ao lado dela. Fiz piada. Ri dos programas bobos de culinária que ela gostava de assistir. Falei sobre meu cavalo Chuvisco e sobre como eu amava a fazenda que tínhamos na Holanda. Contei sobre minha paixão pelo *Feyenoord* e sobre como eu havia quebrado minha perna caindo de uma arquibancada, uma vez.

Eu a fiz rir. Fiz esquecer a doença por algum tempo,

mesmo que eu não a tivesse esquecido por único instante. A cada vez que Isabele sorria, eu pensava em como seria difícil vê-la perder o riso. Em como seria sofrido para nós dois quando ela comesse a depender de alguém.

Quando Fernanda chegou ao apartamento, depois das seis da tarde, eu finalmente a deixei. Ela estava em boas mãos e certamente queria conversar com a amiga sem mim e eu realmente precisava daquele tempo que ela havia mencionado mais cedo, mas agora, da maneira correta, sem me sentir um rato covarde.

— Volto amanhã o mais cedo que conseguir, Bela! — prometi beijando sua testa. — Cuide-se para ficar boa logo e voltar para casa comigo.

Ela concordou sorrindo.

Entrei no carro e dirigi direto para haras. No fim das contas havíamos perdido a consulta com o especialista em São Paulo, mas já nem era mais necessária. Agora que tínhamos um diagnóstico, precisávamos encontrar um bom médico que a acompanhasse.

O haras estava vazio. Sem os hóspedes, a noite

parecia mais fria e escura por lá. Sem minha Isabele então, tudo parecia triste e sem vida.

Tomei um banho, comi um sanduiche e sentei com meu notebook na varanda, aproveitando o melhor do sinal de internet que podia ter.

Abri o mecanismo de pesquisa e digitei: “*esclerose múltipla*”

O primeiro site que encontrei, era específico sobre a doença e explicava um pouco dos sintomas e do que esperar quando se tinha um diagnóstico.

“A esclerose múltipla pode causar diversos sinais e sintomas, portanto, é um grande desafio o seu reconhecimento tanto para a própria pessoa que os está apresentando, quanto para o médico, que deve realizar uma suspeita correta e encaminhamento apropriado”.

Por isso Isabele não tinha certeza. Por isso estava tão preocupada. Ela certamente havia se questionado, mas a última tomografia ainda não tinha lesões.

Continuei a leitura.

“Na esclerose múltipla, o revestimento dos neurônios — denominado de mielina — sofre o ataque

por células do sistema imunológico, resultando na interrupção do fluxo normal dos impulsos elétricos ao longo das fibras nervosas. Justamente pelo fato deste dano poder ocorrer em diferentes locais os sintomas que cada um experimenta pode variar enormemente”.

Eu não entendia nada de esclerose. Tudo que eu sabia era o que via na TV. Nunca havia convivido de fato com alguém que tivesse a doença, mas eu sabia muito bem como uma doença autoimune podia ser devastadora. Eu havia visto em mamãe, em vovó e via em Collin também.

“Estas áreas que sofreram com a inflamação são chamadas de lesões. Às vezes, o dano é temporário e o organismo é capaz de fazer um reparo sem deixar sintomas, mas em outras vezes o dano é mais grave e se torna permanente”.

Permanente! — A palavra ecoava em minha mente. Podia ser permanente. Ela podia ter um surto e ficar sem andar ou sem enxergar ou qualquer outra coisa terrível e não havia muito que eu pudesse fazer para impedir. Os tratamentos eram cansativos e cheios de efeitos colaterais.

Talvez eu pudesse encontrar algo mais eficiente na

Europa! Talvez o médico que cuidava de Collin conhecesse algum tipo de tratamento alternativo!

Mudei a pesquisa para inglês e comecei a vasculhar a internet toda em busca de algo. Em inglês, em francês, em holandês... Tudo que consegui foi ficar pior com todos os relatos recheados de tristeza e saudosismo dos portadores da doença.

Meu coração foi ficando mais e mais apertado. Minha boca seca. Cenas da minha mãe no hospital. Seu cabelo escuro e brilhante caindo a cada escovada. Seus dentes amarelados pela medicação. Os braços cheios de marcas arroxeadas... O ar foi ficando escasso e a sala começou a girar.

Peguei o telefone e esperei que ele atendesse. Não demorou nem dois toques para que sua voz estourasse as últimas comportas que ainda seguravam meu desespero. — Pai... — comecei assim que ele disse “Alô”. — Eu sei que você está longe e que provavelmente vou te deixar mais preocupado ainda, mas eu preciso de você. Preciso chorar pai — expliquei. — E você sempre sabe como me consolar. Sempre foi você pai. Sempre.

Meu pai deixou que eu falasse tudo. Sua respiração controlada no telefone, mesmo que eu soubesse que ele estava nervoso por mim. Quando fiquei em silêncio, ele começou.

— Eu sempre vou estar aqui para você, filho. Não importa quantos quilômetros nos separem. Não importa nada, eu sempre estarei aqui. Sempre estive e sempre vou estar. Você é a minha vida, John. Tudo que eu sou.

Sorri em meio as lágrimas, limpando a garganta e secando os olhos, porque meu super herói já estava a postos.

— Me diga o que aconteceu, filho — pediu. — E eu prometo que eu vou dar um jeito de resolver.

— Ela está doente — expliquei. — Descobrimos hoje. Ela tem esclerose múltipla. Eu não posso perdê-la, pai. Não agora. Eu demorei tanto para encontrar alguém de quem eu realmente goste. Não posso perdê-la. Não posso.

— Se acalme, filho. Se vocês descobriram hoje, provavelmente a doença está em fase inicial. E está ainda no começo, com um bom tratamento, sei que ela terá uma vida plena.

Respirei fundo, deixando que ele me acalmasse um pouco.

— Eu sei o quanto você sofreu. Eu estava lá. Sofri duas vezes por ver você sofrer e não ser capaz de impedir. Eu sei o quanto dói, mas as pessoas adoecem, John... E nem todas elas morrem. Adoecer é parte de estar vivo. A maneira como lidamos com isso é que o que realmente importa. Se você a ama, precisa ter esperança, filho. Precisa acreditar. Ela precisa disso.

— Eu aguentei firme, pai. Eu estive ao lado dela o dia todo. Eu ri, eu brinquei, eu fiz as minhas gracinhas costumeiras, mas quando cheguei aqui em casa sozinho não aguentei. Acabei caindo — confessei. — Sabia que precisa te ligar. Obrigado por meu ouvir. Acho que não sou tão autossuficiente quanto penso! — brinquei e ele riu. — Não importa quantos anos você tenha filho, sempre será o meu garoto e eu sempre estarei aqui para pegar você no colo e assoprar seus ferimentos.

— Amo você.

— Amo você também, John. Mais que a mim mesmo.

Conversamos mais um tempo. Perguntei de casa e de

como as coisas estavam por lá sem mim. Eu sentia falta do meu pai e sabia que ele sentia o mesmo. A vantagem de ter sido pai tão jovem era que apesar das nossas diferenças, agora éramos muito mais amigos do que pai e filho. Ele era o melhor cara do mundo e eu esperava poder ser um pouquinho como ele um dia.

Quando desliguei, estava mais calmo e centrado. Ele havia despertado em mim um pouco de esperança e havia prometido que faria o que pudesse lá na Holanda. Disse que marcaria uma reunião com o médico de Collin e que tentaríamos encontrar uma saída para tudo isso.

Meu pai era um homem rico. Gostava de coisas caras e ostentava com muito orgulho o dinheiro que havia ganhado à custa do próprio trabalho, mas em minha vida toda, nunca o vi negar um centavo ou um milhão para ajudar alguém que ele amava.

Deitei na cama quando o sono já era insuportável. Eu sabia que Fernanda ficaria com Isabele queria estar bem para quando fosse vê-la. Não tive um sonho sequer. Nem mesmo um sonho ruim. O cansaço se encarregou de mim até que o dia amanheceu.

Isabele

Fernanda ficou comigo a noite toda. Das muitas vezes em que acordei, sua mão ainda estava lá, entrelaçada a minha.

— Você sabe que tem um sofá ali para você dormir, não sabe? — brinquei indicando o sofá cama, já que ela estava toda torta na poltrona.

— Eu sei, mas aí eu não conseguiria ter meu sono recompensador de beleza — respondeu com seu tom de deboche de sempre.

Eu gostava de como ela fazia tudo parecer mais leve.

— Você precisa ligar para sua mãe. Sabe disso, não sabe? Não dá para fugir mais Isa.

Aquiesci.

— Amanhã pela manhã ligo para ela.

— Faça isso ou ela nunca vai perdoar você! — brincou.

Quando finalmente o dia clareou e os sons do

hospital nos impediram de dormir mais, Fernanda ligou a televisão em um programa de arquitetura que ela amava.

— Pelo menos você tem TV a cabo aqui! Porque com o convênio médico bosta que eu tenho, se tiver que ficar internada, vou acabar assistindo reprise de novela antiga, Isa! — reclamou.

— Eu já disse a você para pagar um convênio médico decente, mas você prefere gastar em bolsas e sapatos!

— E veja só quem conseguiu um milionário! — debochou.

— A vida é mesmo muito injusta.

Acabei rindo alto.

— Só você Nandinha, para animar meu dia!

Uma enfermeira entrou pela porta carregando uma bandeja de medicação.

— Vamos trocar sua bolsa de soro — explicou. — E em breve o doutor passará para conversar com você novamente.

— Alguma chance de ele me dar alta? — perguntei.

— Como você se sente? Já voltaram os movimentos?

— Quase todos! — respondi animada.

— Esse é um ótimo sinal Isabele! Provavelmente o surto

não vai deixar sequelas em você.

Sorri animada, enquanto ela fazia a substituição da medicação.

— Agora aproveite para descansar. Seu corpo precisa se recuperar e o repouso é o melhor remédio.

Aproveitei que Fernanda foi para casa e liguei para minha mãe. Eu sabia que acabaria chorando ao telefone e sabia também que ela daria um jeito de vir me ver, mas minha amiga tinha razão, não fazia sentido algum esconder dela.

Ela atendeu depois de um longo tempo. Cheguei a pensar que não havia ninguém em casa.

— Oh Isabele, me desculpe a demora! Estava correndo com a limpeza porque tenho uma cliente daqui a pouco.

Minha mãe era cabelereira. Uma excelente cabelereira, diga-se de passagem. Ela amava o que fazia e eu me orgulhava muito dela por isso.

— Que legal, mãe! — desconversei um pouco. — E como vão as coisas por aí?

— Todos com saudades de você, filha! Você sabe como sentimos sua falta.

Senti meu coração apertar. Não sabia como entrar no assunto.

— Eu estou no hospital, mãe, mas estou bem — menti.

— Jesus Cristo, Isabele! O que houve? — perguntou preocupada. — Você sofreu algum acidente?

— Não mãe! Não sofri acidente não. Eu não tenho me sentido bem... — enrolei. — Ontem passei mal e acabei aqui, mas logo estarei em casa, não se preocupe.

— Eu vou descer na rodoviária e comprar uma passagem Isa! Vou ver você!

— Eu estou bem, mãe! Não precisa sair correndo.

— Meu coração não vai se acalmar sem te ver, filha! Vou ver o que consigo e aviso você sobre os horários.

Concordei porque seria bem melhor contar tudo a ela pessoalmente. Eu queria poder olhar nos olhos dela e dizer que eu não pretendia desistir. Que seria uma luta dura, mas que eu iria vencer. E eu também precisava de um pouco de colo. Queria minha mãe por perto.

Logo que desliguei o telefone, o Dr. Miele apareceu.

— Bom dia, Isabele! — Ele disse animado. — Eu soube

que recuperou parte dos seus movimentos! Foi uma melhora bem rápida! Estou satisfeito com isso.

— E eu mais ainda doutor! — concordei. — Acha que consigo ir logo para casa.

— Vamos fazer mais alguns exames para ter certeza de que tudo está progredindo bem e então, quando saírem os resultados, eu a libero com a recomendação de voltar ao hospital todos os dias para tomar a medicação. Vamos fazer um ciclo de cinco dias, ok?

— Ok! Perfeito para mim.

Eu não me importava de fazer uma dezena de exames, desde que pudesse voltar para casa. Eu simplesmente odiava hospitais. Desde o dia em que tive uma virose feia e precisei ficar internada.

Passei o que restou da manhã pesquisando o que encontrava de interessante sobre a esclerose. Parei em um blog pessoal. A moça em questão havia sido diagnosticada com quinze anos e passou por todo tipo de crise que um portador pode imaginar. Acabei ficando desanimada e decidi que iria me dar um tempo. Deixar isso para lá, pelo menos até sair do hospital.

Eu não queria ser uma dessas pessoas chatas que vivem e respiram a doença o tempo todo.

Esperei assistindo desenho animado até que um enfermeiro veio me buscar para os exames.

Sentei na cadeira de rodas animada — *se tudo desse certo, até a tarde eu estaria em casa!*

Capítulo 21

John

Passei no hospital logo depois do almoço. Isabele havia recebido alta e eu queria levá-la para casa. Estava feliz em saber que tudo corria bem e que ela não teria nenhuma sequela.

— Lar, doce lar! — jogou as mãos para cima, animada.

— Nada como estar em casa, Bela — concordei.

Passamos a tarde toda juntos, vendo filmes na TV. Quando Fernanda chegou do trabalho, pedimos uma pizza e dividimos sentados no sofá.

De repente, um programa de jornalismo fez com que interrompêssemos a conversa e olhássemos os três para a tel.

O locutor iniciou com o tradicional: *“Boa noite! No programa de hoje vamos falar de esclerose múltipla e como tratamentos não convencionais vem afetando positivamente a vida dos portadores”*.

Isabele grudou os olhos na tela com tanta atenção, que o cachorro roubou o pedaço de pizza e ela nem percebeu.

O programa falava da possibilidade de controle da doença — *já que a cura era desconhecida* — apenas com o uso de suplementação vitamínica.

Diversos pacientes deram seus relatos de melhora na condição física geral e na diminuição da incidência de surtos.

Era um tanto contraditório, mas não era impossível. Collin mesmo fazia suplementação de algumas vitaminas, entre elas, a vitamina D, para melhorar a capacidade regenerativa das células.

“Diversas células dos sistemas imunológico e nervoso têm receptores para vitamina D” — explicou o médico que defendia o tratamento — *“Uma vez estimulados, estes receptores geram sinais químicos que irão influenciar a expressão de genes dentro da célula, fazendo com que ela acabe se comportando de certa maneira, como por exemplo, dividindo-se”*.

Eu podia ver uma faísca de esperança brilhando nos

olhos de Isabele, enquanto ela se concentrava nas entrevistas.

Uma jovem, pouco mais velha que ela, trazia um bebê de pouco tempo nos braços. Ela estava sorridente e dizia que, graças ao tratamento, havia conseguido ter uma gestação tranquila e que já fazia mais de dois anos que não tinha surto algum.

“Estudos laboratoriais mostram que quando células do sistema imunológico são expostas à vitamina D, existe uma diminuição da capacidade inflamatória destas células. Esta é uma das justificativas que motivaram a realização de estudos clínicos para avaliar se a vitamina D tem o potencial para prevenir o desenvolvimento da EM e afetar sua evolução, mas esses estudos ainda não chegaram ao fim, portanto, a sociedade médica brasileira não reconhece a suplementação como tratamento.” — explicou uma médica que, apesar de reconhecer os benefícios, preferiu manter-se neutra.

— A indústria farmacêutica fede! — Fernanda reclamou.

— Lógico que não vão reconhecer e deixar de faturar

milhões em cima do sofrimento das pessoas!

Não era de todo errado o posicionamento dela, mas era algo que necessitava de cautela. Eu sabia disso porque acompanhei Vó Margarida em todas as suas tentativas de tratamentos. Muitas delas, acabaram levando-a a uma piora considerável do quadro clínico e eu não queria que Isabele se expusesse dessa maneira.

Ela também não disse nada, mas seus olhos continuavam com aquele brilho de esperança que tinham perdido, desde que a vi no hospital, no primeiro surto. Isso era o que me deixava feliz. Saber que ela mantinha a esperança, que não pretendia desistir.

Cheguei à propriedade pouco depois da meia noite. O céu estava limpo e a lua brilhava forte, clareando o jardim na entrada do haras. Tudo estava silencioso.

Sentei no chão, encostando as costas na parede de pedras brancas. Cabeça longe, perdida em algum lugar entre o Brasil e a Holanda. Eu amava o haras. Sentia como se aquela terra fizesse parte de mim, como se tivéssemos uma ligação, mas eu também sentia falta de casa. De estar perto dos meus irmãos. De ver a neve cair

pela janela e de velejar pelos canais. Sentia falta da casa cheia e das crianças correndo para lá e cá.

Caminhei até a baía de Tufão. Como se soubesse que eu precisava de um amigo, o cavalo relinchou, pronto para me acompanhar pela noite fria.

Montei-o e segui cavalgando pelo campo, sem um lugar exato em que quisesse parar, aproveitando a luz da lua para guiar o meu caminho.

Parei em um ponto distante, era um pequeno planalto. Lá e cima, eu podia ver tanto o haras, quanto os chalés dos funcionários. Desci do cavalo e me sentei debaixo de um imenso ipê amarelo. Parecia muito com a árvore que havia nos fundos da casa de Vó Margarida em São Paulo.

“Quando o ipê floresce, meu querido, sabemos que a primavera está próxima”. — Ela disse uma vez.

Vovó contava que essa era a árvore preferida do meu avô. Ele dizia que a planta afastava o mal. Que todas as vezes em que se via um ipê pronto para florir, significava que o mal e a tristeza seriam superados, assim como o inverno.

Corri os dedos pela casca rugosa da árvore, pensando que aquele era o lugar perfeito para construir a casa que eu havia planejado. De lá eu poderia ver tudo que acontecia a minha volta e ainda ficava perto da gruta dos meus avós.

Cheguei a cabana no meio da madrugada. Salomão e Joaquim já estavam aninhados perto da porta, esperando apenas que eu a abrisse.

Acabei perdendo a hora de acordar. Quando levantei da cama, já passava da hora do almoço.

Sonhei com a minha mãe. Foi uma das únicas vezes em que ela estava bem e sorridente. Eu raramente sonhava com ela.

Em meu sonho, mamãe estava girando comigo no jardim da nossa casa, em Roterdã. Seus cabelos voavam com o vento e a saia do vestido amarelo me fazia pensar em um sol, radiante e bonito, como minha mãe era. Seus olhos me faziam pensar em um dia de primavera. Mamãe era florida e sorridente. Trazia luz a todos a sua volta. Hanna as vezes me lembrava ela.

Em algum momento da nossa brincadeira, ela parou

e se sentou na grama, me chamando para me sentar ao lado dela. Eu corri pelo gramado até encontrar uma flor bonita e então entreguei a ela. Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha e deixou a flor ali, enfeitando seu rosto.

Quando ela me beijou, foi como se tivesse sido real. — Eu amo você mais que qualquer coisa no mundo, John. Você é o presente mais perfeito que a vida poderia ter me dado. — Ela sussurrou em meu ouvido.

Acordei com a sensação dos seus braços em volta de mim. Seu perfume estava ao meu redor. Respirei fundo, tentando controlar a emoção. Eu não era muito de sonhar, mas ultimamente, meu subconsciente andava pregando peças em mim.

Tomei uma ducha rápida, vesti um jeans e uma camiseta da banda de rock que eu havia tocado na faculdade e minha jaqueta de couro.

Passei pelo escritório para me despedir de Tamara. Eu estava feliz em ter alguém de confiança trabalhando para mim. Assim podia me ausentar quando fosse necessário, sem ficar preocupado. Meu amigo havia se disposto a vir até o interior para inteirar a nova

funcionária de tudo, já que eu queria estar ao lado de Isabele enquanto ela fazia as sessões de pulsoterapia.

Ainda não havíamos conversado muito sobre a doença. Eu não queria parecer intrometido, mas queria que ela soubesse que iríamos atrás de qualquer possibilidade de cura ou ao menos controle dos sintomas. Eu não pretendia desistir dela, ainda que tivéssemos um oceano inteiro entre nós.

Passei direto no apartamento de Isabele e avisei que estava a sua espera. Ela apareceu alguns minutos depois. Estava linda e bem humorada, embora soubesse o que a aguardava. Eu queria sorrir também, porque admirava a força dela, mas meu coração e minha mente ainda eram um misto de sentimentos.

— Não vai ficar aí me olhando como se eu fosse morrer daqui uns minutos, não é? — brincou colocando a mão sobre a minha.

Aproveitei que o sinal havia fechado e beijei sua testa e depois sua boca.

— Não senhorita, doutora! Ainda temos muitos assuntos inacabados. Eu diria que você precisa viver pelo menos

uns oitenta anos, para dar conta de tudo que eu pretendo viver com você.

Ela alargou o sorriso e descansou a cabeça em meu ombro.

— Então me conte quem é o responsável por essa nuvenzinha negra aí na sua cabeça — pediu.

— Minha mãe — confessei.

— Sua madrasta, quer dizer?

— Não. Minha mãe mesmo. Sonhei com ela.

— Hum...

— Nós não tivemos uma relação sempre boa, Bela. Eu fiquei com muita raiva dela, pouco antes de morrer. Ela era uma pessoa complicada.

— Todos nós somos, John. A vida *é complicada*. Às vezes a gente pensa que resolveria determinada coisa de um jeito, mas não entende que cada um sente a vida de uma forma. Não deve ter sido diferente com a sua mãe.

Respirei fundo porque ainda não estava preparado para me abrir tanto assim com Isabele. O passado da minha família era algo que eu preferia deixar de fora do pacote. Não era fácil explicar tudo que havíamos vivido.

Ela também se manteve em silêncio. Seus dedos protetores em torno do meu braço, acariciando com cuidado, até que chegamos ao hospital.

Entrei com ela até o ambulatório e a enfermeira preparou a medicação e fez o acesso venoso. Recostou-se contra a poltrona, cruzou as pernas e ligou a TV.

— Você almoçou? — Ela perguntou.

— Não deu tempo. Acabei perdendo a hora, mas não se preocupe. Assim que sairmos daqui eu como alguma coisa.

— Ficou maluco? Eu vou ficar horas aqui! — reclamou.

— Vá até a cantina e coma alguma coisa! Você vai acabar ficando doente, garoto!

Sorri e beijei sua bochecha. Eu gostava de ver como ela realmente se preocupava comigo.

— Tudo bem, doutora! Eu estou acostumado a não almoçar no horário correto.

— Pois então isso vai mudar! Não quero nem saber! Levante sua bunda bonita dessa poltrona e vá comer algo! Aproveite e me traga um suco quando vier! Esse remédio deixa minha boca com um gosto horrível! Parece que

mastiguei uma chave de roda.

Concordei. Eu estava mesmo com fome. Não havia comido nada, desde a pizza da noite anterior. Precisava ao menos de um café e ela realmente iria demorar ali.

Caminhei até a cantina e pedi um pedaço de torta de frango com requeijão e uma xícara de café. Sentei em uma das mesinhas vazias, e folheei um jornal local. Fazia muito tempo que eu não folheava um jornal de verdade e isso me fazia pensar no meu pai. Ele jamais começava um dia, sem ler o caderno de economia do jornal. Em papel mesmo, nada de internet. O velho Sr. Gallagher era um cara clássico, como ele mesmo dizia.

Baixei minha cabeça e comecei a ler uma notícia interessante, sobre a baixa nas exportações brasileiras, quando percebi um pequeno burburinho. Levantei os olhos e quase não acreditei — lá estava ele, em carne e osso. Postura altiva e arrogante, em seu terno cinza bem cortado. Sorri.

Meu pai caminhou até onde eu estava, arrancando alguns olhares das enfermeiras que faziam hora na cantina. Parou bem perto de mim.

— Acho que você errou o caminho, Sr. Gallagher! Está um pouco longe de casa — sorri e me levantei para abraçá-lo.

— Muito mais do que eu gostaria! — respondeu com seu rosto sisudo de sempre. Sobrancelhas baixas, boca sem sorriso, mas no fundo, eu sabia que ele estava tão feliz em ver quanto eu também estava em vê-lo.

Meu pai e eu tínhamos a mesma altura. O mesmo tipo físico, mas todas as vezes em que ele me abraçava apertado, eu me sentia um garoto. O mesmo garoto bobo que ralava os joelhos no jardim e corria para ele, em busca de um abraço.

Ele sentia o mesmo que eu. Eu podia perceber pela intensidade do seu abraço, que o grande Leão de Roterdã, ainda buscava aquele mesmo garoto para abraçar. Penso que seja sempre assim com os pais. Sempre nos veem como se ainda precisássemos de proteção, para nossa sorte.

— Senti sua falta, Sr. Gallagher! — sussurrei tão baixo que pensei que ele não ouviria.

Eu nem podia mensurar tudo que significava para

mim, tê-lo por perto. Era como se de repente, tudo ficasse mais fácil e mais simples. Afinal, meu pai estava comigo.

Ele se afastou um pouco e me encarou. Os mesmo olhos amendoados cheios de amor que sempre teve para todos nós. A mesma preocupação latente. Esboçou um sorriso que logo morreu — *meu pai não era um cara que distribuía sorrisos gratuitos por aí.*

— Senti sua falta também, filho.

Comi minha torta e meu pai me acompanhou com um café. Era engraçado como a presença dele chamava atenção no lugar. Primeiro, porque ele não falava português. Segundo porque estava escrito “gringo” na cara dele e nos modos formais dele.

— Como soube que eu estava aqui? — perguntei depois de uma bela mordida.

— Aquele seu amigo advogado. Liguei para ele assim que falei com você. Fiquei preocupado, mas sabia que você não concordaria com a minha viagem — confessou.

— Não queria te dar trabalho, pai. Não é justo. Você já tem coisas demais para se preocupar.

— Nada me dá mais prazer do que estar ao seu lado e dos

seus irmãos. Nada em minha vida tem mais valor, John. Você sabe disso.

Sim! Eu sabia. Ele sempre esteve ao nosso lado, mesmo nos piores e mais difíceis momentos. Nunca nos deixou de lado. Nunca nos negligenciou. O Sr. Gallagher era um pai irrepreensível.

— Então, vai me apresentar a garota? — questionou quando terminei a refeição — não me lembro de ter conhecido uma namorada sua.

— Eu nunca tive uma que valesse a pena te apresentar.

— E essa, vale?

Sorri como um imbecil porque a simples menção a ela me fazia sorrir. Meu pai estreitou os olhos e depois ergueu uma sobrancelha no tradicional “*jeito Adrian de rir do mundo*”.

— Nem me venha com represálias, Sr. Gallagher! — reclamei. — O senhor fica com essa cara de bobo todas as vezes em que vê Laura!

Ele riu. Um riso contido, mas sincero, porque era verdade e ele sabia disso.

— Se estamos nesse nível, preciso conhecer a garota, não

acha? — insistiu.

— Eu nem sei se ela fala inglês, pai!

— Sem problemas! — Ele disse em um português arrastado e quase incompreensível. — Eu tenho praticado um pouco de português, afinal, parece que existe um fascínio dos homens da minha família por esse país! — brincou.

— A começar pelo patriarca que se casou, duas vezes, com brasileiras! — brinquei — Mas você tem razão, vou apresentá-lo a Isabele.

Paguei minha conta e caminhei com ele pelo corredor do hospital, até o ambulatório em que Isabele estava. Bati na porta e entrei em seguida. Ela arregalou os olhos e tentou se ajeitar na cadeira. Eu não tinha certeza se ela o havia reconhecido, mas pela cara de espanto, podia jurar que sim.

— Isabele, esse é o meu pai. Adrian Van Galagher.

Ele estendeu a mão para cumprimentá-la e levou sua mão a boca em um beijo suave e gentil.

— É um prazer conhecê-la, Isabele. — Ele disse em seu português arrastado. — Qualquer pessoa que deixe um

sorriso desses no rosto do meu filho, merece todo o meu respeito.

Isabele sorriu. O efeito “*Sr. Galagher*” nas mulheres era imbatível. Eu era um pequeno aprendiz, mas meu pai, ele era o mestre absoluto.

— Espero que me perdoe por não dominar seu idioma. — Meu pai continuou. — Prometo me esforçar para que não precisemos de nenhum intérprete — sorriu de canto, usando mais um pouco do seu charme.

— Nós podemos nos comunicar em inglês, Sr. Galager. — Ela explicou em inglês. — Não sou exatamente fluente, mas consigo compreendê-lo.

— Agora vejo porque meu filho se apaixonou por você, Isabele, além de uma bela mulher, você é muito gentil. Obrigada por se preocupar.

Eu me sentei na poltrona e deixei que os dois se conhecessem. Era engraçado ver meu pai sendo “sogra” de alguém. Não era algo que eu havia pensado em presenciar. Eu quase podia ver o Tio Alex rindo debochadamente dele, quando tivesse que conhecer algum namoradinho de Hanna.

Isabele parecia confortável com ele e isso me deixava muito satisfeito. Eu nunca havia pensado em como seria quando esse encontro acontecesse, mas vendo os dois juntos, conversando despreocupadamente sobre a vida, eu tive certeza de que sempre esperei que ele gostasse dela como eu gostava. Entendi que não poderia ser feliz ao lado de alguém sem que isso o incluísse, meu porto seguro. Meu herói.

Capítulo 22

John

Deixei Isabele em casa e segui com o Sr. Gallagher direto para o haras.

Queria que ele conhecesse o lugar ainda com o dia claro. Queria que visse o que eu via.

Estacionei o carro próximo à antiga casa, que agora abrigava o hotel e a parte administrativa do haras. Meu pai desceu do carro em silêncio. Caminhou até o jardim. Olhos perdidos nos jardins.

Eu fiquei calado também, esperando que ele se manifestasse. Não queria bancar o deslumbrado, queria primeiro entender o que ele achava de tudo ali.

Depois de um tempo, ele caminhou até a fonte. Dedos correndo ao longo das pedras brancas, encarando o cercado de treino dos cavalos vazio.

— Vejo muito da sua mãe aqui... — Um leve toque de saudade em sua voz.

Ele não falava muito da minha mãe. Ela era um assunto estranhamente proibido em nossa casa, mesmo antes de Laura existir. Era como se pudéssemos fingir que ela não havia existido, se não falássemos dela.

Uma vez, quando Collin me perguntou de que cor era o cabelo dela, eu percebi que nós o privávamos de saber dela e que isso era muito injusto, com os dois. Naquele dia, eu peguei uma foto dela e dei de presente a ele.

Respirei fundo, porque aquele lugar me lembrava dela também.

— Quase posso vê-la cavalgando ali dentro... — Meu pai continuou. — Sua mãe foi uma mulher incrível, John. Quero que se lembre sempre disso.

Sorri. Minha mão em seu ombro. Ele era um cara incrível. O melhor de todos. Apesar de tudo que havia passado, ainda conseguia se lembrar do que havia de bom em minha mãe.

— Amo você, pai! — confessei e ele sorriu.

— Também amo você, garoto. E é por isso que não consigo sentir raiva ou ódio ou qualquer sentimento ruim

por sua mãe. Ela me deu uma família. Vocês três são maravilhosos demais para que eu perca tempo com bobagens.

— Vem pai, vou mostrar minha casa para você. — Eu disse depois de pegar sua mala na recepção.

Seguimos pelo caminho de dormentes, enquanto o sol se punha lá na frente, atrás das montanhas.

Assim que cheguei a varanda, os cães vieram para cima de mim, pulando e latindo e fazendo festa. Meu pai permaneceu me encarando como se eu fosse uma aberração, mas no fundo, eu sabia que era só tipo porque o velho Sr. Gallagher adorava cães.

— Tem certeza de que esses animais foram vacinados e vermifugados? — perguntou com seu olhar arrogante.

— Para pai! Eles estão ótimos e me ajudam a não me sentir sozinho. Não é, garotão? — cocei as orelhas de Salomão.

Abri a porta e entramos. Meu pai correu os olhos pelo lugar. Caminhou devagar, empurrando sua mala até o quarto. Voltou em seguida.

— E você pretende dividir essa cama de solteiro comigo.

— Não era exatamente uma pergunta.

— Claro que não, pai! — ri mais alto do que gostaria. — Eu vou dormir no sofá! — expliquei. — Você ronca — provoquei.

Ele não se abalou, como eu imaginava. Deu meia volta eu o escutei mexer na mala. Supus que pretendia tomar um banho, então separei uma toalha e coloquei sobre a cama.

— A casa é simples pai, mas tenho certeza de que você vai amar tanto quando eu! — Ele estreitou os olhos para mim.

Enquanto ele se banhava, aproveitei para preparar o jantar — *risoto de abóbora e carne seca*. Algo bem brasileiro, porque comida europeia ele comia em casa.

Ele voltou depois de alguns minutos, usando uma calça de elástico e uma camiseta.

— Cheiro bom — comentou sentando-se no sofá.

Joaquim, o peludinho mais metido que eu conhecia, foi logo se aninhando ao lado dele. Fingi que não havia reparado e continuei perguntando sobre as coisas em Roterdã. Não demorou muito, e o carrancudo do meu pai

estava acariciando o cão, como se fossem velhos companheiros.

— O jantar está servido! — avisei colocando os pratos sobre a bancada. — E o seu também, companheiro! — enchi os potes de ração.

— Puxa! Parece que os anos morando em Haia realmente funcionaram! — Meu pai debochou. — Até aprendeu a cozinhar!

— Tio Alex me ensinou alguns bons truques. — Me gabei. — Você sabe, ele é o melhor.

Meu pai levantou a sobrancelha para mim, mais uma vez.

Depois do jantar, peguei duas cervejas e sentei com ele no deck. A noite estava agradável, mas não quente. A lua ainda era tão bonita no céu como no dia anterior.

Ficamos em quietos mais uma vez, aproveitando a companhia um do outro, somente os sons dos animais noturnos quebrando nosso silêncio.

— Encontramos um tratamento alternativo — comecei porque queria ouvir a opinião dele. — Um tratamento que ainda não foi reconhecido. Com suplementação de

vitaminas.

Ele esperou que eu explicasse tudo, olhos focados em mim. Quando terminei de falar, ele deu um gole na cerveja.

— Acho que, se ela está disposta John, vale a pena tentar. Passei por isso algumas vezes em minha vida. Passei com sua mãe, com sua avó e passo com seu irmão. A medicina tradicional nem sempre tem todas as respostas. O que mais conta no sucesso de um tratamento, seja ele do tipo que for, é a vontade do paciente em melhorar.

Concordei com a cabeça.

— Sua mãe nunca quis lutar. Ela desistiu rápido demais. Achava que a doença era uma punição a tudo que ela havia feito de errado. Ela sentia que estava se penitenciando, quando aceitava o fim. Por mais que eu quisesse lutar por ela, com ela, sem que ela realmente quisesse, não era possível. Patrícia morreu menos de um ano depois de descobrir a doença.

Respirei fundo, pensando em tudo que eu me lembrava sobre ela. Em todas as vezes em que a vi chorar de dor, em silêncio, sozinha em seu quarto. Nunca ouvi

minha mãe se lamentar por estar morrendo.

— Quando sua avó ficou doente, ela fez exatamente o contrário. Margarida nunca aceitou que iria morrer. Ela acreditava que tinha uma missão a cumprir e, enquanto não a concluiu, lutou e venceu a doença. O mesmo acontece com seu irmão. Nunca deixamos Collin pensar que morrer é a única opção. Ele sempre lutou. Sempre aceitou bem a batalha contra a doença. Então filho, se sua veterinária quer lutar, ela vai vencer.

Sorri de leve, mesmo que não estivesse totalmente feliz.

— Isabele é muito forte pai. Ela não é do tipo que senta e espera a doença tomar conta.

— Percebi isso com alguns minutos de conversa. Ela é uma moça corajosa. Você escolheu muito bem.

— Obrigado.

Adormeci bem rápido. Eu estava com o cansaço de algumas noites ruins pesando sobre mim. Meu pai ainda estava acordado. Notebook ligado, provavelmente resolvendo algo dos negócios.

Acordei tarde mais uma vez.

Toda a cabana cheirava a café e omelete.

— Bom dia Sr. Gallagher! Acordou cedo! — provoquei.

— Dormi pouco. Ainda estou sentindo os efeitos do fuso horário.

Sentei em uma das banquetas, enquanto ele terminava o café. Serviu os ovos e duas xícaras de café, forte e amargo, como nós gostávamos. Enquanto eu comia, pegou um pedaço de papel e colocou ao lado do meu prato.

Peguei o papel e li: “Dra. Bárbara Lemos, quarta feira, 10 horas”.

— O que é isso?

— A médica que sua veterinária quer. O Dr. Pimentel foi bastante eficiente em conseguir uma consulta.

— Tão rápido? — questionei animado.

— Ao que parece, não é somente na Holanda que o sobrenome Gallagher nos precede.

— Obrigado, pai.

Ele agradeceu meneando a cabeça e seguiu fazendo sua refeição.

Deixei meu pai no haras e segui para a casa de

Isabele. Ela tinha mais uma sessão de pulsoterapia e eu não iria deixá-la sozinha.

Liguei para Marcos e agradei. Ele havia se comprometido em cuidar do Leão de Roterdã e deixá-lo inteirado da situação dos negócios. Afinal de contas, apesar da procuração, ele era o responsável pela parte da herança que cabia aos meus irmãos, e era um excelente administrador. Nada mais justo do que contar com ele nessa fase de mudanças e não havia ninguém em que eu confiasse mais do que no administrador financeiro que vovó havia contratado.

Enquanto dirigia até o apartamento de Isabele, pensei em tudo que meu pai havia falado na noite anterior. Sobre a força de vovó e o quanto ela havia conseguido retardar os sintomas e sequelas da doença dela. Se ela havia conseguido, Isabele conseguiria também.

Estacionei o carro e avisei a ela já estava a sua espera. Poucos segundos depois, Isabele apareceu.

O vestido amarelo a deixava ainda mais bonita, realçando o bronzado da pele e os cabelos escuros. Ela estava linda. Radiante, como um sol. Fez-me pensar em

minha mãe, no último sonho. Fazia tanto tempo que eu não pegava uma fotografia dela, que havia me esquecido como ela era bonita.

— Você está absolutamente linda, Bela. Mais a cada dia que passa — disse beijando sua mão.

Isabele beijou meu rosto e ocupou seu lugar no banco, ao meu lado.

— Agora que conheci seu pai, sei de onde vem esse seu jeitinho galanteador!

Sorri.

— Não seja injusta! Eu tenho crédito próprio nisso! — reclamei.

— É claro que tem, mas vamos combinar que você fez uma boa escola, leãozinho!

Chegamos ao hospital e, mais uma vez, Isabele se preparou para o procedimento. Seu rosto estava abatido. Olheiras escuras apareciam debaixo da maquiagem que ela usava para disfarçar, mas eu não a ouvi reclamar em momento algum. Seguiu firme, apesar do desconforto.

Quando tudo terminou, paramos em um pequeno restaurante, no meio do caminho. Pedi um filé com fritas e

Isabele pediu um suco.

— Não estou com muito apetite. Esses remédios me fazem inchar como um balão — confessou. — Por isso estou usando esse vestido.

— Você está linda de vestido, Bela, não tem com que se preocupar.

Ela sorriu, mas foi um sorriso de agradecimento pela minha compreensão, não de quem concorda com o que eu disse.

Segurei sua mão e a beijei. Eu podia perceber um pequeno inchaço em seu pulso e rosto. Sabia o quanto o tratamento a deixava mal, mas ainda assim, Isabele não reclamou.

— Marcos conseguiu uma consulta com a tal Dra. Bárbara! — Eu disse quando ela baixou os olhos para o copo de suco, tentando animá-la — ao que parece, a influência do meu pai transpôs o mar!

O sorriso se alargou no rosto dela no mesmo instante.

Entreguei o papel que meu pai havia anotado a data e hora da consulta.

— Meu Deus John, é para amanhã! Como ele conseguiu? No consultório dela disseram que só teria data para daqui há dois meses!

Foi minha vez de sorrir.

— O Sr. Gallagher sempre consegue o que quer, Bela — brinquei.

— E o filho dele? — questionou jogando charme para mim.

— O filho dele, minha bela veterinária, prefere merecer o que deseja.

Isabele

Minha mãe havia comprado passagens para o meio da tarde. Eu queria um tempo sozinha com ela. Queria explicar para ela que eu não iria me render tão fácil.

Tomei um banho e me vesti. Tomei um suco de melancia e peguei a chave do carro. Eu estava bem para dirigir, embora Fernanda e John não concordassem comigo. Não queria ficar sendo carregada para lá e para

cá o tempo todo por alguém.

Essa era a parte mais difícil de estar doente — *depende das outras pessoas*.

Deixei a casa dos meus pais com pouco mais de dezoito anos e nunca mais voltei. Nesses anos morando sozinha, eu havia passado todo tipo de dificuldade. Desde dor de barriga até falta de comida na geladeira, porque esqueci de programar meu pagamento para durar o mês todo. Fui aprendendo, a trancos e barrancos, como era ser responsável por mim mesma.

Sempre gostei da minha independência, e talvez por isso, casar de branco na igreja nunca tenha sido uma prioridade para mim. Eu queria um relacionamento sólido. Queria amor e companheirismo. Queria acordar todos os dias da minha vida, sentindo os braços de alguém a quem eu amasse em volta de mim, mas essa coisa de festa e casamento pomposo nunca foi para mim.

Entrei na velha caminhonete e dei a partida.

Mamãe já estava me esperando. Bolsa de viagem sobre os ombros. Olhar preocupado em me ver sozinha.

Sorri, incapaz de não ficar mais animada por tê-la

por perto. Eu podia ser independente, mas não conheço pessoa alguma no mundo, que não se sinta feliz em ter o colo da mãe.

— Mãe! — atirei-me em seus braços. — Que saudades de você.

Eu tratei de esconder meu rosto, ou ela certamente veria meus olhos marejados. Não queria fraquejar. Não antes de conversar com ela. Não antes de explicar tudo.

— Como você está, Isa? — Ela perguntou preocupada. — Eu não sabia que você viria sozinha, filha! Eu podia muito bem ter pego um táxi!

Abracei-a mais uma vez, pegando a bolsa e jogando sobre meu ombro. Beije seu rosto e caminhei abraçada com ela até o carro.

Acomodei a bolsa na carroceria e tomei meu lugar atrás do volante.

— Vou te levar para conhecer um parque bonito, mãe! — expliquei.

Ela concordou sorrindo, mas eu a conhecia bem demais para acreditar em seu sorriso. Minha mãe estava preocupada comigo e eu podia entendê-la. Talvez eu não

fosse tão boa em disfarçar como achava que era. Talvez ela também me conhecesse bem demais.

Estacionei e descemos. O Parque da Água Vermelha era um lugar calmo e bonito. Havia uma pista para caminhar em torno do lago.

Abracei-a e seguimos caminhando, sentindo o sol fraco do final do inverno em nossa pele, até que atingimos um ponto quase vazio, exceto por algumas pessoas correndo.

Sentei ao lado dela, em um dos bancos, de frente para o lago. Sua mão tocou a minha e mesmo que encarássemos as águas calmas, nossas almas estavam conectadas.

— Mãe... — comecei devagar, o coração martelando forte contra o peito. — Eu tenho esclerose múltipla.

Ela virou-se de frente para mim. Segurou minhas duas mãos entre as suas. Lágrimas rolando rápido dos seus olhos, mas antes que ela dissesse qualquer coisa, eu continuei.

— Eu não vou morrer, mãe. Eu vou ficar boa — afirmei com toda a certeza que havia em mim. — Eu não vou

desistir.

Ela me abraçou apertado. Tão forte que eu mal conseguia respirar. Suas lágrimas molharam meu ombro e escorreram pelas alças da blusa. Eu podia compreendê-la. Não era nada fácil ver alguém que a gente ama sofrer.

— Tudo bem.. — continuei. — Eu vou começar um tratamento novo. Um que não envolve o uso de corticoides. Eu vou ficar bem, você vai ver!

Sorri, afastando-me um pouco dela e secando suas lágrimas com as costas da minha mão.

— Não quero que você fique assim. Quero que tenha fé em mim. Que acredite, mãe. Você me disse que eu era forte. Sempre me incentivou a ir além... — respirei fundo, afastando minhas próprias lágrimas. — Agora eu preciso mais do que nunca, que você confie em mim. Que acredite na minha capacidade.

Ela sorriu também. Acariciando meu rosto. Um olhar saudoso brilhando em seu rosto.

— Eu acredito, querida... — beijou minha bochecha. — Nós vamos vencer isso tudo.

Nós nos abraçamos mais uma vez, mas dessa vez, a

tristeza tinha dado lugar a esperança.

Dirigi de volta para casa, mas parei em uma padaria que eu e Fernanda amávamos no caminho. Comprei um bolo de milho e alguns pães de queijo, além dos pãezinhos integrais de cenoura que ela tanto gostava.

Eu queria mimar minha mãe do jeito que ela fazia comigo, quando eu ia para casa. Queria que ela estivesse feliz, enquanto estivesse comigo.

Quando cheguei ao nosso apartamento, minha amiga já estava em casa. Percebi porque havia música alta tocando lá dentro.

— Ela está fazendo faxina! Aposto! — brinquei e mamãe sorriu.

Minha mãe conhecia Fernanda, desde que passamos a dividir o quarto no dormitório da faculdade. Ela já havia adotado minha amiga há muitos anos, já que ela só conseguia ir para casa uma vez ao ano, por causa da distância.

— Meu Deus do céu, se eu não te conhecesse, diria que está apaixonada! — constatei assim que abri a porta e a encontrei cantando a todo volume “Eu Sem Você” da

Paula Fernandes.

— Eu sou uma eterna apaixonada, lindona... Pela vida... E por mim mesma! — respondeu debochada.

— Uhum... sei! Quero só ver quando alguém conseguir entrar aí dentro! — apontei para o peito dela.

— Essas são as piores, Isa! — Mamãe entrou na onda. — Dizem que não se apaixonam, mas quando encontram alguém, é um tiro certo.

Acabamos rindo as três, porque pensar em Fernanda apaixonada era realmente algo engraçado.

Preparei café coado na hora — *Nada de cafeteira, para o nosso pequeno encontro feminino* — e arrumei a mesa.

— Maria, você sabia que a Isa está de quatro por um holandês milionário? — brincou enquanto comíamos.

— Credo Nanda! Não reduza tudo ao dinheiro dele! — reclamei.

Primeiro ela soltou uma gargalhada e depois tentou se recompor.

— Ok! Verdade seja dita, ele tem muitos atributos — demorou-se mais que o necessário nas palavras. — Mas é

claro que o dinheiro é um deles, não é Isa? Vamos combinar!

Comecei a rir tanto que engasguei com meu café e tossi.

— Ele é um pacote bem completo, eu diria — resumi ainda rindo.

— John Albert é o nome dele. É um nome chique, não é Maria? — Minha amiga provocou.

— É um lindo nome. Imagino que faça jus ao moço. Quando vou conhecê-lo?

— Prometo que logo.

Me celular apitou exatamente na hora. Era uma mensagem de John perguntando como eu estava bem e como tinha sido a conversa com minha mãe.

Respondi que estávamos todas bem e que tudo daria certo. Em seguida ele me convidou para jantar. Disse que queria preparar algo para conhecer minha mãe. Propus que ele e o pai viessem ao nosso apartamento e então poderíamos comer todos juntos.

Terminamos nosso café e fomos nos preparar para o jantar.

— Ai meu Deus, Isabele! O homem nem fala português! Como eu vou conversar com ele? — mamãe reclamou, nervosa em conhecer o pai de John.

Preferi não contar a ela sobre toda a parte de ele ser “O Leão de Roterdã” ou a pobre coitada entraria em pânico.

— Mamãe, comida une as pessoas, não se preocupe com isso! Além disso, John e eu falamos inglês e podemos intermediar, caso seja necessário.

— Jesus Cristo! — limpou a testa do suor de nervoso, enquanto tentava encontrar uma roupa para usar.

— Essa! — apontei um vestido preto com detalhes brancos que ficava ótimo nela. — Caso esfrie, coloque esse casaquinho. Mãe, acredite, John é um cara simples. Ele não é cheio de frescuras ou coisa assim. Você vai gostar dele. e o Sr. Gallagher, não pode ser um cara ruim, se conseguiu criar os filhos tão bem e sozinho.

Ela respirou fundo, concordando comigo.

— Você deveria escrever um livro com essa história, Isa! É um conto de fadas moderno! — sorriu.

— Quem sabe um dia?

Pouco depois que terminamos de nos vestir, o interfone tocou e Fernanda liberou a entrada dos dois.

Assim que abri a porta, não pude deixar de sorrir da cara embasbacada de mamãe e Fernanda. John e o pai estavam absolutamente elegantes em seus ternos bem cortados. A classe e a elegância, emanavam daqueles homens como um bom perfume francês. Era impossível não se encantar.

John me entregou um buquê de pequenas rosadas. Delicado e lindo, como ele era. Pousou os lábios sobre os meus e retirou um ramo de flores. Entregou a minha mãe. — Imagino que a senhora é a mãe de Isabele. É um prazer finalmente conhecê-la, senhora. Sou John.

Mamãe sorriu encantada com a gentileza. Esse parecia ser o efeito que os homens daquela família despertavam nas mulheres.

Capítulo 23

John

Nos fim das contas, decidimos pedir uma pizza e ter mais tempo para conversar. O velho Sr. Gallagher estava se esforçando para participar da conversa, mesmo que eu soubesse que ele não estava entendendo nem a metade dos assuntos.

A mãe de Isabele era tão gentil e forte quanto a filha e Fernanda e eu já tínhamos uma relação de amizade em evolução constante. Estar entre amigos acalmava a alma e o coração. Deixava a gente em paz.

— Estou com saudades de ficar com você, Bela — sussurrei em seu ouvido, quando nos despedimos.

Isabele corou e sorriu discretamente.

— Também estou — confessou, arrepiando minha pele.

Aproveitei que saímos cedo para levar meu pai para se divertir um pouco. Marcos nos encontrou em um barzinho movimentado no Campolim.

— A três homens solitários, curtindo uma bela noite de semana! — ergueu seu copo de chopp em um brinde e nós o acompanhamos.

— Não é um Jack's, mas serve! — brinquei, fazendo menção ao bar que meu pai costumava ir com os amigos.

— A companhia importa menos que o lugar — constatou.

Era mesmo verdade. Ainda que estivéssemos dividindo algumas *long necks* na varanda da cabana, a companhia deles era tudo que eu precisava.

Bebemos um pouco, aproveitamos a noite e depois voltamos para o haras. Marcos ficou em um dos quartos do hotel, já que estava um pouco alto demais para dirigir de volta a São Paulo e assim eu poderia deixá-lo vigiando meu pai, enquanto levava Isabele ao médico pela manhã.

Depois de vestir meu pijama, encontrei meu pai na varanda, encarando a lua alta no céu. Caminhei até ele, debruçado na cerca do deck.

— Ainda sentindo o fuso? — perguntei.

— Sentindo muitas coisas, filho, mas o fuso é menor dos problemas.

Meu cara não era um cara que se abria com

facilidade. Arrancar algum sentimento expresso em palavras do Leão de Roterdã era uma tarefa difícil. Esperei que ele falasse quando quisesse.

— Não sei se estou preparado para tê-lo tão longe de mim, John — confessou depois de um longo tempo em silêncio.

As palavras dele bateram com socos em meu rosto. Doeram no fundo do coração porque eu também não estava pronto para viver tão longe dele. Havia evitado esse assunto o máximo que podia. Não sabia o que dizer, mas ele me conhecia como a si mesmo.

— É muito cedo para decidir, pai — desconversei.

— Você já decidiu John... Só não teve coragem de admitir, nem para você mesmo.

— Pai... — Eu não sabia o que dizer.

— Não estou recriminando você, filho. Jamais o faria. Você é um homem inteligente e capaz. Estou orgulhoso de tudo que você construiu aqui em tão pouco tempo. Amizades sinceras. O início de uma bela história de amor... Fazia tanto tempo que eu não o via tão feliz e seguro. Eu estou satisfeito John, mas sou seu pai. Por mais

que as vezes você me veja como um amigo. Eu olho para você e ainda vejo um bebê gorducho de olhos esverdeados que sorria todas as vezes que me via — baixou os olhos para o gramado lá embaixo — as vezes sinto falta daquele bebê. Sinto falta de todos os meus bebês. Vocês estão crescendo rápido demais.

Abracei meu pai como se ainda fosse aquele bebê, de quem ele sentia falta. Ele ainda era o motivo dos meus sorrisos. Por mais que tivéssemos nossas divergências, meu pai era a pessoa que eu mais amava no mundo. Meu exemplo. Meu porto seguro. Deixá-lo era como deixar uma parte minha.

— Roterdã não é tão longe assim! — brinquei para quebrar o clima de despedida.

— Ainda que fosse, nós daríamos um jeito!

Abracei-o ainda mais. Pela compreensão e pelo amor. Por confiar em mim. Por torcer pela minha felicidade. Por ser o melhor pai que eu poderia ter.

— Promete que vai maneirar no trabalho? — pedi. — Você sabe, pai, você não tem mais vinte anos faz um tempo! — debochei.

Ele levantou uma sobrancelha e me encarou com aquele ar de arrogância que era próprio dele.

— Faço o meu serviço e o seu com uma mão amarrada nas costas, garoto insolente!

Sorri.

— E promete que cuida da Hanna para mim? Ela está crescendo pai. Não mais a nossa garotinha. É engraçado, sabe? Nunca pensei que ela cresceria tão rápido.

Foi a vez dele de sorrir.

— Entende como eu me sinto? Não estou preparado para ter um monte crianças por aí, me chamando de avô! — brincou.

— E não deixe Aurora e Lucian se esquecerem do mano aqui.

— Eles não vão, filho. Nenhum de nós vai. Nós estaremos sempre por perto, porque somos uma família. E inclua a isso seu Tio Alex e aquele outro holandês metido a galã.

Balancei a cabeça rindo. Meu pai e Jens haviam desenvolvido uma relação forte de amizade. Eles dividiam o bem mais precioso que alguém podia ter. Dividiam o amor de um filho e não havia maldade no

mundo que pudesse separá-los.

— E por último, Sr. Gallagher, não faça nenhuma besteira, ok? Já que eu não estarei por lá para colocar juízo na sua cabeça! — sorri, dando um soco de leve em seu braço.

— O conselho é recíproco, mas lembre-se, eu estou a uma noite de viagem. Se precisar, basta chamar. Não há nada mais importante do que estar ao seu lado.

Quando nos deitamos para dormir, eu me sentia estranhamente leve. Finalmente, as coisas estavam entrando nos eixos. Aquela era a conversa que faltava. Tudo que eu precisava era que ele me apoiasse, ainda que não fosse sua escolha, e foi exatamente o que ele fez.

Fechei meus olhos e agradei por tudo que eu tinha. Coisas de valor incalculável, pessoas insubstituíveis. Amor.

Sonhei com a minha mãe mais uma vez. Nós estávamos na praia. Ela, meu pai e eu. Eles ainda eram um casal.

Nós havíamos entendido uma toalha xadrez em uma parte da areia seca. Havia uma cesta de piquenique cheia de frutas e um pote cheio de *pepernoten*. Minha mãe

amava esses biscoitinhos. Lembro-me de vê-la devorar bandejas e bandejas de biscoitos recém saídos do forno, durante a gravidez de Hanna.

“Quer mais biscoito?” — Ela me perguntou e eu neguei porque queria correr para a água — *“você está ficando magrelo como o seu pai! Aliás, você está ficando parecido demais com ele!”* — brincou.

Papai a pegou nos braços e correu com ela até a água. Ela gritava e ria e ele ria também.

Ele a abraçou e ela encostou o rosto em seu peito. Eu sorri. Gostava de vê-los felizes. Era um tempo tão bom. Tudo era tão diferente.

Acordei sentindo o perfume de mamãe mais uma vez. A nostalgia ainda me fazia sorrir. Eu não costumava pensar muito em minha infância, talvez fosse algum tipo de bloqueio. Uma vez, peguei uma conversa do meu pai com o psicólogo, dizendo que eu provavelmente teria memória seletiva pós-trauma. Talvez fosse isso. Talvez eu tivesse bloqueado as lembranças boas que tinha da minha mãe, com medo de sentir falta demais dela.

Tomei uma ducha e vesti um jeans e uma camisa.

Calcei meus sapatos e penteei o cabelo. O Sr. Gallagher já estava preparando o café.

— Sonhei com a mamãe — confessei enquanto ele estava de costas.

— Também sonhei — confessou saudoso. — Acredita? Sua mãe deve estar por perto! — brincou. — Minha mãe dizia que quando sonhamos com alguém que já faleceu, é porque essa pessoa vem nos visitar nos sonhos. Matar a saudade.

Sorri um pouco e baixei minha cabeça para a xícara de café.

— Sua mãe estava segurando uma garotinha nos braços. — Ele continuou. — Ela me chamou e disse: “Veja Adrian, nosso menino nos deu um presente!”. Você tem se prevenido, não é? Porque como eu disse, não estou preparado para ser avô — brincou.

— Claro pai! Não se preocupe! Filhos não fazem parte dos nossos planos!

— Assim espero!

Acabamos nosso café conversando sobre o passado. Eu gostava de como meu pai falava dela. De como havia

suprimido a mágoa e deixado apenas a parte boa de tudo que havia vivido com mamãe. Laura era a responsável por isso. Ela havia curado o coração dele o suficiente para que ele deixasse todas as tristezas de lado.

— Deseje-me sorte, pai! — beijei seu rosto e me levantei.
— Tudo dará certo, John. Estou confiante.

Entrei no carro e dirigi até a casa de Isabele. Ela estava ansiosa, por mais que tentasse disfarçar. A maneira como mexia as mãos, esfregando-as uma na outra a denunciava.

— Esse será um dia para nos lembrarmos para sempre Bela, você vai ver. Hoje a esperança vai se tornar real.

Isabele

Chegamos ao consultório poucos minutos antes da consulta. Fiz minha ficha e esperei. Poucos minutos que pareceram horas.

Estava tão nervosa que não conseguia dizer nada. Fiquei observando os pacientes na sala de espera comigo. Todos pareciam bem e felizes. Apenas uma senhora de idade já avançada usava uma cadeira de rodas, mas se eu

chegasse a idade dela, ficaria feliz, mesmo que fosse em uma cadeira.

Nem todos os pacientes que ali estavam eram portadores de esclerose. Havia muitas outras doenças cujo tratamento também era feito com a suplementação de vitaminas. A diabetes tipo I, Lupus e Parkinson, por exemplo.

Eu havia virado a noite pesquisando sobre o tratamento e assistindo aos depoimentos, junto com minha mãe. Queria que ela sentisse a esperança que eu sentia. Que tivesse a mesma força que eu para lutar contra a doença. Eu precisava do apoio dela. Precisava que ela encarasse essa junto comigo.

— Isabele? — A secretária me chamou, interrompendo meus pensamentos.

Levantei rápido, coração batendo forte contra o peito.

Entrei no consultório. Bonito e bem iluminado. Não me fazia sentir em um hospital. Parecia uma sala de reuniões. Tudo muito bem decorado, em tons de madeira e bege.

— Bom dia, Isabele! — Dra. Bárbara estendeu a mão para mim e em seguida para John. — Podem se sentar, fiquem a vontade. Essa primeira consulta, em geral, é a mais demorada, porque vamos conversar sobre o que você espera do tratamento. Suas dúvidas e medos. Enfim, vamos conversar bastante.

— Vou começar com uma breve explicação. A vitamina D, é, na realidade, considerada um pré-hormônio, pois é transformada em diversas células no hormônio calcitriol, capaz de modificar 229 funções biológicas no organismo. O tratamento, desde que em doses realistas, próximas daquelas obtidas pela exposição solar abundante, tem baixo custo e alta efetividade. Ele é capaz de manter os pacientes sem os prejuízos físicos, psíquicos e sociais relacionados às doenças autoimunes, além de promover a regressão potencialmente completa de sequelas recentemente adquiridas.

— Quero que entenda também, que não se trata de um tratamento alternativo, mas de reconstituir o mecanismo desenvolvido pela própria natureza, com o objetivo de evitar a agressão autoimunitária contra o próprio

organismo. A maioria de nós precisa de reposição de vitaminas, Isabele. Mesmo aqueles em condição saudável.

Sorri também, porque ela me passava confiança.

Expliquei tudo a ela sobre meus surtos. Entreguei os exames. Falei sobre minha vida e rotina. Sobre os medos que eu tinha a respeito do tratamento. Sobre o medo de ficar sem corticoides e acabar piorando. No meio da consulta, acabei derramando algumas lágrimas. A verdade era que, confessar a ela os meus medos, os tornava mais reais. Ter que externalizar o que eu sentia lá no fundo do coração, fazia tudo maior.

John segurou minha mão todo o tempo. Ficou em silêncio, absorvendo apenas o que a médica falava e me confortando.

— Suas dúvidas são absolutamente normais, Isabele. Não é algo usual, portanto, vai causar estranheza nas pessoas. Quero que você saiba que tudo que estou oferecendo a você, já tem anos de pesquisas. Não meçamos ontem e nem exporíamos ninguém a um tratamento que pudesse ser prejudicial.

Aquiesci, esperando que ela continuasse. Sua fala

era mansa e tranquila, mas muito segura. Quanto mais ela ia falando, mais eu ia tomando como verdade.

— A dose recomendada mundialmente de vitamina D é extremamente baixa. Ela não chega a fazer efeito positivo, na maioria dos casos, nem consegue tirar o paciente da deficiência que nossa vida moderna nos deixa. Raramente encontramos uma pessoa entre os vinte e os cinquenta anos que pode se dar ao luxo de tomar vinte minutos de sol todos os dias. Quero que você compreenda que apesar de alguns afirmarem que a quantidade que o tratamento recomenda de vitaminas é uma dose altíssima, ela nada mais é do que a dose fisiológica a qual deveríamos ter acesso.

— Eu tenho um caso interessante de um paciente com Parkinson, que após iniciar o tratamento, conseguiu uma melhora substancial de uma mancha de vitiligo que tinha na face. Ou seja, a vitamina vai atuar em todo o seu corpo. Em todo o seu sistema imunológico. Ela vai deixar seu corpo mais forte. Forte o suficiente para lutar contra a doença. Forte o suficiente para lutar contra qualquer outra doença.

Sorri mais uma vez, sentindo a esperança fortificada. A certeza de que era isso que eu esperava e não passar o resto dos meus dias saturada de remédios que me faziam tanto mal, apesar de também fazerem bem.

— Também quero que tenha consciência que o sucesso de qualquer tratamento vai depender muito mais de você de que qualquer outra coisa, mas neste, especificamente, sua participação é substancial. Se você não se cuidar da maneira correta, não mantiver uma dieta equilibrada, poderemos ter outros tipos de problemas. Você compreende?

Aquiesci mais uma vez porque eu já havia pesquisado sobre isso também. Evitar carne vermelha e frango. Comer muito peixe, principalmente os ricos em ômega. Diminuir o consumo de leite e derivados, ou seja, tudo aquilo que já sabemos que devíamos tomar cuidado, e não tomamos. Ela também me liberou uma taça de vinho por semana, já que preciso tomar cuidado com a ingestão de álcool também. E recomendou fortemente alguma atividade física.

— Toda essa mudança, Isabele, trará benefícios a sua

qualidade de vida. Você vai ver!

Concordei com tudo que ela disse. Na verdade, não tinha muito que discordar de uma vida saudável. Infelizmente, precisamos adoecer para dar valor a nossa saúde.

Sáímos do consultório perto da hora do almoço, com um calhamaço de exames para realizar e voltar ao consultório para pegar a recomendação exata de vitaminas que eu precisaria.

Assim que deixamos o prédio onde ficava o consultório, John me abraçou apertado, tirando meus pés do chão.

— Bela, minha Bela, estou tão animado! Parece que recebemos um presente.

— E recebemos, Leãozinho... Uma nova chance.

Capítulo 24

John

Nas semanas que se seguiram, Isabele fez uma maratona de laboratório em laboratório. O velho Sr. Gallagher voltou a Roterdã e a mãe de Isabele voltou ao interior. Nossa vida foi se acertando, pouco a pouco.

Depois da conversa com meu pai, eu estava certo de que ficaria no Brasil. Meu coração estava lá. Minha alma também, mas eu ainda não havia conversado com Isabele sobre minha permanência no haras. Ela também não havia perguntado. Eu torcia para que fosse por medo de ouvir uma resposta negativa.

Isabele não era o tipo de mulher que sonha com um casamento de princesa, mas eu queria que ela soubesse que sempre seria a rainha do meu castelo. Queria que soubesse que era a única que eu queria em minha vida.

A construção da casa que eu havia contratado estava a todo vapor. Alguns trâmites legais para que tudo

estivesse liberado. A única pessoa que acompanhava tudo de perto comigo, era Tamara. Depois de algum tempo trabalhando juntos, e mesmo que eu estivesse decidido a ficar, tê-la por perto havia sido uma excelente decisão. Eu tinha uma amiga por perto com quem contar. Tinha tempo livre para me dedicar aos cavalos, que era o que eu realmente amava.

Passei pelo ambulatório pouco antes do fim do horário de trabalho de Isabele. Bati na porta.

— Vim me despedir da minha bela veterinária — agradeço assim que ela abriu.

Corri os dedos por uma mecha de cabelo escuro, sentindo a maciez. Ela sorriu e me beijou. Quando tentou se afastar, eu a segurei junto a mim. Encostando-a contra a mesa. Minha língua sua boca sem encontrar resistência alguma.

— Hum... Amo beijar você, sabia? — Ela sussurrou sem se afastar.

Apertei meu quadril contra o dela, para que ela sentisse o quando beijá-la me excitava. O quanto eu a desejava.

— Eu acho que vamos ter que fazer uma parada em casa, antes de você ir embora — brinquei. — Como pode ver, temos assuntos inadiáveis para resolver.

Isabele riu. Seu riso contagiou todo o lugar
— Acho que não será possível hoje, Sr. Gallagher! Como sabe, amanhã temos a reinauguração do haras e eu preciso urgente de uma manicure e cabelereiro, já que estarei de volta aqui bem cedo!

Beijei seu pescoço, descendo até o decote da camisa e mordiscando sua pele.

— Vai mesmo me dar o fora hoje? — reclamei.

— Não vou te dar o fora, leãozinho. Prometo que amanhã eu te recompenso. E prometo que fico com você o fim de semana todo, se você ainda me quiser, depois de amanhã!
— brincou.

Beijei-a por um longo tempo. Sentindo o sabor do seu beijo, sentindo seu corpo junto ao meu, até que ela estava ofegante.

— Caramba, John! Porque você torna tudo tão difícil! — Foi a vez dela de reclamar.

Então eu a soltei e me afastei. Eu estava excitado,

mas agora, ela estava também.

— Até amanhã, Bela! — beijei seu rosto antes de sair.

Isabele ficou rindo. Eu adorava ouvi-la rir. Enchia meu dia de alegria.

Voltei para o chalé, tomei um banho, vesti um jeans e uma camiseta e descii até o hotel. A movimentação lá era intensa. Estávamos com as reservas completas para o fim de semana de festa e para os próximos também. Eu estava feliz e esperançoso de que o negócio finalmente deslancharia e então, o velho Sr. Gallagher poderia se orgulhar de mim como empresário.

Tamara estava correndo de um lado para o outro, resolvendo todos os pequenos entraves de última hora. Um lençol amarrotado aqui, um arranjo de flores fora do padrão ali. Eu cumprimentei com a cabeça e segui mais à frente.

Os jardineiros davam os últimos retoques no jardim da frente. A fonte estava limpa e funcionando e a nova placa já estava pronta. Eu escolhi o nome e papai me apoiou na troca. Agora éramos o “*Haras Patrícia*”.

Enquanto a antiga placa era retirada e a nova

preparada para fixação, pensei em como as coisas haviam mudado, desde que descobri que aquele lugar existia. Ele estava nas sombras do passado. Contava uma linda história, mas não havia felicidade ali. Depois que vovó deixou o Brasil, tudo que ficou para trás parecia sem vida. Sem luz.

Passei tempo demais remoendo minhas dores, afogando as lembranças, mas foi naquele pedaço de chão que eu finalmente consegui me libertar. Foi ali, junto a terra que havia visto minha mãe nascer, que eu finalmente a deixei morrer. Que consegui enterrá-la e ter paz.

Carreguei o fantasma do abandono, do medo, da solidão. Carreguei a saudade e a tristeza de ter perdido a pessoa mais importante da minha vida, mas agora ela estava em paz. Tinha se transformado em luz e essa luz iluminava minha vida também.

“Haras Patrícia” — repeti mentalmente, sentindo meu coração se alegrar. — *“Onde quer que você esteja, mãe, quero que saiba que vou cuidar de tudo aqui, como vovó desejava e como sei que você também desejaria”.*

Eu havia mandado plantar um canteiro de flores

amarelas, bem debaixo de onde a placa ficaria. Queria me lembrar da minha mãe, como no sonho. Queria que ela estivesse cercada de luz e cor, por onde quer que fosse.

Caminhei por entre as baías, e parei onde Celeste estava. A égua em nada se parecia com o animal triste e arredio que eu havia conhecido. Estava viçosa e brilhante, cada dia mais. Eu estava ansioso por conhecer o filhote, embora ainda faltassem alguns meses.

— Hey garota, você está linda hoje! — brinquei, abrindo a portinhola e indo até ela. — Estou feliz que tudo esteja melhor para você. Quero que saiba que aqui você será sempre amada e respeitada.

A égua relinchou e balançou a crina esvoaçante para mim, como se quisesse fazer pose. Celeste era um símbolo de como as coisas estavam melhorando no haras e em minha vida.

Eu não queria voltar direto para o chalé. Estava ansioso com o dia que teríamos pela frente.

Caminhei até a baía de Tufão e o conduzi até a área de sela. Preparei-o e montei. Eu gostava de cavalgar pelo campo com o fim da tarde e sabia que ele gostava

também. Tufão e eu éramos muito parecidos.

Quando chegamos a gruta, puxei a rédea e ele parou. O sol não era mais que uma linha avermelhada perdendo-se ao longe, fazendo tudo parecer dourado. A gruta também estava muito diferente de quando eu a conheci. O mato havia sido arrancado. Os arbustos adubados voltavam a florir. Eu havia mandado construir um banco parecido com o que minha mãe tanto gostava, no jardim da nossa casa em Roterdã.

Desci e sentei no banco. Tufão ficou ao meu lado.
— É companheiro, esse lugar é onde eu me sinto mais em paz, sabe? Parece que estou perto das pessoas que amei. Sinto-me protegido aqui — confessei.

Como por mágica, uma revoada de borboletas em tons de amarelo e marrom pousaram sobre a pedra da gruta e um riso bobo tomou conta de mim.

— Mãe? — chamei por instinto, porque precisava que a palavra deixasse minha boca. Ela havia sido amarga por tanto tempo, que agora que não era mais, eu queria repetir.

As borboletas moviam as asas com velocidade, fazendo tudo mais colorido.

— Obrigado por não ter desistido de mim. Eu sou um pouco cabeça dura, sabe? Acho que herdei isso do Sr. Gallagher! — brinquei. — Quero que você me perdoe mãe, por todas as coisas ruins que pensei e disse sobre você. Eu não tinha o direito de te julgar. Acabei perdendo a oportunidade de aproveitar o tempo que tive ao seu lado.

Eu falava para ninguém ouvir. Não esperava ter uma resposta. Estava apenas abrindo meu coração e deixando as palavras saírem. De repente, uma pequena borboletinha, de um amarelo intenso e brilhante pousou em meu braço.

Respirei fundo e pensei que talvez minha mãe realmente estivesse escutando. Talvez ela tivesse me perdoado e então meu coração se aquietou.

Durante o resto de tempo em que estive na gruta, permaneci em silêncio, vendo a noite cair. Quando voltei para a cabana estava certo de tudo que faria no dia seguinte. Eu não perderia mais um dia se quer. Tinha urgência de viver, de ser feliz.

Isabele

Saí do haras e fui direto para o laboratório. Eu estava nervosa, ansiosa, apreensiva, desesperada — *tudo junto e misturado!* Quase tendo uma síncope e essa havia sido a maior razão por não ter ficado com John.

Não era justo. Não antes de eu ter certeza de tudo. Ele era um homem incrível, merecia uma vida linda e incrível ao lado de quem ele escolhesse. Eu não iria tirar isso dele, nunca.

Peguei o envelope e coloquei no banco ao meu lado. A cada semáforo, meus olhos encontravam o pedaço de papel e meu coração acelerava mais.

A primeira coisa que fiz assim que li o resultado, foi escrever um e-mail para a minha médica. Eu queria que ela me orientasse. Queria que dissesse que tudo ia ficar bem. Tinha medo de como as coisas seriam, dali para frente.

Quando Fernanda chegou, eu estava finalizando o e-mail. Fechei a o notebook tão rápido que ela arqueou uma

sobrancelha para mim.

— Credo Isa! Eu não ia bisbilhotar seu computador não!

— reclamou.

— Não é nada disso, Nanda! — desconversei. —

Impressão sua! Eu já tinha terminado mesmo. Não encuca, sua boba!

Abracei-a e beijei seu rosto. Segurando as lágrimas que insistiam em querer sair.

Comemos um sanduiche natural que Fernanda preparou e logo desisti de tentar ver mais um episódio de uma serie médica que ela gostava. Nada estava bom para mim. Nenhum lugar parecia confortável. Tudo que eu queria era dormir e acordar já no final da tarde, depois da festa, quando pudesse finalmente sentar com John e conversar.

Tomei um banho e foi durante ele, a única hora que me permiti chorar. Eram tantos sentimentos. Tantas sensações, tantas mudanças — eu não estava preparada para nada daquilo.

Vesti um pijama confortável e sentei na cama. Teodoro raramente pedia para subir no colchão, mas

quando ele pediu, concordei de imediato. Eu precisava mesmo de colo e companhia.

Fechei os olhos e tentei dormir, mas o sono nunca vinha e os ponteiros do relógio pareciam andar para trás.

Cochilei por um tempo. Sono perturbado e cheio de sonhos ruins. Não consegui descansar nada, mas aproveitei que tinha tempo e tomei um banho demorado. Escovei os cabelos e passei uma camada de esmalte novo nas unhas. Fiz uma maquiagem básica e segurei o vestido novo, que havia comprado para a festa em frente ao corpo — *queria tanto estar animada e feliz como estava alguns dias atrás!* Eu não estava triste, mas a preocupação não me deixava viver o momento.

Vesti a roupa e calcei as sandálias. Ajeitei os cabelos soltos. O vestido amarelo, longo e florido me deixava com um ar jovial e cheio de vivacidade. Era como eu queria me sentir, estava me esforçando. John merecia isso. Merecia que tudo fosse perfeito na reinauguração.

— Hum... Gostei do vestido! Te deixa mais elegante do que as velhas camisetas brancas! — Fernanda debochou.

Eu estava me esquivando dela o máximo que podia. Tinha medo de que ela percebesse o que eu ainda não estava pronta para contar. Depois do episódio com o notebook, tinha a sensação de que ela estava tentando me decifrar, mas para a minha sorte, ela tinha seus próprios segredos.

— Queria te contar uma coisa – enrolou, sem entrar, nem sair do quarto. Estava desconfortável, o que me mostrava que era algo importante.

— Conte! – virei-me curiosa para ela.

— Não é nada demais, ok? Mas queria te contar mesmo assim!

— Pelo amor de Deus Fernanda, desembuça! – reclamei.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— O advogado bonitão, me convidou para ir com ele a festa.

Tapei a boca com a mão!

— Ai meu Deus que máximo! Jura? Ai Nanda que coisa boa!

Eu estava mesmo feliz por ela. Feliz porque ela merecia alguém bom o suficiente para ela. Feliz porque,

nesse tempo que estava com John, havia percebido o caráter do Dr. Pimentel e ele havia ganhado minha confiança e admiração.

Corri para abraça-la.

— Para Isa! O homem não me pediu em casamento não! — brincou, mas seus olhos brilhavam quando fala qualquer coisa sobre ele.

— Não pediu, ainda... — sorri — mas tenho certeza que é uma questão de tempo! Se ele te conhecer melhor, vai ver que não pode deixar uma mulher como você escapar!

Enrolei o máximo que pude, ajudando Fernanda a escolher uma roupa e se arrumar, para não chegar ao haras cedo demais e acabar encontrando com John. Eu tinha medo de que minha preocupação estivesse estampada em meu rosto.

Para minha sorte, o estacionamento já estava repleto de carros de visitantes e hóspedes. Fernanda ficou no apartamento, esperando pelo príncipe encantado dela.

Havia um locutor conduzindo a apresentação dos animais. Os que estavam à venda eram apresentados com mais cuidado, como em um desfile de modas.

Fui me aproximando mais da arena e então eu o vi, como naquele dia, domando os cavalos, lindo como sempre.

Senti meu coração palpitar de tanta coisa que eu sentia por ele. Eu nem sabia mensurar e agora, tudo estava perto de ruir.

John usava uma calça jeans escura e ajustada. Botas pretas e uma camisa xadrez em tons de azul que deixava seus olhos ainda mais claros e bonitos. Sorri, debruçada na cerca, embasbacada por ele.

— *Senhoras e senhores, esse é Tufão, um crioulo de pouco mais de três anos de idade. Ele infelizmente não está à venda, é o xodó do Sr. Gallagher, mas em breve, os senhores poderão adquirir a cobertura dele* — brincou o locutor, enquanto John cavalgava pela arena.

Passei pelo ambulatório para uma última conferida no material que deixaríamos disponível sobre a saúde dos animais e depois fui direto procurar por Tamara. No fim das contas, ela havia se tornado uma boa amiga.

Ela estava impecável, em um vestido preto ajustado ao corpo e com um decote generoso. Linda e eficiente,

como sempre.

— Oi Tamara! — cumprimentei com um beijinho no rosto.

— Já estou por aqui, se precisar de algo, basta me chamar.

— Oi Isa! Não se preocupe, está tudo de acordo com o que desejávamos! Aproveite e divirta-se um pouco! Preocupação dá ruga — brincou e eu sorri.

Enquanto seguia pelo jardim, um dos hóspedes me pediu algumas informações sobre um dos potros. Ele tinha uma fazenda na região de São Roque e queria mais um cavalo.

Segui com ele até o ambulatório e peguei a pasta do animal. Expliquei tudo que ele precisava e o acompanhei até a baia.

John havia contratado mais dois cavaleiros. Finalmente, tínhamos mão de obra com experiência e carinho, para nos ajudar com os animais.

Quando o comprador se foi, era hora do almoço. Tamara havia proposto que fizéssemos um almoço na área externa, com uma grande mesa debaixo de uma tenda, toda enfeitada com flores.

O lugar estava absolutamente lindo e requintado. Ela também havia negociado com uma vinícola da região para que tivéssemos uma bela degustação de vinhos, durante o almoço.

— Hey, gata fujona! Finalmente encontrei você! — Sua voz estava em meu pescoço. Seus braços em volta de mim.

— Eu jamais fugiria de você, leãozinho! — Virei-me de frente para poder abraçá-lo.

— Você está linda Bela. Absolutamente linda e encantadora. A flor mais bela de todo esse jardim!

Sorri e o beijei devagar. Demorando-me mais que o necessário junto a sua boca. Eu queria guardar cada momento que tivéssemos. Queria aproveitar cada instante com ele.

A comida havia sido preparada por um chef de São Paulo. Nossa equipe de cozinha estava encantada em participar de um grande evento. Fazia tanto tempo que nada de bom acontecia naquele lugar que até as arrumadeiras estavam empolgadas.

No fim da tarde, quando todos os visitantes se

preparavam para ir e os hóspedes se preparavam para o jantar, eu caminhei até as baías, onde John estava. Não queria perder tempo algum. Queria conversar logo com ele.

— Oi Bela! Você chegou de surpresa! Eu estava indo procurá-la — virou-se de para mim, apoiado na parede.
— Vendemos quase todos os cavalos, sabia? Você fez um ótimo trabalho! Vamos conseguir cobrir uma parte do rombo que aquele imbecil nos deixou!

Fiquei encarando o homem a minha frente, enquanto ele ia falando. Tão jovem e cheio de sonhos. Tão feliz com as conquistas. Cheio de vida e empolgação. Tão pouco tempo ao lado dele e eu estava completamente apaixonada. Sorri — *não Isabele, apaixonada você estava algumas semanas atrás, não seja boba!* — sorri mais.

— O que foi Bela? — Ele sorriu também.
— Você me faz sorrir — confessei.

John me puxou para os seus braços, aconchegando-me entre eles. Minha cabeça descansando em seu peito. Seu perfume me invadindo. Fechei os olhos por um

segundo, tomando coragem para o que viria a seguir.

— John, a gente precisa conversar.

— Concordo plenamente! — sorriu mais, afastando meu rosto do seu peito. — Pedi ao chef que preparasse um menu especial para o nosso jantar. Também quero conversar com você.

Peguei minha bolsa na caminhonete e seguimos abraçados até o chalé. No deck, havia uma mesa posta para dois, debaixo de um dossel de *voil*. Lanternas e velas iluminavam o lugar e flores brancas de jasmim. Ele havia escutado que eu amava o aroma marcante daquela flor.

Engoli em seco o bolo que se formou em minha garganta.

— Separei uma garrafa de vinho, Bela, quero que essa noite seja especial.

— Hum... Acho que vou ter que dispensar o vinho, John

— segurei suas mãos. — Vem, vamos conversar de uma vez.

Sentei no chão de madeira, com o envelope no colo. Os olhos dele, tão animados e cheios de amor, agora estavam preocupados, como os meus.

— Aconteceu algo? — Seus olhos estavam nos meus. — Algo de errado nos últimos exames?

— John, quero que você saiba que eu realmente não sabia. Aconteceu tanta coisa que eu nem parei para pensar. O erro foi meu, mas não foi intencional. Eu... Eu... — As palavras se enrolavam em minha boca e em minha mente.

— John... Eu...

Ele pegou o envelope do meu colo e o abriu. Eu podia sentir a emoção cada vez mais forte, o ar faltando, o coração acelerado.

Ficou em silêncio por um longo tempo. O pedaço de papel ainda em sua mão. De repente, ele fechou os olhos e sorriu. Um sorriso tão delicado e sincero que fez com que a grande comporta que segurava minhas lágrimas chegasse ao fim.

Uma após outra, meu rosto e colo foram ficando úmidos das lágrimas que iam caindo. John abriu os olhos e secou minhas lágrimas com as costas das mãos. Sorriu novamente.

— Nós vamos ter um bebê? É isso mesmo?

Confirmei com um aceno de cabeça, ainda sem

conseguir encará-lo direito.

— John. Eu nunca imaginei que os corticoides que tomei na última crise pudessem cortar o efeito do remédio — comecei a explicar. — Eu sei que eu deveria saber, mas acredite, eu não pensei. Foi inconsequente, mas não foi proposital. Quer dizer, eu não faria isso! Não tentaria manter você aqui com uma barriga! Eu vou entender quando você voltar a Holanda. Não quero que se preocupe com isso.

— Shhhhhhh... Você fala demais, sabia? — recriminou sorrindo. — Não estrague esse momento!

Relaxe devagar. Suas mãos acariciando meu rosto, descendo pelos ombros até minha barriga. Demorou-se ali.

— Nós vamos ter um bebê. — Não era uma pergunta, mas eu concordei mesmo assim. — Isso é incrível, Bela! É a melhor notícia que você poderia me dar e sabe por quê? — questionou.

— Não faço ideia!

— Porque eu havia preparado toda essa noite especial, porque tenho um pedido especial a fazer, Srta. Isabele

Andrade — levantou-se e caminhou até a tenda. Pegou algo nas mãos e voltou. Estendeu a mão para que eu me levantasse e ajoelhou-se em minha frente. — Isabele Andrade, minha bela veterinária, você aceita se casar comigo?

Comecei e sorrir como uma boba.

— Mas e a Holanda? Quer dizer, eu não posso interromper o tratamento agora. A Dra. Bárbara disse que eu posso passar tranquila e saudável pela gravidez, mas preciso manter o tratamento.

— Não vou voltar a Holanda, Isabele — explicou. — Pelo menos não para morar. Meu lugar é aqui! Com você, Bela! Com o nosso filho.

Cada um dos meus poros estava arrepiando quando ele disse “nosso filho”. De tudo que eu havia fantasiado sobre o que aconteceria quando eu contasse a ele sobre a gestação, um pedido de casamento era a última coisa.

Não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que estar ao lado dele para sempre e saber que ele queria o mesmo era um sonho.

— Então Bela, você aceita?

Esperei que ele se levantasse e me lancei em seus braços.

— Não há nada no mundo que me faria mais feliz, John...

— apertei-o forte contra mim, sentindo seu perfume gostoso. — Mas acho que precisamos ir com calma. As coisas foram rápidas demais entre nós. Casamento para mim é para vida toda, por isso não tenho pressa. Quero ser sua todos os dias, independente de qualquer compromisso formal que possamos assumir. O mais importante é esse compromisso aqui, meu amor, nós dois, dispostos a fazer dar certo.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos, encarando meus olhos. Tive medo de que não entendesse o que eu queria dizer, que me achasse maluca por recusar um pedido como aquele, mas eu não podia aceitar me casar com alguém que havia acabado de conhecer. Se eu o fizesse, só confirmaria seu medo inicial. Só provaria que eu queria me aproveitar do fato de ele ser quem é, isso nunca esteve tão longe da verdade.

Eu iria sim, me casar com John Van Gallagher, mas não agora. Não assim. Não porque carregava um filho

dele dentro da minha barriga. Eu queria fazer as coisas certas. Seguir os passos certos. Nós dois ainda tínhamos um longo caminho para percorrer em nosso relacionamento, e por hora, tê-lo ao meu lado era o suficiente.

— Essa é a maneira mais amorosa e bonita de alguém recusar um pedido de casamento! — brincou e beijou minha. Mas você está certa, doutora, está certíssima! E só reforça o quanto eu a amo.

Ele me beijou intensamente. Seus lábios tomando o meu com amor e doçura. Seus dedos acariciando meus cabelos.

— Então aceite ser minha noiva — pediu pegando o anel. — E vamos encontrar o momento certo de oficializar o que já prometemos um para o outro.

Sorri e estendi minha mão direita para ele. John colocou o anel em meu dedo e o beijou, demorando os lábios em minha pele.

— Eu prometo ser seu para sempre, Bela. Estar ao seu lado e cuidar de você e do nosso filho. Prometo me esforçar para te fazer a mulher mais feliz do mundo.

— Também prometo ser sua, John. Quero mais que tudo. E prometo estar ao seu lado e cuidar de você e do nosso filho para sempre. Eu já sou a mulher mais feliz do mundo e vou sempre dividir minha felicidade com você.

Ficamos abraçados por um longo tempo. Nada era mais importante do que o compromisso que havíamos feito. Nada valia mais do que a certeza de que nossas palavras eram sinceras.

Capítulo Final

John

O tempo passou como em um piscar de olhos.

Talvez seja que isso acontece quando se está feliz.

— Bom dia, vida! — sussurrei em seu ouvido, enquanto ela se espreguiça para acordar — Dormiu bem?

Isabele resmungou e aninhou-se em meu peito. Acaricieei sua barriga redonda e beijei minha garotinha que logo, logo estaria em meus braços.

Fazia pouco mais de uma mês que havíamos nos mudado para a casa da colina. O sol brilhava forte lá fora, trazendo luz para o nosso quarto.

— Bom dia! — Ela resmungou beijando meu rosto em vários lugares e sorrindo. — Eu já disse o quanto amo acordar assim com você todos os dias?

— Hoje ainda não, Bela, eu já estava me sentindo um pouco abandonado — brinquei.

Beijei sua testa e me levantei, puxando as cortinas e

trazendo o calor do sol para dentro. Os campos estavam verdes e floridos. O céu limpo e os pássaros cantando em nosso ipê amarelo. Era, sem dúvidas, o que eu esperava para as minhas manhãs. A vida não poderia ser mais feliz.

— Ai! — Ela reclamou assim que tentou se levantar.

— Tudo bem? — aproximei-me dela. — quer ajuda?

— Tudo bem. Senti uma pontadinha de dor nas costas, mas a essa altura do campeonato — brincou. — Dores são normais.

Fiquei apreensivo, e por mais que ela fingisse que não, sei que estava apreensiva também. Nós já havíamos corrido para o hospital em duas ocasiões e Isabele estava de repouso absoluto. O colo do útero estava fino demais e mesmo que não faltasse tanto tempo, nosso bebê ainda corria o risco de nascer prematuro.

— Não aguento mais ficar aqui, sabia? — reclamou. Quero sair e ver o dia John! Quero tomar um sol e conversar com a Irene.

Irene era nossa funcionária doméstica. Ela cuidava de tudo em casa e ajudava Isabele, agora que ela estava de repouso.

— Tudo bem, Bela, se prepare para descer que eu a levo nos braços. Assim você não faz esforço.

Tomei uma ducha e me vesti para o trabalho. Isabele também se banhou e vestiu um vestido azul claro que a deixava tão linda e angelical que me fazia sorrir.

— Vem minha bela doutora, vou te levar para baixo.

Desci as escadas com ela nos braços. Ela não podia mais descer se não fosse assim. Irene sorriu assim que nos viu.

— Que bom, Isabele! Fico feliz que tenha se animado em descer! Vou preparar panquecas para vocês!

Teodoro latiu animado em saber que teria a companhia da dona o dia todo.

Isabele deu um passo em direção a cozinha e parou. Seu rosto se contorcendo de dor. Apoiei-a no mesmo momento.

— Acho melhor irmos ao hospital — conclui.

— Acho que está tudo bem. Contrações de treinamento, provavelmente. Não se preocupe. Vamos tomar nosso café!

Impossível não me preocupar, mas o que me

consolava era que eu estaria a alguns metros dela o dia todo. Já havia desmarcado todos os compromissos que tinha fora do haras e agora que o bebê de Tamara já estava em casa, ela mesma cuidava de tudo para mim.

Sentamos a mesa e fizemos nossa refeição. Deliciosas panquecas com calda de amoras, colhidas por Geraldo, em nosso pomar. Café coado na hora e pães de queijo quentinhos — *eu, definitivamente, amava a culinária brasileira!*

— Agora vou até a administração Bela, se precisar de algo, basta me ligar ou pedir a alguém para me chamar.

Beijei sua testa, mas ela insistiu em me acompanhar até a porta.

— Tenha um dia, meu amor! Espero você para o almoço!
— disse beijando minha boca.

Quando eu ia me afastar, Isabele segurou com força em meu braço e um segundo depois, um líquido claro começou a escorrer por suas pernas.

— Oh meu Deus! Acho que minha bolsa estourou!

Irene correu até nós e ajudou Isabele a se sentar. Eu subi e peguei as malas e joguei no banco de trás do carro.

— A chave! A chave! — Eu procurava por ela em todos os lugares possíveis e não conseguia encontrar.

— Calma, John! — Isabele riu. — O bebê não vai pular para fora, leãozinho, ele precisa de um tempo para nascer.

Eu queria ter a calma dela sob pressão. Não era bom em lidar com essas coisas. Talvez pequenas sequelas de tudo que eu já havia vivido, ou talvez fosse só uma veia Gallagher pulsando forte em mim.

Acomodei-a no banco e passei o cinto. Nervoso e perdido, sem saber exatamente o que fazer. Ela me encarava e sorria, exceto quanto uma contração vinha.

— Ah meu Deus, Bela! Ela vai nascer! Ela vai mesmo nascer antes da hora!

Sua mão repousou sobre meu antebraço.

— Vai sim, mas tudo vai dar certo. O pior já passou. Ela está bem para nascer, mesmo que ainda seja cedo. Não se preocupe, John. Tudo vai dar certo! Veja só onde chegamos? Eu pensei que nem conseguiria trazê-la ao mundo!

Toda a gestação de Isabele foi monitorada de perto. Inspirava cuidados extras por conta da doença e passamos

por maus bocados. Tanta preocupação e tantos medos, mas ela tinha razão, aqui estávamos nós! E nossa filha já tinha condições de nascer sem correr riscos maiores. Tudo ia dar certo.

Chegamos ao hospital em pouco mais de quinze minutos. Por sorte, o horário ajudou para que não tivéssemos trânsito.

Uma enfermeira acomodou Isabele na cadeira de rodas e seguiu com ela para a sala de pré-parto, enquanto eu fazia sua ficha.

Enquanto seguia pelo corredor ao encontro dela, peguei o celular e digitei uma mensagem no celular.

“Pai, ela vai nascer!”

Não consegui ver a resposta, porque Isabele estava lá, contorcendo-se de dor, apoiada em uma maca.

— Não quer se sentar?

— Não! Quero ficar exatamente assim. Assim consigo controlar melhor a dor.

O médico chegou pouco tempo depois. Examinou-a e concluiu que era hora de ir para a sala de parto — *nossa menina ia mesmo nascer.*

Eu não conseguia entender todos os sentimentos que passavam por mim. Era um misto de felicidade e desespero tão grandes, como se alguém arrancasse meu coração do peito e eu estivesse esperando para tê-lo em meus braços.

— Vamos Isa, empurra! — O médico dizia.

Isabele estava sentada em uma cadeira de parto. O médico a sua frente, ajudando no parto. Eu estava apoiando suas costas, segurando sua mão. Não sabia o que dizer, mas também não acho que algo devesse ser dito. Ela estava fora de órbita, focada em trazer nossa filha a vida. Concentrada e consciente de que tudo dependia dela.

— Vamos Isa! Força! Já consigo ver a cabecinha dela!

Engoli em seco o bolo de sentimentos que estavam ali, parados em minha garganta — *faltava poucos minutos para que eu conhecesse a mulher mais importante da minha vida!*

Nossa filha nasceu linda e chorona, mas não pudemos vê-la por mais que alguns segundos. Ela foi levada direto para os cuidados intensivos, porque precisava ser examinada e cuidada da maneira correta, já

que era prematura.

Isabele aconchegou a cabeça em meu peito e senti suas lágrimas molharem minha camiseta.

— Ela está bem, amor. Ela está bem — repeti porque queria tranquilizá-la, mas na verdade, nem eu mesmo tinha certeza.

Quando os procedimentos de parto foram finalizados, segui com a minha garota para o quarto. Ela se deitou na cama e fechou os olhos.

— Logo vamos poder vê-la, Bela! Tranquilei-a. — Você só precisa descansar um pouco.

— Vai você! — pediu. — Você está bem, já pode ir! Eu preciso de alguma notícia dela, John. Preciso saber que ela está bem, senão não vou conseguir descansar.

Concordei.

Beijei sua testa e saí pelo corredor. Encontrei uma enfermeira.

— Olá, eu sou o noivo da Isabele Andrade, gostaria de saber se já posso ver minha filha. Ela acabou de nascer.

A funcionária me indicou o caminho e disse que eu poderia perguntar por ela direto na UTI Neonatal.

Nunca andei tão rápido em minha vida. Não faço ideia de como cheguei naquela porta de metal branco, mas cheguei. Bati na porta e esperei que alguém viesse me atender.

— Oi, eu sou o pai do bebê de Isabele Andrade. Quero saber como minha filha está — perguntei ao rapaz que me atendeu.

— Acho que o senhor se enganou. Não recebemos nenhum bebê hoje.

Meu coração parou por alguns instantes — *Onde estava minha filha? Onde? O que havia acontecido com ela?*

Encarei a tela do celular. Havia várias ligações perdidas do meu pai. Várias, mas eu não tinha condição de falar com ele. Não até ter certeza do que havia acontecido.

Corri pelo hospital em busca de alguém que pudesse me dizer onde ela estava até que parei no vidro do berçário. Ali, próxima a mim, separados por alguns poucos metros, estava um bercinho de vidro. Dentro dele havia um bebezinho pequeno, sobre seu rostinho, havia um

apoio ventilatório. Nada de monitores ou tubos. Na lateral de vidro lia-se: “RN de Isabele Andrade”.

Meu coração parou mais uma vez, mas desta vez, foi de felicidade e alívio — *ela estava bem! Estava mesmo bem e logo estaria conosco.*

Só percebi que estava chorando, quando a enfermeira abriu a porta e sorriu para mim.

— O senhor deve ser o pai da bebezinha que acabamos de receber — concluiu.

— Sim, sou eu! Achei. que ela estaria na UTI.

— Nós também pensamos que ela iria para lá, mas no final, estava tão bem que não fazia sentido algum. Parabéns! Sua menina é uma guerreirinha muito forte! Queria mesmo nascer logo!

Fiquei ali, parado no vidro, vendo aquele pequeno pedacinho de gente se mover. Tão perfeita e tão linda que eu mal podia crer que era mesmo minha.

Peguei o telefone e teclei o número do meu pai.

— Pelo amor de Deus garoto, quer me matar de susto! — reclamou.

— Pai, ela é tão linda. Tão perfeita. Eu nem sei dizer o

que estou sentindo. Não sabia que era possível amar tanto alguém.

Ele ficou em silêncio. Depois de alguns segundos respirou fundo.

— Agora você sabe o quanto eu amo você, meu filho. E pode ter certeza que esse sentimento só aumenta.

Isabele

Fiquei internada por mais um dia, mas infelizmente, tive que deixar meu bebê lá. Ela ainda não estava pronta para deixar o hospital e, por mais que isso me doesse, eu sabia que era necessário.

Cinco dias se passaram até que a felicidade completa chegasse até nossa casa. Era uma bela manhã de sábado, quando John e eu saímos para buscar nossa garotinha.

Por mais que nossas famílias quisessem estar por perto, nossa filha precisava de um tempo, até que estivesse pronta para receber o carinho de todos.

Chegamos ao hospital e ela estava pronta, usando seu macacãozinho vermelho, para trazer sorte na nova vida que, enfim, se iniciaria.

Ouvimos todas as recomendações e então o momento pelo qual esperei ansiosa por vários meses chegou. Minha pequena garotinha foi colocada em meus braços. Fiquei alguns segundos encarando sua perfeição e pensando em como eu tinha sorte por tê-los em minha vida. Ela e John.

Acomodei-a dentro do bebê conforto, no banco de trás do carro e me sentei ao seu lado. Eu tinha a sensação de que nunca mais iria querer me afastar dela. Nem um instante se quer.

Quando chegamos ao haras, os portões já estavam abertos. John seguiu buzinando pela estrada que levava até nossa casa. Os funcionários que encontrávamos pelo caminho iam aplaudindo nossa chegada, felizes com a nossa felicidade.

Assim que ele estacionou, sorri, sentindo a primeira lágrima começar a rolar. Todo o nosso jardim estava enfeitado com cegonhas de infláveis e tecidos cor de rosa

e branco. E havia uma faixa bem grande na porta da entrada escrito: “Bem-vinda ao seu novo lar”.

— É uma tradição holandesa — John explicou. — Em meu país, não comemoramos com chá de bebê e coisas assim, mas quando o novo integrante da casa chega, tem sempre uma festa preparada.

De fato, estávamos em festa e nossa casa refletia isso. Na sala e na escada, flores cor de rosa de papel crepon enfeitavam o lugar e várias bexigas também. Em nosso quarto, havia uma cegonha de pelúcia ao lado do bercinho dela, além de muitos arranjos de flores do campo coloridas.

— Você fez tudo isso? — perguntei animada.

— Para ser sincero, não! Mas imagino quem fez!

— Tamara?

— Sim, ela mesma! Tamara passou os últimos dias me perguntando sobre essa tradição. Acredito que estava planejando algo para quando a trouxéssemos para casa.

Sorri, pensando em como havia sido boba e ciumenta, quando conheci Tamara. Ela era uma boa pessoa e excelente amiga. A melhor que poderíamos querer por

perto

No fim do dia, separei meu pijama para tomar um banho e deixei nossa filha com John. Ele estava sentado na cama, de frente para ela, dedilhando uma canção na velha guitarra que havia trazido de casa.

Saí do banheiro e parei na porta, observando a cena, ela o encarava com amor genuíno. Uma ternura imensa havia ali, passando de um para o outro, fazendo com que todo o meu mundo ganhasse mais cor.

“[...]Não sei se o mundo é bom

Mas ele ficou melhor

Quando você chegou

E perguntou

Tem lugar pra mim?[..]”

Sua voz ainda era tão doce como na primeira vez que ouvi. Meu anjo vindo diretamente de além-mar. O homem pelo qual que nem sabia que esperava.

Tanta coisa havia acontecido, desde aquele encontro por acaso, junto a baia de Celeste, tantos sentimentos, tantas provações, e aqui estávamos nós, vivendo nosso conto de fadas particular.

Quando eu era pequena e ralava os joelhos fazendo alguma traquinagem na rua, minha mãe dizia “Não se preocupe Isabele, antes de casar, sara!”

Talvez fosse hora de casar, porque todas as dores que um dia tive, haviam sido curadas. Não existia mancha alguma em meu coração, em meus pensamentos, em minha alma, somente a felicidade e a gratidão por tudo que eu ainda iria viver.

Nossa história de amor estava apenas começando...

F I M

Epílogo

John

Eu estava em frente ao espelho, abotoando minha camisa branca, quando bateram na porta.

— Entre! — avisei.

Eram meu melhor amigo, e os dois homens mais importantes da minha vida, Marcos, meu pai e Tio Alex. Sorri, porque tê-los comigo ali, na casa que eu havia escolhido para viver com minha nova família, era mais que especial. Marcos esteve ao meu lado em tudo que se passou, desde que deixei minha família na Holanda e papai e Tio Alex eu nem podia mensurar o quanto amava.

— Então garoto, como se sente sendo pai? — Tio Alex brincou, dando um soco de leve em meu ombro.

Eu não era mais um garoto, e isso tinha alguns anos, mas quando olhava para minha filha, eu podia entender porque eles ainda me chamavam assim.

“Os filhos nunca crescem para nós, John. Os netos

menos ainda. Os netos são um presente que recebemos diretamente das mãos de Deus. É o prazer de ver que fizemos tudo certo com a missão que nos foi confiada”.

As palavras de Vó Margarida ecoavam em meus ouvidos, enquanto eu encarava aqueles três homens, que também não eram mais os mesmos jovens de antes.

Marcos e Fernanda estavam juntos desde a inauguração. Tinham de namoro o mesmo tempo que eu tinha de pai. Tantas coisas haviam acontecido nesses meses. Tantos sonhos haviam se tornado reais. Nós não nos parecíamos mais com os dois jovens que se reencontraram no aeroporto, tínhamos nos transformado em homens. Homens como os que eu mais admirava.

Papai ainda carregava a mesma altivez de sempre, embora a barba bem aparada começasse a dar sinais da idade.

Tio Alex havia assumido o grisalho a alguns anos, e isso o deixava com um ar de aristocracia a mais.

Eles eram meu esteio. Meu exemplo. Meu Norte. A cada dia que passava, eu compreendia mais tudo que haviam vivido e de tudo que haviam se privado para que

eu e meus irmãos fôssemos criados da melhor maneira possível.

— Estou um pouco ansioso! — confessei.

— Isso porque você nem está levando-a ao altar! — Meu pai debochou.

Essa era uma coisa em que ele andava pensando. Hanna estava crescendo rápido. Já era uma jovem mulher. Eu olhava para ela e sentia o coração apertar, por saber que não poderia mais curar todas as duas dores com alguns abraços e sorvetes. Pensei em como devia ser difícil para ele que era pai.

— É isso! — confirmei sorrindo. — Vou ver se Isabele precisa de ajuda com algo.

— Ela certamente não precisa! Acredite! Ela tem mulheres o suficiente, todas em cima dela e da menina. Ela provavelmente está sendo sufocada por ajuda, nesse momento. — Meu pai respondeu sarcástico.

— Bem então temos tempo para um drinque! — Tio Alex propôs.

Descemos até meu escritório. Havia um carrinho com algumas bebidas no canto da sala. Servi quatro copos

com uísque e entreguei a cada um deles.

— Ao nosso menino, que cresceu e se tornou parte da equipe!

Meu pai aquiesceu em silêncio. Ele nunca era o orador das reuniões. Não era um homem político, mas eu sabia o quanto ele estava feliz e orgulhoso de mim. Sabia por que conhecia o Leão de Roterdã tão bem como conhecia a mim mesmo.

— Bem-vindo ao time! — Ele disse me abraçando. Seu colo ainda era o lugar mais seguro do mundo.

Não demorou muito para que o burburinho das mulheres descesse até a sala. Elas estavam felizes e animadas, mimando nossa pequena com todo o carinho que ela merecia.

Eu estava explodindo de felicidade. Vendo todos que amava ali, comigo, participando da vida da minha filha. Isso era família. Isso realmente era família.

Tamara havia me ajudado a cuidar de toda a festa. Havíamos alugado uma bela tenda, como no dia da inauguração, e mandado decorar com flores amarelas. Era meu jeito de trazer minha mãe para perto de nós. Queria

que ela participasse, ainda que fosse do céu.

Uma enorme mesa de almoço foi montada debaixo da tenda, a nossa espera para a comemoração.

A gruta, havia sido decorada e preparada com bancos pintados de branco e pequenas flores. Um padre havia sido convidado para batizar nossa menina.

Quando eu as encontrei, no jardim da frente da nossa casa, meu coração deu salto. Isabele conseguia ficar mais bonita a cada dia. Seu cabelo havia sido trançado com pequenas flores brancas e seu vestido a fazia parecer uma fada. Minha filha estava igualmente linda. Seus olhinhos castanhos, curiosos com tudo de diferente que via. Ela sorriu para mim e eu a peguei no colo.

— Hey pinguinho de gente, hoje é um dia muito especial. É por isso que todas essas pessoas vieram te ver! Porque você também é especial.

Ela sorriu mais um pouco, mostrando as gengivas e fazendo barulhinhos.

Seguimos para a gruta a pé. Era uma pequena caminhada da nossa casa e a manhã estava agradável e ensolarada.

Hanna seguiu ao meu lado.

— Estou feliz por você! — Ela disse baixinho. — Estou feliz que tenha encontrado o que veio procurar.

Abracei-a com a mão livre. Ela havia crescido, mas sempre seria minha irmãzinha.

— Sabe que estarei sempre aqui, se precisar, não sabe? — perguntei beijando seu cabelo loiro.

— Sei sim! E pode apostar que eu estarei aqui todas as férias! Esse lugar é lindo, John!

— E é seu também. Você sempre será bem-vinda aqui.

Ela sorriu. Ainda tinha o mesmo sorriso angelical de quando era uma garotinha. Eu queria que ela sempre sorrisse assim. Que a vida nunca roubasse sua doçura.

Isabele e eu havíamos escolhido Marcos e Fernanda para serem os padrinhos da nossa filha. Eles eram os melhores amigos que alguém poderia querer e saber que pretendiam se tornar um casal só aumentou nossa vontade de tê-los ainda mais presentes na vida da pessoa mais importante para nós.

A cerimônia foi tão linda como poderia ser. Nossa menina sorriu a maior parte do tempo, enquanto palavras

de amor e fê foram ditas.

No fim, meu amigo segurou-a próxima ao feixe de água que caía da pedra, onde sua avó havia sido batizada também.

—Um padrinho é alguém muito especial em nossas vidas... — o celebrante disse encarando os olhinhos da minha filha — eles são os pais que nossos pais escolhem para nós. A eles é entregue seu maior tesouro...

Fernanda fungou um pouco e limpou os olhos com as costas das mãos. Vê-la tão emocionada por receber esse presente, me deixava ainda mais feliz. Eu sabia que poderia contar com ela e Marcos em qualquer situação.

— Eu te batizo, Helena Margarida, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Sua testa foi lavada com a água do nosso lar. Da nossa terra. Abençoada por Deus e protegida pelos anjos. Helena Margarida. Era esse o nome que havíamos escolhido para ela. Nossa pequena guerreira, tão cheia de vida, que nem pode esperar para nascer na hora certa.

Nós nos sentamos para o almoço e meu pai fez um brinde a Helena. Ela parecia mais uma, das muitas

mulheres que não resistiam ao charme do Leão de Roterdã. Ele a olhava e ela se derretia.

Meus irmãos menores e primos, estavam encantados em ter mais um bebê na família e eu estava feliz por tê-los perto de mim, ainda que fosse por alguns dias.

Depois da sobremesa, Isabele subiu até nosso quarto, para amamentar e fazer dormir a nossa pequena Helena.

Eu me sentei debaixo do ipê, apreciando a farra das crianças no jardim. Laura sentou-se ao meu lado, alguns minutos depois.

— Olha só tudo que conquistamos, depois daquele dia, aqui mesmo no Brasil.

— Pensei que você e o velho não se acertariam nunca! — confessei rindo.

— Também pensei — Ela sorriu e bateu com o ombro no meu.

— É bom ver o homem que você se tornou, John. Sinto-me orgulhosa por suas conquistas. Sei que não fui uma mãe para você, como pude ser para os seus irmãos, mas eu me sinto parte disso tudo também.

Puxei-a para um abraço e beijei seu rosto.

— Obrigada! Por tudo que você fez por nós. Por ter ajudado minha família a encontrar a felicidade. Você é a melhor madrastra do mundo.

A noite caiu e Laura e Lis foram com as crianças para o hotel. A família de Isabele também, bem como nossos amigos. Nossa casa não era tão grande, para abrigar todos nós. Não havia necessidade, já tínhamos o hotel a nossa disposição. Eu havia fechado as hospedagens e toda a estrutura estava a nossa disposição.

Subi as escadas e encontrei Isabele com Helena nos braços. Acalentando e ninando. Havia sido um dia cheio e nossa pequena estava sonolenta e pronta para adormecer.

Peguei minha filha nos braços e beijei Isabele.

— Tome um banho demorado, Bela. Descanse um pouco que eu a faço dormir.

Ela sorriu e concordou. Era cansativo cuidar de um bebê em tempo integral. Eu sabia disso. Havia acompanhado os primeiros meses dos meus irmãos. Ela merecia um tempo de descanso. Um bom banho e uma boa noite de sono.

Fiz Helena dormir e a coloquei no bercinho, que ainda ficava em nosso quarto. Nós gostávamos de tê-la bem pertinho de nós. Não queríamos que ela se sentisse sozinha em momento algum.

Deixei nossa filha no quarto e tirei a roupa. Isabele ainda estava na banheira. Entrei com cuidado, por trás dela, encaixando-a em meu colo.

— Senti saudades de ficar com você o dia todo — confessou.

— Sinto saudades de você o tempo todo, minha bela veterinária.

Beijei-a com carinho. Devagar, sentindo seu corpo e seu gosto, até que Isabele se encaixou em mim.

— Hum... Amo fazer amor com você, John Gallagher. Para ser sincera, amo você inteirinho. Cada detalhe. Cada sorriso. Cada olhar. Amo como cuida de nós e como cuida tudo por aqui. Amo você — repetiu.

Sorri e segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Amo você também, Isabele. Amo cada dia mais. Com mais força e mais intensidade. Amo para sempre.

Fizemos amor até que nossos corpos estavam

satisfeitos. Deixei Isabele no quarto e vesti uma calça e uma camiseta.

Peguei três cervejas e me sentei com meu pai e Tio Alex nos fundos da casa, onde eu havia mandado construir um belo deck, um pouco maior do que o que tinha na velha cabana.

Sentamos na beirada e abrimos nossas cervejas.

— Quer um cigarro? — Papai me ofereceu.

— Eu não! Isso é um hábito horrível e vocês dois deveriam repensar. Não são mais os garotões da faculdade, ok? — brinquei.

— Veja Alexander, ele pensa que pode nos dar conselhos!

Tio Alex riu, soltando uma baforada de fumaça devagar.

— O que você fez com este lugar é incrível John! Parabéns! É um pedaço do paraíso, sem dúvidas.

— Você, definitivamente, curou o lugar! — Meu pai completou.

— Acredito que tenha sido o contrário — confessei. — Esse lugar me curou. Foi aqui que enterrei meus fantasmas, aqui que aprendia a ver o verdadeiro John no

espelho. Sem culpa, sem medos.

— Fico feliz que tenha feito suas próprias escolhas, filho, e que tenha encontrado seu próprio caminho mais cedo do que eu.

— Um brinde ao recomeço! Finalmente, nossa família deixou o estigma da infelicidade conjugal para trás! Agora somos todos gatos gordos de apartamento! — Tio Alex brincou.

— Gatos gordos e felizes.

Depois de me despedir, fechei a porta e sentei na poltrona, em frente à janela. Tudo estava em silêncio. Nossos cães sentaram-se aos meus pés. No fim das contas, ninguém poderia supor que Teodoro, o *pitbull* gigante, iria se dar tão bem com Salomão e Joaquim. Eles formavam um trio nada convencional, mas cheios de companheirismo.

A noite estava quente, mas havia uma brisa fresca no ar, balançando a cortina fina suavemente.

A lua clareava tudo lá fora, principalmente meu ipê amarelo. Pensei em minha mãe e em minha avó e em todas as pessoas que nos deixavam e seguiam seu caminho rumo

a eternidade.

“A vida é uma viagem John. Estamos aqui para aprender. Errar. Amar. Um dia todos nós vamos para casa, mas o que faz essa viagem valer a pena é o quanto levamos das pessoas que amamos e o quanto deixamos de nós. Não poupe esforços para fazer do mundo um lugar melhor, querido. No fim das contas, é isso que separa os vencedores dos perdedores” — minha avó disse, em uma das últimas vezes em que a visitei no hospital.

Eu me sentia um vencedor. Tinha alcançado meus objetivos e feito as pessoas que eu amava felizes. Se isso tudo seria eterno, era uma pergunta constante. A felicidade não era eterna, assim como a primavera também não era. Vez ou outra, um novo inverno, uma nova tempestade, rondava nossas vidas, mas eu sabia que teria Isabele e Helena ao meu lado para vencer. Elas eram meu amuleto da sorte, e com ele, eu jamais seria um perdedor.

Este não é o final... Seria injusto escrever nessa última linha a palavra “fim”... Este é apenas o começo. É o primeiro porto, de uma longa viagem...

Não deixe de acompanhar essa nova série, que traz consigo um pouco dos personagens antigos e lindas histórias de amor e superação.

No próximo livro, vamos acompanhar a história da doce Hanna, que aceitou a missão de ser a sucessora do pai.

"Os Filhos do Leão"
Livro 2

ERA VOCE

Eu tinha o mundo aos meus pés, mas ele me
ensinou a voar

Márcia Lima

Quando os sonhos se vão, tudo que resta em um
coração é o vazio... Nossa escolha fica em aceitar ou lutar

para que novos sonhos preencham a nossa vida...

Hanna Van Gallagher nasceu em berço de ouro. Herdeira de uma das maiores fortunas da Europa, a princesinha do magnata Adrian Van Gallagher cresceu esperando seu conto de fadas, mas tudo que encontrou foi dor e solidão.

Depois de enterrar seus sonhos, junto ao homem que amava, Hanna levantou a cabeça e tomou as rédeas da sua vida.

Com a repentina doença do pai, viu-se a frente do grande império que leva seu sobrenome.

“Hoje a leoa sou eu. Sou eu quem senta à cabeceira da mesa de reuniões e é ao meu comando que as coisas funcionam.”

Sem esperanças para o amor, a jovem executiva vestiu a armadura e afastou qualquer possibilidade de ser feliz no amor, mas o que ela não esperava era encontrar um homem capaz de despi-las dos seus medos com um estalar de dedos.

Quando o tempo que nos resta é curto, tudo que podemos fazer é viver intensamente os minutos que temos...

Pedro Santana aprendeu desde cedo que a vida não era fácil. Filho mais velho de um pescador e uma

dona de casa, nunca teve medo do trabalho.

Apesar de sonhador, a realidade lhe cobrou um alto preço. Guardou os sonhos dentro de uma caixa bonita e seguiu com a vida que precisava, até que o destino a tomou das suas mãos.

“Eu sempre fui um bom filho. O orgulho da família, aquele de quem os pais sempre falavam para os amigos, mas nunca deixei de sonhar... Sempre pensei que teria tempo, até que descobri o quanto estava errado.”

Depois de uma notícia fatídica, o jovem engenheiro deixou a Bahia para trás e com ela tudo que restava do filho exemplar e seguiu sem rumo, em busca da vida que sempre sonhou.

Uma mulher triste, aprisionada em um castelo de cristal, marcada pelo passado... Um homem intenso, livre de amarras. Disposto a viver o que lhe resta de vida da maneira mais intensa possível... Uma paixão avassaladora...

“Esse não é um conto de fadas... Mas você vai se apaixonar no final.”